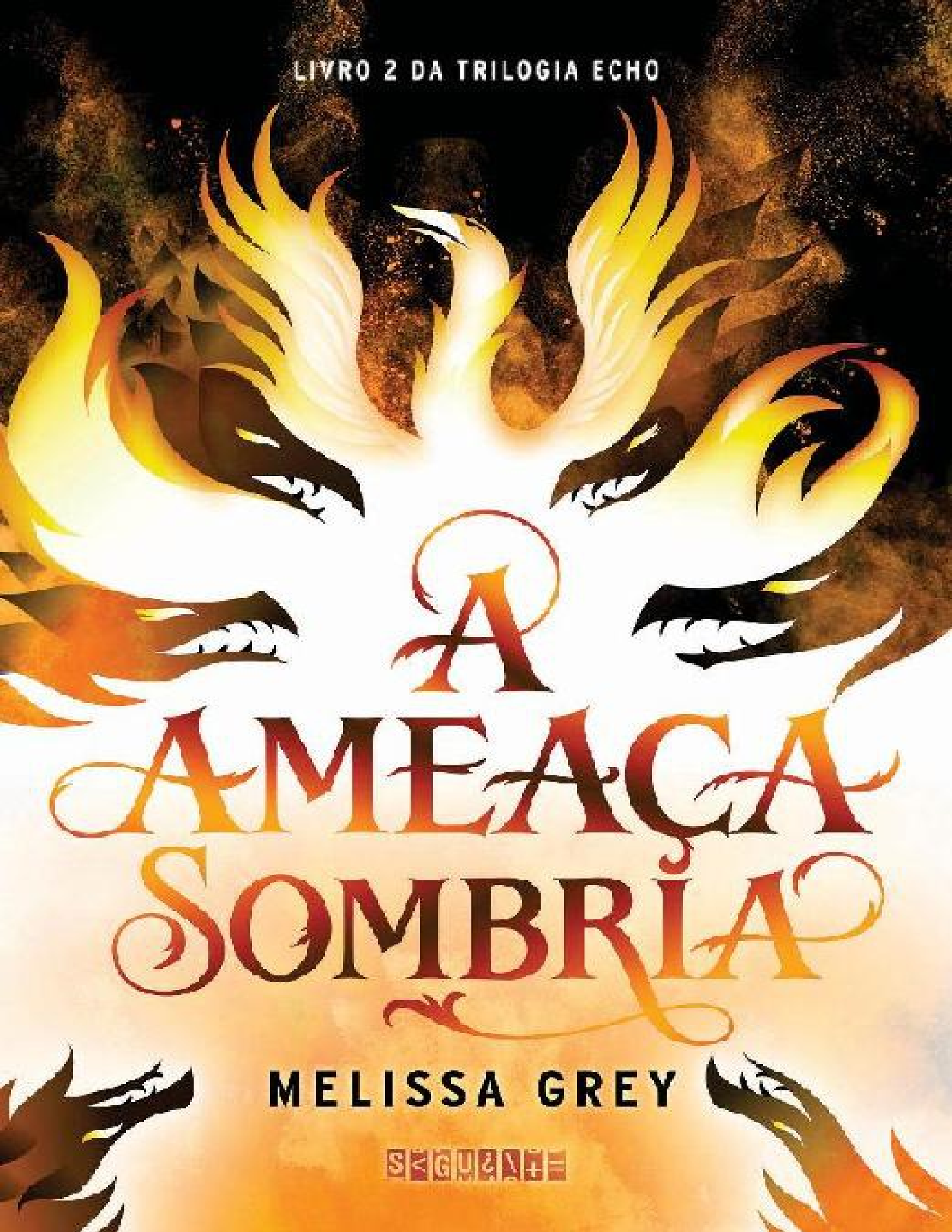


LIVRO 2 DA TRILOGIA ECHO



A AMEAÇA SOMBRIA

MELISSA GREY

SEGUINTE



A AMEAÇA SOMBRIA

LIVRO 2 DA TRILOGIA ECHO

MELISSA GREY

Tradução
FLÁVIA SOUTO MAIOR

SÉQUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Para Bumble, por me fazer companhia.

Prólogo



ROWAN PODIA APONTAR O MOMENTO EXATO em que se apaixonou. Levaria dez anos para admitir isso, para reunir o vocabulário que sintetizasse a complexidade de suas emoções, mas ele sentiu os primeiros sinais do amor no instante em que Echo entrou em sua vida.

Naquele dia, sua mãe tinha lhe dado uma cesta cheia de bolinhos recém-assados e o levado para brincar com os órfãos da Ala. Os bolinhos, uma mistura fofinha de massa vermelha com cobertura de *cream cheese*, acabaram tão depressa que Rowan teve sorte de conseguir pegar o último.

Quando a garota humana entrou na sala, as crianças ficaram em silêncio. Seus cabelos desgrehados lembravam uma criatura selvagem, e ela estava agarrada à Ala como uma âncora. Não tinha penas. Seus braços pelados pareciam quase obscenos se comparados à penugem que cobria a pele de Rowan. Seus grandes olhos castanhos foram parar diretamente sobre o bolinho que ele segurava, como se ela fosse um falcão caçando a próxima presa. Ela era tão magra, tão pálida.

Ele estendeu a mão, oferecendo o bolinho mordido como se fosse algo precioso. Para a garota, era mesmo. Mesmo que ele já tivesse lambido boa parte da cobertura.

Ela pegou o bolinho com um olhar de gratidão tão surpreso que Rowan prometeu a si mesmo, do alto de seus sete anos, que dedicaria o restante de sua vida para provocar aquele sorriso. Era um sorriso lindo, e ele queria guardá-lo. Queria guardar *aquela* garota, exatamente como ela estava naquele momento. Feliz.

Durante a década seguinte, ele conseguiu fazer Echo sorrir daquela forma por diversas vezes, e ela abriu os olhos dele a uma parte do mundo que Rowan desconhecia. Ele não era bom com as palavras — elas nem sempre faziam sentido nas páginas —, então Echo lia para ele. Passavam tardes na biblioteca da Quinta Avenida, ele deitado no colo dela, enquanto ela fazia cafuné e lia em

voz alta, de Dickens a Vonnegut e Rowling. Ele se apaixonou por aquelas histórias da mesma forma que se apaixonou por Echo: com um pouco de relutância a princípio, mas logo com total entrega. Ele tentou retribuir o favor ensinando-a a desenhar, mas Echo era um caso perdido. A pobrezinha não conseguiria desenhar uma linha reta nem se sua vida dependesse disso. O amor deles era doce como um bolinho e leve como uma cobertura de *cream cheese*.

Agora, olhando para a garota que estava em sua frente na Floresta Negra, emoldurada por uma auréola de fogo, ele mal conseguia se lembrar daquela pessoa. Ela era grandiosa e terrível, um ser de pura magia, espalhando a destruição por todos os lados.

Até aquele momento, Rowan nunca tinha visto uma batalha, nunca havia sentido o cheiro pungente e metálico do sangue no ar, nunca tinha ouvido gritos angustiados se elevando sobre o clamor da morte. As chamas que engoliam a floresta — devorando as árvores em uma cascata violenta e sobrenatural de vermelho e dourado — tocavam seus pés, queimavam a pele exposta de suas mãos. As únicas batalhas que Rowan conhecia eram representações enquadradas de guerras passadas, imortalizadas em pinturas gigantescas que ocupavam as paredes de museus. Ele as havia estudado por horas, debruçado sobre o caderno de desenho, dedos pretos por deslizar carvão sobre a página. Imaginar o caos era bem diferente de testemunhá-lo.

Echo estava ao lado de um salgueiro-chorão, com chamas alaranjadas ao seu redor, braços estendidos para baixo e palmas viradas para cima. Os olhos dos dois se encontraram no campo, e Rowan chamou o nome dela, mesmo sabendo que ela não podia escutá-lo.

As visões e sons da batalha que se enfurecia ao redor foram desaparecendo. Echo ergueu os braços, como se fosse impedir um golpe, mas o que aconteceu em seguida não tinha explicação. Um fogo, diferente de qualquer outro que Rowan já tivesse visto, emanou da palma de suas mãos. As chamas eram pretas como piche e de um branco ofuscante como o sol. Eram tão brilhantes que seus olhos lacrimejaram e ele teve que desviar o olhar.

Echo havia lhe dito que estava caçando o pássaro de fogo, que possuía um mapa que a levaria até ele. Mas os resultados da busca haviam sido diferentes de tudo o que Rowan esperava.

A garota por quem ele se apaixonara em meio a bolinhos e histórias havia evoluído. Agora, ela era algo selvagem e devastador, uma fera celestial emoldurada por uma labareda de sua própria criação.

Echo não havia apenas encontrado o pássaro de fogo.

Ela *era* o pássaro de fogo.

Putá merda.

UM



QUEM É VOCÊ?

A pergunta atravessou o céu ardente, feita por um coro de vozes que se infiltravam pelas trincas das rochas que brilhavam como carvão em brasa, que escorriam do brilho quente e pulsante do magma que aos poucos descia para engolir toda a vida em seu caminho.

A lava passou pelas botas de Echo. Ela olhou para os pés, impassível, distanciada da visão da borracha e do couro que borbulhava e derretia. Os cadarços pegaram fogo, mas ela não os sentiu queimar. Fuligem cobria sua pele, grudava em seus cabelos, em seus cílios, em suas roupas. O azul havia sumido do céu por causa da erupção, dando lugar à escuridão, evocada por um véu de cinzas.

Quem é você?

— Isso não é real — disse Echo.

E isso não é uma resposta.

Era um sonho. E, no sonho, ela estava queimando. Bolhas enchiam sua pele por causa do calor. O magma corria por seus tornozelos. Isso não a assustava agora — embora tenha assustado na primeira vez que tivera esse sonho. E na segunda. E na terceira. A essa altura, porém, havia vivenciado a cena tantas vezes que já começava a parecer comum. Só precisava resistir. Logo ela acordaria. Era capaz de fazer isso. Se havia algo em que Echo se destacava, era no quesito sobrevivência.

Ela ignorou a pergunta — ainda não a havia respondido em nenhum de seus sonhos — e olhou na direção da boca escancarada do vulcão. Ficou perto da base, enquanto ele expelia fogo, fumaça e cinzas nos céus. Gritos vieram do vilarejo abaixo. Essa era a pior parte. Ela conseguia ignorar seu corpo em chamas, mas nunca conseguia ficar indiferente aos gritos. Todas as noites, invariavelmente, desde a primeira. Desde a noite em que ela abriu a porta para o mundo e deixou o pássaro de fogo entrar. Ela podia senti-lo agora, suas asas

tremulando em seu interior, como se testasse os limites de sua gaiola mortal.

Ela ouvia a mesma indagação todas as noites, perguntada por um interlocutor com mil vozes que soavam em uníssono: *Quem é você?*

Eu sou Echo, ela pensava. Nunca dizia as palavras em voz alta. Ela sabia que a resposta não estava certa. Ou talvez só não estivesse completa.

A lava subia por suas pernas, acima dos joelhos, das coxas, da cintura, consumindo-a centímetro por centímetro. Em segundos, ou talvez minutos — era tão difícil marcar o tempo em sonhos —, correria até a sua boca e suas narinas. Lacraria seus olhos. Logo todo o corpo dela estaria preso à encosta da montanha, igual a uma mosca em âmbar.

Ela só precisava sobreviver. Morrer em sonhos não era a pior parte. Acordar com mais perguntas do que respostas, sim. *Isso* era culpa dela. A erupção. O fogo irrompendo da terra. A escuridão que devorava o céu. Os gritos das pessoas capturadas no meio de uma dança cósmica que havia começado muitas eras antes de seu nascimento. Logo, Echo acordaria e daria início a um novo dia. Mas esse “logo” sempre parecia mais demorado quando ela estava presa nesse sonho.

Quem é você? A pergunta era clara, mesmo sobre os lamentos aflitos das pessoas.

Sou o fim de todos eles, Echo pensou. *Sou a ruína deles. Não fui capaz de protegê-los de algo que eu mesma causei. Abri uma porta que não devia ter aberto, e agora não sei o que fazer. Estou sozinha.*

Então as vozes perguntaram, como sempre faziam quando ela ousava falar de sua solidão: *Está mesmo?*

Echo havia aberto uma porta e deixado o pássaro de fogo entrar. Mas não conseguia parar de pensar no que havia deixado sair.

DOIS



O MERCADO DE CAMDEN, em Londres, era algo impressionante em uma sexta-feira à noite. As bancas ficavam uma ao lado da outra, competindo entre si para ser a mais barulhenta e chamativa. Tapetes de origem persa duvidosa balançavam lentamente ao vento, e o amarelo forte dos postes de luz brilhava sobre uma fileira de cachimbos de vidro em uma mesa vizinha. O ar de julho não era bem o que Echo chamaria de agradável, mas amplificava os perfumes que ocupavam o mercado. Seu estômago roncava quando ela sentia o cheirinho de algo muito parecido com kebab. Talvez pegasse um na volta. Quem sabe até pagasse por ele. O sonho da noite anterior pesou sobre ela, mas o peso havia se tornado algo tão constante que ela conseguia ignorá-lo se se esforçasse bastante. *Compartimentalização*, ela refletiu. Era uma habilidade e tanto. E, se alguma cidade do mundo podia ajudá-la a esquecer de seus problemas, era esta.

Ela abriu caminho por entre os jovens excêntricos de Londres, procurando pela banca que Jasper havia lhe pedido para encontrar. Não precisava olhar para trás para saber que Caius estava em sua cola, acompanhando seus movimentos com determinação. Quando ela contou que sairia para buscar suprimentos, ele nem lhe deu a chance de pedir para ir sozinha. Não queria que ela fosse de jeito nenhum, insistindo que era mais seguro ficar no esconderijo na zona leste de Londres — um depósito abandonado, registrado em um dos muitos nomes falsos de Jasper —, mas Echo precisava respirar algo diferente do ar envelhecido que estava compartilhando com Caius, Dorian, Jasper e Ivy desde que abandonaram a casa de Jasper em Estrasburgo e fugiram, três meses atrás.

Com os ferimentos de Jasper, eles não poderiam ir muito longe. Ivy tinha feito de tudo para curar a lesão dele, resultado do golpe que fora inicialmente direcionado a Dorian, mas até mesmo ela precisava de suprimentos. No instante em que Ivy mencionou que as ervas para o emplastro de Jasper

estavam acabando, Echo se ofereceu para ajudar. Se passasse mais um minuto dentro daquele depósito, enlouqueceria. Ela precisava se distanciar. Dos outros, de sua cama, do teto manchado de umidade para o qual ficava olhando todas as noites quando enfim acordava de seu sono agonizante. Por sorte, Jasper conhecia um feiticeiro que havia aberto um comércio em Londres, vendendo produtos para qualquer pessoa com um olhar mágico o bastante para encontrar sua banca.

Ela observou rapidamente a área, passando os olhos pelo caos organizado do mercado. A magia não gostava de ser encarada. Preferia cintilar na visão periférica de alguém, insinuando sua presença. Desde aquele momento na Floresta Negra, quando recebeu o poder do pássaro de fogo em seu corpo, tornando-se seu veículo, Echo descobriu que estava em maior sintonia com as insinuações sutis da magia no ar. Pelo canto do olho, notou um brilho ao redor de uma banca, a menos de cinco metros de onde ela estava. Antes, teria percebido apenas uma leve bruma no ar que circundava a banca, mas agora a magia do feiticeiro resplandecia na penumbra artificial do mercado. Quando ela se virou para olhar direto para lá, o brilho desapareceu. *Achei você.*

Ela olhou para trás, encontrando os olhos verdes de Caius no meio da multidão. Ele não saía de perto dela, mas não a ponto de parecer que estavam juntos. Ideia dele. O boné sobre seus cabelos castanhos recém-raspados e a grossa camada de maquiagem que escondia as delicadas escamas de seu rosto tinham sido ideia de Echo. Ele havia se contorcido na cadeira enquanto ela o enchia de base, nada acostumado à sensação de ter substâncias pegajosas no rosto, mas, se ela precisaria usar um disfarce, ele também teria fazer isso.

Echo esticou o braço para arrumar a peruca loira que havia colocado antes de sair do depósito e acenou com a cabeça, apenas o suficiente para Caius notar. Os enormes óculos de sol e a boina que ela havia furtado de um *hipster* que cochilava no metrô acrescentavam uma camada extra ao disfarce, mas Caius permanecia alerta. Eles já estavam sendo perseguidos: pelos Avicen, povo que Echo considerava sua família; pelos Drakharin, liderados pela própria irmã de Caius e por praticamente todos que tivessem o menor interesse pelo pássaro de fogo. Echo nunca havia se sentido tão popular.

O canto da boca de Caius esboçou um leve sorriso, e Echo se permitiu sorrir de volta. Ela nem havia pensado em se opor quando ele insistiu em acompanhá-la à loja do feiticeiro. Caius havia se revelado uma excelente companhia. Às vezes, eles subiam até o telhado do depósito e ele ficava

indicando as constelações, alegrando-a com as histórias da cultura Drakharin por detrás das estrelas. Ela conhecia a versão dos humanos e dos Avicen, mas aquelas eram novas — e preciosas. Caius nunca queria passar muito tempo fora — de novo, a segurança em primeiro lugar —, mas aqueles momentos eram especiais. Encostada no concreto frio da cobertura, a poucos centímetros dele, Echo esquecia que estava sendo perseguida, não se sentia como uma peça de xadrez na guerra entre os Avicen e os Drakharin. Não se sentia como o pássaro de fogo, a única ferramenta que os dois lados estavam desesperados para controlar, na esperança de botar fim ao conflito secular que havia entre eles. Nesses momentos, ela não passava de uma garota olhando as estrelas ao lado de um garoto.

— Está procurando alguma coisa?

A voz puxou Echo de volta à realidade, fazendo-a se lembrar de onde e por que estava ali. Ela interrompeu o contato visual com Caius, agora encostado em um poste a duas bancas dali, olhando para as unhas da mão, a síntese da indiferença, e se virou para o homem que falava.

Se mingau de aveia assumisse a forma humana, seria esse cara. Cardigã marrom-claro. Camiseta branca manchada. Calças cargo surradas. Tênis All Star que um dia foram brancos, mas haviam escurecido até um triste tom acinzentado. Cabelos cor de areia que não eram nem castanhos, nem loiros. Tudo ali gritava “bege”. A única coisa que destoava era um par de óculos Ray-Ban que escondia seus olhos. Mas como Echo também estava usando óculos escuros à noite, não podia falar muita coisa. Enrolando um cigarro enquanto olhava para ela, o homem estava sentado em uma cadeira de metal atrás da banca, com as pernas cruzadas sobre uma mesa ao lado.

— Posso ajudá-la? — Seu sotaque londrino era carregado. Ele levou o cigarro aos lábios e deu uma lambida exagerada no papel para selá-lo. As bijuterias baratas de prata estavam expostas de qualquer jeito sobre a bancada, como se ele não estivesse interessado em vendê-las. Echo não viu problema algum nisso, já que também não estava interessada em comprá-las.

Ela tirou um pedaço de papel do bolso. Jasper havia rabiscado um símbolo nele — uma cruz com um diamante no centro e pequenos triângulos cobrindo cada uma das hastes — e dito para mostrá-lo ao homem. Era o símbolo internacional para “Aqui há feiticeiros”. Sob o símbolo, Ivy havia acrescentado uma lista de ingredientes.

— Sim — ela disse. — Estou procurando algumas coisas difíceis de

encontrar.

O homem se inclinou para a frente, colocando os pés no chão com dificuldade. Ele pegou o papel da mão de Echo, aproximando-o do nariz para examiná-lo. Segundos se passaram. Echo se esforçou para não balançar o corpo, tamborilar sobre a coxa com ansiedade, ou mexer no forro da peruca, que a estava irritando a noite toda. Viajar disfarçada tinha sido divertido nos primeiros cinco minutos, mas a sensação de novidade já havia passado, assim como sua paciência com o feiticeiro bege.

Ele espiou Echo através dos óculos escuros, dando a ela a chance de ver o único indício de que ele não era mais humano. Seus olhos eram totalmente brancos, como se as pupilas tivessem sido engolidas por completo. Ver aquilo bastou para fazer os dedos de Echo buscarem por uma arma. Feiticeiros não eram coisa boa. Ela desejou pegar a adaga que levava escondida na bota. Nas proximidades, um rádio estalava com estática enquanto o locutor lia as últimas notícias. Um acidente de avião a poucos quilômetros de Sidney. As próximas eleições presidenciais nos Estados Unidos. A nuvem de cinzas vulcânicas que cobria o céu da Nova Zelândia depois que, três meses antes, um terremoto surpresa causou a erupção de um vulcão inativo — pelo visto, ele continuava vivo, ainda soltava fumaça. Partes do sonho de Echo passaram por sua mente, mas ela as enterrou o mais fundo possível.

— Esses ingredientes para cura são bem poderosos — disse o feiticeiro. Ele devolveu o papel a ela, levantando-se. — Você está em perigo?

— Sempre.

— Meu tipo de garota. — O feiticeiro deu a volta na mesa, entrou na banca e começou a revirar as caixas que estavam lá atrás. Não fez esforço algum para ser rápido. Olhou para Echo de uma maneira um pouco intensa demais e perguntou: — Você vem sempre aqui?

— Não.

Ela se forçou a não olhar para Caius. A última coisa de que precisava era iniciar uma conversa fiada com o feiticeiro. Quanto mais ele falasse, mais provavelmente faria uma pergunta que Echo não poderia ou não gostaria de responder. Ela estava começando a achar que talvez devesse ter dado ouvidos a Caius e ficado no depósito, protegida pelas camadas de bloqueios que os protegiam.

Dando de ombros, o feiticeiro disse:

— A maioria das pessoas que me procura está em busca de algo um pouco

menos... benevolente. — Ele se levantou, segurando vários saquinhos cheios de ervas. Estendeu-os a Echo, mas, quando ela tentou pegá-los, ele os puxou de volta. — Pagamento adiantado, querida. São quinhentos.

Que roubalheira, Echo pensou, tirando a mochila dos ombros para pegar o bolo de dinheiro que havia pegado da reserva de Jasper. Embora o depósito não fosse o mais agradável dos lugares — tinha goteira, os canos estavam enferrujados e o aquecimento era mais imaginário que real —, lá havia um estoque considerável de moedas de vários países. Ela colocou o dinheiro sobre a mesa.

— Aqui está. Entregue as coisas e eu te deixo em paz de uma vez.

— Oh, ficou irritada. — O feiticeiro arrastou os saquinhos sobre a mesa na direção dela, mas não tirou as mãos de cima deles. — Acho que gostaria de te conhecer um pouco melhor.

Echo pegou os saquinhos, ignorando o fato do dedo mindinho dele ter tocado de leve em sua mão.

— A vontade *não* é recíproca. — Ela guardou os saquinhos na mochila, fechou o zíper e colocou as alças nos ombros. — Eu poderia dizer que foi um prazer fazer negócios com você, mas estaria mentindo.

Ela se virou, indo em direção à entrada do mercado, com a gargalhada do feiticeiro soando em seus ouvidos. Sua pele parecia viscosa no ponto em que ele a havia tocado. Ela esfregou a palma das mãos na calça jeans, para se livrar daquela sensação.

Uma mão pegou na dela, e Echo deu um salto, instintivamente tentando se afastar.

— Relaxe — Caius sussurrou, o hálito quente junto ao ouvido dela. — Sou eu.

A tensão se esvaiu do corpo de Echo, dando lugar a uma sensação latejante nas entranhas, algo parecido com prazer. Ela gostou de sentir o toque da mão dele. Gostou da textura áspera dos calos dele combinada à maciez de sua pele. Eles haviam se aproximado no decorrer das últimas semanas, embora não tivessem ido além das carícias. Uma presença palpitou no fundo de sua mente. Ela a ignorou. Estava cada vez mais fácil silenciar Rose, mas, sempre que Caius a tocava, aquela voz tinha o hábito de se elevar como se a proximidade dele a evocasse.

Ela apertou a mão de Caius, saboreando o pequeno sorriso que enfeitava os lábios dele. Caminharam até a estação de metrô Camden Town, onde pegariam

um trem de volta ao depósito. Uma viagem livre de magia era outra ideia de Caius. Aquilo faria com que as pessoas tivessem mais dificuldade para rastreá-los, caso procurassem sinais de magia ou os resíduos deixados pelo pó de sombra. Echo não podia discordar da perspicácia daquele pensamento, mas sentia falta da conveniência de viajar pelo entremeio, de passar por uma porta em uma cidade e sair em um país completamente diferente.

Ela bateu com o ombro no braço de Caius.

— Achei que não iríamos demonstrar que estamos juntos. Não estamos desobedecendo as regras?

Caius sorriu de novo, olhando para as mãos dadas. Passou o polegar sobre os ossinhos das mãos dela, bem onde o feiticeiro a havia tocado, como se apagasse o último resquício daquele contato indesejado.

— Se aprendi algo no tempo em que passei com você — ele disse, chegando mais perto para que ela ouvisse suas palavras em voz baixa —, é que algumas regras foram feitas para serem desobedecidas.

As luzes da rua cintilavam atrás da cabeça dele, lançando um leve brilho dourado sobre as mechas de cabelo que escapavam de seu boné. Echo queria que ele não precisasse esconder as escamas; gostaria de ver o brilho e a textura sutis delas quando a luz percorresse as maçãs do rosto de Caius. Ele a olhava com expectativa, esperando uma reação. Seus olhos eram cor de esmeralda, um tom mais luminoso que o verde dos humanos, como se houvesse uma luz dentro deles.

Ele é lindo, não é?, disse a voz dentro da cabeça de Echo.

Cala a boca, Rose. Surpreendentemente, Rose obedeceu, mas não sem deixar uma sensação que lembrava muito uma risada fantasmagórica na cabeça de Echo, fazendo seu corpo inteiro tremer.

Caius apertou a mão dela.

— Echo. Está tudo bem?

Ela pigarreou e desviou o olhar. Os pensamentos de Rose podiam ser indesejados, mas Echo não tinha como discutir com ela. Caius era de fato muito adorável. Ele só não sabia que Rose precisara evidenciar isso. Ele sabia que Rose estava lá, enterrada em algum lugar no fundo da cabeça de Echo, sua alma inextricavelmente ligada à energia do pássaro de fogo, mas o tanto que Rose havia ficado à vontade era algo que Echo não estava preparada para compartilhar. Ela agora tinha poder, responsabilidades. Havia pessoas que dependiam dela, e ouvir vozes não era uma característica associada a

alguém confiável. Então, ela guardava os comentários de Rose para si. Talvez chegasse um dia em que fantasmas antigos ficassem em silêncio e deixassem Echo sozinha na própria cabeça. Era permitido sonhar. Até lá, entretanto, quanto menos pessoas soubessem, melhor.

Eles estavam quase na estação de metrô. Pegariam o trem que iria sentido norte e estariam em casa em menos de meia hora, mas era sufocante a ideia de voltar para o depósito, de retornar para aquelas paredes familiares e colchões finos demais. Echo precisava de mais tempo longe de lá, para fingir mais um pouco que o peso do mundo não estava sobre seus ombros. Seu estômago voltou a roncar, e então ela teve uma ideia.

— Está tudo bem, sim. — Ela apertou a mão de Caius de volta, fazendo ele dar outro sorrisinho. Ele estava sorrindo mais nos últimos tempos, embora não fosse nada parecido com os sorrisos inocentes que ela conhecia das lembranças de Rose.

Mágoa, Echo pensou. Português. O resíduo deixado pela tristeza.

Os resquícios de um sofrimento antigo ainda permaneciam dentro de Caius, e afetavam cada gesto e detalhe de seu comportamento, mesmo que discretamente. O Caius de Rose havia sido uma pessoa diferente, embora Echo gostasse da versão atual. Mesmo assim, as dúvidas ainda a atormentavam. Ela queria perguntar se o que ele sentia por ela era verdadeiro. Se tudo o que via quando olhava para ela era uma garota morta. Se ela estava louca ao questionar se uma história tão entrelaçada como a deles — dela, de Caius, de Rose — poderia, algum dia, ter um final feliz. Mas só conseguiu perguntar:

— Você está com fome?

O sorriso de Caius desapareceu.

— Acho melhor a gente voltar.

Echo deu um salto à frente, puxando-o em direção à barraquinha de kebab na esquina. Londres era cheia delas, e mesmo com uma qualidade meio duvidosa, ela estava disposta a se arriscar.

— Ah, vamos, vai. Um sábio me disse uma vez que algumas regras foram feitas para serem desobedecidas.

Com uma risadinha, Caius disse:

— Ele não me parece muito sábio.

Mas ele não resistiu quando ela o puxou em direção ao delicioso kebab. Descer a rua como um casal sem dúvida era contra as regras, mas a noite era uma criança, e ela era jovem. O momento era de Echo, e ela o aproveitaria,

mesmo que — ou talvez porque — soubesse que não duraria muito.

TRÊS



QUANDO ELES VOLTARAM AO DEPÓSITO, com a barriga cheia de kebabs gordurosos, o lugar estava quase do mesmo jeito de antes. Havia velas espalhadas por todo o grande cômodo do andar superior, iluminando o espaço com um brilho amarelado que refletia nas vidraças escuras. Em um dos cantos havia uma televisão velha, onde um apresentador da BBC entrevistava um especialista em mudanças climáticas, e a voz dos dois era abafada pelo estrondo eventual causado pela passagem de um trem. Meia dúzia de colchões havia sido empurrada para os cantos da sala e estava cercada por pilhas de roupas em diversos estados de desordem, do caos absoluto (as de Echo) até a ordenação militar (as de Dorian). As roupas de Jasper serviam em Dorian e em Caius, embora os ombros largos do último significassem que as camisas emprestadas ficavam esticadas no peito de um modo que era impossível não notar. Echo conseguira passar dois dias com os moletons enormes de Jasper, até que não suportou mais e saiu escondida no meio da noite. Invadiu uma loja *vintage* — havia várias delas na zona leste de Londres — e fugiu com várias roupas para si e para Ivy. Apesar do sermão que recebeu de Caius e Ivy por ter saído sozinha, tinha valido a pena. Ninguém dá o verdadeiro valor ao caimento de um jeans decente até só ter peças manchadas de sangue ou rasgadas.

Jasper estava deitado em seu colchão, uma mão caída e a outra cobrindo a testa de maneira teatral. As cores vibrantes das penas de sua cabeça, bem aparadas para parecerem cabelos, eram escuras à luz de velas, mas os roxos intensos, os azuis aveludados e as manchas douradas ainda eram visíveis.

Echo vasculhou seu dicionário mental em busca da palavra exata para descrever Jasper. “Pavonesco.” Era isso. “Vaidoso como um pavão.”

Dorian estava sentado de pernas cruzadas no chão, perto do colchão, passando um pano velho sobre o aço da espada. Sua franja prateada caiu sobre o tapa-olho quando ele se virou na direção de Jasper, para conseguir ouvir o

que o Avicen dizia. Echo havia percebido que Dorian limpava armas do mesmo modo que algumas pessoas roíam as unhas: distraidamente, quando não havia nada melhor para fazer. A lâmina não via ação havia meses, mas Dorian a polia todos os dias, mantendo-a impecável.

Caius olhou para a porta atrás deles e começou a verificar os bloqueios ao redor, testando-os à procura de fraquezas. Era o único meio de entrar no esconderijo. Uma entrada, uma saída. Caius havia insistido que essa era a forma mais segura, e, quando ele *insistia*, costumava parecer mais um decreto real do que uma mera sugestão. Se o pequeno grupo deles fosse encontrado, ele os conduziria para o entremeio. Caius era um dos poucos que Echo conhecia que não precisava se preocupar com pó de sombra ou passagens para acessar o entremeio, embora o esforço necessário para transportar outras quatro pessoas fosse lhe custar caro. Toda magia tinha um custo, independente do tanto de poder que a pessoa tivesse. Como plano de emergência, não era a pior opção, mas Echo esperava que nunca precisassem utilizá-lo.

Ela largou a mochila ao lado da porta.

— Crianças — anunciou. — Cheguei.

A cabeça de Ivy apareceu na porta do banheiro, do outro lado do cômodo, com longas penas alvas no lugar dos cabelos reluzindo à meia-luz.

— Ah, graças aos deuses — ela respondeu, secando as mãos em uma toalha enquanto ia até Echo. — Se eu tivesse que ouvir Jasper choramingar por causa do cataplasma mais uma vez, ele acabaria amordaçado.

— Com licença, mocinha, eu não *choramingo* — disse Jasper, fazendo cara feia para Ivy. — Eu *lamento*.

Ivy revirou os olhos.

— Você tem dezenove anos, Jasper. Nem vem com “mocinha” pra cima de mim.

Echo pegou os saquinhos de ervas na mochila e os entregou a Ivy.

— Sem briga. Estamos em uma zona livre de brigas. Brigar é uma ofensa punível com morte.

— Não ligue para a Ivy — disse Jasper. — Ela ainda está brava porque eu ganhei no Banco Imobiliário.

— E eu que pensei que o que acontecia no Banco Imobiliário ficava no Banco Imobiliário — Echo afirmou. O jogo de tabuleiro só durou uma semana até Caius confiscá-lo e escondê-lo em algum lugar bem entranhado do depósito. A última partida quase havia terminado em uma briga feia.

Jasper soltou uma gargalhada dolorida.

— Ah, sua bobinha. — Ele tentou sentar, mas só conseguiu quando Dorian colocou a mão por baixo de seus ombros e o ajudou a se apoiar na parede. Ivy se aproximou dele, dispondo os saquinhos na ordem em que os usaria. — E, sério, Ivy, você não consegue dar um jeito em mim mais rápido? Já estou cansado de ficar aqui como um peso morto. — Jasper piscou para Dorian. — Mas pelo menos os enfermeiros são gatinhos.

A pele clara de Dorian, desde o tapa-olho e até as escamas em suas têmporas, ficou toda vermelha. Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. Jasper havia começado a encher Dorian de elogios, do mesmo jeito que Dorian limpava sua espada e Caius verificava os bloqueios: por puro costume.

Ivy estava menos entretida. Ela rasgou um dos saquinhos com tanta força que espalhou ervas secas pelo chão.

— Eu sou curandeira — disse ela entre os dentes. — Não feiticeira. — Ela empurrou as ervas para Dorian. — Triture isso.

Dorian pegou as ervas, porque quando Ivy dizia para alguém fazer algo com aquele tom de voz, era melhor fazer. Olhando para Echo, Ivy perguntou:

— Podemos conversar?

Echo concordou, não gostando do que iria ouvir. Sempre que alguém dizia “Podemos conversar?”, algo extremamente desagradável vinha em seguida. Era uma verdade universal.

Elas foram para um canto distante do resto do grupo. Caius olhou preocupado para Echo, mas ela fez um sinal para ele não se aproximar. Ivy falou em voz baixa para que ninguém mais a ouvisse:

— Jasper não está melhorando.

Ali estava o algo extremamente desagradável. Echo disse:

— Bem, foi um ferimento muito grave, não foi? Vai demorar um pouco.

Ivy fez que não com a cabeça.

— Estou dizendo que não está melhorando. Nem um pouco. As ervas que estou usando estão combatendo a infecção e evitando que piore, mas simplesmente *não* está melhorando. Acho que pode haver alguma magia negra envolvida, mas não sei como, por que e nem o quê. Ainda não cheguei nessa parte do treinamento. — Ivy passou as mãos nos braços como se sentisse um arrepio. — Eu meio que me distraí quando fui sequestrada, depois resgatada, e então levada em uma aventura pelo mundo com nosso alegre bando de desajustados.

Caius se aproximou delas, apesar da instrução silenciosa de Echo para deixá-las a sós.

— Vocês estão falando sobre o ferimento de Jasper? — ele perguntou.

— Estamos — respondeu Echo. — Não está melhorando. Ivy acha que pode ter a ver com alguma magia negra.

Com um aceno de cabeça, Caius disse:

— Acho que a curandeira da casa está certa. — Ele olhou para trás, onde Dorian estava triturando ervas enquanto Jasper o observava, com uma nítida adoração em seus olhos cor de âmbar. — Foi a espada de um Dragão de Fogo que o feriu. — Ele fez uma careta. — Minha irmã... ou, devo dizer, a nova Príncipe Dragão, certa vez me procurou com um plano para tornar seu regimento ainda mais letal. Tanith queria que um feiticeiro amaldiçoasse as armas de modo que, mesmo se o golpe não fosse mortal, o ferimento ainda matasse a vítima.

— Como um veneno — disse Echo.

Ivy soltou uma sequência de xingamentos que não eram típicos dela.

— Exatamente — afirmou Caius. — Proibi Tanith de fazer isso. Depois das poucas experiências que eu havia tido com feiticeiros, não tinha a menor vontade de me envolver com eles.

— O que aconteceu para você se irritar com os feiticeiros? — Echo quis saber. — Tirando o fato de serem praticamente a encarnação do mal?

Caius fez uma careta ainda mais feia.

— Acho que eles não gostam muito de mim, para dizer a verdade. — Caius esfregou a nuca, gesto que significava, Echo havia notado, que ele estava prestes a confessar algo. — Um pouco depois de minha eleição para o trono, chamei um grupo de feiticeiros para fortalecer os bloqueios ao redor da Fortaleza do Dragão. Nossos magos eram bons, mas não existe nada igual à magia negra dos feiticeiros. Prometi a eles riquezas incontáveis depois que a tarefa fosse terminada. E não cumpri muito bem minha promessa.

— E o que você *deu* a eles? — perguntou Echo.

Caius a encarou com cautela.

— Morte. Eu não podia deixar à solta feiticeiros que soubessem tudo sobre as defesas da fortaleza.

— Minha nossa! — exclamou Echo. Ela sabia do passado de Caius. Ele havia feito coisas terríveis. Isso não era novidade. Mas era mais fácil vê-lo como Rose o via: uma pessoa que queria usar seu poder para o bem. Que não

queria ferir ninguém. Ele havia mudado no século que sucedeu a morte dela, e, nos anos seguintes, sujou as mãos de sangue mais vezes do que Echo era capaz de imaginar.

Como se pudesse ler os pensamentos dela, Caius disse em voz baixa:

— Eu nunca disse que era uma boa pessoa.

Ivy se movimentou com desconforto ao lado de Echo.

— O que aconteceu com os feiticeiros que me sequestraram da Ágora?

Um instante de constrangimento se passou até Caius responder:

— Eu também os matei.

Echo observou uma série de emoções passarem pelo rosto de Ivy. Ela sabia que o sequestro havia sido o acontecimento mais traumático da vida de sua amiga até a batalha na Floresta Negra, mas Ivy era uma boa alma. Alívio e culpa guerreavam em sua expressão.

— Ah, entendi — foi tudo o que ela disse.

Echo não queria falar sobre o assunto naquele momento. Nem nunca.

— Então não podemos recorrer àqueles caras para pedir ajuda — ela disse.

— Como vamos resolver a situação de Jasper? Não podemos deixá-lo desse jeito.

— O ferimento vai acabar matando ele — afirmou Ivy. — Mais cedo ou mais tarde.

— Se de fato for magia negra, só podemos combater com magia negra. — Caius suspirou, temeroso.

— E as únicas pessoas que praticam isso são os feiticeiros — emendou Echo.

Caius concordou e disse:

— Vou falar com Jasper. Ele deve conhecer um ou dois dispostos a ajudar por um bom dinheiro.

— E vamos tentar não matar ninguém desta vez — falou Ivy.

Uma linha se formou entre as sobrancelhas de Caius quando ele franziu a testa. Echo estava cansada demais para lidar com isso. Ela não queria pensar em Caius assassinando pessoas, independente do quanto fossem assustadoras e imorais, e não queria que Ivy o julgasse por isso. Droga, Echo o julgava por isso. E em alguma parte escondida em sua mente, Rose provavelmente o perdoava. Era muito difícil lidar com a dissonância cognitiva. Era muito difícil lidar com a *vida* deles.

— Ótimo — Echo comentou antes que fosse possível voltar à conversa. —

Agora que está tudo resolvido, preciso descansar um pouco.

Ela deixou os dois e se deitou em seu colchão, que ficava bem longe das janelas. Depois de um olhar ligeiro para Echo, Caius voltou a verificar os bloqueios. Ivy se juntou a Dorian ao lado do leito de Jasper para continuar preparando as ervas para um novo emplastro. O som da conversa ao fundo era um ruído reconfortante. Eles estavam escondidos havia meses, mas ainda era estranho pensar em como o grupo era improvável. Dois Avicen e dois Drakharin — outrora inimigos mortais — e uma única humana, Echo. Ela olhou para as mãos, lembrando-se do fogo preto e branco que havia irrompido de suas palmas. Ela talvez não fosse tão humana assim, afinal.

O colchão afundou ao seu lado. Ela levantou os olhos e viu Caius sentado ali.

— Tudo bem com os bloqueios? — ela perguntou.

Ele confirmou.

— Sólidos como sempre. Estamos o mais seguro possível. — Ele passou as mãos pelos cabelos escuros. Alguns dias antes, Dorian tinha forçado Caius a se sentar em uma cadeira, balançando uma tesoura. *Isso está saindo do controle*, disse Dorian. Echo, Ivy e Jasper dividiam um saco de pipoca de micro-ondas enquanto assistiam a Caius suando em um silêncio indignado enquanto Dorian cortava seus cabelos. Era o máximo de entretenimento que acontecia por ali. Caius continuava passando a mão na nuca, como se não estivesse muito acostumado com o novo corte. Ele se virou para Echo, os olhos escurecidos por conta da luz tremeluzente da vela. — Como você está se sentindo?

Ela deu um sorriso pequeno e contido, com o maxilar travado. Agora que estava de volta ao depósito, sentia-se sufocada. Estranha. Exposta. Não parecia em nada com sua casa, a sala secreta na Biblioteca Pública de Nova York, com suas luzinhas, tesouros roubados e montanhas de livros. O silêncio e a solidão daquele lugar combinavam muito com ela. A imagem daquela sala vazia, ainda protegida por seus bloqueios, causava-lhe dor no peito. Mas pensar nas coisas que havia perdido era mil vezes mais fácil do que pensar nas pessoas que havia deixado para trás. *Como Rowan*. Ela tentou afastar o pensamento para bem longe — o mais longe possível.

— Estou bem — ela mentiu.

Caius não se deixou enganar.

— Você não parece bem.

Um trem passou, sacudindo as janelas. Echo deixou de olhar nos olhos dele e se concentrou na televisão. Na tela, imagens aéreas de nuvens de fumaça sendo ejetadas da cratera de um vulcão em algum lugar do oceano Pacífico, a quilômetros da costa da Nova Zelândia. A loira de penteado impecável atrás da bancada do telejornal repassava as opiniões confusas dos especialistas: todos concordavam que o vulcão deveria estar inativo e que sua atividade recente era uma incógnita, uma vez que não havia explicação lógica para o movimento tectônico que havia causado sua erupção. Algo se contorcia dentro de Echo enquanto ela assistia às nuvens de cinzas pretas e os rios de magma piscando na tela. Não era uma sensação de reconhecimento, mas algo bem parecido com isso. Era como se uma força dentro dela estivesse tentando se comunicar de forma não verbal. O vulcão havia entrado em erupção no mesmo dia em que Echo enfiara a adaga no próprio coração, libertando o pássaro, como dizia a profecia, de sua gaiola de ossos.

Caius estava dizendo algo, sua voz baixa e distante, mas Echo não ouviu mais nada quando a tela mostrou um vilarejo arruinado, paredes parcialmente derrubadas saindo de um solo coberto de cinzas, como dentes quebrados e escurecidos. Era igual ao vilarejo de seu sonho. Ela pegou o controle remoto para aumentar o volume e pediu que Caius ficasse quieto.

— ... a cena aqui é totalmente desoladora — entoou o repórter, com o casaco balançando ao vento, os cabelos se desvencilhando do gel. Atrás dele, o que parecia uma equipe de resgate vasculhava os escombros, levantando tábuas de madeira caídas e revirando pedaços irregulares de pedra. Era possível ver a massa escura do vulcão longe dali. — Toda esta área de terra acabou de ser destruída. Não restou nada... nem ninguém.

— Alguém no local tem qualquer explicação para o que poderia ter causado tudo isso? — a loira no estúdio perguntou, inabalada pela cena.

O repórter passou o dedo em um toco de madeira que havia ao lado. A luva que cobria sua mão voltou coberta de algo parecido com fuligem.

— Ninguém sabe ainda, Sandra. Mas um membro da equipe de recuperação me disse que este resíduo não parece ter origem vulcânica, apesar da atividade recente na área. Não sabemos ao certo o que é, mas esperamos ter respostas em breve. — Ele esfregou os dedos, espalhando a fuligem preta.

— Obrigada, George — a apresentadora agradeceu. — E nos mantenha informados...

Echo abaixou o volume. A sensação em suas entranhas ficou ainda mais

forte, como se o pássaro de fogo estivesse gritando com ela sem usar palavras, tentando obrigá-la a deduzir alguma coisa que deveria ser óbvia, mas não era. A erupção vulcânica. Um vilarejo engolido pelo fogo e pelas cinzas. E tudo isso coincidindo perfeitamente com a aparição do pássaro de fogo. Com os sonhos dela. Com a sensação de horror que estava se formando desde que ela rasgara não só seu corpo, mas o tecido do mundo, dando espaço a uma força cósmica que lhe era incompreensível.

Caius abaixou a voz de modo que apenas Echo pudesse ouvi-lo.

— Ainda está tendo aqueles pesadelos?

Ela respondeu que sim, sem olhar para ele. Os músculos do pescoço dela estavam tão tensos que poderiam se romper. Os outros sabiam sobre os sonhos. Era difícil manter algo do tipo em segredo quando se acorda gritando várias noites seguidas. Mas ela não queria falar sobre isso. Os sonhos a faziam se sentir impotente. Confusa. Consumida por dúvidas e atormentada por desconfianças de que pudesse ter feito algo terrível e irreversível.

— As coisas estão conectadas — falou Echo em voz baixa. — Comecei a sonhar com o vulcão antes de ouvir a notícia. Começou naquela noite. — Ela apontou para a cicatriz em seu peito, que ficava um pouco visível sobre a gola da camiseta. — Na noite em que tudo *isso* aconteceu. — Ela engoliu em seco. As palavras ainda pareciam estranhas em sua língua. — Na noite em que eu libertei o pássaro de fogo. Eu o deixei entrar em mim, mas acho que não foi só isso que libertei.

— Talvez não passe de uma coincidência — disse Caius. — Você passou por uma experiência extremamente traumática. Talvez seu inconsciente tenha processado a ideia do vulcão e fundido as coisas em sua mente.

Ela negou com a cabeça.

— Sonhei com o vulcão antes de saber o que tinha acontecido. Não tínhamos TV no loft do Jasper em Estrasburgo. Eu ainda não tinha ouvido a notícia. E aquele vilarejo é igualzinho ao do meu sonho.

Caius lhe estendeu a mão, tentando oferecer algum conforto, mas ela se afastou.

— Não é coincidência — afirmou ela. — Eu sei que não é. Eu *sei*.

Echo não podia mais acreditar em coincidências, não quando vivia em um mundo habitado por criaturas que estariam mais à vontade em contos de fada do que nas ruas de grandes metrópoles, não quando ela própria havia se tornado algo entranhado por magia e mito. Echo podia sentir os olhos de Caius

sobre ela, questionando, refletindo, assim como ela, sobre qual era seu papel no meio de tudo isso... Sobre qual era o papel do *pássaro de fogo*.

O pássaro que canta à meia-noite em sua gaiola de ossos, Echo se lembrou, com os olhos ainda fixos na televisão, agora silenciosa, entregues à cena de destruição, *ascenderá do sangue e das cinzas para saudar a verdade desconhecida*.

Ela se pegava remoendo com frequência a profecia que a havia levado até ali, àquele depósito, àquelas pessoas. Isto em particular. Que verdade? Quando a sensação se fortaleceu, quando o pássaro de fogo bateu dentro de seu crânio, exigindo que ela o notasse, tomasse uma atitude, fizesse *alguma coisa*, ela achou que, talvez, estivesse prestes a descobrir.

QUATRO



O AR DA NOITE BALANÇOU OS CABELOS DE CAIUS, fazendo cócegas em sua nuca. Ele estava na cobertura do depósito, com as mãos no bolso, a pele ainda quente por conta da lembrança do calor do corpo de Echo. Ele havia esperado até ela pegar no sono, encolhido no colchão ao seu lado. Seus longos cabelos estavam espalhados sobre o travesseiro como uma nuvem escura, a testa franzida mesmo durante o descanso. Caius havia alisado a ruga com um toque cuidadoso, e ficou impressionado pela forma com que ela se virou na direção da mão dele, resmungando algo incoerente. As pessoas deveriam parecer mais novas durante o sono, mas Echo parecia mais velha do que era, como se o peso que carregava aumentasse quando ela estava mais vulnerável. À noite, Caius sabia, ela era atormentada pela vida dos veículos que haviam existido antes dela, lembranças que não lhe pertenciam ocupando sua mente como hóspedes indesejados. E isso quando ela não era forçada a vivenciar uma erupção, a ser a única testemunha de um acontecimento cataclísmico que tomou uma ilha em um mar distante. Depois de um tempo ela se acalmava, e Caius subia para a cobertura, deixando os outros com seus rituais noturnos, procurando o máximo de silêncio que era possível encontrar em um lugar tão chuvoso quanto Londres.

Ele olhou para a cidade diante dele, as silhuetas dos prédios escuras em contraste com o céu, tão poluído por luzes artificiais que não era possível ver as estrelas. Ele e Echo haviam passado muitas noites tentando distinguir as mais brilhantes, embora ela às vezes confundisse um avião que passava com uma estrela cadente. Mesmo quando as constelações não estavam totalmente visíveis, Caius lhe contava histórias que sabia desde a infância: contos de dragões grandiosos atravessando o céu, com asas negras como o espaço, olhos brilhando com o fogo das estrelas. O céu, aprendiam todas as crianças Drakharin, era o reino dos deuses, para onde os Príncipes Dragão de outros tempos ascendiam quando seus reinados terminavam, destinados a cuidar de

seus irmãos e irmãs na terra para todo o sempre. Caius acreditou naquelas histórias, como as crianças sempre acreditavam, até o dia de sua coroação, quando se ajoelhou diante da congregação de nobres Drakharin que o havia elegido e jurou que serviria a seu povo até o dia de sua morte. Quando se acostumou ao peso da coroa, ele entendeu que havia abandonado a chance de ter uma vida longa e feliz. O poder corrompia e, aqueles que não corrompia, matava. Ele encarou sua irmã do outro lado da sala, queimando com rubis brilhantes, dizendo a verdade enquanto ela mentia com um sorriso orgulhoso. Ele devia ter visto naquele momento. A inveja. A ambição. Ele devia ter percebido que seu reinado terminaria com Tanith. Mas o amor o cegou, como era de costume, e ele só enxergou a irmã gêmea que veio com ele ao mundo, não viu seu potencial para a traição, e acreditou no que quis. Que o amor dela pelo irmão era maior que suas aspirações.

Atrás dele, as dobradiças da porta da cobertura rangeram quando ela se abriu. Caius nem precisou se virar para saber quem havia chegado. Ele reconheceria os passos de Dorian em qualquer lugar.

Dorian parou ao seu lado, seus cabelos e pele claros iluminados na escuridão. Uma moeda apareceu em sua mão, como se tivesse saído do nada, e ele começou a girá-la sobre os dedos, movimentando-os com habilidade.

— Onde você aprendeu a fazer isso? — perguntou Caius ao observar os movimentos ágeis de Dorian.

Dorian errou, e a moeda escapou. Ele a pegou com a outra mão e a guardou no bolso.

— O Jasper que me ensinou.

— Um Avicen te ensinando truques com moedas. — Caius se permitiu sorrir. — Agora posso dizer que já vi de tudo.

Dorian deu uma risadinha.

— Se você olhar com atenção para o horizonte, pode ver burros voando ao longe. — Ele se virou para Caius, seu único olho azul focado como um falcão. — Falando em Jasper...

— Eu sei — Caius disse. — Ele não está melhorando. Ivy me contou. Acho que a lâmina que o feriu estava amaldiçoada... por um feiticeiro.

Dorian praguejou baixinho em drakhar.

— Você nunca deixou Tanith livre para fazer o que quisesse, mas, agora que ela é a Príncipe Dragão, não há ninguém para impedi-la. Sem você lá para contê-la, ela está perdendo a prudência. — Ele levou a mão à lateral do corpo,

onde sua espada estaria caso estivesse com ela. — Eu preferiria morrer a permitir que um feiticeiro tocasse em minha espada. Só os deuses sabem que tipo de magia eles poderiam colocar nas armas sem que ninguém ficasse sabendo.

— Eu sei — disse Caius. — E é por isso que eu nunca quis que ela fizesse isso. Mas parece que fez, e agora teremos que lidar com as consequências.

Ao lado dele, Dorian estava agitado, abrindo e fechando as mãos em punho.

— Jasper é o único que tem que lidar com as consequências. Nós temos que *ajudar*, Caius. Temos que fazer algo. Não posso simplesmente ficar aqui sentado enquanto ele morre porque foi atingido por um golpe que era destinado a mim.

Dorian suplicando pela vida de um Avicen. Caius conteve um sorriso. Voltou a inspecionar a paisagem urbana diante deles. Era tão diferente do mundo que conhecia, mas ele estava começando a ver alguma beleza no diferente.

— Se a lâmina de fato foi amaldiçoada por um feiticeiro, talvez algum possa remover a magia que está infectando o ferimento.

Com um suspiro cansado, Dorian se virou para se apoiar no peitoril, com os braços cruzados diante do peito, de costas para as luzes coloridas que brilhavam pelas janelas do depósito do outro lado da rua. Dia sim, dia não, havia uma festa naquele depósito. Echo chamava de rave.

— Bom, eu estou sem nenhum amigo feiticeiro depois que matamos o último grupo com que trabalhamos. Receio que estejamos começando a ficar malvistos naquela comunidade. Acho que é um caminho sem volta para nós.

Eles se entreolharam e, por um breve instante, Caius visualizou a aspereza, normalmente tão bem escondida, na expressão de Dorian. Dorian se virou, rompendo a conexão.

— Tenho um plano — disse Caius. — Mas acho que você não vai gostar.

— Quantas vezes tenho que dizer? — Dorian suspirou. — Seguirei você para onde for. Príncipe ou não.

— Bem... Vamos fazer amizade com um novo feiticeiro. Só precisamos de *um* feiticeiro. Qualquer um serve. Jasper falou certa vez que costumava andar com um grupo de feiticeiros em sua... — Caius curvou os dedos no ar, fazendo aspas imaginárias, gesto que havia aprendido com Echo e Ivy — ... *juventude selvagem e impulsiva*. Vou ver se um deles está disposto a nos ajudar.

Dorian abriu a boca para se opor, mas Caius levantou a mão.

— Sei o que você vai dizer e não quero ouvir, porque vamos discutir e você sabe que eu sempre ganho.

Dorian fez cara feia.

— Só porque eu deixo.

— Que seja — disse Caius. — O ferimento de Jasper requer magia e nem eu, nem você, podemos fazer nada. Precisamos de ajuda, mesmo se vier de uma fonte desagradável.

— Você tem razão. — As palavras de Dorian foram pontuadas por respiração rápida. — Mas Jasper não está em condições de ir a lugar nenhum — ele acrescentou, cheio de uma indignação protetora. Caius afundou os dentes no lábio inferior para conter um sorriso. Depois de tantos anos adorando seu príncipe, era bom ver a afeição de Dorian concentrada em outra pessoa. Ele merecia encontrar o amor e ser correspondido.

— E é por isso que eu vou entrar em contato com o feiticeiro que ele escolher. — Caius se afastou do peitoril, esticando os braços acima da cabeça. Estava ficando tarde, mesmo que a festa do outro lado da rua não desse sinais de estar terminando. Ele deu uma última olhada nas estrelas, escondidas pelas perniciosas nuvens que pairavam sobre a cidade. Como príncipe, ele não havia feito muita coisa para merecer um lugar no paraíso, mas acreditou em todas as palavras de seu juramento. Ele serviria a seu povo e o protegeria, mesmo que tivesse que fazer tudo isso de longe, sem um título e com poucos — mas preciosos — aliados. Mesmo depois de todos terem oferecido seu apoio a outra pessoa.

Ele seguiu na direção da porta, com Dorian logo atrás.

— Pelo que entendi, você pretende ir sozinho — afirmou Dorian.

Caius abriu a porta, fazendo uma careta ao ouvir o som alto das dobradiças. Elas precisavam de um óleo. A escadaria estava escura, iluminada por uma única lâmpada tremeluzente pendurada sem cuidado em uma corrente enferrujada.

— Eu preciso de você aqui, Dorian. Para proteger os outros. — Ele olhou para trás e piscou para Dorian. — Além disso, duvido que conseguiria te afastar de Jasper, mesmo se quisesse.

Dorian tropeçou no primeiro degrau. Agarrou-se no corrimão e retomou o equilíbrio. Caius riu, depois colocou a mão sobre a boca quando Dorian olhou feio para ele.

— Desculpe — Caius falou, abafando as palavras com a palma da mão. —

Mas é verdade. Vocês estão bem apaixonados.

Era difícil dizer na escadaria escura, mas Caius estava disposto a apostar que o rosto de Dorian estava levemente corado. Bufando de indignação, Dorian desceu as escadas, passando por Caius. Ah, sim, ele certamente estava corado, e a vermelhidão subia até seus cabelos prateados.

— Não sei do que você está falando — disse Dorian. Ele continuou de costas para Caius ao descer, fez a curva e prosseguiu para o lance de escadas seguinte.

— É claro que não — Caius retrucou, segurando no corrimão e se balançando na frente de Dorian. Ele dobrou os joelhos ao saltar, silencioso como um gato. — Tenho certeza de que aqueles olhares furtivos não são nada de mais.

Ele passou pela porta antes que Dorian pudesse responder. Caius se sentiu mais leve pela primeira vez em semanas. Eles tinham um plano para ajudar Jasper... ou pelo menos o início de um plano. Um plano que começava a tomar forma. E provavelmente era um péssimo plano, mas era melhor do que nada, e às vezes isso era tudo que alguém poderia desejar.

CINCO



ECHO ACORDOU COM O CHEIRO FORTE e intenso de café fresco e quentinho. Seus olhos se abriram na mesma hora. A cafeteira do depósito havia quebrado há duas semanas, pingando sua última mísera gota de café queimado enquanto ela e Jasper a fitavam com tristeza. Echo se levantou, chutando os lençóis e passando a mão pelos cabelos emaranhados. No canto da sala, onde eles haviam organizado caixas de aveia, copos de macarrão instantâneo, um micro-ondas, uma mesinha e uma chaleira elétrica, compondo uma cozinha improvisada, estava a Ala, com um saquinho de papel engordurado em uma mão e uma bandeja de papelão com quatro copos grandes de café na outra. Sua expressão era a de uma mãe indignada entrando no quarto bagunçado do filho.

— É sério, quando foi a última vez que vocês comeram alguma coisa que não fosse preparada em um micro-ondas?

— Ala! — Echo deu um salto, embaraçando as pernas nos lençóis. A Ala estava aqui. A Ala havia trazido comida. A Ala era uma deusa.

O grito de Echo acordou os outros. No colchão ao lado, Ivy resmungou, cobrindo a cabeça com o lençol, enquanto Caius esfregava o rosto, escondendo um bocejo. Seus cabelos escuros estavam despenteados, mas era um despenteado engenhoso, do tipo que pedia para ser penteado por dedos exploradores. Ele trocou olhares com Echo e sorriu com ironia ao baixar os olhos. Foi só então que Echo se lembrou de que não estava usando calça. Por sorte, a camiseta cinza que ela havia surrupiado da pilha de roupas de Jasper cobria até as coxas. Ela voltou a olhar para Caius e deu de ombros. Café e comida quente eram muito mais importantes do que se vestir com discrição. Ela chutou as cobertas e foi até a Ala, que colocava o saquinho de papel e a bandeja de café sobre a mesa.

Echo abraçou a Ala e afundou o rosto no ombro dela, sentindo o cheiro familiar de mel e livros antigos que perfumavam as penas de corvo da Avicen. A Ala também a abraçou com força e, olhando para trás, Echo viu Dorian do

outro lado do cômodo, de espada em punho e cenho franzido. Echo tentou não rir. Dorian havia ficado a postos durante a noite, montando guarda para garantir que nenhum intruso passasse pelos bloqueios. Parecia totalmente frustrado ao perceber que a Ala conseguira entrar, ainda mais com café da manhã nas mãos, como se os bloqueios não fossem nada. Mas as regras comuns do entremeio não se aplicavam à Ala; ela era capaz de navegar por lá com mais facilidade que qualquer outro ser vivo, incluindo Caius.

Echo se afastou, encarando os olhos cor de ônix da Ala.

— Eu estava com saudade.

A Ala sorriu e acariciou as mechas rebeldes dos cabelos de Echo.

— Eu também senti saudade, minha pequena gralha. — Ela apontou para a comida sobre a mesa. — Trouxe os seus favoritos: bacon, ovo e queijo no *bagel*, e *donuts* de geleia. Achei que vocês gostariam de algo um pouco mais *substancioso* depois de semanas comendo apenas... — Ela pegou um pacote de biscoitos e apertou os olhos para ler os ingredientes do rótulo — ... xarope de milho rico em frutose.

Echo abriu o saquinho de papel e respirou fundo. *Dos deuses*. Ela pegou um *donut* e deu uma mordida, fazendo os grãos de açúcar de confeitiro caírem como se fossem floquinhos de neve, saboreando a geleia quando explodia em sua boca. Era um êxtase. Com a boca cheia de doce, ela disse:

— Eu te amo.

— Eu também te amo, pequena gralha — a Ala respondeu. Ela se virou e olhou para a espada de Dorian, erguendo apenas uma das sobrancelhas, achando graça. — Está pensando em usar essa coisa, garoto?

Envergonhado, Dorian abaixou a lâmina.

— Não.

— Então sugiro que guarde isso.

Ele obedeceu.

Caius foi até Echo, agarrando o saco de *donuts*. Ela ficou mais constrangida por não estar vestida com a aproximação dele, além de ter açúcar no rosto. Ele tocou rapidamente as costas dela ao passar o braço por trás para pegar um café, e o calor da pele de Echo irradiou através do algodão fino da camiseta. Ele levou o copo à boca e sorriu para ela por sobre a tampa.

— Bom dia — disse Caius, com a voz rouca de quem acaba de acordar, um pouco mais grave do que o normal. Tomou um gole, e seu pomo de Adão se movimentou enquanto engolia. O ângulo de sua cabeça enfatizava o contorno

elegante de sua garganta.

Echo limpou os lábios cobertos de açúcar com o dorso da mão.

— Bom dia.

Ele sabia o que estava fazendo. Tinha que saber. Ninguém chegava aos cento e cinquenta anos sem aprender a tomar café de forma pornográfica.

Atrás dela, a Ala pigarreou. Echo deu um pulo e Caius piscou para ela. Agora ele só estava sendo injusto. Ela pegou um guardanapo bem no fundo do saco de papel e enrolou outro *donut* para levar para Ivy.

A Ala foi até as janelas, do outro lado da sala, perto da cama de Ivy.

— Venha, Echo, temos que conversar.

Echo a acompanhou com os *donuts* na mão e se sentou no colchão. Um resmungo surgiu da pilha de cobertas com o formato de Ivy. Echo cutucou o monte de cobertores até Ivy aparecer, com os traços delicados numa expressão franzida, penas brancas espetadas em todas as direções. Balançando o *donut* debaixo do nariz de Ivy, Echo disse:

— Trouxe um presente.

Ivy tirou uma das mãos de baixo das cobertas, pegou o *donut* e voltou a se esconder.

Echo olhou para a Ala, que parecia se divertir ao observar a interação das duas.

— E então, qual é o assunto? — perguntou Echo. Ela deu outra mordida no *donut*. Escorreu geleia pelas bordas. — Como estão as coisas no Ninho? Todos estão bem?

Com “todos”, ela queria dizer Rowan. O relacionamento dos dois podia ter acabado em uma tempestade de decisões ruins e infinita má sorte, mas ela não conseguia *não* se importar com ele. Importar-se com Rowan era inerente a seu ser, intrínseco ao seu DNA.

— Estão todos bem. — A Ala respondeu com muita propriedade. — Inclusive o Rowan.

Echo suspirou aliviada. Havia uma chance, que ela relutava em reconhecer, que ele a odiasse pelas coisas que havia feito: ter se aliado aos Drakharin ou, no mínimo, dar a entender tal aliança; ter fugido sem dar muitas explicações, deixando-o com a bagunça que ela havia ajudado a criar. *Ter matado sua parceira*. Porém, mesmo se ele a odiasse, ela ainda se importaria com ele. Sempre se importaria, independente das catástrofes que ela gerasse.

A Ala se encostou na janela, com as mãos ao lado do corpo. Alguns poucos

raios de sol matizavam os painéis mal pintados, iluminando-a por trás com um brilho suave.

— Mas não é por isso que estou aqui. — Ela olhou para o canto da sala, onde a TV estava desligada e silenciosa. — Suponho que esteja a par dos acontecimentos recentes.

Echo parou de mastigar e o *donut* desceu por sua garganta como um grosso bolo de argila.

— Se está se referindo a essa bizarrice com o vulcão inativo que voltou à vida, vilarejos inteiros engolidos por conta da destruição, e pesadelos recorrentes que parecem apontar um dedo diretamente para mim, então, sim. É meio difícil de ignorar.

— Esses acontecimentos não são meras anomalias — disse a Ala. — Posso sentir.

Debaixo da pilha de cobertas, Ivy perguntou:

— Como uma interferência na Força?

A Ala confirmou com veemência.

— De certo modo, sim.

Pelo canto do olho, Echo viu Caius se mexer e colocar o copo de café sobre a mesa, depois pegá-lo e, em seguida, repetir o movimento. Ela se virou o suficiente para ver o rosto dele; ele a encarava com uma expressão estranha no rosto, que ela não conseguia decifrar.

Uma presença estranha surgiu discretamente como um fantasma no fundo da mente de Echo. Ela fechou bem os olhos, deixando-a se acomodar. Se fosse Rose, ela saberia. De vez em quando, ela sentia a pressão de outras almas — veículos mortos havia muito tempo — contra as paredes de seu crânio, mas nunca de maneira tão tangível quanto Rose. Às vezes, sentia emoções que sabia que não eram dela: medo, arrependimento, desespero. Quando a presença se acalmou, Echo perguntou à Ala:

— Certo, mas o que tudo isso tem a ver comigo?

A Ala se afastou da janela, passando as mãos sobre a saia longa e fina. O linho branco contrastava perfeitamente com o preto puro de sua pele e penas.

— Acho que esses acontecimentos bizarros têm absolutamente tudo a ver com você. — Ao ver a expressão mortificada de Echo, ela acrescentou: — Tudo a ver com o pássaro de fogo, eu quis dizer. Você deve conhecer a terceira lei de Newton.

Echo havia tido um caso de amor curto e turbulento com a física no início da

adolescência.

— Para cada ação há sempre uma reação oposta e de igual intensidade — ela recitou. As palavras não eram novidade; ela havia lido em um livro de física surrado que pegou na pilha de descarte da biblioteca. Volumes desatualizados eram os candidatos principais para ficar permanentemente na coleção particular de Echo, mas agora adquiriam uma nova importância.

— Quando despertou o pássaro de fogo — prosseguiu a Ala —, você criou um desequilíbrio. O universo detesta desequilíbrios. Você, minha cara, é uma criatura de luz. E, onde há luz, também deve haver treva. Não acredito que sua luz tenha vindo sozinha a este mundo.

Uma criatura de luz. Era uma visão adorável, Echo pensou. Fazia com que ela parecesse pura quando se sentia o extremo oposto disso. Ela se sentia oprimida, com a própria mente poluída com coisas que não lhe pertenciam.

— Então os sonhos eram verdadeiros? O vulcão, aquele vilarejo. Fui mesmo eu.

— Não — a Ala disse cheia de certeza. — Às vezes, quando se abre uma porta, nem sempre é possível controlar o que vai passar por ela.

A Ala aproximou-se de Echo, agachando-se perto do colchão. Ivy se encolheu como uma bola, apoiando o queixo na coxa de Echo. Era uma pressão reconfortante, uma lembrança de que não estava sozinha, mesmo que o fato de ser o pássaro de fogo a fizesse se sentir tão isolada.

— Tudo isso, é claro, é só especulação. Existem certos... métodos de acessar informação que podem iluminar nossa situação, mas não são nem um pouco agradáveis.

Echo limpou a boca, deixando o apetite de lado.

— Seja o que for, estou dentro.

— Não vai ser fácil. — A Ala colocou uma mecha de cabelo despenteado atrás da orelha de Echo. — Eu vou ter que analisar o conteúdo de sua mente, para ver se consigo aprender os segredos do pássaro de fogo. Mas não posso escolher o que vamos desenterrar. O processo é imprevisível na melhor das hipóteses e traumático na pior. Você pode ver coisas que vão te assustar.

Um lampejo repentino do medo de outra pessoa tomou conta de Echo. Ela fechou os olhos, tentando bloquear a lembrança, mas aquilo só piorou. Atrás das pálpebras, ela só conseguia ver o brilho ofuscante das chamas. O cheiro de penas queimadas, o som de madeira crepitando e a sensação de sua própria pele se enchendo de bolhas em um calor tão intenso que Echo pensou que, se

abrisse os olhos naquele momento, estaria no mesmo inferno que havia tirado a vida de Rose.

— Echo? — A voz de Ivy era suave e um pouco insegura, mas lhe serviu de âncora. Echo abriu os olhos, apegando-se ao som da voz da amiga como se fosse uma corrente.

Ela teve que pigarrear duas vezes antes de conseguir falar.

— Eu estou bem — disse com a voz apenas um pouco instável. Todos estavam olhando para ela como se esperassem que fosse desmoronar. Caius ficou rondando por perto, deixando o café esquecido sobre a mesa. Ele parou no meio do caminho até Echo. Ela ficou imaginando se ele sentia que não poderia se intrometer, não com Ivy de um lado dela e a Ala do outro. Ela queria lhe dizer que tudo bem, que ela o queria por perto, mas não conseguiu encontrar as palavras. Mesmo se conseguisse, não tinha muita certeza se gostaria de compartilhá-las com um público tão atento.

Ela soltou um suspiro trêmulo. E mais um. E depois outro, cada um deles um pouco mais firme que o anterior. Depois de um tempo, o odor imaginário e nojento de fumaça cáustica se dissipou, e Echo se sentiu ela mesma outra vez.

A Ala ainda estava agachada em sua frente, com os olhos escuros cheios de preocupação.

Echo sorriu para tranquilizar a todos, à exceção dela mesma. *Faça cara de felicidade*, disse para si mesma. *Seja forte. Por eles.*

— Antes de atravessarmos o espelho, porém... — falou, esticando o braço para confiscar o restante do *donut* de Ivy. Ela fez questão de ignorar a careta indiferente da amiga. Roubar comida era normal. Era o que ela fazia. Não Rose. Não o pássaro de fogo. Apenas ela. Echo mordiscou a borda do doce, concentrando-se em como o açúcar de confeitiro derretia sobre sua língua. — preciso vestir uma calça.

SEIS



ECHO FECHOU OS OLHOS, concentrando-se na sensação do colchão cheio de calombos sob seu corpo e no calor do sol em seu rosto quando a luz do fim da manhã passava pelas janelas. Ela estava deitada no canto da sala, o mais longe possível da porta, escondida por lençóis que, presos ao teto com corda, faziam o papel de cortinas. Ela ouviu o farfalhar da saia da Ala arrastando no chão de madeira enquanto se sentava em uma posição confortável. Ela havia alertado Echo de que o processo de se aprofundar o bastante em seu subconsciente para acessar as memórias reprimidas do pássaro de fogo seria difícil e demorado.

Com os olhos fechados, os outros sentidos de Echo estavam mais apurados. A cortina de lençóis podia dar a ilusão de isolamento, mas ela ainda podia ouvir os sons dos outros perambulando discretamente pela sala. Eles tentavam passar despercebidos, mas não estavam tendo muito sucesso. Sussurravam, e, embora Echo não conseguisse entender as palavras, tinha dificuldade para se concentrar em sua própria mente em meio àqueles sons. Mesmo assim, ela não quis pedir para ficarem em silêncio completo. Uma pequena parte dela gostava de poder ouvi-los. A familiaridade era reconfortante, como uma muleta. A voz de Ivy juntou-se à conversa sussurrada em um tom questionador. Echo respirou fundo, soltou o ar devagar. *Foco*, disse a si mesma. *Atenção no objetivo*.

— Você está pronta? — perguntou a Ala.

— Não muito — Echo respondeu. Seu nariz estava coçando e, de uma hora para a outra, ela passou a notar todas as molas desconfortáveis que se afundavam em suas costas. Quando ela foi coçar o nariz, a Ala ficou impaciente.

— Você tem que ficar imóvel para isso dar certo, Echo.

— Eu sei, eu sei. — Echo abriu os olhos e viu a Ala olhando para ela com uma expressão ao mesmo tempo suave e severa. — É só que... — Echo cruzou as mãos sobre a barriga e entrelaçou os dedos. Eles tinham emagrecido muito. O estresse havia acabado com seu apetite nas últimas semanas. Ela voltou a

olhar para a Ala, sem disfarçar o medo em seus olhos. — Estou com medo.

O rosto da Ala suavizou, e ela alisou os cabelos de Echo, afastando-os da testa.

— Não há nada de errado em ter medo. Eu ficaria surpresa se você não tivesse. Está prestes a mergulhar em séculos de memórias, muitas delas desagradáveis. A tragédia parece perseguir os veículos do pássaro de fogo como uma nuvem escura, deixando feridas que nunca se fecharam de verdade. O que estamos prestes a fazer é equivalente a arrancar os pontos e obrigá-las a sangrar mais uma vez.

— Sem querer ofender, mas este não foi seu melhor discurso motivacional.

A Ala achou graça.

— Não faz sentido mentir para você com promessas vazias de que vai ficar tudo bem. Você é esperta demais para isso.

As palavras não eram reconfortantes, mas pelo menos eram sinceras. Echo concordou. Seus cabelos roçavam no travesseiro debaixo de sua cabeça, escapando da trança que ela havia feito às pressas. Com mais determinação do que realmente sentia, disse à Ala:

— Certo. Podemos começar logo o espetáculo?

— Lembre-se, estou aqui com você — afirmou a Ala. — Caso se perca, basta chamar meu nome e eu te encontrarei. — Ela colocou a mão gelada na testa de Echo. Sua mão foi descendo, cobrindo os olhos de Echo centímetro por centímetro, até ela não enxergar nada além de escuridão. Ela fechou os olhos e, quando sentiu a pressão da mão da Ala diminuir, ficou surpresa por não conseguir sentir a luz do sol atrás das pálpebras. Depois, abriu os olhos por completo e ficou pasma: o teto não estava mais lá.

Sobre ela, o céu era uma coberta de veludo preta, com uma enorme quantidade de estrelas espalhadas. A lua pairava sobre ela, cheia e pesada, como uma fruta madura e brilhante. No lugar das monótonas paredes cinzas do depósito, ela estava cercada por enormes pedras lisas, organizadas em um círculo perfeito. Ao longe, viu um anel de árvores e, atrás delas, uma floresta cerrada. Seus cabelos ficaram presos nos galhos secos com folhas quebradiças. Ela conseguiu se levantar, mas parecia haver alguma coisa errada com seu corpo, como se sua pele estivesse esticada demais sobre os olhos. Tropeçou: seu centro de gravidade estava diferente. Olhou para baixo. Não era de estranhar a sensação de estar com outro corpo, um que não lhe pertencia.

Estava escuro, então não dava para dizer ao certo a cor das roupas que ela

usava, mas o vento gelado da noite bateu em seus braços desnudos. Ela passou as mãos nos braços e, quando sentiu a textura um tanto saliente de sua pele, ficou paralisada.

Não pode ser. Não é possível.

Erguendo as mãos, ela movimentou os dedos, sentindo músculos desconhecidos dobrando e esticando. A luz da lua dançava nas escamas de seus braços e a claridade as fazia reluzir.

Ela era uma Drakharin. Bem, estava no corpo de uma Drakharin, mas, depois de lidar com Rose, estava começando a apreciar como era indistinta a linha entre o eu e o corpo. Ela levou as mãos ao rosto, sentindo mais escamas. A pele dessa região era lisa, no entanto, e suas maçãs do rosto eram proeminentes, muito diferente de seu verdadeiro rosto, que ainda guardava a suavidade da juventude. Ela passou os dedos da curva da face até a orelha, da ponta do maxilar até a boca. Tocou o nariz; era longo e aquilino. Quando sentiu o espaço entre as sobrancelhas, sorriu. Havia algumas escamas espalhadas como sardas pela pele.

Quando falou, sua voz era estranha:

— Onde estou?

A noite respondeu apenas com um silêncio definitivo.

Ela olhou para as estrelas, tentando distinguir as constelações. Seu breve caso de amor com a astronomia a havia deixado com um conhecimento rudimentar do céu noturno, atualizado pelo tempo que havia passado na cobertura do depósito com Caius, vendo as estrelas que brilhavam teimosamente através da poluição e da neblina de Londres. Se conseguisse encontrar a Estrela Polar, talvez pudesse se localizar. Explorando o céu em busca da forma familiar da Ursa Menor, Echo franziu a testa.

O céu não estava normal.

Ou talvez estivesse, mas não era o céu que ela conhecia. Nenhuma constelação estava onde deveria estar.

Então ela se deu conta. O alinhamento das estrelas, quando visto da Terra, mudava com a precessão dos equinócios. Se ela tivesse sido levada até uma lembrança ocorrida há milhares de anos atrás, o polo celeste estaria diferente. Ela inclinou o pescoço, mesmo o sentindo enrijecer, tentando encontrar algo que reconhecesse no lugar onde estaria a Estrela do Norte.

Aos poucos, as estrelas começaram a ganhar formas em sua mente. Ela levantou a mão, traçando padrões no céu.

Ali.

A Constelação do Dragão. Draco. Bem apropriado. Caius havia contado que aquela era considerada a rainha do céu, de acordo com a mitologia Drakharin. E que, quatro mil anos antes, uma de suas estrelas menos brilhantes era a Estrela do Norte.

Quatro mil anos.

Ela voltou a olhar para as mãos, para o corpo estranho que agora habitava. Um arrepio correu por sua espinha, arrepiando os pelos fininhos de sua nuca.

Um som vindo do bosque, como galhos estalando sob pés, fez com que ela saltasse assustada. Das sombras, entre as árvores, surgiu um grupo de figuras encapuzadas, entoando palavras em uma língua desconhecida.

O desconforto em suas entranhas transformou-se em um pânico, impetuoso e agudo.

— Quem são vocês? — ela perguntou, embora soubesse que de nada adiantaria. Se não podia compreendê-los, eles provavelmente também não a compreendiam. Mas, para sua surpresa, as palavras que saíram de sua boca não estavam em seu idioma. Seus lábios e língua se movimentavam de uma forma completamente diferente. Parecia o drakhar que Caius e Dorian falavam às vezes, mas as palavras tinham uma cadência diferente. Quatro mil anos. Devia ser uma espécie de protodrakhar.

As figuras se aproximaram, cercando-a.

— O que vocês querem? — Parecia que seu cérebro estava com um atraso. Ela pensava nas palavras em um idioma e falava em outro uma fração de segundo depois.

Uma das figuras encapuzadas respondeu, e a mente de Echo correu para traduzir sua fala.

— Você sabe o que nós queremos, Samira.

Das dobras da túnica da figura, surgiu uma mão segurando uma faca comprida com a lâmina curvada e perversa.

— Há poder em você — disse ele, sem interromper o movimento enquanto se aproximava. — Um poder grandioso e terrível. Você é, ao mesmo tempo, a chave e a maldição.

Ela se virou para correr, mas não havia para onde ir. Em toda sua volta, figuras encapuzadas chegavam cada vez mais perto, seus longos mantos arrastando na grama em um sussurro audível.

— Não — ela implorou. — Por favor.

O homem que segurava a faca estava tão próximo que era possível ver o brilho de seus olhos sob o capuz. A luz refletiu as escamas no dorso de suas mãos e espalhadas sobre os ossos dos dedos. O círculo foi se fechando em volta de Echo. Ela recuou mais um pouco, colidindo com quem estava atrás. Seus dois braços foram agarrados. Ela lutou, mas, por mais que puxasse, com os pés descalços escorregando no chão, não conseguiu se libertar.

— Por que estão fazendo isso?

— A luz a escolheu — disse o homem com a faca. Olhando para trás, ela viu as sombras entre as árvores se contorcerem como se estivessem vivas. Como se estivessem escutando, ávidas por testemunhar o quadro sinistro que se desenrolava dentro do círculo de pedras. — Mas o mesmo fez a treva. Não podemos deixar o kuçedra escapar.

Ele levantou a faca, segurando-a na altura da garganta dela, refletindo a luz da lua na lâmina de aço.

O medo, tanto de Echo quanto de Samira, fez com que o coração dela disparasse. Parecia que ia pular para fora do peito.

— Do que você está falando? — perguntou Echo. — O que é kuçedra?

— Não existe luz sem trevas — disse o homem de túnica. Sua voz parecia distante, como se não estivesse falando *com* ela, e sim *sobre* ela. As figuras do círculo repetiam as palavras que ele dizia, como uma espécie de oração. — Não existe vida sem morte. Não existe ganho sem perda. Não existe um redentor sem um destruidor. — Ele apontou o capuz na direção dela, como se a analisasse de suas profundezas obscuras. — Um não pode existir no mundo sem o outro. O kuçedra — ele acrescentou, deixando transparecer certo tom de piedade — é sua outra metade. Sua imagem espelhada. E não podemos deixá-lo livre. Você é um perigo por ser quem é. Por ser *o que é*.

Antes que ela tivesse tempo de reagir, o homem passou a faca em seu pescoço. Uma onda quente de sangue escorreu. Seus joelhos se dobraram e ela afundou no chão. Eles a deitaram com cuidado, com reverência. A vida se esvaiu dela com o sangue, quente e pegajoso. Olhando para as estrelas, ela tentou falar, mas só conseguiu gorgolejar. Levou alguns segundos para registrar a dor, que seguiu o rastro da faca, afiada e quente.

A luz a escolheu. Eles achavam — não, eles *sabiam* — que ela era o pássaro de fogo. Mas não era o pássaro de fogo que os assustava.

A figura encapuzada inclinou-se sobre ela, levando a faca até seu sangue escarlate e pegajoso. Ele passou a faca pelo círculo, e cada membro do grupo

a segurou como se o sangue dela fosse algo precioso, algo sagrado. O homem que a matou se ajoelhou ao lado dela, aninhando seu rosto com dedos frios.

— Seu sacrifício será lembrado — disse ele com os lábios manchados por seu sangue vermelho.

Echo sentiu seus batimentos cardíacos desacelerando, cada batida agonizante bombeando menos sangue que a anterior. Ela já deveria ter morrido a essa altura, mas algo em seu interior batalhava pelos pedaços de consciência que pudesse reunir antes que lhe fossem roubados. Ela piscou olhando para o céu, observando as estrelas que pairavam no ar, organizadas em constelações de luz que contavam histórias a qualquer um que quisesse ligar os pontos. Por um breve e desconexo instante, Echo ficou feliz por Samira ter visto, pela última vez, algo belo antes de sua vida se apagar.

Súton, Echo se lembrou de repente. *Croata. A aproximação impiedosa do fim.*

Então o coração de Samira bateu pela última vez e, juntas, elas morreram.

SETE



COM UM SUSPIRO OFEGANTE, Echo abriu os olhos, levando os dedos à garganta. A lembrança do sangue — do sangue de Samira — escorrendo do ferimento era tão real que ela quase podia sentir o forte gosto metálico na língua. Ela pressionou o pescoço com a mão, recordando-se da sensação da pele rasgando sob a lâmina. A lembrança da dor permanecia, mesmo sem o ferimento.

A Ala aproximou a mão do ombro de Echo, como se estivesse com medo de tocá-la.

— Echo? Está me ouvindo?

Com o peito pesado, Echo respirou fundo várias vezes, saboreando o ar parado e tão diferente do frescor da grama e do bosque que levava na memória.

— Eu morri — ela disse, com a voz falhando. — Minha garganta acabou de ser cortada. Bem, quero dizer... não foi a *minha* garganta, mas...

Os dedos de Echo continuavam no pescoço, sentindo a agitação acelerada de seu pulso, lembrando a si mesma que estava viva e sem nenhuma ferida. Mas pareceu tão real. Ela olhou rapidamente para a Ala.

— Você tinha razão. Nós ferramos tudo. *Eu* ferrei tudo.

A Ala se aproximou, ao mesmo tempo preocupada e curiosa.

— O que você viu?

Antes que Echo pudesse responder, Caius apareceu atrás da cortina.

— Está tudo bem? — perguntou, como se já soubesse que não estava.

— Não — Echo respondeu. — Sim. Quero dizer... Não sei.

Ele acenou com a cabeça.

— Posso fazer alguma coisa para ajudar?

Echo negou depressa.

— Não. Eu só... — Ela voltou a olhar para a Ala. — Eu vi uma garota. — Ela olhou para as mãos, para a pele lisa e um pouco bronzeada, sem escamas. — Eu *era* uma garota. Ela era Drakharin. Seu nome era Samira. E ela estava

com medo.

Caius se sentou próximo a ela no colchão, mas sem encostar. Ela queria se jogar para cima dele, sentir seu abraço e se esquecer da morte que havia acabado de testemunhar. Da morte que vivenciara. A expressão dele suavizou, e ele lhe estendeu a mão. Ela aceitou, concentrando-se na sensação da pele dele junto à sua. Aquilo era real. Não uma lembrança. Ele apertou de leve a mão dela e perguntou:

— O que aconteceu?

— Eles me mataram. Ela. Eles mataram *ela*. — Mais uma vez, o cheiro de sangue tomou conta das narinas de Echo, pungente e metálico. Ela fechou os olhos, mas só piorou tudo. Voltou a abri-los, observando o que havia a sua volta, situando-se. Ela estava com a Ala e Caius, em um depósito abandonado na zona leste de Londres, sentada sobre um colchão muito desconfortável. Estava aqui. Não lá.

— Eles quem? — perguntou a Ala.

— Não sei — respondeu Echo. — Um grupo de Drakharin vestindo túnicas com capuz. Acordei em um círculo de pedras e eles chegaram e me mataram. Disseram que a luz havia me escolhido, mas as trevas haviam feito o mesmo. — Ela tocou o pescoço com a mão que estava livre. — E mencionaram uma coisa. Hum, um kushed... kuskera... não lembro muito bem, fiquei meio distraída com a minha morte horrível e violenta.

Caius e a Ala ficaram imóveis como pedra.

— Kuçedra? — questionou Caius.

Echo confirmou.

— Sim. Por quê? O que é isso?

Ele sacudiu a cabeça e esfregou a têmpora.

— Você consegue pensar em mais alguma coisa que possa ser relevante? O pássaro de fogo não optou por compartilhar esta lembrança com você por acaso. Antes de tirarmos qualquer conclusão, quero ter certeza que sabemos de todos os detalhes.

— Havia uma floresta — contou Echo. — Árvores. Pedras. Grama. — Ela coçou a cabeça, passando os dedos em mechas de cabelo, como se esperasse encontrar galhos quebrados no meio deles. Então se lembrou. — Ah. Eu acho que a lembrança é de uns quatro mil anos atrás.

— Como você poderia saber isso? — Caius perguntou com um tom um pouco insultante.

— As estrelas. Você lembra que me contou que a Estrela do Norte mudou no decorrer do tempo? — Ele confirmou. — Então, quando eu estava olhando para o céu pelos olhos de Samira, não era a Estrela Polar. Era Thuban, em Draco.

— Não achei que você tivesse prestado tanta atenção.

A Ala pigarreou, mais alto do que seria necessário. Echo virou a cabeça para encará-la, sentindo as bochechas quentes.

— A menção ao kuçedra me preocupa, ainda mais quando relacionado ao pássaro de fogo — afirmou a Ala. Ela se inclinou para se sentar sobre os calcanhares e passou a mão sobre as penas pretas de seu braço.

— Caius, o que é isso? — Echo perguntou de novo. Concentrar-se nos fatos ajudava a esquecer a sensação do aço cortando sua pele. Ela alternou o olhar entre eles. — Vocês dois parecem meio tensos, e, já que sabemos que pelo menos um dos veículos anteriores do pássaro de fogo morreu por causa disso, acho que gostaria de saber o que essa palavra significa.

Caius levou a mão ao joelho de Echo. E a deixou ali quando ela não fez nenhum movimento para impedi-lo.

— Depois que Rose morreu, minha busca pelo pássaro de fogo passou de curiosidade a obsessão. Eu queria demais acabar com a guerra que tirou a vida dela. Minha caçada era como um castigo. Encontrei muitas informações, a maioria folclore e superstições inúteis, mas houve algumas fontes primárias, em grande parte extremamente antigas, que mencionavam uma força obscura, cuja função é opor-se à luz. É como a Ala disse: para toda ação neste mundo há uma reação. Assim como o pássaro de fogo surgiu, o mesmo aconteceu com o kuçedra. E, se aconteceu no mesmo momento, isso deve explicar a inconcebível erupção vulcânica que aconteceu do lado oposto do mundo ao que você estava. — Caius suspirou. — Você tinha razão. Não foi coincidência. Agora, quanto ao que temos que fazer a respeito... não faço ideia. — Ele levantou as mãos em um gesto de frustração.

Echo olhou para a Ala.

— Alguma ideia?

— Eu gostaria de consultar meus livros — a Ala respondeu. Ela se levantou, desamassando a saia. — Telefono se encontrar alguma informação pertinente.

— E nós faremos o que pudermos por aqui — propôs Caius. — Embora não tenha certeza do quanto poderemos ajudar.

A Ala aceitou a oferta de Caius com graça, mas ela também parecia não ter certeza do que eles poderiam fazer de fato naquele esconderijo. Depois de vários abraços e promessas de mais alimentos, a Avicen partiu. Seu poder eletrificou o ar quando ela evocou o entremeio, e Echo ficou olhando para o local onde ela estava, os ramos desvanecidos do entremeio eram o único sinal de que ela estivera ali.

Echo voltou a deitar no colchão, jogando um braço sobre a testa. Uma enxaqueca tomava forma entre suas sobrancelhas. A combinação de lembranças de vidas passadas e da visão do extermínio de uma força obscura que ela, pelo menos em parte, havia sido responsável por libertar era quase demais para ela.

— E agora? — ela perguntou.

— Bem, para começar, precisamos dar um jeito de Jasper se recuperar de vez. — Caius deu um sorriso forçado. — Não podemos perder os serviços do nosso melhor ladrão.

Uma mecha de cabelo solta caiu sobre o rosto de Echo. Ela soprou para cima com força.

— Estou ofendida com esse comentário.

Os lábios de Caius esboçaram um leve sorriso.

— Enquanto você estava adormecida, nós todos conversamos. Jasper disse que conhece um cara que pode estar disposto a nos ajudar. — Ouvir o ex-Príncipe Dragão dizer coisas como *conhece um cara* nunca deixaria de ser encantador. Ele estava se habituando às gírias do grupo.

Echo bufou.

— É claro que ele conhece um cara. Quem é esse cara?

— Um feiticeiro. — Caius franziu os lábios. — E um que Jasper acha que pode não ter a pretensão de nos trair. Pelo menos não de imediato.

— Então, nós simplesmente... ligamos para ele? — Echo esperava que a resposta fosse sim. As aventuras de Caius com a tecnologia eram um de seus passatempos preferidos. Foram três dias de olhares desconfiados até que ela o convencesse a usar o micro-ondas. E todos concordaram em não mencionar a vez em que ele colocou papel alumínio lá dentro. Telefones eram uma nova forma de feitiçaria que ele ainda estava começando a dominar.

— Parece que esse feiticeiro só responde a pedidos feitos pessoalmente. E Jasper me avisou que ele pode ser bastante desagradável.

— Um feiticeiro? Desagradável? Você só pode estar brincando. — Echo se

sentou, passando a mão nos cabelos. Ainda estavam bagunçados por conta da noite anterior, com mechas se soltando enquanto a parte de trás parecia um ninho de passarinhos. Em circunstâncias normais, ela ficaria envergonhada, mas compartilhar o ambiente com outras quatro pessoas havia corroído a integridade de seus limites pessoais a um ponto em que quase não existiam mais. — Os coleguinhas criminosos de Jasper são mesmo complicados.

— À exceção da companhia atual, eu suponho? — Caius provocou.

Ela bateu com o joelho no joelho dele.

— Óbvio. Então, quando nós vamos?

— *Nós* não vamos a lugar nenhum. — Caius ficou em pé, estendendo a mão para ajudar Echo a se levantar. Ela não aceitou. — Eu vou sozinho. Você é valiosa demais. Jasper está ferido. Ivy precisa ficar aqui para cuidar dele. E Dorian vai ficar tomando conta de todos vocês, para garantir que nada misterioso aconteça e ninguém saia escondido.

Com *ninguém*, ele queria dizer Echo.

— De jeito nenhum — ela retrucou. — Ninguém vai sozinho a lugar nenhum. Foi o que você mesmo disse no primeiro dia em que nos abrigamos nessa espelunca, lembra?

— Você vai ficar aqui — disse Caius. — E não vou discutir mais esse assunto. — E lá foi ele com sua voz principesca e seus decretos reais. Echo não queria admitir, mas os argumentos dele talvez fossem, leve, potencial e irritantemente válidos. Com um sorriso furtivo e um suspiro, ele acrescentou: — E, como você gosta tanto de me lembrar, algumas regras simplesmente foram feitas para serem desobedecidas.

OITO



AS RUAS DE SEUL SUFOCAVAM CAIUS DE TODOS OS LADOS, o suave ar de julho o sufocava. Luzes de néon e passagens metálicas estavam em vários lugares, lançando-se no céu noturno com suas placas brilhantes. Sua respiração era ofegante, rápida e irregular. Ele suava e estava preocupado que suas escamas acabassem aparecendo sob o corretivo que Echo havia espalhado em seu rosto. Ele cerrou as mãos em punhos, enfiando as unhas curtas na carne da palma, e fechou os olhos, bloqueando seus sentidos. Era mais fácil se acostumar se não tivesse que olhar para tudo de uma vez. Echo não parou de protestar contra sua partida até o momento em que ele invocou uma abertura ao entremeio em uma das largas passagens arqueadas do depósito, que ficava em uma sala grande no térreo, que antes devia ser utilizada para empacotar e expedir mercadoria, ele imaginava. Ela não queria que ele fosse sozinho. No momento, ele estava quase se arrependendo de não ter dado ouvidos a ela.

Lidar com a modernidade era mais fácil com Echo ao seu lado. Assim ele tinha a opção de se concentrar nela, e não no caos visual do mundo que o cercava. Em casa, na biblioteca da Fortaleza do Dragão, ele tinha livros de todas as eras da história humana, mas não havia nada nos livros que sintetizasse a realidade de se vivenciar tudo aquilo. Ele nunca havia se considerado claustrofóbico, mas havia alguma coisa na multidão de pessoas que o cercava, preenchendo as ruas de Seul à noite com energia e ruído, dando-lhe a sensação de que seu peito estava sendo comprimido.

Ele colocou a mão no bolso para tocar as pequenas bolas de ferro que havia levado. Ferro era a única coisa capaz de neutralizar a magia de um feiticeiro. As bolas eram pequenas o bastante para passarem despercebidos. Embora não neutralisassem totalmente um feitiço, enfraqueciam seu efeito.

Alguém empurrou Caius, dizendo alguma coisa em um coreano apressado que soou vagamente irritado. Resmungando uma desculpa rápida, Caius desceu a rua, visualizando a série de placas em busca de uma que tivesse a mesma

cruz que os havia ajudado a encontrar o feiticeiro em Londres. Até o momento, Caius havia passado por mais de uma dúzia de fachadas de lojas, todas enfeitadas com luzes piscantes. Algumas vendiam quinquilharias de plástico baratas para turistas; outras tinham cartazes na frente anunciando uma infinidade de alimentos exóticos, locais ou importados. Uma mistura de cheiros passava pelas portas e janelas abertas. Uma banca que vendia bolinhos de arroz submersos em um molho que prometia ser tão picante quanto era vermelho — *dukbokki*, era como se chamava — atraiu Caius, mas ele tinha um trabalho para fazer e um feiticeiro para encontrar.

Ele quase passou direto pela placa. Se não fosse o leve brilho no ar ao redor de uma entrada genérica, não teria visto a cruz entalhada na madeira empenada da porta, de tão espantado que estava com as luzes que o cercavam.

“Nem se preocupe em bater na porta”, Jasper havia dito. “Só os manés batem.”

Manés. A evolução da linguagem era uma coisa estranha e maravilhosa.

Caius abriu a porta. Assim que cruzou a soleira, sentiu uma leve onda de energia, como se passasse por uma parede de eletricidade estática. Ele parou, a mão ainda na maçaneta enferrujada. Quando ninguém surgiu das sombras, ele se permitiu relaxar. Havia uma samambaia, pequena e moribunda, em um vaso de argila no canto, e partículas de poeira dançavam no retângulo que a porta aberta formava. Duas cadeiras de metal estavam encostadas na parede, ao lado de uma grade de latão sanfonada. Uma única lâmpada pendia de uma corrente no meio do cômodo, com um brilho fraco que mal iluminava o espaço. Caius fechou a porta ao entrar. Os sons da cidade desapareceram de imediato, dando lugar a um silêncio absoluto demais para ser natural. Um feitiço de ocultação, talvez. Longe do caos da cidade, Caius respirava com um pouco mais de facilidade, e a pressão em seu peito se dissipava a cada expiração.

Seus olhos levaram um tempo para se ajustarem à semiescuridão. Depois de alguns segundos, um ruído alto saiu do poço do elevador, atrás da grade sanfonada. Centímetro por centímetro, um elevador antigo apareceu, vindo de baixo. Estava vazio, exceto por uma única rosa seca em um vaso preso à parede. Caius abriu a grade e entrou, tremendo um pouco quando seu peso fez o elevador baixar o suficiente para assustá-lo. Ele tinha uma relação complicada com elevadores. Assim como a maioria dos dispositivos modernos o odiava, ele os odiava também. Parando para pensar, talvez não fosse uma relação tão complicada, afinal.

Ele se virou, procurando um painel com botões. Não havia nenhum.

Caius soltou um suspiro exasperado. *Malditos feiticeiros.*

Ele se virou para o pequeno vaso preso à parede dos fundos do elevador. Era de cristal, decorado com um círculo de delicadas e detalhadas figuras humanas, contorcendo-se tanto de prazer quanto angústia, membros entrelaçados, boquiabertas em meio a gritos silenciosos. As pétalas da rosa eram macias como cetim sob a ponta dos dedos de Caius. Ele acompanhou a curva do botão até o caule, passando a mão de leve sobre as folhas e espinhos da flor.

Nada nesse mundo é de graça, muito menos favores de feiticeiros.

Um dos espinhos era um pouco maior que os outros, convidando Caius a espetar o dedo nele. E foi isso o que ele fez. A dor irradiou-se por todo o seu braço, como se o espinho e o ferimento causado fossem dez vezes maiores do que de fato eram. O sangue se acumulou na superfície da pele, e ele manteve o dedo onde estava, pressionado contra a ponta afiada do espinho. O caule ficou manchado de vermelho apenas por um instante até absorver o sangue que lhe foi oferecido. Com um tranco e um barulho, o elevador começou a subir.

Depois do que pareceu uma eternidade, a subida tortuosa terminou. Caius abriu outra grade sanfonada e entrou em um corredor iluminado por uma série de pequenos lustres dourados pendurados no teto. Na outra ponta do corredor, uma cortina de veludo cor de vinho cobria a única passagem. Uma mulher a puxou de lado e apareceu. Era alta e, quando se movia, uma fenda na lateral do vestido de seda preto revelava indícios de uma faca com uma bainha decorada por joias amarrada à sua coxa. Cabelos cor de ébano caíam em cascata sobre os ombros, e os lábios eram da mesma cor do vermelho intenso do sangue recém-derramado. Ela fechou as cortinas atrás de si e deixou seu olhar percorrer o corpo de Caius, das botas aos cabelos. Os olhos dela eram desprovidos de pupilas, brancos como leite.

Ela sorriu, como um lobo mostrando os caninos.

— Está perdido, cordeirinho?

Cordeirinho, Caius pensou. *Que graça.*

— É claro que não — ele respondeu. — Estou aqui para ver o senhor desta casa.

— E quem devo anunciar? — perguntou a mulher.

Jasper o havia alertado contra dar nome falso, então ele respondeu com sinceridade.

— Caius. Temos um amigo em comum.

A mulher apenas arqueou a sobrancelha perfeitamente delineada.

— O nome dele é Jasper. Ele me disse que eu encontraria ajuda aqui.

O sorriso escarlate sumiu ao som do nome de Jasper.

— É mesmo? Bem, nesse caso, venha comigo. — Ela abriu a cortina, fazendo sinal para Caius passar. Antes que ele pudesse cruzar a porta, uma mão em seu cotovelo o paralisou.

A mulher se aproximou dele, roçando os lábios em seu ouvido, com os cabelos ocultando o rosto.

— Ele está bem? — ela perguntou. — Jasper?

Caius respondeu com um leve aceno de cabeça. O comportamento dela o deixou confuso. Havia passado de uma educada hostilidade à curiosidade preocupada um pouco rápido demais. Ele ficou se perguntando se ela conhecia bem Jasper e por que não fez sua pergunta em voz alta.

— Já chega, Taeyeon. Não é educado monopolizar a atenção de nosso convidado.

Taeyeon se afastou e seu vestido preto como fuligem se misturou às sombras. Caius não conseguiu ver o interlocutor de imediato, mas o que viu foi de tirar o fôlego. O exterior do prédio era tão comum quanto os vizinhos de ambos os lados, com um restaurante que parecia ser especializado em milhares de tipos de bolinhos no térreo, mas agora Caius se dava conta de que era apenas uma fachada enfeitada. A parede mais afastada era dominada por um enorme relógio, que também servia de janela, com engrenagens de ferro forjado e ponteiros lançando sombras estranhas sobre o piso de madeira à medida que as luzes da cidade penetravam pelo vidro. Grandes almofadas estavam espalhadas pelo espaço, entremeadas com sofás felpudos e mantas de pele dispostas com habilidade. Velas em candelabros ao longo das paredes iluminavam o cômodo. Corpos, iguais aos retratados no vaso de cristal do elevador, estavam reunidos em grupos sobre os móveis e no chão. Alguns estavam praticamente nus, embora a maioria se vestisse como Taeyeon: totalmente cobertos, mas com áreas estratégicas de pele desnuda — o suficiente para instigar a imaginação. Uma mulher com cabelos cor de ametista levava uma taça de champanhe aos lábios de um jovem sem camisa, passando a outra mão sobre a pele esfolada e inchada de uma tatuagem recém-feita — um Q estilizado — na parte de baixo da barriga, bem acima do osso do quadril. A mulher jogava a cabeça para trás e ria, mantendo o champanhe fora

do alcance do jovem. Caius podia enxergar partes da mesma tatuagem no pescoço da mulher, bem abaixo da orelha. Aqueles eram os seguidores do feiticeiro Quinn, e ele havia chegado ao extremo de marcá-los. O nível de narcisismo era tão impressionante que fez doer a cabeça de Caius.

Um sofá em forma de semicírculo dominava o lugar de honra em frente ao relógio. Um grupo de homens e mulheres sentava-se ao redor de uma figura ao centro, inclinando-se na direção dele como flores que se viram para o sol. Todos eram bonitos, mas de formas muito diferentes, como uma coleção de belezas escolhidas a dedo. Caius se perguntou se eles haviam sido selecionados da mesma forma que as pessoas compram obras de arte para decorar as paredes. O homem no centro de tudo, posicionado como um Baco moderno, idolatrado por admiradores fiéis, tinha ao seu lado duas pessoas de beleza excepcional, um homem e uma mulher. Uma de suas mãos estava sobre a coxa da mulher, enquanto a outra envolvia os cabelos ondulados e platinados do homem enquanto eles se beijavam. Todos do grupo, exceto o homem no centro, possuíam a mesma tatuagem.

— Você deve ser Quinn. — Caius tomou o cuidado de não deixar a repulsa que sentia transparecer em sua voz. Dois minutos ali e ele já não gostava do feiticeiro. Jasper precisava arranjar amigos melhores. — Se esse for mesmo o seu nome verdadeiro.

Um sorriso indolente se formou nos lábios de Quinn quando ele se afastou do homem de cabelos platinados.

— É sim. Pelo menos por enquanto.

Quinn deu uns tapinhas na coxa da mulher, do mesmo jeito que se faz com um cachorro obediente, e, sem um único comando falado, o grupo que o cercava se dispersou, indo para perto de seus irmãos e irmãs em outras partes da sala. Quinn se virou para Caius. Diferente de quase todos os feiticeiros que Caius já vira, os olhos de Quinn não eram de um tom de branco doentio; suas pupilas eram escuras como o céu noturno, salpicadas com pitadas de luz que pareciam estrelas. A cada piscada, as estrelas giravam, orbitando uma ao lado da outra como galáxias viajantes. Os olhos de Quinn deviam ser brancos abaixo de todo o glamour, mas a magia era tão bem-feita que era impossível considerá-la falsa.

— E a que devo o prazer de sua visita? — perguntou Quinn. — A maioria não é capaz de passar pelo elevador. — Ele passou o polegar no lábio inferior, que brilhava com o que Caius imaginava ser saliva. Encantador. Os

cabelos pretos de Quinn eram bem curtos, e ele estava sem camisa, com a pele dourada brilhando à luz de velas. Usava um jeans escuro de cintura baixa e estava com os pés descalços. Um padrão intrincado de cicatrizes subia por seus braços e peito, lembrando Caius o modo com que a hera se espalhava nas fachadas dos prédios. As cicatrizes eram propositais, talvez até autoinfligidas. A magia sempre tinha um preço, e Caius ficou pensando se Quinn havia conseguido a sua pagando com sangue e dor.

— Meu nome é Caius. Jasper me disse que eu poderia encontrar você aqui.

Quinn inclinou a cabeça, formando uma linha fina com a boca.

— É verdade — ele afirmou. — Mas você está escondendo alguma coisa, não está?

Ele estalou os dedos e Caius sentiu o corretivo afastar-se de sua pele como uma película, deixando um formigamento que não chegava a ser completamente desagradável. Algumas pessoas sentadas nas almofadas mais próximas a Caius se contorceram para vê-lo melhor. Eram todos humanos e ficaram fascinados pelas escamas dele.

— Bem melhor assim — disse Quinn. — Nunca tente passar a perna em um trapaceiro. — Ele se inclinou para a frente para pegar um copo na mesinha à sua frente. Com um encanto indiferente, ele voltou a recostar nas almofadas. — Então, como está Jasper? Faz tanto tempo que não o vejo. — Quinn colocou a mão sobre o assento ao seu lado. — Venha, sente-se.

O modo com que os olhos escuros de Quinn analisavam Caius lhe causava arrepios. Ele foi até o sofá, sentando-se em uma almofada ao lado da que Quinn havia indicado. O feiticeiro estalou os dedos para o mais próximo de seus assistentes e, em segundos, uma taça cheia de algo que pelo cheiro era conhaque foi dada a Caius.

— Poderia estar melhor — respondeu Caius, pegando taça da mão da delicada garota. Ela não devia ter mais de dezesseis anos, e estava coberta de tatuagens, dos ombros aos tornozelos. — Caso contrário teria vindo pessoalmente.

Quinn deu um sorrisinho com a taça na boca.

— Ah, duvido muito disso. Nossa despedida não foi das melhores.

Caius já tinha imaginado aquilo, a julgar pela tensão de Jasper quando lhe disse aonde ir. Havia história entre os dois, mas Jasper estava convencido de que Quinn atenderia a um pedido dele, mesmo que feito de forma indireta. “Ele vai ajudar”, Jasper havia dito a Caius. “Confie em mim.”

Caius colocou a taça sobre a mesa. Aceitar comida ou bebida de feiticeiros era flertar com problema. Era impossível ter certeza do tipo de magia comestível que se estaria ingerindo.

— Estou aqui pelo Jasper. Ele está ferido. Gravemente.

— É mesmo? — Os dedos de Quinn percorriam a coxa de Caius. — E como eu poderia ajudar?

— Preciso que uma maldição seja desfeita — disse Caius. Ele tirou a mão de Quinn de sua perna. — Ela foi lançada por um feiticeiro e só pode ser desfeita por um.

— E por que veio me procurar? Qualquer feiticeiro que faça jus ao nome poderia fazer isso, e por um preço muito menor que o meu.

— Jasper parece achar que você é a melhor pessoa para o trabalho. Estou inclinado a confiar no julgamento dele.

— Então não deve conhecê-lo muito bem. — O feiticeiro estreitou os olhos. — Quem o feriu? — Quinn ergueu sua bebida, e Caius notou que ele estava apertando tanto a taça que os ossinhos de seus dedos estavam ficando brancos.

— Dragões de fogo — respondeu Caius. — Enviados pela própria Príncipe Dragão.

Quinn fez uma pausa com a taça a meio caminho dos lábios.

— Dragões de Fogo? — ele perguntou, incrédulo. — O que Jasper está fazendo para se meter com Dragões de Fogo? Ele sabe que não deve fazer isso. Mas, julgando pela companhia atual dele — Quinn lançou um olhar afiado a Caius por sobre a borda da taça — talvez eu o tenha superestimado.

— Os últimos três meses foram repletos de aventuras. Jasper foi ferido defendendo um amigo.

— Hum. — Quinn bufou. — Jasper envolvido em atos heroicos. *Essa* é uma coisa que eu pagaria para ver. — Ele terminou a bebida em um único gole e se aproximou, invadindo o espaço pessoal de Caius.

Embora parecesse jovem, talvez vinte e poucos anos, a magia o impregnava como perfume. Para o poder se fundir dessa forma, eram necessários anos, na verdade décadas, de imersão. Se um feiticeiro mantivesse suas reservas de energia mágica bem alimentadas, poderia desafiar a progressão natural do tempo, perdendo sua humanidade com o passar dos anos. Havia inúmeras formas de se fazer isso. A maioria dos feiticeiros optava pelo sangue e pela violência, comprando a juventude e o poder com a dor dos outros após ficar imune às suas próprias, mas agora Caius entendia por que Quinn se cercava

com um bando de bajuladores sensuais. Havia certa magia na atração, encontrada no jeito com que um coração bate mais rápido quando se aproxima de um beijo, ou o ritmo da pulsação quando o amor, ou algo parecido, está no ar. Quinn se alimentava da energia deles, ou pelo menos da promessa que ela continha, do mesmo modo que um vampiro se alimentava de sangue. O feiticeiro prosseguiu:

— Então você e nosso amigo em comum, Jasper, precisam de mim para desfazer uma maldição que só pode ser quebrada por um feiticeiro. Mas, antes que eu concorde, preciso saber de uma coisa: como Jasper foi parar no meio de uma luta com Dragões de Fogo? — Ele inclinou a cabeça, analisando o rosto de Caius com seu olhar sinistro como se procurasse indícios de mentira. — E não tente me enganar. Já ficou estabelecido que sou capaz de identificar trapaças.

— Nós estávamos procurando o pássaro de fogo. — Se Quinn queria a verdade, ele a teria. No entanto, Caius não tinha obrigação nenhuma de contar *toda* a verdade.

O feiticeiro levou a mão na direção do joelho de Caius, lentamente, como se estivesse esperando que ele recuasse. Até parece que Caius lhe daria essa satisfação. Ele sabia que seu sorriso estava um pouco nervoso, mas talvez eles precisassem mesmo de um pouco de nervosismo. A mão abusada ficou imóvel, interrompida por algo que Quinn viu no rosto de Caius.

— Você está falando a verdade, não está?

— Com certeza. — Caius pegou a taça e ficou girando o líquido cor de âmbar.

Depois de um instante, Quinn deu um sorrisinho.

— Você é maluco — ele disse. — Gosto disso. Dá certo gosto à vida. — Ele se levantou e estendeu a mão a Caius, explicitamente ignorada por ele. — Vamos. Jasper é um amigo querido e eu adoraria revê-lo.

NOVE



JASPER OBSERVOU DORIAN RISCAR UM FÓSFORO, e o aroma de enxofre e fumaça subiu pelo ar. As velas ao lado de sua cama tinham derretido até se tornarem tocos pequenos e gordos, e Dorian havia se responsabilizado por pegar mais algumas na sacola dentro do velho baú onde a maior parte dos suprimentos de sobrevivência estava guardada. O depósito sempre foi um esconderijo para ser usado como último recurso; nunca foi planejado para nada além de uma estada rápida para alguém fugindo da lei, fosse ela humana, Avicen ou outra coisa. Se Jasper soubesse que um grupo de fugitivos tão diferentes entre si acabaria acampando lá por meses, teria aprimorado um pouco o lugar. Talvez até colocado um sofá. Um lugar decente para sentar. Mas uma opulência dessas era apenas uma fantasia naquele momento.

Ele cutucou a tinta que descascava no rodapé ao lado de seu colchão e deu um suspiro, enquanto o chá que segurava com a outra mão esfriava. A bebida tinha algum tipo de propriedade medicinal e deveria conter infecções, mas tinha um gosto terroso e podre. Pelo menos evitava que o fermento em seu abdômen o matasse.

— Quem é Rowan?

A pergunta de Dorian atraiu a atenção de Jasper. Ele arrumou as velas formando um pequeno semicírculo no chão, aninhado sobre uma poça de cera gerada pelas velas anteriores. Jasper não deixou de notar que Dorian era um tanto pão-duro ao monitorar o uso exagerado de velas por parte de todos, mas Jasper recebia três velas por noite em vez de duas. O favorecimento não era sutil, mas Jasper não pretendia reclamar. Derreter a casca de gelo de Dorian era um processo demorado e árduo, mas ele não tinha nada melhor para fazer. Um pequeno progresso já era alguma coisa.

Jasper girava a xícara e seu conteúdo nojento. Pedacinhos de alguma erva haviam grudado nas bordas. Delicioso.

— Ele é o namorado de Echo. Ou era, eu acho. Não sei muito bem o que

acontece por ali.

As sobrancelhas prateadas de Dorian se juntaram. Seu tapa-olho saiu um pouco do lugar e ele o arrumou. Jasper nunca o havia visto sem aquilo, nem mesmo enquanto o Drakharin dormia. Imaginava se não estaria fundido à cabeça dele. Certamente qualquer cicatriz que ele escondesse não poderia ser tão feia assim.

— Namorado?

— Pretendente. Admirador. Interesse romântico do sexo masculino.

— Eu sei o que é namorado. — Dorian revirou o único olho, de um azul perfeito. Hoje, estava da cor do céu em um dia de inverno; claro e salpicado de pontos brancos, como se fossem floquinhos de neve. Jasper tentava identificar um padrão naqueles tons que sempre mudavam, para ver se conseguia decodificá-lo como se fosse um indicativo de humor. Dorian prosseguiu: — Só não tinha me dado conta de que Echo namorava. Eu me pergunto se Caius sabe disso.

— Se ele sabe ou não, é problema da Echo. Não vamos nos intrometer.

Os cantos dos lábios de Dorian formaram um sorriso.

— Estou surpreso. Você parece ser do tipo que se intromete, ainda mais quando está entediado.

— Sim, mas também sou do tipo que preza pelo próprio bem-estar, e não sei se conseguiria sobreviver a mais um dia nesse buraco se incitássemos uma briga entre quarenta por cento dos habitantes. Eu mataria todo mundo. — Jasper observou a curvatura do lábio inferior de Dorian, a forma como as pontas de seus cabelos tocavam o tapa-olho azul-marinho, a leve cicatriz no rosto que se estendia para fora dele como uma teia de aranha. — Bem... talvez não todo mundo.

Era difícil notar sob a parca luz das velas, mas Jasper teve certeza de que Dorian estava corando. Assim como tinha feito com a cor dos olhos dele, Jasper tinha montado um extenso catálogo com os muitos tipos de rubor de Dorian. O que começava na base da garganta, despontando pela gola da camisa, quase sempre aparecia quando Dorian estava frustrado. O tom escarlate na ponta das orelhas dava a falsa impressão de raiva. E o tom meio coral do sangue subindo nas bochechas em geral sinalizava constrangimento. Deuses! Jasper poderia escrever um livro sobre os rubores de Dorian. Uma enciclopédia. Uma enciclopédia de vários volumes.

Jasper colocou a xícara e o pires sobre o colchão, e ouviu-se o tinido da

porcelana.

— Precisamos sair daqui — ele disse. — Ou vou enlouquecer.

Dorian estendeu os braços por trás de Jasper para amaciar seu travesseiro. O movimento era tão familiar que Jasper quase riu como uma menininha.

— Se você for capaz de se levantar e sair por aquela porta sozinho, não sou eu quem vai te impedir.

Agora, isso sim foi maldade.

— Esse é o troco, não é? — disse Jasper. — Por quando nos conhecemos. Quando era você quem estava com um ferimento grave e era eu quem te perturbava.

— Eu baixaria o nível tanto assim? — Dorian perguntou, sorrindo de novo. Ele andava sorrindo mais ultimamente, sem se preocupar tanto com a distorção da cicatriz em seu rosto.

— Ah, mas com toda certeza. — Jasper encostou nos travesseiros que tinham acabado de ser amaciados. — Difícil acreditar que isso aconteceu só há uns meses atrás.

Dorian esfregou o tapa-olho, distraído. Ele se moveu um centímetro, e o elástico puxou uma mecha de seus cabelos acinzentados, bagunçando-os.

— Difícil acreditar que somos as mesmas pessoas que éramos naquela época — disse ele.

— Não acho que sejamos. — Jasper ajeitou os tufo rebeldes de cabelo na cabeça de Dorian. Dorian ficou duro, mas não se afastou de imediato. Um pequeno progresso, de fato.

Só quando a mão de Jasper se demorou ali, com os dedos alisando suavemente os cabelos macios e sedosos de Dorian, foi que o Drakharin se afastou. Jasper sentiu um aperto no peito. Aquilo já estava ficando cansativo.

— Por que você faz isso?

Dorian tirou um livro surrado da pequena estante ao lado da cama de Jasper. Desde que chegaram ao depósito, ele havia lido todos os livros, mas recomeçou aquele, por ter se apegado quando deixou Caius ficar de sentinela pela primeira noite, a contragosto. Jasper curvou a cabeça para ler a capa. *O morro dos ventos uivantes*. Amor proibido sem final feliz. Uma merda completa.

— Não estou fazendo nada — replicou Dorian.

Jasper suspirou.

— Achei que já estivéssemos ultrapassando essa barreira.

— Que barreira?

— Sua constipação emocional.

— Não estou constipado. — Dorian olhou para o livro em suas mãos. — Não sei o que você quer de mim.

Jasper havia aprendido a usar seu charme como arma desde criança. Quando queria alguma coisa, sabia como consegui-la. Poderia convencer uma freira a tirar o hábito, se quisesse. Mas não era isso o que queria com Dorian. Não, isso seria uma simplificação grosseira da vontade que tomava conta de cada momento que passou acordado nas últimas semanas. Jasper nunca tinha sentido um *querer* como aquele antes. Sim, era desejo, mas não do tipo que poderia ser satisfeito com facilidade. Ele queria rastejar por dentro de Dorian e contar seus ossos. Queria conhecê-lo, tanto seu interior quanto exterior. Queria deixá-lo vermelho de milhões de maneiras diferentes. Queria fazer Dorian sorrir, um sorriso feliz e sincero, sem o menor traço de escuridão. Queria que Dorian parasse de se esconder atrás de um tapa-olho e o que era um século de angústia. Mas não sabia como dizer isso. O que conseguiu dizer foi:

— Quero que seja sincero consigo mesmo.

— Sou sincero comigo mesmo — Dorian protestou. — Estou aqui, não estou?

— E onde mais poderia estar? Não temos tantas opções assim.

Dorian balançou a cabeça.

— Não aqui, no depósito. — Ele apoiou a mão no cobertor, a centímetros da mão de Jasper. — Aqui. — Ele fez uma pausa, deixando aquela palavra bem clara. — Não preciso estar aqui. Há muito tempo jurei que iria para onde Caius fosse, mas não tenho que ficar aqui sentado. Não tenho que conversar com você. Não tenho que fazer chá para você ou amaciar seus travesseiros ou te ouvir reclamando de tudo, desde como seu ferimento coça até o fato de os biscoitos terem acabado. Não acho que você tenha noção do que isso significa de verdade. E acho que você não devia comer biscoitos. Não confio em alimentos que vêm em pacotes.

Jasper nunca o tinha ouvido falar tanto de uma só vez. Ele tirou o livro das mãos de Dorian, que não se opôs, e o colocou no alto da pilha. Embora doesse para ficar de pé, ele se sentou, engolindo a dor. Não era uma conversa para se ter deitado.

— Agradeço por isso — Jasper disse. — Eu entendo.

Cutucando um pedaço de cera ressecada no chão, Dorian sacudiu a cabeça

mais uma vez.

— Não, você não entende. — Ele olhou nos olhos de Jasper. Seu olho estava num tom azul mais escuro, como o mar ao anoitecer. — Você é um Avicen.

Jasper suspirou, levando a mão ao peito como se estivesse chocado.

— Calúnias e mentiras.

Dorian soltou uma minúscula risada. Foi um som adorável.

— É tudo a mesma coisa. — Ele olhou à sua volta, para o teto cheio de manchas de umidade, para as janelas escurecidas, para os respingos aleatórios de tinta no piso de madeira. Para todos os lados, menos para Jasper. — Odeio sua raça. — Ele fez uma pausa e esfregou o tapa-olho de novo. — Costumava odiar. Às vezes, acho que ainda odeio.

Algo se contorceu dentro do peito de Jasper.

— Você me odeia? — Ele detestou o modo como sua voz soou, fraca e insegura.

— É claro que não — Dorian respondeu depressa. — É só que... Quando se carrega algo por tanto tempo, é quase impossível deixar de lado. Você esquece como é não sentir aquele peso. — Por fim, ele fitou Jasper, mantendo o olhar firme. Jasper sabia que suas penas não tinham o habitual brilho de pedras preciosas, que sua pele estava um pouco pálida, e que estava sofrendo de uma enfermidade da qual quase nunca sofria: timidez. Era uma sensação ridícula, mas que ele não conseguia evitar. Dorian continuou:

— Sempre odiei os Avicen de uma forma que é impossível para você compreender. É um ódio profundo, como se estivesse entalhado nos meus ossos. Tem sido parte de mim há tanto tempo que eu não sei quem sou sem ele. E também tem Caius... — Ele deixou as palavras morrerem, uma rara confirmação do assunto tabu que era o amor não correspondido que ele mal conseguia disfarçar.

— Tudo bem — Jasper disse. — Porque eu sei quem você é.

— Você me conhece há poucos meses, Jasper.

— E é tempo o bastante para perceber algumas coisinhas. — Jasper colocou a mão de Dorian entre as suas, passando os dedos pelas dobras de suas articulações. Como Dorian não resistiu ao contato, Jasper segurou um pouco mais forte. — Sei que é cem por cento leal. Sei que sua capacidade de amar é tão intensa que ignoraria o próprio coração partido apenas para estar ao lado de seu melhor amigo. Sei que colocaria a própria vida em perigo para

proteger as pessoas com quem se importa. E sei que é corajoso o bastante para encarar seus próprios demônios, mesmo quando isso parece impossível. — Dorian retribuiu apertando a mão de Jasper com tanta gentileza que ele quase se convenceu de que havia imaginado aquilo. Ele baixou o tom de voz para um sussurro conspiratório. — E, só para você saber, não me preocupo com Caius.

— Por que não? — Dorian perguntou, sem conseguir conter o sorrisinho que surgia em seu rosto.

Jasper abriu um sorriso.

— Porque sou mais bonito.

Dorian curvou a cabeça para trás e gargalhou, revelando a pele macia de seu pescoço. Pela primeira vez, Jasper notou que Dorian tinha uma covinha na bochecha sem cicatriz. Parecia adequado. Duas covinhas seriam de uma injustiça monumental com o restante do mundo. Ninguém podia ser tão bonito assim.

Jasper estava prestes a dizer algo espirituoso para ver se conseguia evocar aquela covinha mais uma vez quando a porta se abriu. Ele teve apenas alguns preciosos segundos para registrar que Caius não tinha voltado sozinho até que ouviu uma voz grave e arrastada:

— Ora, ora, que momento tocante.

Por trás de Dorian, Jasper bateu os olhos na última pessoa que queria ver, ainda mais naquele momento. O terror tomou conta de seu estômago e coagulou feito leite azedo. Ele fechou o punho e arrancou os cobertores. Dorian olhou rápido para baixo, depois para Jasper, e então para o feiticeiro que estava no quarto ao lado de Caius. Dorian lançou um olhar questionador para Jasper enquanto aproximava a mão da espada que nunca ficava mais de meio metro longe de seu corpo. Foi um gesto de proteção que fez o coração de Jasper se aquecer um pouco.

— Quinn. — Jasper tentou manter a voz tão firme quanto pôde. Ele não era mais a mesma pessoa desde a última vez que havia encontrado o feiticeiro. Era melhor. Mais forte. Poderia dar conta daquele idiota. — Você sempre aparece na hora errada.

DEZ



DORIAN ESTAVA COM A MÃO SOBRE A ESPADA antes mesmo de parar para pensar nisso; era instintivo. Echo ficou em pé, afastando-se da mesa tão rápido que um pacote de pipoca foi ao chão e só não caiu porque a mão de Ivy foi mais rápida e o pegou. Depois do choque inicial de ver outra pessoa no depósito — além da Ala, ninguém mais sabia que eles estavam lá —, todos ficaram paralisados, exceto pelo homem que estava ao lado de Caius, olhando para Jasper como um gato apreciando a visão de um rato gordinho. Os olhos do homem eram escuros e estranhos, pretos e salpicados com fragmentos brancos brilhantes, que faziam Dorian lembrar-se da luz das estrelas. Um ar de magia pairava ao redor dele como uma nuvem tóxica. Um feiticeiro. *O* feiticeiro. Dorian o odiou no segundo em que o viu.

Echo, como de costume, rompeu o silêncio.

— Quem é esse palhaço?

Os olhos estranhos de céu noturno do feiticeiro se estreitaram.

— Meu nome é Quinn. — Ele desviou o olhar de Jasper, que se mexia com desconforto e se contorcia de dor. — Sou amigo do Jasper.

Jasper riu.

— Você está forçando um pouco a definição de “amigo”, né?

Com um sorriso ensaiado, Quinn respondeu:

— *Touché*, meu bicudo.

— Não me chame assim.

Dorian abaixou a espada, mas não a soltou. Gostava do peso dela em sua mão; era sólido, familiar. Diferente *desse* palhaço.

Pigarreando, Caius deu um passo à frente, colocando-se entre Quinn e a lâmina de Dorian. Lançou para o amigo um olhar que dizia, de forma um tanto quanto clara, *Por favor, guarde a espada*. Dorian respondeu com outro olhar que simplesmente dizia *Não*.

— Quinn está aqui para nos ajudar — Caius afirmou. — Para ajudar *Jasper*.

Dorian não cedeu.

— Ah, pelo amor de Deus. — Quinn passou por eles sem se preocupar com a espada de Dorian. — Vocês foram atrás de mim e agora estão agindo como se eu fosse um intruso. Que grosseria. — Ele se ajoelhou ao lado de Jasper e estendeu a mão na direção do curativo recém-trocado no torso do Avicen. Jasper se contraiu, afundando no travesseiro. Dorian não tinha certeza se estava vendo coisas ou se era um medo genuíno que transparecia no rosto de Jasper.

— Não vou te machucar, Jasper. Só quero ajudar. — A voz de Quinn era suave, mas parecia tão artificial quanto seu sorriso. Sua mão parou sobre o ferimento de Jasper, como se esperasse permissão. — Você sabe que eu posso.

As penas do antebraço de Jasper se eriçaram. A luz das velas deslizou sobre elas, refletindo os reflexos roxos e dourados.

— Sim, sim. Eu sei — disse o Avicen entre os dentes. — Só seja rápido.

— Bicudo, não fale assim. Você está ferido. Eu posso dar um jeito. — Quinn colocou a mão sobre o ferimento, encostando o dedo de leve no curativo. Jasper tentou recuar ao toque, mas estava ferido demais para sair dali. Seus olhos estavam tensos de uma forma que Dorian nunca havia visto. O rosto de Quinn estava triunfante, ardente e fugaz. Aquilo era um jogo para ele.

Dorian colocou a ponta de sua espada sob o queixo de Quinn, pressionando o bastante para que ele tivesse que olhar para a frente ou arriscar ser cortado.

— Ele pediu para você não o chamar assim — Dorian afirmou. — Não o faça pedir mais uma vez.

Quinn sorriu, com os olhos iridescentes.

— E disseram que o cavalheirismo havia morrido. — Ele voltou a olhar para Jasper. — Você tem andado ocupado, pelo que estou vendo.

— Basta — interveio Caius. Ele colocou a mão no cotovelo de Dorian, forçando o braço dele para trás e afastando a espada de Quinn.

Por um instante. Dorian ficou tentado a desobedecer. Havia uma lista muito curta de pessoas por quem Dorian enfrentaria um feiticeiro tão poderoso quanto Quinn contra as ordens de seu príncipe. De algum modo, sem nenhum motivo lógico, Jasper estava nessa lista. Mesmo assim, Dorian abaixou a lâmina. Havia algo em Quinn que causava arrepios nele, como se formigas caminhassem em sua nuca.

É porque você está com ciúmes, sussurrou uma voz escondida no fundo de sua mente.

Não, não estou, Dorian retrucou, mesmo sabendo que estava sendo irracional. Mas ele não queria deixar de ser. Não enquanto um feiticeiro estava despindo Jasper com seus estranhos olhos estrelados.

Quinn arrastou a mão pelo torso de Jasper, tocando de leve seu peito desnudo. Jasper respirou fundo e prendeu a respiração, mordendo o lábio inferior. Quando a mão de Quinn parou sobre o ferimento, ele abaixou a palma devagar de modo que a pele dele estivesse no mesmo nível que a de Jasper. Quinn fechou os olhos.

Dorian tentou sair de trás de Caius, que levantou a mão e fez mais um gesto de alerta.

— O que você...

Antes que Dorian pudesse terminar a frase, Jasper afundou nos travesseiro com um gemido de alívio enquanto Quinn respirou com dor. O feiticeiro abriu os olhos e o glamour estrelado havia desaparecido. As pupilas estavam brancas, completamente incorporadas.

Echo deu um passo à frente, mas manteve uma certa distância de Quinn.

— O que aconteceu com seus olhos?

Quinn tirou a mão do ferimento de Jasper e girou o pescoço.

— Fazer muita coisa ao mesmo tempo é uma merda. É difícil sugar o poder de um feitiço *e* ficar bonito ao mesmo tempo. — Ele baixou o olhar, e quando o reergueu, os olhos preto-azulados e salpicados de estrelas estavam de volta. — Assim é melhor. — Virando-se para Jasper, ele perguntou: — Como está se sentindo?

Jasper se levantou, e Dorian notou que o movimento não parecia doer tanto quanto antes.

— Melhor — Jasper respondeu, arqueando as costas com um gemido. — Muito melhor.

— O que você fez com ele? — perguntou Dorian. Ele não conseguia conter a incisividade no tom de voz nem se quisesse. Na verdade, não estava nem tentando.

— A magia vem com um preço, e eu o paguei. Absorvi a magia do ferimento amaldiçoado e levei a dor dele. — O sorriso satisfeito de Quinn reapareceu. — Eu o curei.

Quinn esticou o braço, como se fosse tocar o abdômen de Jasper bem ao lado do curativo. Jasper deu um tapa na mão dele. Mesmo fazendo cara feia, ele continuava lindo.

— Quinn, jurei que você nunca mais colocaria a mão em mim de novo, e estava falando sério. Aquilo foi uma exceção, não um convite.

De novo? A imaginação de Dorian inventou uma série de situações em que Quinn teria colocado as mãos em Jasper, uma mais detestável que a outra.

Quinn retraiu a mão.

— Sei que deve ser difícil para você aceitar, Jasper, mas estou aqui como amigo.

Jasper riu.

— Você não tem amigos.

— Eu já tive um. — A voz de Quinn estava tão séria, tão calma. Se Dorian tivesse que a ouvir por mais um segundo, enlouqueceria.

— Feiticeiros não são conhecidos por seu altruísmo — comentou Dorian. Ele passou o polegar sobre o couro do punho da espada. Já estava liso pelos anos de uso e moldava-se a sua mão com perfeição. — O que você quer em troca disso?

Quinn deu de ombros. Ele alternou o olhar entre Dorian e Jasper, voltando para Dorian.

— A mesma coisa que você, suspeito. — Ele se levantou, limpando as mãos nos jeans escuros, sem tirar os olhos de Dorian. Um arrepio se formou na base da coluna do Drakharin e foi subindo. Ele agradeceu pelo peso familiar da espada em sua mão. O sorriso de Quinn era um pouco penetrante demais, como se fosse capaz de ler os pensamentos de Dorian.

Echo se aproximou.

— Mas Dorian tem razão.

— Tenho? — Ele estava tão acostumado a discutir com ela sobre tudo, ainda mais quando o assunto era deixar aquela prisão voluntária, que já tinha quase esquecido como era concordar com alguém.

Ela revirou os olhos.

— Sim. — Encarando Quinn, ela continuou: — Qual vai ser o seu preço para curá-lo? Você é um feiticeiro. Sua laia não faz nada de graça.

Quinn olhou para Echo como se a estivesse dissecando, descascando suas camadas até encontrar o que a motivava.

— Estou com a impressão de que você é a mais esperta da turma.

Se Dorian fosse outra pessoa, talvez não tivesse percebido a leve indignação que passou pelo rosto de Caius. Seu príncipe sempre havia sido o mais esperto. Até, talvez, este momento.

Quinn continuou, com a voz ressonando pelo espaço como se estivesse se apresentando para um público.

— Por mais surpreendente que possa ser para a mente prosaica de todos vocês, eu vim pela bondade em meu coração. — Ele sorriu. — Só estou ajudando um velho amigo em apuros. Não há problema nenhum nisso. — Quinn olhou para Jasper. — Não precisa me agradecer.

— Nem estava pretendendo fazer isso — Jasper respondeu, mas não havia em sua voz o sarcasmo que Dorian conhecia. A vontade de encher Jasper de perguntas sobre sua história com Quinn era gigante, mas Dorian fez o possível para reprimi-la. Ele não tinha o direito. Ele não o havia conquistado.

Quinn não parecia se importar com a atitude de Jasper.

— É sempre um prazer, Bico. — Com um último lampejo de crueldade e diversão enfeitando suas palavras, ele acrescentou: — Ah, e feliz aniversário.

ONZE



— Ei, Ei, Ei — disse Echo. — Eu achava que seu aniversário tinha sido há seis meses. Até roubei um Rolex para você.

Era um dia chuvoso de janeiro, o céu de Nova York estava nublado e frio, cheio de nuvens brancas, alternadas por sombras escuras de pombos que passavam. A linha seis do metrô estava muito quente, aquecida pela massa de corpos espremidos no vagão durante o horário de pico da manhã. Echo tinha aprendido que o melhor lugar para furtar era dentro do transporte público lotado. Sua vítima era um cara que devia trabalhar em Wall Street, cabelos penteados para trás com gel e sapatos tão engraxados que era possível enxergar seu reflexo neles, como Narciso olhando para um lago. Um relógio de ouro reluzente, que de certo custava mais do que o salário da secretária dele, estava preso ao pulso do homem. Mesmo os abastados optavam pelo metrô no horário de pico do trânsito: era mais provável ser atingido por um raio do que conseguir um táxi às 8h15. Uma parada brusca do trem aqui, uma trombada “acidental” ali *et voilà*. Depois de um pedido de desculpas por ter trombado no homem, Echo desceu do metrô com um Rolex de graça.

Jasper deu de ombros.

— Eu só queria ganhar um presente.

Um sorrisinho torto surgiu nos lábios de Echo.

— Você não muda mesmo, Jasper.

— E nem pretendo. — Jasper empurrou as cobertas e se levantou devagar, como se esperasse sentir dor. Echo escutou o estalo das articulações dele do outro lado da sala. Quinn esticou o braço para ajudá-lo a se equilibrar, mas Jasper recuou e se afastou da mão estendida. Guardando a espada de volta na bainha, Dorian passou pelo feiticeiro e segurou no cotovelo de Jasper, ajudando-o a dar alguns passos hesitantes. Quinn e Dorian entraram em uma discussão conduzida por olhares silenciosos: os de Quinn beirando à satisfação blasé, os de Dorian fervendo de desconfiança. Jasper recusava-se a

olhar para qualquer um dos dois, concentrado em seus pés cambaleantes.

Echo olhou para Ivy, que arregalou os olhos em resposta. Era só o que faltava no grupo: um triângulo amoroso entre um Avicen, um Drakharin e um feiticeiro. Porque aquela bomba atômica emocional provavelmente não explodiria na cara de ninguém. De jeito nenhum. Não mesmo.

Caius se aproximou, sua respiração despenteou os cabelos que estavam perto da orelha de Echo. Um pequeno arrepio subiu pelas costas da garota.

— Eu não quero participar disso — ele murmurou.

— É, nem eu. — Echo se virou para ele, distante alguns centímetros do seu nariz. Ela deu um pequeno passo para trás e se virou para o restante da sala, batendo palmas. — Tive uma grande ideia. Vamos para a rave.

— Para a rave? — Caius perguntou.

— Sim, para a rave. A festa. Naquele depósito do outro lado dos trilhos. Se liga, Caius.

— Você quer ir para uma festa?

— Sim, eu quero ir para uma festa. É o que as pessoas costumam fazer para comemorar o aniversário de um amigo. Elas festejam. Para valer.

Caius piscou, como se não estivesse acreditando no que tinha acabado de ouvir.

— Você enlouqueceu?

— Talvez. — Echo sorriu. — Mas vamos precisar de uma bateria de testes para confirmar o diagnóstico.

Ele sacudiu a cabeça.

— Estou falando sério, Echo. Festas estão fora de questão. Não é seguro.

— *Nenhum* lugar é seguro — ela retrucou. — Podemos fingir que nosso pequeno esconderijo é inquebrável, mas nós dois sabemos que não é. Não dá pra continuar vivendo assim. Não suporto mais nem um dia olhando para as mesmas quatro paredes e para as mesmas quatro pessoas e comendo os mesmos quatro tipos de biscoito. Eu vou ficar maluca. Vou botar fogo neste lugar.

Caius olhou para os rostos de sempre o encarando.

— Entendo o que quer dizer — ele afirmou. — E nem temos mais quatro tipos de biscoito. Jasper comeu o último de framboesa hoje cedo.

Não era fácil encontrar seus biscoitos preferidos na Inglaterra. Aqueles biscoitos eram insubstituíveis. Jasper não.

— Eu vou matar o Jasper com minhas próprias mãos — Echo resmungou.

— Só me avise com antecedência para eu ter tempo de aprender a mexer com aquela caixa que estoura milho com sua magia moderna. Entretenimento sempre fica melhor com pipoca. Você mesma disse.

Ai, deuses, ele era tão fofo. E sabia disso. Ficar enclausurado o estava deixando abusado.

— O micro-ondas tem a função pipoca, Caius. É só apertar um botão.

— Vocês sabem que eu estou ouvindo tudo, né? — Jasper disse enquanto vestia uma camiseta limpa.

Echo o ignorou. Se houvesse alguma chance de descobrir qualquer poder interno de persuasão que ainda não tivesse explorado, este era o momento.

— Ah, vai... A gente só fica um pouquinho, tipo uma hora. Só uma hora. Vamos espiar, ver o que tá rolando e matar a vontade. É o aniversário do Jasper. Eu já falei que é aniversário do Jasper? Porque é aniversário do Jasper, sabia?

Os lábios de Caius esboçaram um leve sorriso. Ele estava começando a ceder. Só precisava de um empurrãozinho.

— O que poderia dar errado em apenas uma hora? — Echo fez uma pausa. Caius apertou os olhos, prestando atenção. Fazendo uma careta, ela acrescentou: — Pode escrever isso em minha lápide se algo der errado. — Echo correu para dar um beijo inocente no rosto de Caius. Ele abriu um sorriso e, por uma fração de segundos, ela sentiu a curva da boca dele junto à sua pele.

— O.k. — murmurou Caius um tanto quanto contrariado. — Mas nós não vamos sair. É muito arriscado. Vamos fazer nossa própria festa. Aqui. — Echo abriu a boca para protestar, mas Caius levantou a mão. — *Aqui* — ele repetiu em um tom que não dava margem para discussão. — Vou até deixar o Jasper escolher a música.

— Ah, graças aos deuses — comemorou Jasper. Ele deu um chute nos cobertores do colchão, com mais energia do que tinha havia meses. — Mas Vossa Alteza Real gostando ou não, eu vou dar o fora daqui. — Ele levantou os braços para se espreguiçar e Echo notou a forma como Quinn o devorava com os olhos, como um tubarão cercando sua presa. Jasper cobriu a barriga com a camiseta; ao notar a atenção de Quinn. — Se vamos fazer uma festa, precisaremos de petiscos.

Caius tentou se opor, mas Jasper passou por cima dele.

— Você mesmo disse que os biscoitos acabaram. — Ele seguiu na direção

da porta com rapidez. — Não podemos fazer uma festa sem biscoito. E bebida. E salgadinhos. Se for assim que chamam isso por aqui.

— Você não vai sair sozinho — disse Ivy. Ela cutucou Dorian com o cotovelo, empurrando-o para a frente. — Essa é a regra, não é, Dorian?

Ivy. Casamenteira. *Que gracinha*, pensou Echo.

Dorian concordou.

— Sim, essa é a regra.

— Eu também vou — disse Quinn.

Jasper alternou o olhar entre os dois homens, de forma muito defensiva. Quando encarou Quinn, o brilho de seus olhos amarelos diminuiu. Mas ele disfarçou a reação dando de ombros com irreverência.

— Tanto faz. — Ele apontou para Echo e Caius. — Algum pedido?

— Comida que existe na natureza — sugeriu Caius.

— Algo salgado — disse Echo. — E também chocolate. E bolo. E...

Jasper a interrompeu.

— Eu nem devia ter perguntando. Até mais tarde, otários. — Ele pegou a bolsinha de pó de sombra que eles mantinham em uma pequena caixa ao lado da entrada para o caso de uma emergência e saiu, batendo a porta. Dorian, embasbacado, e Quinn, perplexo, foram atrás dele.

— Voltem logo — Caius disse. — E sejam cuidadosos.

Dorian concordou. E eles se foram. O loft ficou estranhamente calmo sem Jasper reclamando. Nossa! Mesmo quando ele estava em silêncio, enchia o lugar com uma inquestionável energia.

Ivy se jogou em uma cadeira.

— Acha que foi boa ideia deixar eles irem? — Ela se virou para Caius com a expressão preocupada. — Você disse que as pessoas podem não estar procurando apenas por Echo, mas por qualquer um de seus *comparsas*. — Ela curvou os dedos no ar como se fossem asas imaginárias.

Caius suspirou e passou a mão pelos cabelos.

— Acho que só conseguiríamos segurar Jasper à força.

— Você não está errado, meu amigo. — Echo ligou a televisão. Já tinha ouvido o suficiente sobre erupções vulcânicas e vilarejos destruídos. Hoje, eles iriam festejar. Criariam uma bolha de tempo e espaço onde nada era ruim, não existiam inimigos à espreita e a pressão da responsabilidade de salvar o mundo não estava sobre os ombros de ninguém. — Agora, o que acham de darmos um jeito nessa espelunca? Deixar menos parecido com o lugar

ocupado por um monte de vagabundos.

Echo colocou Caius e Ivy para trabalhar. Eles dobraram roupas e as organizaram em pilhas discretas perto da parede. Os colchões foram empilhados, formando um sofá improvisado. Depois que Ivy colocou as mantas coloridas tiradas de um dos baús de Jasper sobre os colchões, eles não ficaram tão ruins. Os três conversaram, não sobre o kuçedra ou o pássaro de fogo ou guerras em terras distantes, mas sobre coisas banais. Música. Comida. A hilária aversão de Caius à tecnologia moderna. O desastroso triângulo amoroso formado pelos membros ausentes da festa. Apesar dos acontecimentos do dia anterior, Echo sentiu seu peito leve. Lá estava ela, preparando-se para uma festa de aniversário com seus amigos. Se ignorasse o mundo lá fora e todos os problemas dele, quase parecia uma noite comum.

Então o celular tocou. Echo e Ivy se entreolharam. Apenas a Ala tinha o número, e ela sempre ligava uma vez, desligava e ligava de novo, para que eles soubessem que era ela. O telefone tocou mais uma vez. E outra.

— Não atenda — sussurrou Ivy, como se a pessoa que a estivesse ligando fosse ouvi-la.

O telefone vibrava sobre a mesa da cozinha, indo até a beirada. Echo o pegou antes que caísse. Ele vibrou em sua mão mais uma vez e depois parou. Ninguém disse nada. O telefone começou a tocar de novo. Um formigamento começou a se formar na base das costas de Echo. Medo. Expectativa.

Caius sacudiu a cabeça. Ivy sussurrou:

— *Não.*

Echo atendeu a ligação. O aparelho parou de tocar. Ela o segurou perto do ouvido, mas não disse nada, esperando o interlocutor romper o silêncio.

— Alô? — perguntou uma voz do outro lado da linha. — Tem alguém aí?

A ligação estava ruim, e as palavras soavam distante e cortadas, mas Echo conhecia aquela voz. Ela segurou o telefone com as duas mãos e encarou os olhos curiosos de Ivy.

— Rowan?

DOZE



— ECHO? GRAÇAS AOS DEUSES É VOCÊ. Não sabia se alguém iria atender, mas a Ala me deu esse número para emergências e esta com toda certeza é uma emergência e...

— Rowan — Echo o interrompeu. Ivy e Caius se aproximaram. — Calma. O que aconteceu? A Ala está bem?

A ligação estava ruim, chiando. Rowan devia estar em algum lugar com sinal precário. O Ninho, talvez. Era quase impossível conseguir fazer ligações lá embaixo.

— Ela está bem. Por enquanto.

— O que você quer dizer com “por enquanto”? — perguntou Echo. O medo deu um nó cruel em seu estômago. — Não gostei nada desse “por enquanto”.

— Espere um pouco. — A voz de Rowan ficou mais fraca, como se ele colocasse a mão sobre a entrada de som do telefone. Ela ouviu sons abafados de conversa, depois alguns ruídos indiscerníveis, seguidos por um atrito. Rowan devia ter colocado o telefone no bolso. Depois de quase um minuto, a voz dele retornou. Ele falava baixo e com a respiração pesada. — Estou no Ninho e não quero que ninguém saiba com quem estou falando. O Altair mandou prender a Ala.

— O quê? — A palavra saiu como um grunhido. Ivy puxou uma cadeira ao lado de Echo, debruçando-se sobre os joelhos para ouvir a conversa. Caius ficou ao lado dela, tenso, como se estivesse se preparando para uma briga. — Por quê?

Rowan falava rápido e baixo.

— Quando ela voltou, Altair a questionou sobre onde ela estava. Ele sabia que ela havia te encontrado, mas ela se recusou a revelar sua localização, então Altair convenceu o Conselho de que ela está conspirando com o inimigo.

— Conspirando? Com o inimigo? Agora eu sou o inimigo? — De todas as acusações que Altair poderia ter feito à Ala, Echo achava que esta era a mais

inacreditável. A Ala era uma das Avicen mais velhas viva e era amada em quase todo o planeta. O fato de Altair ter convencido o Conselho significava que os Avicen estavam com mais medo do que Echo imaginava.

— Os Falcões de Guerra viram o que você fez na Floresta Negra — continuou Rowan. — Você atacou Altair. Ninguém mais confia em você.

— Em minha defesa, ele estava prestes a matar pessoas que eu não queria que morressem.

— É — Rowan deu quase um rosnado. — Como aquele maldito dragão. — Echo olhou para Caius. *Aquele maldito dragão.* — Não pense que ninguém percebeu. Ele vai levar a Ala a julgamento. Se ela for considerada culpada, eles podem matá-la.

A cabeça de Echo começou a girar. Ela agarrou a beirada da mesa. A Ala não podia ser morta. Não podia. Fisicamente, era possível — embora difícil — mas um mundo sem a Ala era um mundo que Echo não conseguia imaginar. E morrer pelas mãos de seu próprio povo, envolto em uma onda de medo e hostilidade criada por Altair? Impensável.

— Eu vou voltar — anunciou Echo. — Vou dizer tudo a eles, farei tudo o que quiserem.

— Echo, não — Rowan disse na mesma hora. — Altair só está tentando...

Suas palavras sumiram em um estrondo tão alto que Echo teve que afastar o telefone do ouvido.

— Rowan?

Não houve resposta. Ela ainda conseguia ouvir os sons do caos do outro lado. Gritos. O rangido estridente do metal dobrando, o barulho de algo pesado caindo.

Os fantasmas dentro da mente de Echo começaram a se debater. A voz de Rose se fez ouvir em meio ao horror de Echo. *Você precisa ir para casa. Você tem que ajudar. Eles estão morrendo. Eles estão morrendo, eles estão morrendo, eles estão morrendo.*

Echo se levantou, segurando firme o telefone.

— Rowan? — Sua voz estava contraída. O desespero, dela e de Rose, não a deixavam respirar.

A ligação caiu.

Ela ficou olhando para o telefone em silêncio, como se o aparelho tivesse cometido uma traição.

— Echo? — Ivy perguntou devagar. — O que aconteceu?

A voz de Echo saiu, soando distante até mesmo aos próprios ouvidos.

— Temos que ir para o Ninho. — Ela não estava totalmente ciente da mão de Caius em seu ombro, nem do som de sua voz perguntando como ela estava.

Ela estava mal.

Rowan tinha ligado para ela do Ninho.

O Ninho estava sendo atacado.

Ela só precisou desse pensamento para tomar uma atitude. Ela jogou o telefone nas mãos de Ivy e atravessou a sala em busca de sua mochila. Nela, pegou tudo de que poderia precisar. Uma bolsinha extra de pó de sombra foi para o bolso de trás da calça. A adaga escorregou dentro da bota.

— Temos que voltar para o Ninho — ela repetiu. Suas palavras eram rápidas, eficientes. — Não há nenhuma passagem aqui, Caius. Não consigo invocar o entremeio sozinha. Preciso que você nos tire daqui.

— Echo — disse Caius. — Echo, o que aconteceu?

Ela interrompeu os preparativos. Um tremor involuntário percorreu suas mãos.

— Eles foram atacados.

— No Ninho? — Ivy perguntou, cobrindo a boca com a mão. — Mas como? Os bloqueios...

Echo fechou o zíper da mochila com tanta força que quase o quebrou.

— Eu não sei o que aconteceu, mas eu ouvi. — Ela trocou olhares com Caius. — E Rose sentiu. Algo está acontecendo. Algo ruim. Me leve para lá.

A menção ao nome de Rose foi o suficiente para paralisar Caius. Se ele perguntasse a Echo como Rose sabia ou o que Rose havia sentido seja lá onde estivesse quando não estava interferindo na vida de Echo, ela não tinha a mínima ideia do que diria. Mas ele não perguntou, nem exigiu uma explicação lógica. Ele simplesmente foi pegar a bolsinha de pó de sombra guardada em um dos armários da cozinha e concordou. Ele a levaria até lá.

— Echo. — A voz de Ivy falhou na segunda sílaba. Medo e incerteza praticamente emanavam dela em ondas. — Eu não entendo.

— Você se lembra do protocolo, certo? — Echo perguntou, pegando nas mãos de Ivy. — O treinamento que Altair fazia os Avicen repetirem várias vezes?

— Em caso de ataque, ponto de encontro em Avalon — Ivy recitou, segurando nas mãos da amiga.

Echo confirmou e puxou as mãos que Ivy segurava com uma força

surpreendente. Echo sentiu suas reservas de calma minguarem. Ela tinha que resolver isso. Rowan e a Ala precisavam dela. Todos em seu lar precisavam.

— Jasper não levou telefone. Quando eles voltarem, você conta a eles o que aconteceu. Diga que Caius e eu fomos para o Ninho. Certifique-se de que todos irão para Avalon, o.k.?

Ivy concordou, mas sua expressão de coragem parecia estar prestes a desmoronar.

— Ivy. — Echo a puxou para perto e juntou a testa na dela. — Você entendeu tudo?

— Sim — respondeu Ivy. Ela repetiu as palavras com mais intensidade. — Contar o que aconteceu. Levá-los para Avalon.

— Ótimo. — Echo se virou para Caius e estendeu a mão. — Vamos.

Em um instante, mergulharam na escuridão conforme o entremeio se abriu ao redor deles. Ivy, o depósito e Londres desapareceram. Echo se deu conta, uma fração de segundos depois, de que Caius não poderia levá-los ao Ninho. Ele nunca havia estado lá dentro. Não tinha ideia do que procurar e, mesmo se tivesse, era Drakharin, e os bloqueios em volta da passagem principal impediriam sua entrada se ele tentasse acessá-la diretamente. Echo precisava assumir o controle.

Ela apertou mais o braço de Caius e imaginou a passagem do Ninho: a arremetida graciosa dos pescoços dos cisnes, seus bicos erguidos formando um arco perfeito, as braseiras de ferro queimando atrás. Era uma das maravilhas da arquitetura Avicen.

Mas o que se materializou em volta deles quando o entremeio se esvaiu não tinha nada de maravilhoso.

Gemidos aflitos chegavam aos ouvidos de Echo no momento em que sentiu o chão sob seus pés. Ela não viu os corpos, não a princípio. Era como tentar ver sentido nas peças espalhadas de um quebra-cabeça sem a imagem da caixa. Aos poucos, contudo, os detalhes surgiram. Havia gente presa sobre placas de pedra, algumas tentando se mover, outras completamente paralisadas. Os dois braseiros haviam acendido ao cair, e a fumaça enchia o local. Ou o que havia sobrado dele. Um emaranhado de ferro formava um círculo solto em volta de um campo de escombros, o suficiente para ainda funcionar como uma passagem para o entremeio. Havia uma cabeça de cisne de metal aos pés de Echo, e seus olhos cegos encaravam o caos que os cercava.

A passagem estava destruída. Algo havia passado por ali com a ferocidade

de um furacão. Fios pendiam como serpentinhas macabras, suas pontas expostas faiscando com eletricidade. Um relógio quebrado estava sob uma pilha de entulho, e pedaços de papel queimado flutuavam pelo ar. Echo pegou um deles, e sentiu uma forte ânsia de vômito. Era um mapa do metrô. Disponibilizados aos transeuntes no balcão de informações da estação Grand Central. Blocos de concreto quebrados estavam por todos os lados, e ela reconheceu o mármore. Era o piso da plataforma principal. Um sapato de salto alto estava ao lado de uma mala gasta. Um homem de terno — um homem humano — agonizava a poucos metros de Echo. Sua visão ficou turva e apenas a mão de Caius em seu braço a manteve em pé.

O relógio quebrado marcava 17h45. Horário de pico do fim do dia. Algo havia atingido o Ninho — e a Grand Central, diretamente acima dele — no período mais movimentado do dia, e não deu a mínima para quem feriu.

TREZE



ECHO OPERAVA EM PILOTO AUTOMÁTICO. Ela cobriu o rosto de Caius com a terra que enchia a região em volta da passagem. Ele precisava esconder as escamas ou levaria a culpa por toda aquela destruição.

Ela não percebeu que seu ouvido estava tinindo até ver que a boca de Caius se mexia, formando palavras, mas ela não ouvia nada além de um zumbido agudo. Devia ter sido o choque. Ele levantou a mão para apontar para alguma coisa. Echo seguiu a linha do braço dele e conteve um grito de desespero.

Um dos corredores que levavam ao interior do Ninho estava em destroços. Echo caminhou até a parede mais próxima. Estava preta, como se estivesse queimada ou coberta de fuligem, mas, quando ela a tocou, não sentiu nada além de um profundo terror. Seus dedos não sujaram; o terror permaneceu, porém, aderindo em sua alma como uma mancha. Os outros corredores que saíam do salão principal estavam intocados — quem fez aquilo havia escolhido uma direção muito específica. O ataque teve um objetivo específico.

Corpos mortos e moribundos estavam estendidos no chão, alguns imóveis, alguns se contorcendo em agonia. Linhas pretas cruzavam a pele exposta; as veias estavam um pouco saltadas, como se estivessem inchadas. Echo se agachou ao lado de uma Avicen. A mulher estava ofegante, a respiração pesada e curta; seus olhos encaravam o teto, mas pareciam não enxergar nada. Uma de suas mãos tateava cegamente ao lado do corpo. Echo pegou a mão e apertou. Era o único conforto possível. A garganta da mulher se movia como se tentasse dizer algo, mas apenas um murmúrio rouco escapou de seus lábios rachados.

Echo sacudiu a cabeça, impotente.

— O que causou isso? — ela perguntou, sem esperar que a mulher respondesse.

A Avicen engoliu em seco uma, duas vezes, até dizer uma única palavra:

— Sombras. — Seu rosto ficou inerte e a luz sumiu de seus olhos. Echo não

sabia se ela havia morrido ou não. Soltoou a mão fria da mulher. Caius tocou seu ombro com cuidado, encorajando-a a se levantar. A seguir em frente.

Sombras? Uma lembrança começou a formigar nas bordas da mente de Echo. As sombras no sonho de Samira... Poderiam estar relacionadas a *isso*? Como? *Por quê?*

Echo se levantou; sentiu o corpo pesado com uma série de emoções. Medo. Pesar. Princípios de raiva. Ela se obrigou a passar pelos Avicen caídos nos corredores. Nenhum deles se mexia. Veias pretas espalhavam-se sobre os corpos, como se tivessem sido infectados por algum tipo de toxina que se infiltrou em sua corrente sanguínea. Ela não podia fazer nada por eles. Era tarde demais. Ela havia chegado tarde demais.

Atrás dela, os passos de Caius eram estranhamente silenciosos.

Echo seguiu o caminho de destruição. As portas quase desabando, e as luminárias a gás do corredor estilhaçadas, criando pequenas fogueiras que só aumentariam. Echo se apressou. Por mais que quisesse ver o rosto dos Avicen ali, à procura de pessoas conhecidas, para ter certeza de que todos estavam bem, não conseguia olhar com muita atenção para aqueles que estavam imóveis. Alguns estavam inconscientes, mas outros deviam ser cadáveres. Ela engoliu a bile que estava em sua garganta e continuou andando, adentrando o Ninho cada vez mais, seguindo o rastro escurecido.

Echo sentiu Caius acariciar os ossinhos de seus dedos. Ela havia agarrado a mão dele com tanta força que devia estar machucando, mas nem se importou.

— ECHO!

Caius largou a mão dela, tentando alcançar armas que não trazia consigo. Echo olhava para todos os lados freneticamente à procura da fonte do grito. Quando viu quem era, deixou escapar um gemido abafado. Dois pequenos Avicen, membros do grupo que gostava de segui-la como se ela fosse o Flautista de Hamelin, tentavam abrir caminho em meio aos escombros, um se apoiando no outro. As penas de Flint, vermelhas como as de um cardeal, faziam o corte ensanguentado sobre seus olhos parecer quase preto com o contraste, enquanto Daisy mancava, sua penugem azul coberta de suor e poeira. Mas eles estavam inteiros. Echo deu um salto e os agarrou, desculpando-se quando Daisy se contorceu de dor. Caius hesitou, com o olhar atento fixo no túnel adiante.

— Vocês estão vivos — murmurou Echo, pressionando os lábios junto às cabecinhas emplumadas. — Ah, graças a Deus. — Ela se afastou. — E os

outros? — Seu exército de pirralhos melequentos. Os órfãos que ela ajudava a Ala a criar. Ela era a Raposa Esperta deles. Era assim que Ivy gostava de chamá-la. Lágrimas embaçaram a visão de Echo, e Daisy as secou com a mão suja.

— Eles estão bem — disse Flint, fungando. — Estão presos no quarto da Ala, mas ouvimos através da porta e estão todos bem.

O alívio tomou conta de Echo, mas não durou muito.

— A Ala — ela disse. — Ela ainda está nas celas?

Daisy fez que sim.

— Altair e Rowan também estavam lá. — Os pequenos Avicen arregalaram os olhos de medo. — Você acha que eles estão feridos?

A cadeia do Ninho havia sido projetada para anular magia. Nem mesmo a Ala, com todo o seu poder, seria capaz de se transportar para dentro ou para fora. Se eles estivessem nas celas, estariam impotentes. O lábio inferior de Daisy tremia, então Echo disse:

— Tenho certeza de que estão bem. Vou achá-los. Vocês dois encontrem alguém que consiga abrir a porta e libertem os outros pequenos. Vocês se lembram dos treinamentos de evacuação que Altair nos obrigava a fazer?

— Aqueles que você dizia que eram pura perda de tempo? — perguntou Flint. O sangue escorreu para o seu olho e Echo limpou.

— Sim — ela respondeu. — Aqueles. Façam exatamente como treinamos. Busquem ajuda e deem o fora. Não é seguro.

— Quando vamos poder voltar para casa? — Daisy perguntou, sua voz fina e assustada.

Echo sacudiu a cabeça, a vontade de chorar ou gritar crescia em seu peito. A resposta certa seria “nunca”, agora que o Ninho havia sido exposto, mas Daisy não precisava ouvir aquilo. Não agora. Não ainda.

— Eu não sei, meu bem.

Ouviu-se um ruído no fim do corredor. Flint começou a tremer enquanto Daisy chorava baixinho. Echo beijou a testa de cada um e os levou para a direção oposta ao perigo.

— Vão. Busquem ajuda.

Ela os observou enquanto se afastavam e tentou se convencer de que não era a última vez que os veria. Caius a puxou. O som do metal rangendo e quebrando fez Echo acelerar os passos. O cheiro de gás estava forte, e ela torceu para que não ocorresse uma explosão. Os Avicen passavam correndo

por eles, fugindo do que quer que estivesse causando aqueles barulhos insuportáveis. Echo e Caius lutavam contra a multidão. Ninguém reparou no Drakharin entre eles. Quanto mais perto do barulho, mais a sensação de terror dentro de Echo crescia, como se a mancha em sua alma estivesse se espalhando. Como uma infecção.

Eles estavam quase na cadeia do Ninho. Echo saiu correndo, ignorando o pedido de Caius para que tomasse cuidado. Havia menos Avicen ali; os únicos que permaneciam vestiam mantos brancos sujos e cobertos de poeira: Falcões de Guerra. Echo ouviu Caius respirar fundo ao seu lado. Se eles percebessem quem ele era, estava morto. Ela o olhou; a terra ainda escondia bem o suficiente as escamas de seu rosto. Ela esperava que continuasse desse jeito.

A pesada porta de metal que levava às celas havia sido arrancada. Ela estava quebrada em duas partes, jogada no meio do corredor das celas. Barras de ferro derretidas estavam deformadas, projetando-se como uma série de espinhos metálicos. No fundo da sala, Altair estava ajoelhado, cavando nos escombros com as mãos cheias de sangue. Ele levantou a cabeça quando Echo entrou e a encarou. Os olhos alaranjados dele eram severos e assombrados, e sua boca, uma única linha tensa e sinistra.

— Ele correu para cá quando aquilo atacou — foi tudo o que Altair disse. Ele retomou a tarefa, sem se preocupar com as pedras e metais afiados que cortavam sua pele.

O ar escapou dos pulmões de Echo. *Não. Não, não, não, não.* As pernas bambas dela se movimentaram por vontade própria, levando-a para mais perto de quem Altair estava tentando desenterrar.

Ela se ajoelhou ao lado do general e, ao lado dele, moveu placas de pedra para o lado, sem se preocupar com a própria dor. Um gemido abafado escapou dos escombros. Não eram palavras, mas Echo reconheceu a voz mesmo assim.

Ele estava vivo. Rowan estava vivo.

Mas não foram só as penas fulvas dele que Echo viu quando Altair moveu os escombros.

Havia um braço preto como um corvo caído sobre o peito de Rowan, com as penas escuras cheias de sangue. Parecia que a Ala havia se jogado sobre Rowan para protegê-lo do desabamento.

Altair soltou uma série de xingamentos em avicet, rápido demais para Echo compreender. Todos os sons se transformaram em ruído difuso, e o zumbido em seus ouvidos voltou.

Altair tirou o corpo inconsciente da Ala de cima de Rowan com uma delicadeza que Echo estranhou. Ele a aninhou nos braços, e Echo soube naquele mesmo instante que ele nunca a teria matado. Nem em um milhão de anos. O desespero — verdadeiro e intenso — enchia os olhos dele. Echo sabia que ele e a Ala tinham uma história, mas foi só naquele momento que ela foi capaz de entender o quanto era profunda. Ela achava que eles se odiavam, mas apenas algo que já havia sido amor tinha a capacidade de se transformar em um ódio como o deles.

— Não era isso que eu queria — disse Altair, mais para si mesmo do que para Echo. Ele olhou para ela, abatido. — Eu só queria chamar sua atenção, falar com você, fazer você enxergar a razão.

A Ala se mexeu. Altair limpou a terra da testa dela, passando os dedos na pele com cuidado. Ela tossiu e tentou levantar a cabeça.

— Não se mexa — disse Altair.

A Ala estendeu o braço na direção de Echo, que pegou na mão dela.

— Havia uma mulher no corredor — contou Echo, jogando as palavras com rapidez. — Ela disse que sombras haviam feito isso. Como é possível?

— Ku... — A Ala sufocou com a palavra, como se precisasse de uma força que não possuía naquele momento. — Kuçedra.

A mão da Ala amoleceu. Kuçedra? Echo sentiu um nó no estômago. Ela não sabia muita coisa sobre o kuçedra, mas já tinha informações suficientes para ter certeza de que não queria enfrentá-lo sem a Ala. O que, pelo visto, ela teria que fazer. Por enquanto.

Rowan gemeu de novo e piscou devagar. Seus olhos estavam vidrados, provavelmente devido a uma concussão. Fora isso, ele não parecia estar com ferimentos graves. A Ala o havia protegido da pior parte do ataque com o próprio corpo.

Caius estendeu a mão para ajudá-lo a se levantar e Echo voltou-se para a Ala. *Por favor, não morra*, ela pensou.

Como se respondesse a uma oração, o peito da Ala deu leves movimentos.

Echo suspirou aliviada e colocou uma mão sobre a testa da Ala, única parte dela que parecia seguro tocar. Ela parecia tão frágil nos braços de Altair. No instante em que a pele de Echo entrou em contato com a da Ala, o sentimento de terror que ela sentia piorou. A sensação que ela havia tido perto da passagem ficou ainda maior.

Nas beiradas de seu campo de visão, as sombras pareciam se movimentar

como se ganhassem vida.

Echo se levantou, limpando as mãos sujas na calça. Ela se afastou de Altair e da Ala, procurando os cantos escuros da sala.

— Ele ainda está aqui — ela disse.

Fogo surgiu nas mãos abertas de Echo. Suas emoções estavam esquentando. Ela nem precisou pensar em evocar as chamas. Elas simplesmente surgiram.

— Apareça, seu bosta.

E ele apareceu.

CATORZE



A ESCURIDÃO SE ACUMULAVA NO CENTRO DA SALA. Echo se deu conta, cada vez mais horrorizada, de que não se tratava de uma única sombra de tamanho gigantesco, mas uma série delas, formando uma massa amorfa e retorcida. Eram as mesmas sombras que Echo tinha visto enroladas em volta dos troncos das árvores na lembrança de Samira, e dessa vez uma parte primitiva de Echo sabia, com absoluta certeza, o que aquilo era. Eram as trevas que haviam surgido antes de todas as coisas, que sobreviveriam a todas as coisas, que consumiriam o mundo inteiro se pudessem. Eram aquilo que o Drakharin da lembrança de Samira temia.

Eram o kuçedra. A Ala tinha dito o nome, mas vê-lo o tornava real.

As sombras congelaram, como se reconhecessem a presença de Echo.

Com a aproximação da escuridão, as sombras começaram a se fundir para compor uma forma única. Seu pescoço era longo e sinuoso, as asas eram largas e finas, como as de um morcego. Patas com garras agitavam o ar à medida que a fera voava com o forte movimento de suas asas, sua cauda balançava de um lado para o outro. Toda vez que as asas batiam, Echo pensava ouvir uma sinfonia de gritos abafados, quase inaudíveis. E foi aí que ela soube.

Não eram sombras.

Eram almas.

Enjauladas dentro daquela forma monstruosa estavam todas as vidas perdidas no conflito entre Avicen e Drakharin. A profecia deles havia se autorrealizado. Eles temiam as trevas e, naquele medo, as tinham criado. Seu ódio e violência nutriram o kuçedra até ele crescer, esperando por seu maior inimigo.

Esperando pelo pássaro de fogo.

Esperando por *Echo*.

As almas aprisionadas dentro dele berravam, perfurando os tímpanos de

Echo, dando a sensação de que estavam sangrando. A sombra ficou maior e mais barulhenta enquanto ela observava. Sombras recentes, recolhidas do ataque ao Ninho e à estação Grand Central, incorporaram-se à massa. Até que a forma se tornou sólida: as asas raspavam nas paredes, a cauda longa e perigosa agitava-se no ar, batendo nos escombros, e a boca cheia de dentes pontiagudos uivava como um coral grotesco das almas agonizantes que o habitavam.

Ele parecia um dragão. Deve ter tomado a forma mais temida pelos Avicen, Echo notou. Mesmo agora, ela podia senti-lo absorvendo seu temor, alimentando-se dele. O medo dos Avicen durante o ataque havia dado forma a ele.

Caius se abaixou para pegar a espada de um Falcão de Guerra caído. Altair se posicionou entre a Ala e o kuçedra, espada em mãos. Ambos eram guerreiros habilidosos, com séculos de experiência, mas não conseguiriam fazer nem um arranhão naquele monstro. De que forma o aço seria capaz de perfurar uma carne composta por trevas e desespero?

— Tire os outros daqui — Echo disse a Caius, sem desviar os olhos da forma bestial que dominava o recinto.

— Eu não vou te deixar sozinha.

É claro que não.

— Tudo bem — Echo disse entre os dentes. — Mas me faça um favor e fique fora do meu caminho.

Com um grito de gelar o sangue, o kuçedra atacou, avançando, suas sombras se expandindo. Echo viu Rowan em pé pela sua visão periférica. Ele bateu contra as barras de uma cela e caiu. Caius se desviou quando o kuçedra avançou. Altair atacou, cortando a barriga da fera, mas de nada adiantou. Os ataques não pareciam atingi-lo, mas serviam para uma coisa: distração. O kuçedra ocupou-se com os homens, esquecendo Echo por um instante.

O fogo ardeu nas mãos dela, subindo pelos antebraços e formando labaredas pretas e brancas. O poder dentro dela cresceu, mais forte do que nunca antes. Ela acumulou o máximo possível, concentrando-se nas chamas em suas mãos. A cadeia iluminou-se pelo brilho dela. Ela se sentiu como uma força da natureza. Em vez de lutar com o pássaro de fogo pelo controle de seu corpo, ela se permitiu se transformar nele.

O pássaro de fogo era a luz na escuridão. Eles eram inimigos naturais, o pássaro de fogo e o kuçedra, que havia cometido o grave erro de machucar

peessoas que Echo amava.

O kuçedra se virou para Echo. Por um instante, encarar aqueles olhos negros dava a sensação de cair no vazio. O abismo convidava Echo a se aproximar.

Ela levantou as mãos e libertou as chamas. As labaredas não eram apenas brancas e pretas; o fogo era um prisma de luz, contendo todas as cores do espectro, com tanto brilho que até os olhos de Echo queimavam.

Ótimo, Rose sussurrou no fundo da mente dela. Echo sentiu Rose acrescentar sua própria força às chamas. E não foi só ela. A tensão retornou à pele de Echo, como se fosse explodir por guardar todo esse poder em seu interior. Ela sentiu todos eles — todos os veículos anteriores — apresentando-se, dando tudo o que tinham ao fogo. Echo não podia derrotar o kuçedra sozinha — mas ela não estava. Todas as almas que o pássaro de fogo já tocou ardiam por meio dela. O poder não era seu; ela era apenas seu condutor, apontando-o diretamente para o coração da fera.

Logo, o recinto ficou tão claro que Echo não via mais nada. Com um último e congelante grito, o kuçedra desapareceu, e suas sombras se dissiparam como fumaça.

Echo caiu de joelhos e o fogo se apagou, deixando tudo escuro. Ela sentiu ânsia de vômito, mas não havia nada em seu estômago. Só tinha alguns minutos antes de apagar, desprovida de energia, e esse era um pensamento otimista.

Ela se esforçou para levantar a cabeça. Altair estava olhando fixo para ela, sua expressão severa e calculista. Echo não sabia o que passava por sua cabeça e, naquele momento, não dava a mínima. Caius correu para o lado dela enquanto Rowan mancava em sua direção, mas era só na Ala que Echo conseguia pensar. Ela se arrastou até o corpo imóvel da Ala, pegando em uma de suas mãos frias e úmidas até que sua visão ficou borrada e sua cabeça começou a girar.

Echo levantou a outra mão para Caius e usou toda a força que lhe restava para dizer:

— Nos tire daqui.

— Não — opôs-se Altair. — Não permitirei que um Drakharin entre em nosso refúgio.

Eles não tinham tempo para isso. Principalmente a Ala.

— Ou ele vem comigo ou você pode esquecer a ideia de ter o pássaro de fogo do seu lado.

Foi o suficiente. Embora tenha ficado claro que a situação o enojava, Altair

concordou.

— Espere na margem, um quilômetro e meio ao norte do ponto de encontro. Encontro vocês lá. — Ele se virou para Rowan. — Vá com eles. Dê um jeito de vocês não serem vistos.

— Sim, senhor — Rowan respondeu em voz baixa, sentindo dor, mas havia uma força nele. Resiliência. Ele olhou nos olhos de Echo, e havia algo ali que ela desconhecia. Parecia que ele tinha envelhecido uma década nos últimos dez minutos. Isso que era guerra, pensou. Era o que ela fazia. Levava os inocentes e os moldava da forma que queria. Rowan não era mais o garoto que havia tentando ensinar Echo a desenhar, rindo da sua falta de jeito, ou o jovem que tinha lhe roubado beijos tímidos quando ninguém estava olhando. Ele era um soldado, não mais uma criança. Nenhum deles era criança mais. Rowan desviou o olhar e se virou. Ela ficou se perguntando se ele se viu refletido em seus olhos. Se odiou a imagem que viu. Ela sentiu Caius a seu lado, zunindo como eletricidade estática.

— Tire a gente daqui — ela repetiu. — Por favor.

Transportar quatro pessoas sem o auxílio de uma passagem devia ser um esforço hercúleo, mas Caius conseguiu. Echo teve segundos para se sentir grata quando o entremeio os envolveu e as ruínas cheias de detritos do Ninho ficaram para trás.

QUINZE



UM DOS PRIMEIROS LIVROS que Echo havia roubado era uma adaptação para crianças da história do rei Artur e os cavaleiros da tábola redonda. Suas páginas eram decoradas por delicadas ilustrações em aquarela, formando uma versão simplificada da lenda. No armário de suprimentos da biblioteca onde ela dormia — muito antes de a Ala ajudá-la a montar um quarto bem mais espaçoso no andar superior —, a Echo de sete anos de idade se perdia naqueles contos repletos de façanhas audaciosas, heróis corajosos e magos poderosos. Ela imaginava que, mesmo com seus cabelos sujos e emaranhados e tênis de solas gastas, era tão corajosa quanto Lancelot, tão bela quanto Guinevere e tão misteriosa quanto a fada Morgana.

Esta Avalon não era a terra da lenda de Artur. Era uma pequena ilha no rio Hudson, protegida por bloqueios fortes que mantinham qualquer atividade realizada nela invisível a olhos humanos. No centro da ilha, ficava o Castelo de Avalon, sobrevivente da abundância do fim do século XIX. Antes residência de verão dos Carrington, família de bilionários excêntricos que enriqueceram graças ao aço, Avalon havia sido requisitado pelos Avicen depois que o último descendente da família morreu, em meados da década de 1950, sem deixar filhos para chorar sua morte ou reivindicar herança. Assim como o depósito de Jasper na zona leste de Londres, estava ligado a uma montanha de burocracia e nomes falsos para protegê-lo de bisbilhotices legais, Avalon atualmente era listado como propriedade de um tal Fulton J. Hawthorne, um homem rico o bastante para comprar uma ilha inteira com uma vista extraordinária do rio Hudson, mas nunca visto por ninguém — talvez pelo fato de que ele não existia. A Ala o havia inventado apenas para a compra. Até ela precisava de um rosto humano atrás do qual se esconder de vez em quando.

A viagem pelo entremeio só era capaz de levá-los até determinado ponto. Os bloqueios da ilha impossibilitavam o acesso ao entremeio dentro do castelo, então, com a orientação de Echo, Caius os transportou para uma

pequena praia a cerca de um quilômetro da ilha. Ela imaginou o junco ao longo da margem, a água batendo em seus pés. Os Avicen faziam treinamento de evacuação uma vez ao ano. Ivy e Rowan viviam reclamando deles, e, mesmo o Ninho não sendo a residência permanente de Echo, a Ala a obrigava a participar também. Só por precaução, ela dizia. Nenhum dos Avicen mais jovens via necessidade no treinamento. O Ninho nunca havia sido atacado. Tal feito seria um erro colossal de estratégia por parte dos Drakharin. Afinal, nenhuma das raças tinha qualquer desejo de envolver humanos em seus assuntos, independente do que ocorresse. Mas agora, às margens do rio Hudson, com a Ala deitada de bruços no barranco, Echo nunca se sentiu tão grata por ter sido obrigada a fazer tudo aquilo.

— Por favor, acorde — Echo sussurrou no ouvido da Ala. — Prometo nunca mais reclamar de nada.

Só os deuses sabiam se a Ala tinha ouvido aquela promessa.

Rowan e Echo cuidavam da Ala da melhor maneira possível enquanto Caius explorava a área. Eles estavam sozinhos, mas Echo achou que talvez Caius tivesse sentido que a presença de um Drakharin em um momento daqueles seria mais do que Rowan seria capaz de suportar. Echo agradeceu em silêncio por aquilo. Ela fez uma tipoia para o braço machucado de Rowan. Não estava quebrado, mas ele precisava de um curandeiro. Ele se contraiu todas as vezes que ela encostou em seu braço, embora Echo desconfiasse que não fosse só por causa da dor.

Duas horas se passaram até um pequeno barco a motor aparecer ao longe. As penas marrons e brancas de Altair podiam ser reconhecidas mesmo à distância. Echo acompanhou com cautela enquanto ele saía do barco e chegava à margem. Ele estava acompanhado por uma Falcão de Guerra com penas grafite sujas de pó de gesso e olhos verdes que se voltavam para Caius sempre que ele fazia o menor movimento. Altair e a Falcão de Guerra colocaram a Ala no barco com todo o cuidado. Enquanto os outros embarcavam, Echo segurava a mão inerte da Ala, como se, pela simples força do pensamento, ela pudesse passar sua força para a Avicen. Com o leve ronco do motor do barco, eles partiram para Avalon.

Era possível enxergar as muralhas cheias de fenda do castelo em meio à névoa que envolvia a ilha antes que o restante de sua imponente massa aparecesse. Altair orientou a Falcão de Guerra — Fern era o nome dela — a direcionar o barco para os fundos do castelo. As muralhas e a vegetação

abundante os escondiam. Se Caius fosse visto, sua presença causaria pânico, e a terra tinha soltado de suas escamas no barco. Os Avicen já haviam passado por muita coisa; não precisavam do choque de pensar que seu porto seguro havia sido invadido pelo inimigo. Com Altair dando comandos em voz baixa, eles atracaram o barco. O tempo todo, Echo não soltou a mão da Ala. Até mesmo Altair parecia sentir que ela precisava desse contato e foi com uma delicadeza surpreendente que separou a mão da Ala dos dedos de Echo para tirar a Avicen do barco. Eles entraram por uma passagem estreita perto do jardim, que mal tinha espaço para Altair passar com a Ala nos braços.

Quando Echo atravessou as passagens do Castelo de Avalon, ficou claro que seus dias de glória tinham ficado para trás. Tapeçarias gastas decoravam as paredes, as cores vivas de outrora haviam desbotado e se transformado em tons apagados de marrom e cinza. Os painéis de vitral estavam quebrados, de modo que a luz do sol chegava ao piso em manchas de cores irregulares. O ar estava repleto de poeira. Echo deu um espirro.

— Saúde — Rowan murmurou. Por instinto, ela imaginou. Ele piscou, como se estivesse surpreso por ter falado aquilo.

— Obrigada — ela respondeu, também em voz baixa.

Altair os conduziu até um quarto decorado de maneira luxuosa no alto do castelo. Ele deitou a Ala sobre a cama depois que Fern arrumou os lençóis. O modo com que ele puxava as cobertas sobre ela era muito terno. Echo não suportava vê-los mexer nos braços e na cabeça inertes da Ala. Havia velas apagadas sobre a moldura da lareira, na mesa de cabeceira e no baú encostado na parede. Cortinas pesadas foram abertas para a luz da manhã e a fraca brisa entrarem. Echo ficou na janela, com os dedos apoiados no peitoril. Um jardim contornava os fundos do castelo, abandonado, com mato alto. A Ala teria amado o quarto. Talvez Altair o tivesse escolhido por esse motivo. Echo sempre pensou que a inimizade entre os dois sempre existira, tão antiga quanto os anciãos, mas os eventos daquela manhã haviam revelado uma história intensa e secreta que ela nunca achou que fosse possível.

Um curandeiro entrou carregando ervas e tônicos, acompanhado de mais duas Falcões de Guerra. Enquanto o curandeiro ocupava-se da Ala, Rowan falou o que todos estavam pensando:

— O que faremos agora?

Uma das Falcões de Guerra estava auxiliando o curandeiro, mas a outra só tinha olhos para Caius. As escamas dele estavam visíveis mesmo à pouca luz.

— O que *ele* está fazendo aqui? — As palavras da Falcão de Guerra foram lançadas como farpas, todas cheias de veneno. O ex-Príncipe Dragão estava ao lado do leito da Ala, com as mãos na cintura, parecendo o mais inofensivo possível. Mas até mesmo para Echo, que sabia que ele estava longe de ser o pesadelo que os Avicen contavam às crianças, Caius nunca pareceria de fato inofensivo. Nada era capaz de ocultar sua força nem sua confiança. Ele tinha sido um guerreiro e um líder por muito tempo. Não havia silêncio ou suavidade capaz de disfarçar sua essência.

— Ele não teve nada a ver com o ataque *e* está aqui a meu convite — Altair disse. — Se tem algum problema com isso, Sage, pode entregar sua espada e seu manto e se juntar às crianças lá embaixo. — Ele esperou. A Falcão de Guerra ficou furiosa, mas continuou em silêncio. Para Rowan, Altair disse: — Você e Violet vão acompanhar nosso *convidado* — Altair apontou para Caius com a cabeça — a seus aposentos. Não falem com ninguém sobre isso.

A Falcão de Guerra que auxiliava o curandeiro acenou com a cabeça enquanto entregava saquinhos de ervas que Echo sabia que seriam inúteis. Ela devia ser Violet. O nome era perfeito: ela tinha uma cascata de penas cor-de-rosa e roxas cuja mistura perfeita parecia um mar de doces quando ela se movimentava. As bordas de seu manto branco eram enfeitadas de dourado, um sinal de que ela não era apenas um soldado treinado com espada e escudo, mas também uma maga. Talvez sentindo que sua parceira estava prestes a dizer algo imprudente, Violet deixou o restante das ervas na mesa de cabeceira, e ficou ao lado de Sage, encostando o ombro no dela. As penas castanho-avermelhadas de Sage pareceram se acalmar com o contato.

— Devemos levá-lo agora, senhor? — Violet perguntou.

Altair fez que não com a cabeça.

— Ainda não. Temos questões a discutir.

— Sou seu público cativo — disse Caius, lançando um olhar incisivo a seus recém-designados guardas. — Ênfase no *cativo*.

— Você pode nos culpar por tratá-lo como uma ameaça? — Estava claro para Echo que a paciência de Altair estava se esgotando. Ela queria dizer para Caius ficar calado, mas estava cansada demais para se meter na discussão dos dois. Altair continuou: — Quantos do meu povo você já matou?

Caius hesitou. Echo sabia que ele se lembrava do número de Drakharin que haviam sucumbido durante o tempo em que foi Príncipe Dragão. Ele tinha contado a ela que enviou cartas pessoais de condolências às famílias, se

tivessem alguma. Não era o procedimento padrão, mas o fez mesmo assim. Se soldados iam morrer sob seu comando, ele havia dito, eles mereciam ser reconhecidos. Mas Avicen?

— Eu não fiquei contando — respondeu Caius.

— Como vocês conseguem ouvir isso? — perguntou Sage. Ela se desvencilhou da mão que Violet havia colocado em seu braço. — Acabamos de ser atacados. Os Drakharin podem estar...

Altair a interrompeu.

— Não foram os Drakharin. Não exatamente, pelo menos.

Sage parou, arrasada.

— Então quem? — A incerteza piscava em seus olhos alaranjados, iguais aos de Altair. Echo ficou imaginando se eles não eram parentes, mesmo distantes.

— O kuçedra — revelou Echo. Todos viraram a cabeça para a janela, como se tivessem esquecido que ela estava ali.

— E por que *ela* está aqui? — Sage estava atrás de briga. Echo entendia. Às vezes era mais fácil lidar com a raiva do que com o pesar. Echo se permitiu virar o alvo de Sage. — Todos nós vimos de que lado você ficou na Floresta Negra. Você atacou nosso comandante para defender um Drakharin. — Um dedo acusatório foi apontado para Caius. — Este Drakharin. — Ela se virou para Rowan. — Foi ele que matou Ruby, não foi?

O quê? A mente de Echo pulou como um disco riscado. *Ela* havia matado Ruby. Não Caius. Ainda assim, Rowan olhou rapidamente para ela e depois desviou. Ele confirmou.

Altair ficou observando com atenção, como se esperasse que os furos na história de Rowan se revelassem.

Echo pigarreou.

— Eu...

— É verdade — Caius afirmou. — Nós lutamos. Foi minha lâmina que a derrubou.

Não.

Rowan tinha mentido por ela. E agora Caius o estava ajudando.

— E eu sinto muito por isso. — Caius olhou para Echo, mas sua expressão não revelou nada. — Mais do que poderia expressar. Não posso ressuscitar os mortos, mas posso ajudar a proteger os vivos. Não temos de viver como sempre vivemos.

Sage não demorou para retrucar.

— Eu não vou lutar ao lado de um Drakharin — ela disse. — Não posso. Ele pode pegar suas desculpas e...

Altair levantou a voz para ela:

— Você vai, ou...

Echo fechou os olhos. O barulho no quarto se intensificou enquanto Violet tentava acalmar Sage e Altair gritava mais alto do que as duas. Em um determinado momento, Rowan saiu, dizendo a qualquer um que pudesse ouvi-lo que precisava de um pouco de ar, indo embora antes que Altair o dispensasse. Caius não fez favor nenhum a si mesmo tentando responder as acusações de Sage sobre os Drakharin estarem por trás do ataque. Eles estavam falando alto o bastante para acordar os mortos.

— Parem — Echo disse. A discórdia era tão grande que ela teve a sensação de estar sufocando. Ninguém a escutava. Ela levantou a voz: — *Parem*.

Não fazia diferença. Eles estavam presos em séculos de comportamento padrão. Os Avicen e os Drakharin brigavam. Sempre foi assim e sempre seria. Era o natural. Um confronto levava a outro e o ciclo recomeçava. Um conflito se alimentava do outro, nutrindo o ódio, a raiva e a amargura.

— *Parem!* — O grito de Echo foi acompanhado por faíscas saindo das mãos de forma completamente espontânea. Ela cerrou os punhos com força e brigou pelo controle. De si mesma. Da onda crescente de hostilidade no quarto.

Todos ficaram em silêncio. Até mesmo Altair parecia perplexo.

— É isso que ele quer — Echo disse com calma, o fogo que se formava em seu peito se atenuou. — É isso que o kuçedra quer que a gente faça. Briga, guerra, ódio. Medo. É disso que ele se alimenta. Nosso sofrimento. — Ela pressionou os olhos com a base das mãos. — Não podemos fazer isso. Tem que parar em algum momento.

— Qual é a sua sugestão? — A voz calma de Violet penetrou o silêncio. Ela ficou olhando para Echo, cheia de esperança.

Echo quis se esconder daquele olhar. Como saberia? Ela não era estrategista como Altair nem Profeta como a Ala. Nunca havia liderado exércitos, como Caius, nem treinado para ser parte dele, como Sage e Violet.

— Eu não sei.

— Nós vamos trabalhar juntos — Altair disse. Ele encarou Sage com os olhos duros. — Por mais que seja doloroso, devemos usar todas as armas que temos a nosso dispor.

Era isso que Echo e Caius eram? Ferramentas? Armas em um arsenal?

— Deixem-me falar com minha irmã — Caius disse. — A nova Príncipe Dragão. Acho que ela não estava por trás desse ataque, mas serei capaz de identificar caso ela minta. — Ele esfregou o pescoço. — Não sou tão cego às traições dela como antes.

Altair ficou remoendo a ideia. Todos o observavam em silêncio. Seu semblante não revelava nada de seus pensamentos.

— Posso pedir uma trégua — Caius acrescentou. *Ele está um pouco desesperado demais*, Echo pensou.

A resposta de Altair veio cheia de ceticismo.

— Uma trégua? Você acha mesmo que ela concordaria com isso?

— Não — Caius admitiu. — Mas podemos ganhar algum tempo.

Eles continuaram a discussão. Sempre político, Caius já havia se posicionado como uma espécie de emissário Drakharin em meio aos Avicen.

— Posso ficar um minuto sozinha com ela? — Echo perguntou, olhando para a Ala. Política não era o seu forte. Ela não estava com vontade de negociar termos ou discutir estratégias. Sentia-se como uma menininha perdida, desesperada para segurar a mão de sua mãe.

— Não temos tempo a perder... — Altair começou a dizer.

— Por favor. — Echo odiou o fato de sua voz ter falhado ao pronunciar essas únicas palavras, mas ela sentia que estava rachando, como uma barragem prestes a se romper.

Talvez a empatia de Altair fosse uma consequência da emoção que mexeu com seu coração ao ver a Ala deitada na cama. Talvez ele tivesse sentido que Echo estava a ponto de se partir em um milhão de pedacinhos e não quisesse ser responsável por esse desmoronamento. Ele acabou concordando e levou os Falcões de Guerra e o curandeiro para fora do quarto. Caius foi o último a sair. Ele olhou para trás antes de fechar a porta, mas Echo não olhou — não conseguiu olhar — nos olhos dele.

Havia uma penteadeira empoeirada do outro lado do quarto. Echo colocou o banquinho que acompanhava o móvel ao lado da cama e se sentou. Sentiu um peso agudo sobre os ombros. Fazia mesmo apenas algumas horas desde a última vez que tinha visto a Ala? O depósito em Londres parecia pertencer a outra vida. Echo pegou a mão dela. A Avicen estava imóvel como um cadáver, mas sua mão estava quente. Veias negras, ainda mais escuras que o preto de sua pele, destacavam-se em seus braços, inchadas, mas a mão estava

imaculada.

— *Um é tristeza* — Echo cantou em voz baixa. — *Dois é prazer. Três para a morte...*

A canção de ninar que a Ala havia ensinado a ela ficou presa em sua garganta. Sempre que Echo ficava doente, a Ala cantava isso. Echo se lembrava de como ela tirava os cabelos de sua testa febril. Do cheiro calmante do incenso nos aposentos, do brilho aconchegante das velas. Echo nunca havia se sentido tão segura, tão amada. Lágrimas molharam seus cílios, transbordaram e escorreram por seu rosto. Ela apertou com força a mão da Ala e deitou a cabeça nos lençóis.

— Sinto muito — ela sussurrou. — Sinto muito.

A Ala tinha sido tão boa para Echo. Ela a acolhera depois que anos de abuso a haviam deixado pequena, faminta e arruinada. E foi isto que ela ganhou por ter se preocupado: algum estado entre a vida e a morte. As lágrimas de Echo ensoparam o algodão dos lençóis. Ela se permitiu essa única indulgência. Tinha chegado a hora, ela sabia, de deixar a imaturidade de lado. Mas, naquele momento, chorou como uma criança perdida, sozinha no escuro.

DEZESSEIS



IVY PODIA CONTAR NOS DEDOS DE UMA SÓ MÃO quantas vezes havia estado em Avalon. Na maior parte do tempo, o treinamento de evacuação dos Avicen terminava na praia, onde barcos pilotados pelos Falcões de Guerra de Altair estariam esperando para levá-los ao castelo. Da primeira vez que entrou no santuário, os tetos abobadados e as gastas paredes de pedra a deixaram encantada; eles pareciam sussurrar segredos acumulados ao longo da história. Agora, só conseguia se concentrar em colocar um pé na frente do outro. Tinha uma vaga noção do grupo que estava atrás dela, seguindo-a de perto enquanto cruzava os silenciosos corredores do castelo em busca de Echo, Altair ou qualquer um que pudesse convencê-la a não se deixar dominar pelo pânico que crescia em seu interior.

Colocar Dorian e Quinn lá dentro em segredo não foi tão difícil quanto esperava. Echo devia ter dito a Altair para aguardá-los, porque ao chegarem às margens do rio Hudson — a uma distância segura em que nenhum Avicen seria capaz de enxergá-los — ela encontrou uma taciturna Falcão de Guerra esperando ao lado de um barco, nem um pouco feliz com a tarefa de ter que levar um Drakharin e um feiticeiro até o santuário Avicen. Até então, as únicas informações que Ivy tinha conseguido tirar da Falcão de Guerra foram:

“Meu nome é Fern.” Dito com a mesma leveza de uma série de resmungos.

“A Ala está viva, mas inconsciente. Não sei o que aconteceu com ela.”

“Sua amiga, Echo, está com ela.”

E por fim, lançando um olhar severo para Dorian:

“Aquele outro está lá também.”

O outro Drakharin. Caius. Ivy notou como Dorian relaxou os ombros e afrouxou a mão que segurava a espada.

A Falcão de Guerra guiou Ivy até o local para onde a Ala havia sido levada, e Dorian, Quinn e Jasper a seguiram como sombras furtivas. Até mesmo o feiticeiro parecia compreender o mal que havia acontecido. O lar deles havia

sido atacado. O Ninho havia sido abandonado. Nada mais era como antes.

O castelo tinha um ar de esquecimento, como se só voltasse à vida após um longo sono. Fern sinalizou para que continuassem por um longo corredor depois do que pareceu uma eternidade. Ivy encabeçou o grupo. Era melhor que os Avicen vissem seu rosto primeiro em vez do de um Drakharin, ou de um feiticeiro ou de um Avicen em que mal confiavam. Havia um grupo de pessoas no final do corredor. Altair estava encostado em uma porta fechada. Ao lado dele estava Caius, que parecia muito mais baixo perto do general Avicen apesar de ter mais de um metro e oitenta de altura, duas Falcões de Guerra e Rowan, cujo braço estava pendurado em uma tipoia malfeita, claramente improvisada por alguém que não entendia nada de primeiros socorros.

Dorian parou de repente ao lado de Ivy. Ela o olhou de relance bem a tempo de ver que estava pálido como um fantasma.

— Dorian — ela perguntou. — Qual é o problema?

Ele olhou fixo para a frente, paralisado e mudo como uma estátua. Ivy acompanhou o olhar dele e, em um instante, percebeu o que o atormentava: Altair.

Como você o perdeu? ela tinha perguntado na cela nas profundezas da Fortaleza do Dragão.

Altair.

Ótimo. Espero que ele tenha guardado. Ouvi dizer que ele adora um bom troféu.

Décadas de raiva, ressentimento e medo, embora Ivy soubesse que ele nunca admitiria isso, endureceram Dorian e o tornaram a pessoa que ela conheceu na cela escura de um calabouço. Mas meses de ternura, amizade, histórias contadas de madrugada e gargalhadas compartilhadas à luz do dia tinham amolecido anos de ódio calcificado. Era um progresso muito frágil, e Ivy podia ver tudo aquilo começar a se desfazer no momento em que o único e encantador olho de Dorian enxergou Altair e os demais no fim do corredor.

Eles estavam tão diferentes, ela e Dorian. Fazia apenas três meses desde que fora aprisionada na fortaleza Drakharin, não era tanto tempo assim, mas Ivy sentia ter se transformado em uma pessoa completamente distinta. Outrora ela havia zombado da mutilação de Dorian, cuspidor nos pés dele. E ele, em resposta, tinha batido nela enquanto estava algemada, deixando um hematoma que floresceria em seu rosto em estágios: vermelho, roxo, azul esverdeado, amarelo. O perdão não veio tão facilmente, mas por meio de algum milagre —

e por terem salvado a vida um do outro — eles o encontraram. A desconfortável aliança se tornou amizade, e se tinha uma coisa que Ivy sabia sobre amizade era que, de vez em quando, era preciso estar ao lado dos amigos nos momentos mais difíceis.

Altair não pareceu reconhecê-lo. Bateu os olhos em Dorian e desviou o olhar logo depois, registrando-o como o Drakharin que Caius ou Echo lhe disseram para esperar, e nada mais. Ivy se perguntou se ele ao menos se lembrava, ou se Dorian desaparecera em meio ao monte de vítimas sem nome, rosto ou identidade que haviam tombado sob a lâmina de Altair.

Ainda assim, Ivy sabia que, para Dorian, ficar cara a cara com o homem que havia tirado seu olho e o deixado com cicatrizes que iam mais fundo que a superfície da pele era um desafio gigantesco. Ela segurou seu braço, não para impedi-lo de fazer algo estúpido, mas para lhe mostrar que estava ali. Ele não estava sozinho. O corpo dele tencionou sob seu toque.

Ela estava do lado ruim dele, do lado sem olho, e ele teve que virar o tronco para encará-la. No rosto dele, ela viu o antigo Dorian. Sem desfazer o contato visual, ela deu as mãos para ele. Foi um gesto breve. Ele a apertou e soltou logo depois. Mas foi o suficiente. O antigo Dorian se foi e o novo, o que ele lutou para construir mesmo à sombra de tudo o que já foi, ofereceu a ela um sorriso também breve. Foi pouco mais do que levantar os cantos dos lábios, mas aquilo, também, foi o suficiente. Dorian precisava encarar seus demônios — era impossível evitar —, mas sabia que não os encararia sozinho.

— Aí estão vocês — Altair disse quando se aproximaram. — Fern vai levar todos a seus aposentos...

— Onde está Echo? — Ivy perguntou. Não havia tempo a perder com cerimônias. Altair fixou os olhos nela, sem dúvida registrando bem sua falta de educação. Mas ela não era soldado e pouco se importava se ele a via como insubordinada. Ela havia seguido as instruções e levado o restante do grupo até Avalon. Tinha feito sua parte por Dorian. E, apesar de ter ansiado por ajudar os sobreviventes do ataque, ela sabia que havia uma pessoa que precisava mais dela.

Ivy entrou no quarto em silêncio. Quando a porta se fechou com um clique, Echo levantou a cabeça. O rosto dela estava com marcas de lágrimas e os olhos inchados, e ao ver Ivy uma nova onda de choro a atacou. Ivy ouvia a voz grave de Altair repetindo instruções do outro lado da porta, mas por ora tudo o

que importava era a visão da Ala estirada, com as veias de um lado do corpo apresentando um estranho inchaço, e o som do choro soluçado de Echo. Ivy contornou a cama o mais rápido que pôde e abraçou Echo. As lágrimas ensopavam sua camiseta enquanto ela alisava os cabelos da amiga. Estavam sujos, cheios da mesma poeira que Ivy tinha visto em alguns Avicen, e embaraçados, mas ainda macios se comparados a penas. Quando criança, ela admirava os cabelos de Echo. Eram como seda ao toque, e de um castanho intenso que lembrava terra fresca. Ela invejava a capacidade que Echo tinha de andar na superfície sem precisar se preocupar em se esconder. Costumava achar que a vida de Echo era muito fácil comparada à dela.

— Está tudo bem — Ivy disse. Echo fez um ruído que ficava entre uma risada e um soluço. — Certo, tudo está horrível, mas vai ficar bem. — Ela apertou o rosto contra os cabelos de Echo, sem notar a sujeira e o suor. — Eu sei que vai.

Ivy não conseguia olhar atrás de Echo, para a Ala. Se o fizesse, talvez começasse a chorar também. A Ala era a coisa mais próxima de uma mãe para as duas. A mãe de Echo poderia ainda estar viva, mas a de Ivy tinha morrido no parto e ela quase não se lembrava do pai. Quando tinha três anos, ele saiu para uma expedição de reconhecimento nas Filipinas com um grupo de Falcões de Guerra e nunca mais voltou. Apenas a imagem da mão da Ala, tão escura em comparação aos lençóis brancos, era quase o bastante para partir o coração de Ivy ao meio.

— Não posso perdê-la. — A voz de Echo estava fraca e trêmula. — Não posso.

— E não vai — Ivy disse. Ela daria a vida para garantir que aquilo não acontecesse.

Embora fossem separadas pelo nascimento e pela biologia, Echo era uma irmã para Ivy, e estava sofrendo. Ivy se manteve firme, determinada a conter as lágrimas. Teria tempo para desabar mais tarde. Mas agora sua melhor amiga, que tinha sido tão forte para tantas pessoas, precisava que alguém fosse forte por ela. Ivy não podia derrotar um monstro, nem restaurar seu lar arruinado — mas aquilo ela era capaz de fazer.

DEZESSETE



ECHO DEIXOU IVY FICAR UM TEMPO SOZINHA com a Ala. Ela saiu do quarto para o corredor bem quando Altair estava no meio de uma frase.

— Sage, Violet, levem ele para a ala leste...

Com o som da porta se abrindo, todos os olhos se voltaram para ela. Echo sabia que seu rosto ainda estava marcado pelas lágrimas e suas bochechas pareciam inchadas, mas com tantos machucados e cortes, ela não ganharia um concurso de beleza tão cedo. Não a viram chorando, então poderia fingir que não tinha acontecido. As duas Falcões de Guerra — Sage e Violet — cercavam Caius. Sage estava com a mão apoiada na espada, os dedos batucavam no pomo como se ela esperasse alguma reação de Caius. Ou torcesse por isso. Em defesa dele, Caius era o retrato da obediência complacente. Ele cruzou o olhar com o de Echo, reparou em como estava amarrotada, e deu o meio sorriso que agora ela conhecia tão bem. Rowan, pelo contrário, recusava-se a olhar para ela.

— Echo — Altair disse. — Rowan vai levar você aos seus aposentos.

— Hum — ela murmurou. Embora gostasse do fato de Altair estar emocionalmente distante demais para notar suas lágrimas ou apenas não se importar com isso, não achou que deixá-la sozinha com Rowan fosse a melhor ideia. Eles ainda não estavam preparados para isso. *Ela* ainda não estava preparada para isso.

Caius pareceu entender.

— Eu vou com ela — disse.

Echo expirou aliviada, mas não foi exatamente um suspiro.

Rowan rangeu tanto os dentes que Echo podia jurar ter ouvido o atrito entre os molares.

— Se não se importar, gostaria de falar com a minha namorada a sós.

Namorada.

Ele a chamou de namorada.

Como se ainda achasse que ela era. Como se ainda sentisse que ela merecia aquele título. Como se nada tivesse acontecido nos últimos três meses. Echo notou como a expressão de Caius ficou séria. Um segundo depois, ele inclinou a cabeça de forma cavalheiresca.

— É claro — ele disse. Olhou para ela por um instante, mas Echo não conseguiu decifrar sua expressão.

Ela não tinha contado a ele sobre Rowan. Não usando muitas palavras. Não da forma clara que ele merecia. Caius sabia que Rowan era importante para ela, mas ela havia deixado de especificar a natureza dessa importância. A expressão de curiosidade de Altair deixou Echo com vontade de se encolher até sumir.

Sem mais palavras, Caius se virou e marchou na direção da ala leste, forçando suas vigias a correr atrás dele. Embora na situação atual fosse pouco mais que um prisioneiro, ele mantinha uma postura altiva.

Echo viu a silhueta dele se afastar enquanto Rowan e Altair a observavam. Ela não tinha a menor vontade de olhar para qualquer um dos dois. Principalmente para Rowan. Mas então Altair pigarreou e Echo não pôde mais ignorá-los.

— Rowan vai se encarregar de que você tenha tudo do que precisar — disse Altair. Seus olhos laranja-escuro estavam pesados, de exaustão e pelo terrível peso daquele dia. Echo começava a perceber como sabia pouco sobre o homem que agora os comandava. — Assim que tiver descansado, posso levá-la aos outros.

— Outros?

— As outras vítimas — Altair explicou. — A Ala não foi a única Avicen que o kuçedra derrubou.

Era de esperar, mas Echo não conseguia admitir a ideia de mais vítimas, presas em um estado entre a vida e a morte, com a escuridão correndo nas veias. Ela queria se refugiar no quarto da Ala e ficar encolhida ao lado dela. Em vez disso, seguiu Rowan enquanto ele a conduzia por uma passagem mal iluminada. Ele não olhou para ela enquanto andava, com os passos um pouco mais rápidos do que deveria, e ela em segredo se sentiu vergonhosamente grata por aquilo.

A caminhada do salão até o quarto de Echo pareceu mais longa do que de fato foi. Apesar do que disse a Caius, Rowan andou em silêncio, deixando o ambiente preenchido por tudo o que deveria ser dito, mas não era. Echo se

manteve ocupada tentando memorizar o caminho que faziam, mas eram tantos corredores idênticos, com tapetes marrons e paredes escuras e deterioradas, que ela sabia que se perderia de qualquer jeito. A maioria das portas estava fechada, mas, pelas abertas, Echo teve rápidos vislumbres de salas que lembravam a antiga beleza da casa. Um piano de cauda repousava em um salão, parcialmente coberto por uma velha lona. Uma biblioteca com estantes vazias, exceto pelo pó, fez o coração de Echo bater mais forte. Ela sentia falta de sua biblioteca... de seu lar. Ficou imaginando se lá ainda pareceria o mesmo lugar quando — *se* — ela voltasse ou se a essência de seu ser teria sido tão alterada pelos últimos acontecimentos que ela seria incapaz de olhar com os mesmos olhos para seu quatinho apertado, com suas luzes delicadas e o cheiro de livro velho.

Rowan parou diante de uma porta no fim de um corredor.

— Este é o seu — ele disse, mexendo em uma velha chave mestra, alternando o olhar entre a pequena janela à esquerda e o tapete desbotado sob seus pés. — Altair deixou alguns Falcões de Guerra escolherem quartos quando você estava com a Ala.

O latão sem vida da chave destacava o suave brilho dourado da pele dele. A luz do sol poente dançava sobre a textura de suas penas alaranjadas. Antes de tudo isso acontecer — antes de o pássaro de fogo ter arruinado quase tudo —, Echo teria afundado os dedos naquelas penas e o beijado, rindo com a boca colada na dele por causa de seu sorriso de surpresa. A ânsia de fazer exatamente aquilo a perturbava de forma difícil de ignorar.

Quando Echo não se mexeu para entrar no quarto, Rowan enfim a olhou nos olhos.

— Estou logo ali no corredor — ele disse. — Terceira porta à esquerda. Você sabe... caso precise de alguma coisa.

Ele se virou e começou a ir embora. Echo sabia que, se o deixasse ir sem tentar recuperar ao menos um minúsculo fiapo de sua amizade, perderia Rowan para sempre. Ela não queria que isso acontecesse. Foi fácil esquecê-lo quando estava com Caius. Mais fácil ainda quando Rose revelou sua presença e seus desejos. Ela achava que estava pronta para esquecê-lo, mas, ao vê-lo de novo, ao ficar tão perto sem a presença de Caius ou de Rose entre eles, ficou óbvio que ela vinha mentindo para si.

— Rowan — ela chamou. A tapeçaria nas paredes parecia engolir o som de sua voz.

Ele parou, mas não se virou. Uma corrente de vergonha inundou Echo. Ele não conseguia nem olhar para ela.

— Sinto muito. — Não era o bastante, mas era tudo o que ela tinha e podia oferecer.

Rowan não respondeu, mas também não saiu dali. Os ombros dele baixaram alguns milímetros.

Assim que pôs as palavras para fora, o restante do que Echo sentia fervendo dentro de si foi se esvaindo sem esforço. Não só porque Rowan precisava ouvir. Echo precisava dizer. Ruby podia não ter sido amiga dela, mas era um ser vivo e, por culpa de Echo, não era mais. Os espíritos dos mortos mereciam algo mais digno do que silêncio.

— Sei que não mereço perdão pelo que fiz, mas sinto muito. Eu não pretendia matá-la. Só queria que aquilo parasse. Queria manter todos a salvo. Eu não pensei... Eu não... — A voz dela falhou e lágrimas quentes fizeram seus olhos arder. Rowan virou a cabeça na direção dela, de forma que ela o via de perfil. — Sinto muito — ela repetiu. — Sinto muito mesmo.

Rowan ficou em silêncio por tanto tempo que Echo perdeu as esperanças de receber uma resposta. Partículas de pó flutuavam pelo feixe de luz solar que cortava o chão. Ela se voltou para a porta do quarto. A mão dela segurava a maçaneta quando ele, por fim, falou:

— Eu a trouxe de volta para casa.

O metal gelava sua pele. Agora era a vez dela de desviar os olhos. Um desenho desbotado ornava a borda do tapete, bordado em uma linha que ela presumiu ter sido dourada um dia.

— Não pude deixá-la lá — Rowan continuou. — Então a carreguei até aqui.

O que foi feito do cadáver de Ruby nem tinha passado pela cabeça de Echo. Ela imaginou Rowan se esforçando para andar sob o peso do corpo sem vida. Pensou nele tentando trilhar seu caminho pelo entremeio desse jeito. Tentou visualizar o espanto e o terror no rosto dos Avicen que esperavam na entrada principal do Ninho, uma cena mórbida presenciada pelos olhos cegos dos cisnes de ferro do arco. Os ossos de seus dedos embranqueceram quando ela apertou a maçaneta com mais força.

Até alguns meses atrás, a guerra era um conceito abstrato para eles. Ela, Rowan e Ivy estavam sentados em um café em Londres e riam dos Falcões de Guerra, de Altair e do treinamento, do qual ela tinha tanta certeza de que Rowan nunca iria precisar. Um cessar-fogo tinha sido declarado muito tempo

antes do nascimento de qualquer um deles; tudo o que sabiam sobre guerra tinha vindo das páginas dos livros de história. Avicên, histórias distantes demais para parecerem verdadeiras. Apesar de toda sua imaginada invencibilidade, a guerra os alcançou. E foi justamente Echo quem apresentou Rowan a seu primeiro cadáver. Diferente do bando de órfãos e fugitivos da Ala, Ruby tinha pais. Echo os havia conhecido apenas de passagem, mas também nunca tinha pensado neles. Por culpa dela, eles tinham perdido uma filha e Rowan, a inocência. A culpa era tão grande que Echo a sentia obstruindo seus pulmões, impedindo que respirasse.

— Sei que não era sua intenção — Rowan disse. — Tive muito tempo para pensar a respeito. Repassei a cena milhares de vezes na cabeça. Às vezes, parece que é a única coisa que consigo ver. — Ele olhou para ela, seus olhos castanhos cheios de emoção. — Eu só... preciso de um tempo, tudo bem?

Echo confirmou.

— Tudo bem. — Ela mal conseguiu dizer essas palavras.

Ela ficou olhando para as costas dele enquanto Rowan se afastava. Ele seguiu pelo corredor e abriu a terceira porta à esquerda, bem como havia dito. Mas não entrou no quarto. A mão dele ficou segurando a maçaneta. Ela não conseguia ver seu rosto, mas havia algo na posição dos ombros dele que reconhecia. Ele respirava de um jeito lento e preciso quando absorto em pensamentos. Estava tão quieto, tão imóvel, que ela achou que seria melhor entrar no quarto e deixá-lo a sós com seus pensamentos. Então, ele se virou e disse:

— É uma péssima ideia, mas...

Ele deixou o resto da frase no ar e correu até onde Echo estava, ainda parada em frente da porta. Antes que ela pudesse construir qualquer linha de pensamento, a boca de Rowan estava colada à sua. As mãos dele seguravam seus braços com firmeza, mas com delicadeza o bastante para que ela saísse dali se quisesse.

Os lábios dele eram quentes e rachados e tão familiares que chegava a doer. Não havia nada da bem pensada leveza do beijo de Caius, nada da artística elegância esculpida ao longo de dois séculos de prática. O beijo de Rowan era um tanto desajeitado, mas era aquela falta de arte que o tornava perfeito. Echo levantou as mãos e passou pelo rosto dele, seguindo o contorno do queixo e depois afundando os dedos na penugem macia de sua nuca.

Echo teve um segundo para pensar que ele tinha gosto de salada de frutas,

até que uma lembrança que não lhe pertencia invadiu sua consciência.

A madeira empenada do piso do corredor deu lugar a uma grama escorregadia por causa da chuva, e a um solo cheio de lama. O teto desapareceu. Nuvens de tempestade escureciam o céu. A chuva — furiosa e persistente, com o sabor salgado do ar marinho — ensopava suas roupas. Ela congelaria até os ossos se não fosse pelo corpo colado ao dela. A coisa macia que ela tinha entre os dedos não eram penas, mas cabelos. Sedosos, castanho-escuros. Ela abriu os olhos.

Não, não os próprios olhos. Os de Rose. E não era Rowan que ela beijava, mas Caius.

Assustada, Echo se afastou e voltou a ser ela mesma.

Ela deu um passo para trás, tateando em busca da porta, necessitando sentir algo sólido para se lembrar de onde estava. De *quem* era. Sua respiração ofegante não puxava oxigênio suficiente. Ela estava no Castelo de Avalon, não na ilha onde Rose havia morrido. Estava protegida por um teto, não na chuva. E era Rowan à sua frente, não Caius. Uma dor floresceu em sua nuca, e ela não sabia se era por causa da magia que tinha usado mais cedo ou pela confusão de lembranças e identidades que tumultuavam seu cérebro.

Rowan a soltou.

— Desculpe — ele disse baixinho. — Precisava fazer isso. — Ele a observou, com as sobrancelhas arqueadas, percebendo que algo estava errado, mas sem saber bem o quê. Ele se culpava pela reação dela, Echo concluiu. *Droga*. Ele balançou a cabeça e continuou: — Não devia ter feito isso.

Sem dar a Echo chance de explicação, ele se virou e foi para o próprio quarto. O trinco estalou ao fechar a porta, e o silêncio do corredor cresceu ao redor dela. Ela entrou no quarto, não dando atenção à mobília decadente, e com a dor martelando o crânio. Já tinha vivenciado travessias antes, mas não desse jeito. As memórias que vinham com os outros veículos raramente eram tão potentes. Ela precisava se deitar. Se ao menos pudesse conversar sobre isso com a Ala ...

Ela colocou devagar uma das mãos sobre os lábios. Sua garganta se contraiu e lágrimas despontaram dos olhos. O colchão era duro feito pedra, mal afundou sob seu peso. Ela enfiou os dedos por baixo da colcha — a única coisa dali que parecia não ter séculos de idade — e ouviu o som do próprio coração batendo. O castelo era enorme, mas mesmo dali era possível ouvir um eventual rangido de piso de madeira enquanto os Avicen perambulavam pelos

quartos. E cada um deles contava com o fato de ela ser algum tipo de salvadora. Como ela poderia salvar alguém quando não conseguia nem mesmo salvar as pessoas que mais lhe importavam? Como poderia carregar aquele tipo de responsabilidade se tudo que trouxera às pessoas que amava foi dor? Echo estava cercada de pessoas e, mesmo assim, nunca tinha se sentido tão sozinha.

DEZOITO



NO DIA SEGUINTE, o café da manhã foi servido no quarto de Echo por um Falcão de Guerra mal-humorado. O ressentimento dele era mais fervente que o mingau de aveia fumegante que trazia na bandeja.

— Obrigada — agradeceu Echo, meio da boca para fora. — Sei que você pode muito mais do que isso. — O Falcão de Guerra respondeu com um curto meneio de cabeça e se virou para ir embora, com o som das botas amortecido pelo tapete e o manto branco esvoaçando de modo um tanto quanto majestoso atrás dele. Com certeza majestoso demais para alguém que tinha sido relegado a servir café da manhã. Echo se perguntou o que ele teria feito para irritar Altair.

Ela se sentou na cama e comeu depressa. O mingau estava sem nenhum açúcar, e o café estava amargo, com gosto forte de queimado. Instantes depois de ela raspar a última colherada de mingau da tigela, ouviu uma batida na porta. Deixou os utensílios na bandeja e saltou da cama para abrir. Altair esperava do lado de fora, com as penas impecáveis e o manto tão branco quanto a neve.

— Quero te mostrar uma coisa — ele disse. E foi só isso. Ele se virou e seguiu pelo corredor, esperando que Echo fosse atrás. Um rápido ímpeto rebelde tomou conta dela, mas ela o ignorou e preferiu pegar suas botas e calçá-las enquanto saltava pelo corredor atrás de Altair. Sem dúvidas, de maneira muito menos majestosa do que o Falcão de Guerra.

Ele a levou para onde costumava ser o salão de baile do castelo. O teto estava decorado com um mural tão desbotado que Echo mal conseguia distinguir as formas. Dava para ver anjinhos gordinhos na pintura descascada do canto, enquanto um animal que podia ser um peixe-espada ou um unicórnio desfigurado puxava uma carruagem no outro. O centro do mural estava escurecido por manchas, provavelmente por causa do lustre que pendia no meio do teto. O advento da energia elétrica havia sido ignorado por Avalon, e

manchas de fumaça e cera velha faziam parte da estrutura de metal do lustre. Havia pingentes de cristal em forma de gotas pendurados em seus numerosos braços, e eles capturavam a luz do meio da manhã e a lançavam pelo salão em um caleidoscópio de diversos arco-íris.

Fileiras de camas dobráveis ocupavam o salão. Dois curandeiros Avicen caminhavam entre elas, verificando seus ocupantes. Estavam tão inertes. Como cadáveres. Não fosse o movimento da respiração que elevava e abaixava o peito, Echo acharia que estavam mortos. A pele visível estava coberta de veias, pretas e inchadas, iguais às da Ala. Alguns haviam sido pouco afetados, outros estavam com tantas veias negras que seus traços ficavam indistintos.

Altair andou entre as fileiras, observando cada Avicen com um olhar incompreensível no rosto.

— Os que ficaram mais perto do kuçedra sofreram mais, mas mesmo os que tiveram ferimentos menores pioraram, apesar dos cuidados. — A voz dele tinha uma moderação calculada. Não entregava o que estava sentindo. Ele poderia estar lendo as informações nutricionais na lateral de uma caixa de cereais. Mas, quando se virou para Echo, seus olhos alaranjados estavam repletos de algo que ela pensou que jamais veria. Não nele.

Impotência.

— Não sabemos o que fazer — Altair continuou. — Não sabemos como ajudá-los. Não sabemos nem mesmo se isso é possível. O máximo que conseguimos fazer é garantir que estejam confortáveis. As vítimas humanas foram levadas para o Hospital Lenox Hill. De acordo com os relatos que acessamos pelo rádio, eles foram postos em quarentena, mas até agora nenhum tratamento surtiu efeito na cura da infecção nem conteve o seu avanço. E nem seria possível. Essa... doença — ele cuspiu a palavra como se fosse veneno — é mágica em sua raiz. Eles estão tão perdidos quanto nós. Mais ainda, eu diria. Só sabemos que todos que tiveram contato direto com o kuçedra foram afetados.

Echo se aproximou da cama mais próxima da porta. O Avicen deitado sobre os lençóis branquíssimos era integrante do Conselho de Anciãos. Ele era quase tão velho quanto a Ala e era responsável pela distribuição de alimentos no Ninho. Seu nome era Charon, se não lhe falhava a memória. Echo já o havia visto pelo Ninho e na Ágora. Ele tinha penas brancas como leite. Não tão claras quanto as de Ivy. Um de seus braços estava coberto por uma rede de veias escuras; o outro estava intocado. As veias serpenteavam por toda a

extensão de seu braço e seguiam até a clavícula: a propagação se dava através da corrente sanguínea. O corpo dele tentava combater a infecção, mas estava perdendo. Sob as pálpebras fechadas, os olhos faziam movimentos frenéticos, como se ele estivesse sonhando. Talvez fosse um pesadelo. Echo sabia que os olhos dele eram do mesmo azul brilhante das safiras. Ninguém esquecia olhos como aqueles. O kuçedra era uma fera feita de sombras e sofrimento. As coisas que Charon devia estar vendo, aprisionado em um corpo paralisado...

— Você acha que eles vão piorar? — perguntou Echo. Ela tentou pegar a mão de Charon, mas uma curandeira agarrou seu pulso antes que ela o tocasse. As mãos da curandeira estavam protegidas com luvas de borracha.

— É melhor não — disse ela. Seus olhos amarelo-claros, da mesma cor de suas penas, estavam vermelhos, como se não tivesse descansado um segundo desde o ataque. — Não entendemos como ou por que a infecção está se espalhando dessa forma, e estamos tomando todas as precauções para garantir que ela não saia desse recinto.

Echo recolheu a mão. Ela não podia oferecer conforto nenhum aos feridos.

Altair ficou ao lado dela, olhando para Charon.

— Ele foi o único membro do conselho que sobreviveu, além de mim e da Ala. — Uma linha fina se formou entre suas sobrancelhas franzidas quando ele colocou a mão com cuidado sobre os lençóis ao lado de Charon. Aquele era um lado do general que Echo nunca tinha visto. E isso a deixava irritada. Ela tinha a sensação de que o estava vendo sem sua armadura. Ele continuou: — Para ser sincero, não sabemos o que vai acontecer com eles nem mesmo se estão sentindo dor. — A mão sobre a cama fechou-se em punho, como se ele tivesse que se conter para não tocar naquelas veias horríveis e escurecidas. — É impossível não pensar se a morte não seria um presente.

Morte. Um pensamento obscuro ocorreu a Echo — principalmente por não ter lhe ocorrido antes.

— O que vocês fizeram com... — Ela não conseguiu terminar a pergunta.

— Nossos mortos? — completou Altair. Mais uma vez a voz dele estava impassível, como se discutissem o preço do pão. Mas ele tinha muito mais prática em se manter impassível diante dos horrores da guerra do que ela. — Fogo mágico. A mesma coisa que usamos para limpar nossos mortos depois das batalhas.

— Fogo mágico? — Echo já tinha visto aquilo nos livros da Ala, mas não sabia de ninguém capaz de produzi-lo. Pelo menos não alguém que ela

conhecesse.

— Essa habilidade saiu de moda — Altair disse. — Mas eu garanti que sempre houvesse alguns entre nós que conhecessem as artes antigas.

Artes. Como se queimar corpos para que não sobrasse nada além de cinzas irreconhecíveis fosse algo bonito. Echo conteve um tremor.

— Eu não posso fazer nada por eles. — Ela sacudiu a cabeça. — Pelos... sobreviventes. — Se é que podemos chamá-los assim. — O cheiro medicinal das ervas de cura e a falta de ventilação do salão a esmagavam. Ela abraçou a si mesma. Fazia frio, apesar do calor do recinto. Era o tipo de frio que se alojava nos ossos, penetrando profundamente na alma. — Não sei o que você espera de mim.

Altair virou-se para ela. Seu olhar estava tão feroz que Echo perdeu o fôlego. Esse era o Altair que ela conhecia, aquele que amedrontava seus recrutas, cuja coragem lendária em batalha havia lhe rendido o respeito e a lealdade de seus soldados. Era isso que ela era agora? Um soldado em uma guerra que havia começado milhares de anos antes de seu nascimento? Ela era um dos soldados de Altair? Tinha uma leve suspeita de que ele pretendia transformá-la em algo maior que isso.

— Espero que você faça o que todos devemos fazer em momentos como este — ele disse, com a voz grave ecoando no salão silencioso. — Espero que você lute.

Echo desviou o rosto. Ela não podia encarar aquele olhar tão fixo e duro. Seus olhos percorreram as camas com lençóis branquíssimos e seus ocupantes inertes. Um dos curandeiros ergueu o olhar de um Avicen que estava atendendo. Em uma mão, segurava um pano que estava usando para secar a testa do seu paciente inconsciente. Da outra, pendia uma série de contas de madeira, cada uma em um tom diferente, quase todas com cores de joias. No Ninho, Echo tinha visto alguns Avicen usando itens parecidos, na forma de pulseiras ou colares. Mesmo não sendo muito populares, ela sabia o que eram: contas de oração. Cada conta colorida representava um deus do panteão Avicen, e quem as usava geralmente amarrava as contas sozinho, selecionando os deuses de cujas bênçãos desejavam. No cordão do curandeiro havia uma conta que Echo nunca tinha visto antes. Cada conta de oração era sempre de uma única cor. Uma cor, uma divindade. Mas essa era dividida em duas cores: preto e branco. Echo olhou nos olhos do curandeiro, e ele tocou a conta de duas cores com cuidado antes de retornar à sua função.

A desconfiança surgiu em suas entranhas. Ela não queria perguntar, mas precisava saber.

— O que é aquilo? — questionou em voz baixa, mesmo sabendo que o som não acordaria ninguém. Eles estavam muito enjaulados àquele sono envenenado.

O enfermeiro Avicen pareceu surpreso, como se não esperasse que ela reconhecesse sua presença.

— É para o pássaro de fogo — ele respondeu com uma voz meio trêmula. Ele olhou para ela, com uma expressão incompreensível. — É para você.

Echo sentiu um nó no estômago.

— Para mim?

O Avicen confirmou com um aceno de cabeça.

— Sim. Para você.

— Por quê?

O enfermeiro se afastou do Avicen de quem cuidava e deu alguns passos lentos na direção de Echo.

— Ficamos sabendo do que você fez. Quando os Drakharin atacaram nossas forças na Floresta Negra. Você foi para cima do líder deles. — Os olhos dele foram parar sobre Altair, com certeza lembrando que Echo também havia atacado o líder Avicen. Mas parecia que aquele detalhe estava cada vez mais fácil de ignorar depois do que houvera no Ninho. Os Avicen precisavam de um herói, e Echo podia ser transformada nisso desde que cooperasse com eles naquele momento obscuro. Como a onda da opinião pública mudava depressa.

Nossas forças. Ele falava como se Echo fizesse parte daquilo. Ela sempre quis se sentir como uma Avicen, mas, agora que isso estava acontecendo, não era do jeito que ela imaginara. Havia expectativa na voz do enfermeiro. Esperança. Um tipo de esperança desesperada que Echo tinha medo de decepcionar. Quando Echo não respondeu nada, o curandeiro abaixou a cabeça e voltou ao trabalho, verificando sinais vitais e deixando os pacientes confortáveis.

Oriflamme, ela pensou. *Francês. Do latim, aurea flamma, “auriflama”*. A palavra. A palavra originalmente significava o estandarte de batalha dos reis da França, mas também podia denotar algo maior. Um ideal mais forte. Um símbolo — ou talvez até uma pessoa — que as tropas seguiriam na batalha. Um ponto ao redor do qual se reunir. Para lutar — para morrer.

— Você é poderosa, Echo. — Altair quase nunca falava seu nome. Em geral,

ela era *a garota humana* ou, simplesmente, *aquela ali*. Dependendo do quão ruim seu humor estava, *aquela infeliz*. De vez em quando apenas *você aí*. — Mais do que imagina, eu acredito. Eu vi você na Floresta Negra. Conteí a todos sobre o seu poder. — Echo se virou para ele. Ele levou a mão à têmpora, onde uma cicatriz ficava escondida sob suas penas marrons e brancas. O ferimento estava curado, mas a cicatriz ainda era recente. A pele estava lisa, como uma queimadura. — Pelos deuses, eu senti.

A admissão era com certeza a coisa mais próxima de um elogio que ela receberia dele.

— Você é capaz de mais do que imagina — disse Altair. — E, se seguir minhas instruções, posso ajudar a extrair isso de você.

Dentro daquela afirmação — porque aquilo, apesar do orgulho dele, era uma admissão relacionada ao poder dela — estava tudo o que Echo sempre quis dos Avicen em geral. Aceitação. Um convite para se tornar parte do bando. Uma declaração de pertencimento, de que ela tinha um lugar entre eles. Ela só nunca imaginaria que viria de Altair. A voz dele havia sido a mais alta no Conselho de Anciãos quando foi feita uma votação para determinar se a garota humana perdida e solitária seria acolhida entre eles ou deixada à própria sorte. Uma órfã, para todos os efeitos. Uma infeliz.

— Você nunca me quis por perto, e agora está pedindo para eu me juntar a você nesta luta. — Um pensamento passou por sua mente, algo sobre os dentes de cavalos dados, mas ela precisava insistir. E foi o que fez. — Isso deve estar te matando.

Ele olhou feio para ela. Mas logo um canto de sua boca compôs um sorrisinho sem graça.

— Está mesmo. — Ele passou os dedos pelas penas que tinha no lugar dos cabelos. Parecia cansado. Não o tipo de cansaço que uma boa noite de sono resolveria, mas o tipo que consumia a pessoa de forma lenta e constante. — Mas você é parte disso. — Ele apontou para a enfermaria improvisada, para as vítimas do kuçedra, para o enorme mundo além das paredes do Castelo de Avalon, que estava se transformando com as mudanças provocadas pelas forças cósmicas grandes demais para serem compreendidas... — Quer você goste ou não. Eu vi você invocar aquele fogo. Sei quais poderes tem. Conheço a magnitude da arma à sua disposição. Mas também sei que uma espada serve para o bem ou para o mal, só depende de quem a empunha. Até mesmo o melhor guerreiro precisa de treinamento. Eu posso oferecer instrução, mas

você tem que estar disposta a aceitar minha ajuda. — Ele deu outro meio sorriso sem graça. — E acredito que aceitar minha ajuda é tão difícil para você quanto eu aceitar a sua, mas o mundo está mudando e podemos mudar com ele, ou morrer.

Com isso, ele a deixou no salão de baile transformado em enfermaria. Os curandeiros ignoraram sua presença enquanto ela pensava nas palavras de Altair. Não conseguia parar de pensar que ela era a espada e Altair queria ser a pessoa que a empunharia. No decorrer de poucos meses, ela tinha passado de órfã infeliz a arma de destruição em massa. A guerra estava no horizonte, e o pássaro de fogo precisava cumprir seu papel. Echo tinha uma sensação muito forte de que, assim como Excalibur havia sido criada em uma ilha de magia e mistério, Avalon seria o lugar onde ela seria transformada.

DEZENOVE



CAIUS NÃO DORMIU. Ele cochilava apenas quando não resistia. Relaxar o suficiente para cair no sono pesado era uma noção insustentável quando compartilhava o mesmo teto com o que restava do pobre exército Avicen. Eles haviam sido dizimados pelo ataque ao Ninho, mas o fato de estarem em número menor não os tornava menos mortais. Caius não podia mais apelar a seu próprio exército. As forças Drakharin respondiam à Príncipe Dragão, e agora ele era apenas um traidor. E estava sozinho — Dorian era mantido em outro quarto para evitar que *conspirassem*, como Altair havia dado a entender —, se as ondas do destino se voltassem contra ele, não passava de um homem contra as dezenas de Falcões de Guerra que haviam sobrevivido ao ataque ou que estavam fora do Ninho na ocasião. Ele pretendia garantir que isso *não* acontecesse.

Seu quarto não tinha janela, mas, mesmo através das paredes grossas do Castelo de Avalon, ele podia ouvir o canto dos pássaros nos jardins que cercavam a construção. Comparado ao silêncio que os Drakharin mantinham ao redor da Fortaleza do Dragão — uma zona livre de pássaros —, era quase uma dissonância de sons. Sem o benefício do arco do sol no céu, o canto dos pássaros era a única forma que Caius tinha de saber as horas. Quando um rouxinol anunciava o fim do dia, ele sabia que o Sol, escondido dele pelas pedras e pelo concreto, havia se posto.

Durante horas, Caius ficou andando de um lado para o outro em seu quarto modesto, deixando os rastros de suas botas na grossa camada de poeira acumulada sobre o tapete velho. Ele cochilou de botas. Não confiava na paz silenciosa de Avalon. Não com o kuçedra à solta. Não quando sua irmã de certo ainda planejava sua captura (na melhor das hipóteses) e sua morte (na pior). Ele não seria surpreendido descalço em uma emergência. Tinha um pouco mais de dignidade que isso.

Uma batida na porta interrompeu seus passos pelo quarto.

Caius passou as mãos inutilmente pela cintura. Ele daria tudo para ter suas facas de volta. Sentia-se pelado sem elas.

O visitante nem esperou Caius responder. A porta se abriu e Altair preencheu o espaço como se estivesse em um castelo de brinquedo. As penas brancas em sua cabeça quase tocavam o alto do batente, e seus ombros eram da largura da porta.

— Boa noite — Caius disse com voz estridente. O sarcasmo de Echo era contagioso. A saudação fez o general franzir a testa, estragando sua perfeição severa e angulosa. *Ótimo*, Caius pensou. Ele não podia lutar com Altair, pelo menos não enquanto estava à mercê da generosidade dos Avicen, mas podia irritá-lo. Séculos de animosidade necessitavam de uma via de escape, mesmo ele sabendo que era insignificante contrariar Altair. Aquele era o homem que havia enviado Rose para a missão condenada de encontrar o pássaro de fogo, sem demonstrar a menor consideração por sua vida. Que havia aprisionado Echo por ousar desafiá-lo. Que havia arrancado o olho de Dorian apenas por um capricho doentio. Caius estava até orgulhoso de si mesmo por não ter feito apenas uma saudação insincera.

Altair não perdeu tempo com cortesias.

— Antes de continuarmos, preciso te perguntar uma coisa.

Caius ergueu uma sobrancelha questionadora e deixou o silêncio falar em seu lugar.

— Por que, em nome de todos os deuses, eu deveria confiar em você? — perguntou Altair.

Uma risada abafada escapou de Caius. O rosto de Altair apenas ficou ainda mais severo. Confiança? Entre eles? Sinceramente. *Sinceramente*.

Caius abriu bem os braços.

— Como eu posso responder isso? Matei mais gente do seu povo do que posso contar e você fez o mesmo com o meu.

Altair cruzou os braços.

— Tente. Ou não vai sair deste quarto. Vou mantê-lo vivo porque o pássaro de fogo parece se importar com você, mas não tenho obrigação nenhuma de te deixar à vontade por aí. Você conhece a localização de seu santuário. Não posso permitir que saia a menos que tenha certeza de que não estamos em conflito. — Algo que não chegava a ser um sorriso mas também não era uma careta surgiu nos lábios de Altair. — Pelo menos por enquanto.

O pássaro de fogo. O modo com que ele se referiu a Echo, como se ela fosse

uma coisa, e não uma pessoa, desagradou Caius. Mas também lhe apresentou uma oportunidade. Altair, querendo ou não, tinha mostrado suas cartas. — Você pode não confiar que eu não pretenda lhe fazer mal — Caius disse. *Nem ele* confiava que não pretendia fazer mal a Altair. — Mas pode acreditar, sem sombra de dúvida, que eu nunca faria nada que causasse mal a ela.

O *ela* não precisava de especificação. A presença de Echo pairava entre os dois como moeda de troca, passando de uma mão para a outra conforme eles avançavam nesse jogo perigoso.

E agora, Caius sabia, era a vez de revelar suas cartas. Uma reprodução de confiança nunca se estabeleceria sem Caius dar a Altair algo em que fincar os dentes.

— Echo não é apenas minha aliada — afirmou o Drakharin. — Ela é minha amiga. Aonde ela for, eu vou.

O silêncio se aprofundou. Altair parecia refletir sobre a afirmação de Caius, como se procurasse furos ou fraquezas. Revelar a intensidade de seus sentimentos por Echo era uma aposta, a única que Caius estava disposto a fazer. Se Altair achasse que teria algo para usar contra Caius quando bem entendesse, então talvez ele encerraria a discussão.

— Muito bem — Altair disse devagar, com um tom de voz calculado. Ele saiu da frente, fazendo um gesto para Caius passar pela porta. — Então acredito que você tenha um encontro com a Príncipe Dragão. Quanto mais cedo pudermos confirmar que ela não foi responsável pelo ataque ao Ninho e considerar um cessar-fogo, mais cedo poderemos começar a caçar o monstro.

Depois de uma parada rápida no quarto de Dorian para buscá-lo, eles partiram do castelo na mais repleta escuridão. Altair e duas de suas Falcões de Guerra — a nervosinha e a roxinha, como Caius as apelidou mentalmente — acompanharam todos os passos. Para isso dar certo, Caius precisava de privacidade e de um lugar para acessar o entremeio, duas coisas que eles haviam encontrado a pouca distância do castelo, protegidos por um bosque de árvores. Os bloqueios da ilha impediam viagens através do entremeio, mas o que Caius havia planejado era mais como abrir uma porta sem passar por ela. A fronteira entre terra e rio teria sido o lugar ideal para aquilo, mas Altair quis que Caius fizesse o encanto em um lugar onde ninguém pudesse ver os dois Drakharin.

Agora, Caius e Dorian estavam em um círculo de cogumelos — um anel de

fadas, como os humanos chamavam. Com galhos de árvores entrelaçados, o círculo formava uma passagem natural para o entremeio. Círculos, especialmente os formados por meio de atos da natureza, tinham uma energia própria, mas era preciso saber canalizá-la.

Dorian tirou uma adaga da bainha em sua cintura. Era uma lâmina simples, o cabo não tinha nenhum enfeite exceto um símbolo em bronze no pomo. Depois de tantos anos de uso, o punho de couro já tinha o formato da mão de Dorian. Gravado no bronze estava o dragão alado, a insígnia de Caius durante seu reinado como Príncipe Dragão. A adaga tinha sido presente de Caius no aniversário de cento e cinquenta anos de Dorian. O olho azul de Dorian tinha se iluminado, e ele segurou o objeto como se fosse a coisa mais bela que possuía.

— Me dê sua mão, por favor.

Caius estendeu a mão direita. Ele podia sentir o olhar de Altair queimando em sua nuca.

— Faz um tempo que não fazemos isso — Dorian disse, com a ponta da adaga apoiada no centro da palma da mão de Caius, apertando a pele sem perfurá-la. — Você lembra como funciona?

— Os semelhantes se atraem — Caius disse. — Sangue atrai sangue. Não há laço de sangue maior do que o existente entre irmãos gêmeos. Meu sangue vai atrair o dela, e ela sentirá sua atração. Ela vai saber como me encontrar no meio da escuridão.

— Se ela estiver disposta a cooperar — Dorian murmurou.

— Eu tenho fé nela — disse Caius. Ele sabia que não devia, mas a parte que ainda amava Tanith, independente das atrocidades que ela havia cometido, não perdia as esperanças de que ele conseguiria encontrá-la.

— Esse sempre foi seu ponto cego. — E com isso, Dorian cortou a palma da mão de Caius com tamanha profundidade que a dor demorou alguns segundos para surgir. O sangue se acumulou na mão em forma de concha. Dorian mergulhou o dedo indicador na crescente poça vermelha e desenhou uma fileira de símbolos angulosos no braço de Caius, do cotovelo ao pulso. Era uma forma antiga de Drakhar, que Caius esperava que Tanith lembrasse quando sentisse a chamada proveniente do encanto. Para que desse certo, ela precisaria replicá-lo do outro lado. Se ela ignorasse a convocação dele, tudo teria sido em vão.

Assim que terminou de escrever os caracteres, Dorian arregaçou uma de

suas mangas e desenhou os mesmos símbolos ao contrário em sua pele. As imagens espelhadas os uniriam, permitindo que Dorian puxasse Caius de volta se ele ficasse à deriva, perdido no espaço do inexistente. Qualquer um, tecnicamente, poderia ser a âncora, até mesmo um estranho, mas o encanto era mais eficiente quando havia um laço. O relacionamento entre os dois havia evoluído no decorrer dos anos, e nem sempre foi de igual para igual, mas o laço estava lá — e era forte. Independentemente de onde o coração de Dorian estivesse, ele sempre seria amigo de Caius. Essa verdade incontestável era tão inegável e imutável quanto a passagem do sol de leste a oeste.

Dorian foi para a borda externa do círculo, afastando-se de Altair o máximo possível. O modo como Dorian ficava levando a mão ao tapa-olho não passou despercebida por Caius.

— Quando estiver pronto — Dorian disse — invoque o entremeio. O encanto vai ser mais eficiente se você terminar o que tem que fazer antes do sangue secar.

Caius se conteve para não revirar os olhos.

— Eu sei. — Ele deu um pequeno sorriso dissimulado de confiança para Dorian. — Sempre tão preocupado.

Ele estava brincando, mas Dorian tinha razão. O sangue secaria logo, ele não tinha muito tempo. Apenas minutos. Algumas de suas discussões com Tanith chegaram a durar meses. Uma discussão excepcional sobre quem era o responsável por quebrar um armário cheio de objetos de cristais havia durado anos. Agora, ele tinha uma pequena janela para, de algum modo, suavizar as relações entre os Avicen e os Drakharin, quando a pessoa mais teimosa que ele conhecia governava seu povo havia alguns meses.

Às vezes, de fato, era preciso construir Roma em apenas um dia.

Dorian olhou nos olhos dele.

— Pronto?

Caius se preparou.

Não, pensou.

— Sim — disse.

Ele estendeu a mão ensanguentada e se concentrou no poder que havia dentro dela. Espirais de escuridão saíram de sua palma, como se o sangue que brotava do ferimento tivesse se transformado em fumaça. Aquilo se expandiu, fazendo primeiro Dorian e depois seus companheiros Avicen sumirem da sua vista, depois o círculo de cogumelos e, por fim, a lua crescente.

A sensação era meio parecida com a de uma queda. A terra, a grama e os seixos sob as botas de Caius desintegraram-se. Ele estava em todos os lugares e, ao mesmo tempo, não estava em lugar nenhum. O entremeio o mantinha suspenso, flutuando, uma mancha de vida e um vasto mar de escuridão, sem peso ou propósito. Não havia nenhum lugar no planeta em que a escuridão fosse tão pura, tão desprovida até mesmo da mais fraca faísca de luz. Era como se ele estivesse flutuando no cosmos sem as estrelas para guiá-lo.

Agora vinha a parte complicada.

Tanith seria capaz de sentir o sangue dele chamando o dela, mas ela também teria que acessar o entremeio. Ela precisaria de sua própria âncora, alguém para puxá-la de volta para terra firme. Da última vez que Caius havia feito este encanto, ele tinha sido a âncora de sua irmã. Eles partilhavam uma confiança mútua naquela época, o suficiente para colocar a vida nas mãos do outro. Ele nunca tinha visto Tanith baixar a guarda para ninguém além dele. A armadura que ela havia construído para si era ainda mais forte que o traje folhado a ouro que usava em batalha. Ligações pessoais, ela havia dito uma vez, eram um convite à fraqueza. Sua irmã era igual a ferro forjado, feita no fogo e moldada em algo afiado e mortal.

Sem uma âncora, Tanith não seria capaz de encontrá-lo.

Então, quando uma leve centelha de luz perfurou o véu de escuridão, Caius teve que engolir sua surpresa.

A última vez que viu sua irmã, ela havia sido engolida pelo fogo, dela própria e de Echo. Sua armadura dourada estava manchada de escarlate com seu próprio sangue e o dos que haviam sucumbido. O ferimento feito por Caius no momento em que sua faca encontrou uma brecha na armadura dela. Tanith sempre gostou de dizer que ele tinha boa pontaria. Ele se perguntava se ela ainda o admirava tanto por isso.

A centelha de luz cresceu, até que, de repente, Tanith estava diante dele com um vestido translúcido de seda vermelha. Placas de armadura especialmente modificadas cobriam seu torso e um único ombro. Era uma armadura valorizada por sua forma, não por sua função; era uma declaração. *Não confunda minha beleza com suavidade*, ela dizia. Muitos haviam cometido esse erro com Tanith, mas poucos o repetiam.

Seus longos cabelos loiros estavam presos em tranças finas, enroladas em volta de sua cabeça como uma coroa. O penteado era adorável e complexo, e, como todo o resto, não era despropositado. Não deixava os cabelos caírem em

seu rosto e não atrapalharia se ela precisasse puxar a espada da cintura, presa a um cinto que combinava com a armadura. Havia dragões gritando gravados no metal. Outra declaração, dessa vez bem menos sutil. Tente passar por cima de mim e morra, gritavam aqueles dragões.

Caius não tinha se dado conta, até aquele instante, do quanto tinha saudade dela. A ausência da irmã em sua vida era como a dor fantasma de um membro amputado. Eles podiam ter ficado em lados opostos de um conflito, mas Tanith e Caius eram irmãos, e nada nunca mudaria aquilo.

— Olá, meu irmão — disse ela. Seus dois braços estavam descobertos, e um deles levava os mesmos caracteres que o de Caius, também escritos com sangue. As formas estavam desalinhadas, como se ela tivesse desenhado com pressa. Ele não sabia ao certo se tinha imaginado ou se havia um traço de melancolia naquela saudação. Seus olhos escarlate não eram suaves, mas também não eram duros e, para Tanith, aquilo já era alguma coisa. Talvez ela também estivesse com saudade de Caius.

— Tanith — ele disse. — Não posso dizer que estava esperando que você aparecesse mesmo.

— Eu quase não vim.

— Quem é sua âncora?

A boca de Tanith formou um sorriso distorcido.

— O tesoureiro real.

— Oeric? — ele perguntou.

Aquele palhaço arrogante, inútil e egocêntrico? Com cabelos cor de ouro lustrado e olhos que seus admiradores gostavam de comparar ao céu nublado de inverno, Oeric era belo, mas Caius não conseguia visualizar sua irmã se apaixonando por um rosto bonito e um bolso cheio. A menos que o acesso a uma grande quantidade de ouro fosse a fonte do apelo de Oeric. Isso ajudaria a explicar a tamanha eficiência da tomada de poder de Tanith. Os membros da corte que não podiam ser ameaçados, de certo foram comprados. O medo era um bom motivador, mas, às vezes, a ganância era ainda melhor.

Ela revirou os olhos.

— Sim, Oeric.

— Eu não sabia que vocês dois eram tão próximos — comentou Caius. — Mas suponho que ele tenha seu valor.

Tanith suspirou, um som familiar. Quase chegou a parecer que eles não tinham tentado ferir mortalmente um ao outro meses antes.

— Me poupe, Caius. Existem muitas coisas que você não sabe a meu respeito. E eu não gosto da insinuação de que eu me prostituiria pelo trono.

— Bem... você fez isso?

A palma da mão dela estalou no rosto dele. A dor do tapa era quase tão ruim quanto o fogo de Tanith. Caius mexeu o maxilar, sabendo que provavelmente ficaria com um hematoma no formato de uma mão.

— Justo — ele disse. Eles não tinham tempo para as brincadeiras perversas de irmãos afastados. Era hora de discutir a única coisa que importava. — Suponha que tenha ficado sabendo do ataque ao Ninho dos Avicen.

A boca de Tanith esboçou um sorriso.

— Eu soube — ela disse. Caius não se surpreendeu. Os Drakharin tinham seus espiões, mesmo entre os Avicen. — Vou lembrar de enviar minhas condolências.

— Por favor, diga que não teve nada a ver com isso.

O sorriso desapareceu.

— Você acha mesmo que eu sou tão imprudente? Atacar o Ninho em plena luz do dia, cercado por todos aqueles humanos, seria insano. Por mais que a ideia de mortes entre os Avicen me agrade, nunca colocaria meu próprio povo em perigo dessa maneira. — Ela examinou o sangue em seu braço, transmitindo reprovação. — Queria dizer que estou surpresa por se importar tanto, mas você tem um histórico de manter alguns Avicen perto demais.

Lembranças, importunas e indesejadas, dançavam na mente de Caius. Penas pretas e brancas. Uma cabana à beira-mar. O cheiro da fumaça.

— Não vou morder sua isca, Tanith. Estou aqui para pedir uma trégua em nome dos Avicen. Tem algo muito mais perigoso à solta, e é muito maior do que o antigo ódio entre nossos povos.

Tanith ficou olhando para ele, sem entender. Depois começou a gargalhar.

— Você enlouqueceu? — Ela se acalmou, e a gargalhada estridente se tornou risadinhas abafadas. — Posso não ter nada a ver com o ataque, mas não posso dizer que não foi... inspirador.

Caius franziu a testa.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que esse jogo que você começou pode ter dois participantes — ela disse. — Você deixou um verdadeiro tesouro em pesquisas quando abandonou a fortaleza às pressas. Eu sei que o kuçedra é a contraparte do pássaro de fogo. E sei que ele pode estar ligado a um veículo terreno, da

mesma forma que o pássaro de fogo. Você tem seu monstro, e logo eu terei minha fera das sombras. No momento, ele é um poder selvagem, à solta como um cão sem dono. *Eu* serei seu veículo.

Aquilo era loucura. Até mesmo tentar arrebanhar o poder de uma entidade como o kuçedra seria morte garantida. Ele podia ser a contraparte do pássaro de fogo nesse plano da existência, mas Caius sabia que determinadas forças não podiam ser domadas.

— Tanith, você não sabe no que está se metendo. O kuçedra não pode ser comandado. Eu *vi*. Você não vai conseguir controlá-lo. Ele vai te devorar. Não vai ser usado como uma arma, voltado para o alvo que você definir. Ele vai destruir tudo o que encontrar pela frente.

Ela sacudiu a cabeça, e alguns fios de cabelo loiro caíram sobre sua testa.

— Você nunca botou muita fé em mim, né?

Caius soltou uma gargalhada amarga.

— É isso que você pensa? Tanith, eu acreditava mais em você do que em qualquer outra pessoa. Não fosse assim, eu teria percebido suas manobras traiçoeiras para roubar minha coroa antes que fosse tarde demais. Acreditei em você, e você usou isso a seu favor, quer queira admitir ou não.

Os lábios dela estavam bem fechados, como se estivesse segurando as palavras que queriam sair. Se as palavras eram desculpas ou contestações, ele jamais saberia. Tanith levou uma das mãos ao braço ensanguentado, fechando os dedos como se fosse arranhar, mas recuou antes que arruinasse as marcas. Caius também estava sentindo o sangue ressecar aos poucos sobre sua pele. Era um aviso de que o tempo estava acabando.

— Não faça isso — pediu Caius. — Não é do seu feitio, Tanith. Você pode ser impulsiva, mas não é imprudente. Sabe o que eu acho?

— Não, mas suspeito que você pretende me informar. — As palavras dela eram duras, mas havia algo em seu tom de voz que dava esperança a Caius de poder convencer Tanith. Que uma parte dela, embora pudesse estar enterrada profundamente, amava o irmão o suficiente para escutá-lo.

— Acho que você queria que eu viesse até você. Acho que queria que eu tentasse convencê-la a não cometer a insanidade que está planejando.

— Deuses, você sempre foi tão condescendente. — Não era uma negação. A resposta dela foi brusca, mas Caius a conhecia. Ele a conhecia melhor do que qualquer outra pessoa no mundo, às vezes até melhor que ela própria. Escondida atrás daquelas palavras havia uma relutante confissão.

— Tanith, por favor, eu imploro...

Ela soltou uma gargalhada.

— Implora? E pensar que há poucos meses você era o Príncipe Dragão e agora não passa de um pedinte. Acho que, quanto mais se sobe, maior a queda.

— Isso não tem nada a ver com minha dignidade. Eu estou com medo por você. Talvez haja muito passado entre nós para consertar o que está errado, mas unir-se ao kuçedra não vai adiantar de nada. Se tivermos que brigar, brigaremos, mas por favor, Tanith, não vá atrás do kuçedra. Ele é uma criatura de dor e morte, e isso é tudo que ele vai trazer, até mesmo para você. Principalmente para você.

Tanith levou a mão ao pomo da espada, determinação compondo cada centímetro de sua postura.

— Você se esquece dos motivos da guerra, Caius. Ela não é bonita. Não é nobre. É dura, cruel e implacável. Vai haver dor e morte. Sempre há. É assim que as coisas são. — Enquanto falava, ela parecia ficar menor. Ela então se aproximou do irmão, segurando o rosto dele entre as mãos. Seu toque era suave, e a palma das mãos estava fria e seca. Caius prendeu a respiração. — Nunca quis que você fosse meu inimigo. Por favor, acredite em mim. Eu lhe causei dor, sei disso. E sinto muito mesmo. Fiz o que achei que era certo. O que achei necessário. Mas devemos desempenhar os papéis em que nos colocamos. Você escolheu o seu lado, e eu escolhi o meu.

A pele do braço de Caius coçava. O sangue estava quase seco. Eles tinham segundos, se muito. Ele podia sentir Dorian do outro lado da corrente, tentando puxá-lo de volta. Caius resistiu, mas não aguentaria muito.

— Tanith...

— Não. — Ela abriu um sorriso triste, genuíno. Não havia nenhum sarcasmo ou crueldade ali. Ele ficou se perguntando se ela se arrependia do sangue que havia derramado no decorrer dos anos, se os fantasmas dos mortos a assombravam como assombravam a ele. — Esta guerra vai acabar, como eu prometi que acabaria. Eu vou cuidar disso. Minha única esperança é que você sobreviva para ver o fim dela e que, um dia, possa me perdoar pelas coisas que fiz e que farei. Mas não estou pedindo sua permissão, Caius. Você não manda em mim. Nunca mandou. — Ela deixou a mão cair. — Adeus, meu irmão.

Da mesma maneira abrupta que havia aparecido, ela se foi. Em seu lugar, sobrou apenas escuridão. Todas as coisas que Caius queria dizer foram

engolidas pelo entremeio. Sua pele formigava e, novamente, ele sentiu o puxão de Dorian. Dessa vez, ele se permitiu ser levado. A tristeza fazia seu coração pesar, e ele se perguntou se voltaria a ver Tanith. E, se voltasse, se ela ainda seria sua irmã, ou se o envolvimento com as forças das trevas a tornaria irreconhecível.

Ele ainda estava um pouco confuso quando respirou o ar úmido do rio. Sua visão estava embaçada, e só quando Dorian se materializou em sua frente, com as sobancelhas franzidas de preocupação, ele se deu conta de que era porque lágrimas tinham se formado em seus olhos. Elas não escorreram. Ficaram paradas em seus cílios, esperando. Ele já estava de luto pela irmã. Ela era forte, talvez a pessoa mais forte que ele conhecia, mas ninguém era tão forte assim. O kuçedra era um monstro irracional. Não seria controlado. Nem por Tanith, nem por ninguém.

Dorian sorriu de leve e pegou no ombro de Caius.

— Imagino que tudo correu tão bem quanto esperávamos.

Atrás dele estava Altair, com suas Falcões de Guerra ao lado.

— Precisamos impedi-la — Caius disse. A voz dele parecia fraca, as palavras falhavam. — Tanith vai condenar todos nós.

VINTE



JASPER, COMO ERA DE ESPERAR, requisitou um dos melhores quartos do castelo. Echo não sabia como ele tinha conseguido. Suborno, talvez. Ou chantagem. Dois cenários bastante prováveis. O quarto era luxuoso, o colchão e as cadeiras eram macios, a vista para o rio era espetacular. Jasper sempre caía com os dois pés no chão, independente de quão acidentado o terreno fosse.

A sensação de impotência deixava Echo tão nervosa que ela havia reunido seu pequeno grupo com o pretexto de fazer um plano, mas o silêncio recaiu sobre eles. Cada um estava voltado para seus próprios problemas pessoais. Os Falcões de Guerra que Altair havia mandado para vigiá-los concordaram em ficar fora do quarto com mais facilidade do que Echo imaginara. Mas, desviaram os olhos quando Caius apareceu, ela achou que talvez eles tivessem passado tempo demais na presença do Drakharin naquele dia. Rowan não estava em lugar nenhum. Echo estava envergonhada do alívio que sentia por não precisar vê-lo.

— Conheço alguém que pode nos dar alguma luz a respeito do kuçedra — Caius disse depois de um tempo. — Um professor universitário em Edimburgo chamado Aloysius Stirling. Bem, *tecnicamente* ele é um professor.

— Por que tecnicamente? — perguntou Echo.

— Ele tem a reputação de ser meio excêntrico — respondeu Caius. — Ele ainda é ligado à Universidade de Edimburgo, mas não dá mais aulas.

— Por que simplesmente não demitiram o homem?

Caius deu de ombros.

— Ele tem estabilidade no cargo. Atualmente, passa todo seu tempo pesquisando folclore e mitologia de civilizações antigas, inclusive aquelas que, de acordo com os humanos, não existem. Eu o encontrei quando estava pesquisando sobre o pássaro de fogo. Ele tem acesso a algumas fontes primárias excelentes. — Um brilho ávido, com o qual Echo se identificou, apareceu nos olhos de Caius. Ela conhecia aquele tipo específico de

satisfação, que só alguém muito nerd sentia.

— Isso pode nos ajudar a descobrir como lidar com o kuçedra — ela observou. — Mas e Tanith? Estamos combatendo uma guerra em duas frentes aqui.

De onde estava sentado, perto da janela, Quinn disse:

— Tenho uma ideia.

Foi Jasper quem disse o que todos ali estavam pensando:

— Sério?

As estrelas nos olhos de Quinn dançavam enquanto ele os revirava.

— Sim, sério. Não é segredo nenhum que há um prêmio pela cabeça de todos vocês. A Príncipe Dragão prometeu muitas gratificações maravilhosas por informações a respeito do paradeiro de vocês e mais ainda pela captura.

— O sorriso dele era lento e lascivo. — É difícil não imaginar qual seria a recompensa pelo próprio pássaro de fogo.

Echo ficou paralisada. Dorian tentou pegar sua espada, mas suas mãos tocaram o nada. Os Avicen foram cautelosos a respeito de permitir que um Drakharin perambulasse pelo castelo armado, então foi feito um acordo: Dorian poderia ficar com sua espada desde que a deixasse no quarto.

Jasper lançou um olhar perfurante a Quinn.

— Não vamos entregar Echo para Tanith.

— É — disse Echo. — É melhor não.

Quinn olhou para Echo com elegância.

— Eu não quis sugerir isso. Estava apenas apresentando uma possibilidade. Mas não é só o pássaro de fogo que a Príncipe Dragão quer. — Ele olhou para cada um, parando sobre Jasper, que ficou incomodado com tanta exposição.

— Então qual é a sua sugestão? — Caius quis saber. Ele se inclinou para a frente e o movimento fez seu joelho encostar no de Echo. Os dois estavam deitados perto da cabeceira da cama. Teria sido mais íntimo se Ivy não estivesse do outro lado de Echo. A presença dos dois, cada um de um lado, era afetuosa e reconfortante.

— Na verdade, é simples — Quinn disse. — Estamos em desvantagem porque não sabemos o que sua irmã está tramando nem por onde ela pode atacar. Se ela estiver dizendo a verdade e não está por trás do ataque à estação Grand Central, isso significa que foi o kuçedra que atacou por vontade própria. — Ele olhou para Echo. — Para encontrar você, por alguma razão. Mas, pela conversa entre Caius e Tanith, ela vai fazer alguma coisa que

envolva o kuçedra de algum jeito. Precisamos de um infiltrado.

Caius e Dorian trocaram olhares, como se estivessem conversando por telepatia. Depois de uma longa pausa, Dorian deu um aceno de cabeça brusco para Caius.

— Importam-se de compartilhar com o resto da turma? — perguntou Echo.

— Nós temos aliados dentro da Fortaleza do Dragão — Caius disse. — Posso ter sido pego de surpresa pelas maquinações da minha irmã, mas não fui tão tolo a ponto de ignorar a possibilidade de traição em minha corte.

— Há algum meio de entrar em contato com essas pessoas?

— Bem, em tempos de batalha, os Drakharin usam uma forma de magia de sangue para se comunicar a longas distâncias.

— Como o que você acabou de fazer com Tanith?

Caius negou com a cabeça, fez uma pausa, depois confirmou.

— Mais ou menos. Tanith e eu podemos nos comunicar daquela forma porque temos um laço especial: somos irmãos gêmeos. Mas existem outros métodos que não dependem de um laço particular para unir os dois lados. Há meios de usar sangue e metal para transmitir informações, como uma espécie de rádio.

— Eu li um monte de livros de história da Ala, pelo menos os que ela traduziu, e nunca ouvi falar disso.

Algo parecido com orgulho surgiu no rosto de Caius.

— É um dos nossos segredos mais bem guardados — ele disse. Sua expressão ficou mais séria. — Mas requer dois itens anteriormente unidos por meio de magia para criar uma linha de comunicação.

— Temos minha espada — afirmou Dorian. — Mas as lâminas gêmeas às quais ela estava unida se perderam na Floresta Negra.

Lâminas gêmeas? *Ah*.

— Suas facas — Echo disse a Caius.

Um leve e triste suspiro escapou da boca dele.

— Eram ótimas armas. E agora devem estar enferrujando na lama de algum lugar qualquer — ele lamentou. — Não temos como nos comunicar com ninguém dentro da fortaleza. Quando eu saí de lá, estávamos um tanto apressados.

Quinn ficou andando de um lado para o outro no quarto, com passos largos e demorados. Ele parou perto da escrivaninha sobre a qual Jasper estava sentado e se apoiou nela.

— Mas e se conseguíssemos colocar nosso próprio espiãozinho dentro da fortaleza? Se ele pudesse levar um item encantado, isso abriria as linhas de comunicação, certo? Estão dizendo por aí que Tanith está oferecendo uma recompensa bem gorda por qualquer informação a respeito do paradeiro de uma garota que alega ser o pássaro de fogo ou seus comparsas. — A palavra *comparsas* foi acompanhada de um olhar incisivo para todos os integrantes daquele grupo tão heterogêneo. Parecia tão oficial. *Comparsas*. Como se eles fossem uma gangue. Uma gangue bem velha, como um bando de contrabandistas de bebida nos Estados Unidos durante a Lei Seca. Talvez eles devessem ter nomes antigos, como Bugsy, ou Sortudo, ou Peter Metralhadora.

Caius deu um aceno com a cabeça. Echo podia ver a ideia florescendo na expressão de seu rosto.

— Ela quer você, Echo. Mas, se não puder encontrar, ela vai aceitar qualquer um que a conheça, ainda mais se for alguém importante para você. Melhor ainda para te fazer sair de seu esconderijo. Ela sabe que você faria qualquer coisa para proteger o seu povo, e vai fazer uso disso.

Echo ficou inquieta. *Seu povo*. Ela supôs que eles fossem isso, afinal. Eram seus amigos, por mais improvável que fosse. Caius olhou nos olhos dela e lhe ofereceu um de seus raros sorrisos, do tipo irreal, tão passageiro que, se alguém piscasse, perderia. O estômago dela fez algo idiota. Ele sempre fazia algo idiota quando Caius olhava para ela daquele jeito. A mente dela também fazia algo idiota, principalmente quando ela alimentava as dúvidas que pulavam no fundo de sua cabeça, como mariposas inquietas. Dúvidas sobre para quem ele dera aquele sorriso. Se era para ela ou para outra garota, morta havia muito tempo.

— O.k., então ela está atrás de informações — disse Echo. — Como isso nos ajuda?

— O plano — Caius disse —, que eu repito que é maluco, é usar o desejo de Tanith por informação, ou por qualquer fonte de informação, para nos infiltrar na fortaleza. Dorian e eu temos uma rede de pessoas nas forças militares Drakharin que são leais a mim. — Caius fez uma pausa. Ele franziu a testa. — Caso houvesse algum golpe, como aquele que eu não previ até que fosse tarde demais.

— Fazer retrospectiva é um saco — Echo disse.

Dorian deu um bufo. Caius pigarreou.

— Como eu dizia, se conseguirmos colocar alguém dentro da fortaleza,

poderemos falar com eles. No momento, as defesas de Tanith estão a postos. Ela perceberia minha presença a um quilômetro de distância, mas é menos provável que suspeite de um prisioneiro.

— Por que acha isso?

— Ela é arrogante. Isso sempre foi a sua maior fraqueza. Se ela achar que tem a vantagem, se achar que tem poder sobre alguma situação, não vai tomar tanto cuidado. Ela é minha irmã. Eu a conheço. Ela usou meu ponto fraco a seu favor. Agora nós vamos usar o dela.

— Qual era o seu ponto fraco? — Ivy perguntou.

— Ela. — A palavra era curta, como se custasse a Caius admitir. — Eu a amava, e ela usou isso para subir ao trono. Ela está cheia de poder agora, e isso vai lhe subir à cabeça. Se ela achar que está ganhando este jogo, vai ficar convencida.

— Como você pretende colocar essa pessoa dentro da fortaleza? — Echo perguntou. — Além de ser muito, muito sorrateiro?

Quinn se afastou da escrivaninha e caminhou com arrogância até o centro do quarto. Ele nunca andava normalmente, só daquele jeito. Ele passeava. Às vezes, deslizava. Seus lábios formaram um meio sorriso e ele apontou para si mesmo.

— É aí que entra o seu não-tão-confiável feiticeiro.

Echo franziu a testa. O sorriso de Quinn nem se abalou.

— Já não estou gostando desse plano — ela disse.

— Feiticeiros são uma raça egoísta. Há poucas coisas que prezamos mais que poder, magia e riqueza. É como se fosse nossa marca registrada — afirmou Quinn. — Eu vou entregar — ele girou pelo quarto, apontando para um de cada vez — um de vocês na porta dela, embrulhado em papel de presente e com um lindo laço.

— Certo — Echo disse. — Então colocamos alguém lá dentro, e depois?

— Um de nossos agentes dentro da fortaleza vai fazer contato — continuou Dorian. — Existe um código de chamado e resposta padrão, conhecido apenas pelas pessoas do círculo de Caius. Podemos dizer para eles ficarem atentos às pessoas entrando e saindo da fortaleza. É possível deixar uma mensagem, de forma sutil, na floresta ou na rota de patrulha, e ela não vai ter significado algum para quem que não saiba o que está procurando. Então, essa pessoa vai orientar e proteger aquele que colocarmos lá dentro para adquirir informações que possam nos auxiliar na luta contra o kuçedra e vai também ajudar nosso

infiltrado a fugir com a informação de que precisamos.

— E que informação é essa?

— Um livro — Caius respondeu.

— Que tipo de livro? — Echo perguntou. — E por que você simplesmente não se lembra do que está escrito nele? Você leu, não leu? Você é ainda mais nerd do que eu.

Caius parecia um pouco ofendido.

— Minha mente não é infalível, Echo. Eu descobri esse livro quando estava procurando informações sobre o pássaro de fogo. É parte de uma coleção de textos com fatos sobre a natureza do pássaro de fogo e a mitologia em torno dele. O kuçedra entra aí. Eu não prestei muita atenção nele na época, porque não parecia tão importante, mas me lembro nitidamente. Os fatos eram... tenebrosos.

Uma atmosfera sombria recaiu sobre o quarto. Ele não precisava especificar o que era tão perturbador. Eles tinham visto na estação Grand Central, e aqueles que não haviam visto com os próprios olhos testemunharam seus efeitos: as veias pretas que ainda estavam se espalhando pela pele daqueles que o kuçedra tinha tocado.

— Mas por que temos que entrar na fortaleza? — perguntou Echo. — Não podemos conseguir essas informações em outro lugar?

Caius abaixou os olhos. Começou a bater com os dedos sobre as coxas. Echo estava começando a reconhecer suas manias. Algumas ela mesma havia catalogado, outras ela recordava de uma maneira distante, o que significava que as lembranças não eram de fato suas. Rose conhecia Caius e todos os seus tiques. E agora Echo os conhecia também. Aquele significava que ele precisava dizer alguma coisa que não queria.

— Só existe uma cópia do texto — Caius disse em tom suave, como se estivesse contando um segredo só para ela. Como se estivesse confessando alguma coisa. — Eu destruí todas as outras. Não queria que mais ninguém tivesse acesso às informações, por medo que encontrassem o objeto de minha busca antes de mim.

— Ganhei de você por um fio — Echo comentou com uma risadinha. O ar no quarto parecia pesado. Os outros não pareciam notar. Era como se os dois estivessem tendo uma conversa particular em público.

Caius sorriu com os lábios, mas não com os olhos.

— De fato, você ganhou.

— E mais ninguém sabe o que tem nesse livro? — ela perguntou.

— Não — Caius respondeu. — Eu me certifiquei disso.

Ela precisava perguntar. Não queria. Mas precisava.

— Como?

— Matando seja lá quem tivesse lido o conteúdo antes de mim.

Ela sabia que ele tinha matado. Ele lutava em uma guerra bem antes de conhecê-la. Antes mesmo de seu nascimento. E, ela sabia, ninguém se tornava Príncipe Dragão sendo gentil e dando beijinhos em bebês como um político tentando agradar seus eleitores volúveis. Os Avicen falavam do anseio por sangue dos Drakharin como se fosse uma verdade biológica: um desejo inato de ferir e matar. A realidade não era exatamente essa, mas havia uma razão para aquela percepção existir. Entre os Drakharin, força e brutalidade eram consideradas virtudes. Em seus líderes, eram necessidades. Caius, em um determinado momento, tinha que ser visto como a personificação dessas virtudes.

— Você está decepcionada? — ele perguntou, mais uma vez com aquela voz suave e íntima. Sua voz confessional. A pergunta era quase um desafio. A resposta dela, Echo percebeu, importava para ele. Importava bastante.

Ela se esforçou para encontrar as palavras certas. Ele não era o mesmo das lembranças de Rose, aquele fantasma que existia em sua mente. Aquele Caius mais suave havia sido endurecido pela perda e pela raiva, e Echo não podia se esconder daquela verdade. Nem ele. Não cabia a ela perdoar aquele pecado, mas ela sentiu que era o que ele precisava que ela fizesse.

— Bem, nosso trabalho seria muito mais fácil se você não tivesse feito isso — ela disse, lutando para manter a voz leve. Estava um pouco tensa.

— É, bem... — Caius disse. — Fazer retrospectiva é um saco.

— Está tudo lindo e maravilhoso — disse Dorian. — Mas quem vamos mandar para a fortaleza? Não pode ser você, Caius. Nem Echo. Teria que ser alguém que Tanith não esperasse.

— É, teria. — O tom de Caius estava cheio de relutância. Não havia nenhuma garantia do que Tanith poderia fazer com quem fosse levado até sua porta. Echo não conseguia suportar a ideia de qualquer um deles correndo aquele tipo de risco de forma voluntária.

— Eu vou — Ivy disse em voz baixa.

Echo soltou faíscas, reprimindo várias objeções na ponta da língua.

— Quê? Não. Não, isso é loucura. Não.

Ivy mordeu o lábio inferior.

— Pense, Echo. Eu sou a única pessoa que *pode* fazer isso. — Ela apontou para Caius. — Você está fora de questão, claro. Tanith não arriscaria que você provocasse uma revolução bem debaixo do nariz dela, ainda mais se existem pessoas leais a você na fortaleza. E você, Dorian, seria morto de imediato. Jasper é ladrão profissional, por isso tem a reputação de não ser confiável...

— Estou ofendido — Jasper se intrometeu.

— Você fez por merecer — Ivy retrucou. — E, Echo, você é valiosa demais. Eu sou a única que faria sentido. Tanith sabe que somos amigas. Eu tenho valor para você e, por isso, tenho valor para ela.

Caius inclinou a cabeça, considerando.

— Acho que poderia funcionar.

Echo mal podia acreditar no que estava ouvindo.

— Vocês perderam a cabeça? Estamos falando da Ivy.

Ivy lançou um olhar ressentido para Echo.

— O que isso significa? Acha que não sou capaz?

Inacreditável. E pensar que aquilo não tinha absolutamente nada a ver com o orgulho ferido de Ivy.

— Pouco me importa em descobrir se você é ou não capaz, Ivy. Eu sei que você é. Mas você pode morrer. Para sempre. Não tem pássaro de fogo para te ressuscitar. Não tem como voltar atrás.

— Todos podemos morrer — Ivy rebateu. — E, se não fizermos alguma coisa para combater Tanith e o kuçedra e tudo mais que o universo tiver vontade de jogar sobre nós, é isso que vai acontecer. — Ela esticou o corpo, o que foi um pouco complicado de fazer por estar sentada. — A vida é minha, Echo. Você arriscou a sua por nós tantas vezes. É o mínimo que posso fazer.

— Não estou gostando disso — Echo falou, mas as atenções do quarto estavam mais voltadas para Ivy.

— Você não precisa gostar. Só precisa não se opor. — Ivy deu um sorrisinho forçado e acrescentou: — É o plano que temos. E é nossa melhor chance de ficar um passo à frente de Tanith. — Ela sacudiu suas longas penas brancas, um tique nervoso que tinha e que fez o peito de Echo apertar. — É só mais um dia atrás das linhas inimigas. Qual a pior coisa que poderia acontecer?

— Ah, eu não sei — Quinn disse. — Morte. Mutilação. Tortura mortal.

Echo sentiu Ivy estremecer. Ela sabia que as lembranças do tempo que Ivy

passou no calabouço da Fortaleza do Dragão efervesciam à flor da pele da mesma forma que os próprios pesadelos de Echo. Mas Ivy não deu voz a seus medos. Ela fechou as mãos em punhos, como se estivesse se preparando para combatê-los usando a força, se fosse preciso. Echo colocou a mão no ombro da amiga e apertou de leve. Ivy relaxou um pouco os músculos tensos.

Jasper deu um belo chute na canela do feiticeiro.

— Cala a boca, Quinn.

Echo abraçou Ivy, enterrando o nariz nas penas brancas e macias da nuca dela.

— Você tem que me prometer que vai voltar — sussurrou Echo. — Não posso perder a Ala e você.

Ela sentiu a confirmação de Ivy em seu ombro, embora o movimento de cabeça tenha sido um pouco rápido e involuntário demais.

— Eu vou voltar — Ivy sussurrou no ouvido de Echo. — Prometo.

VINTE E UM



QUINN PERMANECEU NO QUARTO DE JASPER depois que os outros saíram. O Avicen começou a examinar as poucas roupas que tinha enfiado em uma mochila antes de saírem do depósito. Embora não tivesse tido tempo para escolher com o cuidado que gostaria, a relativa simplicidade monocromática de seu vestuário significava que quase tudo era combinável. Com cabelos e olhos tão vibrantes quanto os dele, qualquer coisa que chamasse mais atenção do que uma camiseta branca e jeans costumava ser distração demais. Não havia por que ele ficar desdobrando e redobrando as roupas, mas lhe dava algo em que se concentrar, diferente do peso da presença de Quinn.

Logo, o silêncio tornou-se insuportável. Ele tinha que rompê-lo. Havia algo no feiticeiro — sempre houve — que causava rebuliços nos normalmente indestrutíveis nervos de Jasper.

— O que você quer? — ele perguntou da forma menos amigável possível.

— Ah, qual é? — Quinn disse. — Não posso colocar o papo em dia com um velho amigo? Mal tivemos tempo de conversar desde que nos reencontramos.

— Houve uma mudança de tom na voz de Quinn que fez Jasper suspeitar que ele tinha recuado, mas, já que se recusava a encará-lo, não podia ter certeza.

— Admito que nosso reencontro não foi nada fora de série. — Quinn se afastou da porta, movimento detectável pelo som da madeira rangendo sob seus pés. Ele agora estava parado ao lado de Jasper, e a leve áurea de magia que o impregnava como perfume pressionava as costas do Avicen. O ar mudou, como se Quinn tivesse estendido a mão para tocar em Jasper... Talvez em seu ombro ou em suas costas, embora qualquer parte do corpo fosse inaceitável da mesma forma. Mas o toque nunca veio. Talvez Quinn tivesse baixado a mão. Talvez ele tivesse mudado. Talvez o inferno tivesse congelado.

— É pedir demais querer que a gente comece do zero? — Quinn perguntou. Se Jasper não o conhecesse tão bem, o toque de sinceridade na voz do feiticeiro pareceria verdadeiro. Felizmente para ele, e infelizmente para o

Jasper do passado, o Avicen havia aprendido que Quinn não era digno de confiança. Nem agora, nem três anos atrás, nem nunca.

Jasper desdobrou um suéter preto que já havia dobrado.

— Eu e você sabemos muito bem qual é a resposta para essa pergunta, e é um retumbante, enfático e indiscutível *sim*. Sem dúvida é pedir demais, principalmente depois de tudo que você fez.

— Essa longa lista de pecados inclui o fato de eu ter te curado? — Quinn perguntou. — Porque, se eu bem me lembro, fiz aquilo de boa vontade. — Ele afirmou, como se aquela fosse a coisa mais altruísta que ele já havia feito. E, até onde Jasper sabia, era mesmo. — *E* às custas de meu próprio bem-estar, devo acrescentar.

Aquele era o Quinn que ele conhecia. Acumulando boas ações só para jogá-las na cara de alguém depois. Todo o relacionamento deles — seis meses da vida de Jasper que foram inesquecíveis, no pior sentido da palavra — havia sido assim. Jasper tinha demorado um tempo desconcertante para entender os vários métodos de manipulação emocional que Quinn utilizava. Ser um *bad boy* era parte do encanto de Quinn, mas o tamanho de sua maldade era algo para o qual o Jasper de dezesseis anos não estava nem um pouco preparado. Agora ele já sabia.

— Saia daqui — Jasper falou, recusando-se a virar, a dar a Quinn a satisfação de ver o desconforto que ele sabia que transparecia em seu rosto. — Estou ocupado.

— Ah, sim, ocupado dobrando a mesma camisa várias vezes?

Jasper largou a camisa, porque era exatamente o que ele estava fazendo. Quinn continuou:

— Olha só... — O feiticeiro deu a volta em Jasper e tirou uma pilha de roupas da frente. Ele se sentou na cama, e nem mesmo afundado em um colchão duro ele parecia menos elegante ou tranquilo. Aquilo também era parte de seu encanto. — Você está certo.

Ele estava?

— Estou? — A surpresa não era pelo fato de Jasper estar certo. Aquilo era inegável. A surpresa era Quinn se dignar a admitir.

— Eu ferrei tudo.

Aquilo era novidade. Jasper não disse nada. Ele queria ver até onde Quinn iria.

— E sinto muito.

Aquilo não era apenas novidade. Era algo inédito.

Quinn tentou pegar a mão de Jasper, que estava surpreso o bastante para permitir. A lembrança das outras vezes que a pele de Quinn esteve em contato com a dele veio à tona com aquele toque: o deslizar dos braços ao redor de sua cintura, a sensação da mão acariciando seu rosto, o arder das unhas arranhando suas costas. As lembranças eram como uma ressaca, tão poderosa quanto a mudança das marés, mas Jasper estaria perdido se as deixasse puxá-lo para o mar. Ele tentou soltar a mão de Quinn, mas o feiticeiro segurou com mais força ainda. Aquilo resumia a história do relacionamento deles de uma maneira deplorável.

— Me solte — exigiu Jasper. Depois de um instante olhando fixo para Quinn, acrescentou: — Agora.

Quinn largou a mão.

Foi mais fácil do que deveria. Certamente foi a vez que Quinn acatou mais rápido um pedido. Devia ser algum tipo de recorde.

— Olha, Bicudo, sei que estraguei tudo, mas...

— Em primeiro lugar, pare de me chamar assim. Sempre odiei esse apelido. Em segundo, “estragar tudo” está longe de representar o que você fez comigo. Você brincou com a minha vida, Quinn. Você me colocou em tantas situações terríveis que perdi a conta. Você se lembra de quando me usou de isca para atrair aqueles feiticeiros franceses de quem queria roubar alguma bosta encantada? Porque eu me lembro muito bem.

— Foi apenas isso. — Quinn tentou passar o dedo pelo queixo de Jasper. — Você era a isca. Eu nunca teria deixado nada ruim acontecer com você.

Jasper deu um tapa na mão dele. Até mesmo o toque de Quinn era nocivo. Era um doce veneno que sugava sua vida até que fosse tarde demais.

— E é aí que você se engana. *Você* é a coisa ruim que me aconteceu. Você mentiu. Você traiu. Você. Me. Magoou. Eu mandei Caius até você porque estávamos desesperados, mas não ouse confundir isso com qualquer delírio fantasioso em que eu corro atrás de você. Estamos muito além disso — *eu* estou muito além disso.

Jasper ficou surpreso ao ouvir as palavras que estavam em sua cabeça de fato saindo da sua boca. Quando ele fugiu de Quinn da primeira vez, escapou na calada da noite, sabendo que, se fosse obrigado a um confronto cara a cara, sucumbiria diante daquele olhar estrelado, do mesmo modo que ocorrera milhares de vezes antes, quando Quinn havia implorado, com palavras doces e

falsas promessas, para que ele ficasse.

— Está bem — Quinn afirmou com ar determinado. Ele respirou fundo. — Você está certo. E eu estou errado, como sempre. Sei que não mereço seu perdão. — As estrelas em seus olhos pareciam brilhar menos, como se estivessem cobertas por nuvens. — Mas mesmo assim estou me desculpando. E, ainda que não queira acreditar em mim, eu estou dizendo a verdade. Mesmo.

Jasper sabia reconhecer mentiras. Ele vivia no meio delas. Havia aprendido a manejar falsidades como armas, mas não encontrava nada do tipo na voz de Quinn. Aquilo o deixou confuso. Muito. A voz dele havia fugido e se escondido em um lugar que ele não conseguia encontrar, nem mesmo para jogar aquelas desculpas de volta na cara simétrica do feiticeiro.

Os lábios de Quinn se curvaram para cima.

— Você fica lindo quando está confuso.

Aquilo nem era um elogio tão incrível, mas algo doeu no peito de Jasper ao ouvir as palavras. Porém, ele já tinha seguido por esse caminho antes. Sabia para onde levava: para nenhum lugar bom. Enfim encontrou sua voz. Ele a arrastou, contra sua vontade, garganta acima.

— Não quero saber. Não quero saber se você sente muito. Nem quero saber se desta vez você está sendo sincero. Eu não quero conversar com você sobre isso agora. Nem agora, nem nunca. — O tom de voz dele estava meia oitava abaixo, completamente alheio à sua própria vontade. Ele continuou: — Por favor, só saia da minha frente.

Com um suspiro, Quinn se levantou devagar. Ele endireitou as costas e fixou os pés, como se pudesse obrigar Jasper a aceitar suas desculpas, a aceitar o novo e aprimorado Quinn por mera insistência.

— Eu sou um feiticeiro, certo? Isso não é novidade. E você sabe como um humano se transforma em feiticeiro: por meio do sacrifício e da corrupção própria, a maior parte inspirada pela ganância e pelo desejo. Eu não sou uma boa pessoa. Nunca fui. E lidava bem com isso... até conhecer você.

— Você está mesmo fazendo o discurso do “você me faz querer ser um homem melhor”? É isso o que está rolando aqui?

— Talvez — disse Quinn, com um sorriso torto. — Mas não conte aos outros feiticeiros. Eles nunca me deixariam em paz.

Jasper deixou escapar uma risada assustada. Quinn considerou isso como um sinal verde e aproximou-se mais de Jasper. Aos poucos, ele pegou a mão

do Avicen e o puxou para mais perto. Os peitos quase se tocavam. Alarmes berravam na cabeça de Jasper, mas logo foram silenciados. Talvez Quinn estivesse falando a verdade. Talvez tivesse mudado. Era uma esperança pequena, mas Jasper se apegou a ela. Não porque quisesse recolher os restos podres de um relacionamento fracassado, mas porque a possibilidade de Quinn ser capaz de mudar para melhor significava que Jasper não tinha sido um completo idiota, no fim das contas.

— Nós nos dávamos tão bem — Quinn sussurrou, se aproximando ainda mais. Ele era só uns cinco centímetros mais alto que Jasper, mas sempre pareceu gigante. Seu hálito movimentou a penugem ao lado do ouvido do Avicen. — Você sabe que sim. E podemos ter isso de novo. Eu vou ser melhor, prometo.

E lá estava. Aquela palavrinha em que Jasper havia acreditado tantas vezes antes. Uma promessa de Quinn nunca era uma promessa real. Estava mais para uma possibilidade improvável. Jasper se afastou, mantendo os olhos fixos nos pés. Ele precisava de espaço. Era uma pessoa sensível ao toque, e a proximidade era perigosa. Tornava muito difícil dizer não.

— Ele nunca vai te amar.

Jasper levantou a cabeça.

— O que você disse?

— O Drakharin — Quinn afirmou. Quando Jasper permaneceu em silêncio, ele continuou: — Ah, vai, qual é? Eu não sou cego. Percebi o jeito que você olha para ele. E como ele olha para você. Mas você precisa entender que a única coisa que você vai receber daquele cara são olhares profundos. Seja qual for o peso que ele carrega, é pesado demais. Está arrastando ele para baixo, e eu não quero ver você ser arrastado junto.

Aquilo era inacreditável. Tão inacreditável que Jasper esperava que Quinn se sufocasse com as palavras.

— Desde quando você se importa tanto?

Quinn esticou o braço, aproximando a mão do rosto de Jasper, mas fechou os dedos antes de encostar nele. Depois de um segundo, desistiu.

— Eu sempre me importei. Só que nunca fui muito bom em demonstrar. — Ele diminuiu o espaço entre eles, deixando alguns centímetros entre os dois peitos. Uma respiração mais profunda eliminaria aquela pequena distância. Jasper manteve a respiração curta. — Me deixe te mostrar agora. Por favor — pediu Quinn.

Uma batida na porta poupou Jasper de ter que responder, o que foi melhor, já que ele podia sentir sua determinação começando a se desfazer. Ele se afastou de Quinn e sentiu-se como um cometa saindo da órbita de um planeta: estava livre da força de atração do feiticeiro.

— Entre — Jasper gritou antes que Quinn pudesse dizer para o intrometido voltar outra hora. A porta se abriu e uma cabeça cheia de cabelos prateados apareceu. O alívio tomou conta de Jasper. O prazer que ele sempre sentia ao colocar os olhos no adorável rosto de Dorian foi multiplicado por dez.

— Jasper — disse Dorian ao entrar, com a formalidade de um militar. O Avicen não deixou de notar que Dorian não considerava Quinn digno de um cumprimento direto.

— Dorian, querido — Jasper disse. — O que o traz à minha humilde morada? *E, por favor, fique para todo o sempre, obrigado.*

As pontas das orelhas de Dorian ficaram vermelhas ao ouvir a palavra “querido”, mas ele não revirou o olho nem falou para Jasper parar com aquilo, como costumava fazer. Talvez fosse a presença de Quinn. Ou talvez ele estivesse começando a ceder e vendo a luz. Sendo que a luz era o magnetismo selvagem de Jasper.

Dorian pigarreou antes de falar.

— Achei que tinha esquecido alguma coisa aqui.

— Sua dignidade, talvez? — A voz de Quinn estava cheia de sarcasmo.

— Eu já estou cansado de seu comportamento — disse Dorian. — Continue assim e não vai ter magia no mundo poderosa o suficiente para te proteger. Está claro?

Jasper nunca havia se sentido tão atraído por alguém em toda sua vida.

Quinn rangeu tanto os dentes que parecia que iria rachá-los. O céu em seus olhos queimava com a ferocidade de mil supernovas.

— Claro como água. — Ele se aproximou da porta e Jasper se preparou para um confronto. Dorian, no entanto, saiu da frente para Quinn passar, como se agora que deixara suas intenções claras, não houvesse mais nenhuma preocupação no mundo. Antes de sair, Quinn lançou um olhar caloroso para Jasper. — Não se esqueça do que falei. — Com um último olhar provocativo para Dorian, ele foi embora.

Ambos esperaram, imóveis, até o som dos passos de Quinn desaparecerem. Dorian ficou ali parado, desajeitado como um peixe fora d'água. Agora que realizara o grande gesto, ele não parecia ter ideia do que fazer em seguida. E

Jasper não sabia como agir.

Depois que o silêncio passou de constrangedor a insuportável, Dorian disse com rigor:

— Peço desculpas.

— Pelo quê? — perguntou Jasper.

— Por te incomodar.

Ah, pelo amor de Deus!

Era difícil para Jasper acreditar que Dorian estivesse nessa terra havia mais de dois séculos e ainda fosse tão inocente.

— Não incomodou — ele disse. — Não conseguiria, nem se quisesse.

Ele guardou alguns pertences — um canivete com lâmina serrilhada, um suéter extra, algumas ervas medicinais para o caso de um contratempo — na mochila que se lembrou de pegar em Londres. Ele não queria ter que contar com Quinn e sua magia para curá-lo outra vez. Então prosseguiu:

— Não que eu esteja reclamando, mas por que você veio? Nós dois sabemos que não esqueceu nada aqui.

Dorian deu de ombros, mas estava tenso, como se não conseguisse fingir indiferença.

— Parecia ser a coisa certa a fazer.

— Só isso?

Quando Dorian falou de novo, ele se recusou a olhar nos olhos de Jasper.

— Percebi que Quinn tinha ficado para trás, então resolvi ver se estava tudo bem. Não gosto do jeito que ele te olha.

Talvez fosse crueldade cutucar, mas Jasper nunca tinha ficado do lado de quem não toma iniciativa antes.

— E como ele olha para mim?

Finalmente encarando Jasper, Dorian respondeu:

— Como se você fosse algo a ser conquistado.

— Receio que você esteja um pouco atrasado na história — Jasper admitiu.

— Quinn e eu nos conhecemos quando eu tinha dezesseis anos. Ele veio, viu e venceu.

As sobrancelhas prateadas de Dorian se uniram.

— Você não é um prêmio para ser conquistado.

Jasper ficou sem resposta. Em vez disso, ele guardou os últimos suprimentos na mochila e fechou o zíper. Era lindo que Dorian pensasse que Jasper tinha algum valor. Lindo, idiota e um tremendo engano.

VINTE E DOIS



O QUARTO DE ECHO NO CASTELO DE AVALON era muito mais luxuoso do que qualquer outro lugar que ela já tivesse chamado de seu. Uma enorme cama de quatro colunas ficava sobre uma pequena plataforma, e espessas cortinas de veludo cobriam o colchão. Uma janela alta dava para o jardim abaixo, uma indomável profusão de vibrantes flores silvestres e ervas daninhas embaraçadas que cresceram sem controle por décadas. Ela deixou a janela aberta para arejar o quarto, que precisava de uma faxina com urgência. Havia uma lareira na parede oposta à janela, com cinzas fazia muito tempo frias e esfareladas. Ela fechou a porta e bateu a cabeça na madeira maciça.

O ar fresco do jardim que envolvia os fundos do Castelo de Avalon era agradável, mas aquilo não o transformava em um lar. Lar era o cheiro adocicado da barraquinha de castanhas assadas que ficava na esquina da rua 41 com a Quinta Avenida, era o brilho das calçadas depois da chuva, que lembrava vidro estilhaçado, era o barulho dos trens chegando e partindo da estação Grand Central o tempo todo. Este castelo, com suas muralhas cheias de fendas e paredes de pedra que deixavam o vento entrar, nunca seria um lar. Este adorável quarto era feito sob medida para uma princesa. Echo era tudo, menos isso. Ela era uma menina de rua, salva de uma vida de fome e ladroagem pela Ala, que agora estava em um quarto em algum lugar do castelo, entregue à escuridão que se infiltrou sob sua pele como um veneno. E a pior parte é que era culpa de Echo. *Você é a ruína deles.*

Ela escorregou contra a porta até sentar no chão duro e gelado, e abraçou as pernas, enfiando o queixo entre os joelhos. Ela não tinha compartilhado esse pensamento com Caius ou Rowan. Tinha fortes suspeitas de que Altair estaria disposto até demais a concordar com ela, mas os demais... Eles fariam qualquer manobra mental que achassem necessário para tirar a culpa dos ombros dela. Eles se importavam, e é isso que a gente faz pelas pessoas com quem se importa. A gente tenta fazer com que se sintam melhor. Tenta ajudá-las

a carregar os fardos que ameaçam enterrá-las vivas. Mas Echo tinha que carregar esse fardo sozinha. O kuçedra não havia decidido atacar o Ninho aleatoriamente. Não. Ele estava *procurando* por ela. A escuridão dele desejava sua luz, e ele começou a busca por onde a presença dela era mais forte. Ela havia acabado de chegar a Avalon, portanto sua presença ainda não havia se infiltrado nas antigas pedras do castelo, brilhando como um farol para que o kuçedra seguisse. Era o que ela esperava, pelo menos. Ela tinha que partir antes que tornasse aquele local um alvo.

Nenhum deles estava seguro. Nem a Ala, nem Ivy, nem Rowan, ou Caius, ou Jasper, ou Dorian. Enquanto ela e o pássaro de fogo fossem um só, enquanto o kuçedra continuasse sua caçada, as pessoas de que Echo gostava seriam destruídas, uma a uma, até que restasse a ela apenas solidão e desespero. Quanto mais fraca ficava, mais forte era a escuridão; as sombras de sua alma a alimentavam. Tinha tanta certeza disso quanto de que o céu era azul e de que o fogo era quente.

Ela inspirou e expirou, devagar, fundo, deixando que o peso do que sentia ter de fazer caísse sobre si, acostumando-se a esse novo e terrível fardo.

Echo precisava salvá-los. E tinha que fazer isso sozinha.

*

Fazer as malas foi fácil. Ela tinha pouquíssimas coisas. Jogou o conteúdo de sua mochila na cama — com as cortinas abertas, revelava-se uma coberta de cetim de um roxo bem forte, nada a ver com o estilo de Echo — e inspecionou os itens de utilidade variada.

Havia embalagens de chocolate dobradas, algumas bolinhas de linha, umas poucas moedas, tanto britânicas quanto americanas, uma lista amassada de artigos de higiene pessoal, a metade esmagada de uma barra de cereal. Echo sentiu um aperto no peito quando seus olhos recaíram sobre a caneta com um pompom cor-de-rosa ridículo na ponta. Ivy a tinha encontrado na biblioteca e dado a Echo como presente de aniversário. Tinha ficado no fundo da mochila por meses. Como duvidava que uma criatura feita de escuridão e puro mal se sentiria ameaçada se ela apontasse a caneta em sua cara, Echo a deixou na pilha de quinquilharias do seu passado recente.

Ela separou dois itens: a adaga de gralhas, removida da bainha dentro de sua bota, e o medalhão que Caius havia dado a Rose cem anos antes, o símbolo de sua afeição que levou Echo à Oráculo, ao seu destino e, agora, à

provável destruição deles. Ela pegou o medalhão e o acolheu na palma da mão. A superfície dele era lisa, desgastada depois de décadas escondido. A cauda do dragão começava na parte da frente e se enrolava na metade de baixo do medalhão, as asas curvadas no topo, de forma que a criatura parecia guardar um tesouro inestimável. A corrente — não a original, que se perdeu no tempo — escorregou entre os dedos de Echo como uma serpente, o sussurro metálico dos elos quebrou o silêncio do quarto. Ela botou o colar, com a corrente puxando alguns fios soltos de seu cabelo, e enfiou o medalhão dentro da camiseta. O pingente ficou no meio do seu peito, no lugar exato para que a camiseta ficasse lisa e a existência do colar fosse ocultada. Ninguém saberia que ela usava a insígnia do antigo Príncipe Dragão a menos que ela permitisse.

A adaga voltou para a bota. Ela limpou a lâmina como Dorian tinha ensinado durante as longas e tediosas semanas que passaram enfiados naquele depósito. Era afiada o suficiente para cortar sem dificuldade a pele e brilhante o bastante para refletir até o mais fraco raio de luz. Houve épocas em que, se Echo olhasse para ela de canto de olho, conseguiria ver a mancha vermelha de seu sangue no aço, mas aquilo era apenas ilusão. Ela se lembrava da sensação da adaga penetrando em sua carne como uma ferida recém-feita. Só uma pequena cicatriz, a pele um pouco mais macia ao toque e mais escura do que no resto sobraram para contar a história. Quando segurou a adaga, pôde sentir o peso de seus anos: ela havia pertencido a Rose e agora pertencia a Echo. Ela não fazia a mínima ideia de como isso poderia ajudá-la contra o kuçedra, mas era reconfortante ter uma arma consigo, uma arma que ela havia apontado para si mesma.

Antes de partir, Echo rabiscou dois bilhetes nas metades rasgadas de um pedaço de papel que encontrou nos fundos empoeirados da escrivaninha do quarto. Ela pensou em deixar um bilhete para Caius, mas não sabia o que dizer. A conexão entre eles havia crescido, isso era inegável, mas ela ainda não tinha confiança naquilo. Como saberia quanto daquele sentimento pertencia a ela e quais se originaram de Rose? Era mais fácil esquecer Caius. Mais fácil e mais covarde. Mas restava muito pouco de si, e Echo decidiu se doar para as pessoas que haviam estado ao seu lado desde o princípio. Caius não era uma delas. A tristeza tocou as profundezas de seu coração, e ela se perguntou se essa tristeza era dela, de Rose, ou uma combinação das duas.

O primeiro bilhete era dirigido a Rowan. Só dizia: *Sinto muito*. Ela não

sabia mais o que escrever. Devia a ele muito mais do que aquilo. Ele merecia mais. Depois de um momento de hesitação, ela acrescentou, *Eu te amo*. Ele merecia ouvir aquilo pelo menos uma vez. Apesar de tudo, era verdade. Ele ainda era amigo dela, seu primeiro amor, sua família. Nada mudaria isso, mesmo se o coração de ambos fosse partido.

Minha amada Ivy, começava o segundo bilhete, com uma caligrafia mal escrita, um rabisco apressado, vou enfrentar os vilões. Desculpe por agir em segredo, mas, se eu não voltar, deixo para você todas as minhas posses, incluindo aquela réplica de tiara Romanov que você gosta tanto, mesmo depois de eu ter contado que ela é falsa. Além disso, encontre o laptop que roubei daquele cara na biblioteca e apague o histórico do navegador. E por favor... cuide da Ala. Com amor, Echo.

Era um bilhete alegre, espirituoso tanto na promessa quanto no aviso, o fato é que ela não conseguiu escrever para Ivy uma despedida apropriada. O caráter definitivo de um adeus era demais para ela.

Echo arrancou os lençóis e as cortinas da cama. Amarrou as pontas, transformando os tecidos em uma corda que esperava ser longa o suficiente para chegar até o chão. Seria o cúmulo da humilhação se alguém a encontrasse no jardim no dia seguinte, caída entre as moitas, com a perna quebrada. Seu plano era simples: sair pela janela, chegar ao jardim e pular o muro do castelo com a ajuda de uma árvore que havia bem ao lado dele e fugir com o barco para uma praia distante o bastante para permitir seu acesso ao entremeio, mas não tão longe a ponto de os Avicen não conseguirem encontrar o barco. Aquele era um roubo que não lhe faria bem algum.

Antes que Echo se desse conta, era hora de partir. Mochila nas costas, cabelo preso em um longo rabo de cavalo, ela amarrou uma ponta da corda improvisada em um dos pés da cama e jogou a outra pela janela. Desceu com o maior silêncio possível. Manteve-se concentrada nas tarefas físicas necessárias. Encontrar apoio para os pés com o bico das botas. Equilibrar seu peso e rezar para a cama ser forte o bastante para suportá-lo. Quando chegou ao final da descida, pulou para os arbustos e, com os movimentos de um gato, rastejou pelo jardim e subiu na árvore.

Ela não conseguiu olhar para trás. Se olhasse, não seria capaz de seguir em frente. Aquilo, Echo pensou, abatida, era como uma história com a qual já tinha se deparado anos atrás. Ela havia passado por uma fase de pesquisar religiões. A Ala apresentara a ela contos da mitologia Avicen, e o resultado

foi que Echo tinha mais familiaridade com aquele panteão de deuses e deusas do que com qualquer religião humana. Aproveitando o vasto acervo da biblioteca, ela havia se aprofundado nas histórias da Bíblia, da Torá, do Alcorão. Tinha feito comparações entre os deuses Avicen e os humanos. Os deuses Avicen tinham nomes, a Ala explicou, mas nenhum mortal que caminhou sobre a Terra os conhecia.

Há poder nos nomes, a Ala avisou uma curiosa Echo de dez anos de idade.

Mesmo assim, havia a deusa do amor, uma figura de penas escarlate e duas cabeças, uma sorrindo com a euforia de um romance que acabou de começar, a outra chorando com a dor de um coração partido. As divindades da colheita — uma masculina e outra feminina, porque a vida não poderia existir sem nenhuma delas — existiam em todas as religiões do mundo, inclusive na dos Avicen. O deus da guerra fazia Echo lembrar muito de Ares, com sua reputação de impiedoso. E como alguém que havia deixado esta vida e ressuscitou logo depois, Echo sentia-se desconfortável ao ponderar sobre os paralelos Avicen para figuras similares a Cristo. Só pensar naquilo já revirava seu estômago.

Enquanto se afastava do castelo, já bastante escuro, exceto por algumas janelas onde uma frágil luz de velas tremeluzia, ela se lembrou da história de uma cidade cercada por anjos e de uma mulher que olhou para trás enquanto tentava fugir, apesar das ordens claras para não o fazer. A mulher foi transformada em uma estátua de sal. Echo tinha lido a história em uma das noites que passou no Ninho, com Ivy segurando uma lanterna sob as cobertas enquanto Echo virava as páginas. Quando perguntou a Ivy por que a mulher tinha sido punida por olhar para trás, ela apenas deu de ombros e apagou a lanterna. A escuridão do quarto tinha envolvido aquelas palavras, dando a elas, talvez, um significado maior do que o devido.

“Talvez ela não conseguisse evitar”, Ivy tinha dito, aconchegando-se no monte de almofadas que servia de cama para as duas. Echo tinha perdido as contas de quantas festas do pijama elas haviam feito naquele quarto. “Talvez ela só estivesse assustada. Ou quisesse voltar, mas sabia que não poderia ou morreria também.”

Echo não tinha entendido a história na época, mas naquele momento entendeu. Olhar para trás era fácil. Mesmo se tudo o que tivesse abandonado estivesse em chamas, era mais fácil olhar para aquilo queimando do que seguir em frente, rumo a um futuro incerto. Mas Echo não se deu ao luxo de ficar

paralisada. Não era mais uma garota envolvida em uma aventura grande demais para ela. Era uma parte de tudo aquilo, uma engrenagem na máquina, uma atriz no palco. Era o pássaro de fogo. Não uma estátua de sal, mas os meios para um fim. Era uma arma, uma espada. Ela seguiu, ignorando as fortes batidas do seu coração, dizendo três palavras em um ritmo constante.

Olhar para trás. Olhar para trás. Olhar para trás.

VINTE E TRÊS



A CIDADE DE NOVA YORK TINHA SE TORNADO uma zona de guerra. Tanques circulavam pelas ruas, acompanhados de jovens com uniformes verde-claros, fuzis de alta precisão pendurados nos ombros, chapéus afundados sobre olhos atentos que observavam tudo, em todas as esquinas, procurando inimigos. Echo sabia que não encontrariam nada. Não havia civis nas ruas. Até os eternos vendedores de cachorro-quente, que vendiam salsichas sob granizo, chuva e neve, haviam abandonado seus pontos. Cafés e lanchonetes estavam com as luzes apagadas. Alguns estavam fechados com grades de metal, outros tinham sido trancados às pressas quando seus donos fugiram para o mais longe possível da estação Grand Central. Era impossível andar a pé na área entre as ruas 14 e 59. Faixas de isolamento fechavam a Quinta Avenida.

Echo usou tudo o que restava de seu pó de sombra para viajar das margens do rio Hudson até um quartinho de serviço na plataforma da estação do metrô que queria. Ela encontrou a estação deserta, exceto por alguns sentinelas da Guarda Nacional patrulhando a área. Não havia multidão para escondê-la. O sistema do metrô tinha sido fechado imediatamente após o ataque, e Echo era a única alma tola o suficiente para tentar usá-lo. Ela evitou ser descoberta escondendo-se atrás das colunas e pulando a catraca, silenciosa como um coelho. Foi mais fácil do que esperava. Os guardas estavam com medo. De outro ataque. De terroristas à espreita, nas sombras. De bombas a ponto de explodir, que podiam ou não estar escondidas no sistema de transporte. Não era a primeira vez que a cidade era envolvida por uma massa de medo, mas isso não facilitava as coisas. As pessoas tinham esquecido como era ter medo, viver na incerteza. Mas o medo delas era útil para Echo no momento. O perigo deixava os guardas em alerta, mas o medo os deixava descuidados. Eles não viram nem a sombra de uma garota subindo as escadas e saindo da estação. Eles não perceberam ninguém saltando de uma esquina escura para outra por meio do Bryant Park, onde os quiosques que vendiam sanduíches e as mesas

com guarda-sóis lhe deram a cobertura que precisava. Lenta e metodicamente, Echo chegou à entrada lateral da biblioteca, foi até a porta de metal comum que levava os empregados da manutenção e os funcionários a seu fumódromo preferido, um canto pequeno e ao ar livre cheio de cinzas de cigarro e ocupado por um cinzeiro. Echo esperou um instante antes de tentar abrir a porta. Ela costumava ficar aberta por conveniência. Sua melhor chance de entrar na biblioteca sem ser vista era a possibilidade de ninguém ter se lembrado de trancar a porta ao sair no momento em que a área foi evacuada.

Todos os olhares estavam voltados para a Grand Central. Grupos de guardas perambulavam com cautela para cima e para baixo na Quinta Avenida, mas ninguém estava olhando para a biblioteca, uma massa cinzenta na escuridão da noite. Echo esperou os guardas passarem. Vinte passos. Trinta. Quando teve certeza de que eles estavam de costas e com os ouvidos fora da área de alcance, ela girou a maçaneta e empurrou. A porta se abriu sem nenhum ruído. Ela agradeceu em silêncio o funcionário que havia aplicado óleo nas dobradiças recentemente. Quando a porta se fechou — desta vez trancada —, Echo ficou na escuridão total. Com as mãos nas paredes dos dois lados, ela tateou o caminho pelo corredor até uma curva, depois por um corredor mais largo. Mesmo sem a ajuda da luz, seus passos eram precisos. Aqueles corredores escuros tinham sido seu parque de diversões por toda vida. Ela sabia para onde ir.

Mais algumas voltas, mais dois corredores, e ela estava no saguão da biblioteca. Os holofotes que iluminavam a Grand Central para a equipe de resgate e para a Guarda Nacional banhavam as ruas próximas com tanta intensidade que entrava luz o bastante pelos painéis de vidro das portas giratórias na entrada para iluminar de leve o mármore branco do piso. Os bustos de patronos abastados olhavam para Echo de seus nichos imponentes, e seus olhos de pedra a recebiam em silêncio em sua casa.

Como qualquer outro edifício daquela área, a biblioteca havia sido evacuada às pressas. A recepção ainda tinha vestígios da presença do guarda que costumava inspecionar bolsas para garantir que ninguém saísse com livros. Havia uma caneca de café sobre um jornal aberto, a tinta do jornal borrada por algumas gotas. Uma camada leitosa havia se formado sobre o líquido, agora frio. Papéis soltos estavam caídos no chão quando estudantes largaram suas pesquisas como árvores perdendo as folhas no outono. Algumas páginas estavam estragadas por conta de pegadas sujas, atropeladas na

correria da saída. Um pequeno urso de pelúcia com a costura gasta ficou encarando Echo do meio da escadaria que levava ao segundo andar. Seus desolados olhos de botão estavam obscurecidos pela perda. Ou talvez fosse apenas a imaginação de Echo.

Sem fazer barulho, ela subiu a escada, passou pelas estantes e atravessou os corredores escuros, cujas luzes não teve coragem de acender. Echo sabia que voltar para casa seria doloroso. Ela só não havia previsto o quanto seu coração ficaria pesado ao cruzar o familiar mármore branco, como seus olhos arderiam com lágrimas que por pouco não escorriam ao olhar o céu pintado no teto da sala de leitura, uma falsa luz do dia comparada à noite do lado de fora. Ela nunca pôde andar pela biblioteca com tanta liberdade, sabendo que não encontraria ninguém no caminho. Nenhum funcionário trabalhando à noite. Nenhum guarda noturno vagando por aqueles espaços. Era apenas ela e o silêncio.

O bloqueio na escadaria que levava ao quarto de Echo a repeliu, mas a resistência durou apenas até o encanto reconhecer quem o havia lançado. Com uma picada no dedo e palavras sussurradas que haviam ganhado um novo significado desde a última vez em que ela as proferira — “Por meu sangue” —, Echo abriu a porta.

Ela acendeu as luzinhas. A saudade de casa que se abateu sobre ela foi tão repentina, tão devastadora, que quase sufocou. Quase todas as coisas estavam onde ela as havia deixado. Quase todas. Seu espaço era um excelente exemplo da bagunça organizada, do tipo que pareceria bagunçado para alguém de fora, mas que sempre fez sentido para ela. Os tesouros roubados nas prateleiras e os livros que ocupavam a escrivaninha, o criado-mudo e algumas partes do chão estavam todos no lugar, porém, mais organizados do que ela havia deixado. As pilhas de livros perto da cama não estavam tão tortas quanto antes. Os papéis de doces amassados haviam sido retirados da superfície da mesa e estavam na lata de lixo que ficava sob ela. Sua coleção de matrioscas estava organizada por ordem de altura em uma de suas prateleiras, da maior à menor, da esquerda para a direita, com os olhos pintados olhando para a frente, todas viradas para a mesma direção.

Alguém havia organizado o quarto em sua ausência. E a única pessoa que poderia ter passado pelo bloqueio de proteção sem permissão era aquela que a havia ajudado a fazê-lo. A Ala. Ela estava cuidando de Echo, mesmo quando

Echo não estava por perto para gritar com ela por mexer em suas coisas ou apreciar aquele silencioso ato de amor materno.

Echo apertou os olhos com a base das mãos. *Você não vai chorar. Você não vai chorar. Você não vai chorar, droga.*

Havia trabalho a fazer. Havia coisas para roubar. Monstros para combater. Doenças misteriosas para curar. Lágrimas não estavam na programação. Lágrimas atrapalhavam, eram um obstáculo — molhado, por sinal —, e obstáculos eram o exato tipo de absurdo para o qual Echo não tinha tempo.

Mas lágrimas são ainda mais teimosas que Echo e, quando ela afastou as mãos, elas inundaram seu rosto, obscurecendo sua visão. Ela faria qualquer coisa para voltar ao passado, para quando as coisas faziam sentido e sua principal preocupação na vida era escolher um bom presente de aniversário para a Ala. Uma presença agitou-se no fundo de sua mente; como se um fantasma estivesse massageando suas costas com mãos suaves. A sensação não era tão reconfortante quanto Echo imaginava que o veículo — qualquer que fosse ele — pretendia que fosse, mas serviu para obrigá-la a superar todas as emoções que haviam tomado conta dela. Ela retomou o foco, ignorando a dor em seu peito.

Trabalho a fazer, monstros para combater.

Echo tirou a mochila do ombro e começou a enchê-la com tudo que poderia precisar. Seu segundo melhor kit para arrombar fechaduras — o melhor tinha sido confiscado por um guarda Drakharin durante sua breve estadia em uma cela da Fortaleza do Dragão —, uma lanterna pequena, seu pequeno manual de feitiços, um par de luvas de couro, um punhado de barrinhas de cereal e um mapa de Londres com estações de metrô e outros pontos de acesso ao entremeio marcados. Ela enfiou no bolso lateral uma garrafa de água, e, no bolso da frente, dois pares de meia. Nunca se sabe quando alguém pode precisar de meias limpas. Quase pronto. Ela se ajoelhou e começou a vasculhar debaixo da cama. Atrás de vários calçados — botas, tênis e sapatilhas empoeiradas —, havia uma caixinha de metal. Seu conteúdo era protegido por um cadeado de combinação. Echo puxou a caixa debaixo da cama, levantando poeira que fez cócegas em seu nariz. Ela colocou a combinação: 0621. Junho, dia 21. O dia em que a Ala a encontrou na biblioteca e a levou para um mundo mágico. A data em que ela havia recebido uma nova casa, uma nova família, e, sem que ela ou a Ala soubessem, um novo propósito. Dentro da caixa, havia uma bolsinha, intocada havia anos e

reservada apenas para a pior das circunstâncias. Uma nota escrita com a letra de Echo estava colada na bolsa: EM CASO DE EMERGÊNCIA, QUEBRE O VIDRO (METAFÓRICO). Se sua atual circunstância não fosse considerada uma emergência, ela não sabia o que seria. Echo guardou a caixa no lugar, sentindo o peso da bolsinha na mão. Estava cheia de pó de sombra, mas ainda assim ela teria que usá-lo com sabedoria. Só os deuses sabiam quando ela conseguiria mais.

Echo passou os olhos pelo quarto. O objetivo era não levar muita coisa, mas ela não sabia ao certo quando — ou se — voltaria para casa. Ela ficou imaginando o que seria daquele lugar se ela nunca voltasse. Talvez o encanto expirasse depois de alguns anos e algum funcionário da biblioteca encontrasse, por acaso, um quarto esquisito cheio de coisas esquisitas. Talvez inventassem histórias sobre uma garota que morava na biblioteca, despercebida, passeando pelas estantes como um fantasma. Talvez ela se tornasse uma lenda urbana, uma história passada por gerações de bibliotecários para matar o tempo durante os intervalos. Mas, também, talvez ela vencesse a ameaça sombria que ameaçava destruir tudo o que ela amava e retornasse vitoriosa para residir em um cômodo que parecia pequeno demais para abrigá-la. Era um pensamento otimista, ela sabia. As coisas nunca saíam do jeito que ela queria, e ela tinha poucos motivos para acreditar que desta vez seria diferente.

Olhando mais uma vez para a mochila aberta, Echo foi tomada por uma sensação de nostalgia. Não podia ser assim. Ela não poderia sair com uma mochila cheia de coisas somente utilitárias. Se estava a caminho de sua condenação, não queria ir sozinha. Não por completo. Ela se recusou a ficar com o grupo e colocar em um perigo ainda maior a vida das pessoas que considerava importantes, mas não podia se permitir — não se permitiria — esquecer que era amada. Ela *tinha valor*. E levaria consigo o pensamento daqueles que se importavam com ela, independente de onde estivesse ou do que fizesse.

Atrás das matrioscas havia um porta-retratos com uma fotografia — a única nas prateleiras. A foto tinha sido tirada no aniversário de dezesseis anos de Echo e foi motivo de discussão com a Ala durante meses. Os Avicen tinham uma política rígida contra fotografias, mas Echo levou uma câmera escondida para o Ninho naquele dia, uma Polaroid velha tirada da caixa de achados e perdidos da biblioteca depois de cobiçá-la por uma semana inteira, tempo

máximo que ela esperava antes de furtar as coisas, para o caso de alguém voltar em busca de seus pertences. Ivy uma vez lhe perguntou por que ela se dava ao trabalho de esperar. Afinal, Echo era uma ladra. A resposta foi que até os ladrões tinham uma conduta de honra, e Ivy aceitou a explicação revirando os olhos e pedindo para Echo passar um pedaço de pizza. Mas aquele aniversário tinha sido especial. Não foi uma festa grande como as meninas costumavam ter nos Estados Unidos — os Avicen, por serem uma raça em que as pessoas podiam viver séculos, não consideravam nada especial fazer dezesseis anos. Mas Echo era humana o bastante para querer que a data fosse marcada de alguma forma. A Ala tinha organizado um piquenique em seus aposentos, com todas as comidas favoritas de Echo, e convidado Ivy, Rowan e alguns dos pequenos Avicen que grudavam em Echo sempre que ela aparecia no Ninho. Todos se sentaram em almofadas no chão, comendo *macarons* de Paris, *motis* de Tóquio e *sopaipillas* do Novo México. Echo tirou a foto sem ninguém ver. Nela, Ivy e Rowan brigavam pelo último *macaron* enquanto a Ala acariciava a cabeça de dois pequenos Avicen que tinham cochilado em seu colo, cheios de comida, vítimas do excesso de açúcar. A Ala viu a fotografia na estante de Echo na semana seguinte e pediu que ela jogasse fora. Se alguém a encontrasse, os Avicen arriscariam o tipo de exposição que evitaram durante séculos vivendo no subsolo de Nova York. Echo se recusou. Apenas semanas depois, quando um porta-retratos apareceu de repente para abrigar a foto, Echo se deu conta de que a Ala a havia perdoado.

Echo tirou a foto da moldura, tomando cuidado para não a sujar. Abriu uma gaveta da escrivaninha, procurando por algum saquinho plástico. O porta-retratos era pesado demais para carregar, mas ela não queria danificar a foto. Ela havia enfiado no fundo da gaveta uma caixa cheia de saquinhos, e suspirou aliviada quando viu que ainda restava um. Ela botou a foto dentro dele e fechou bem. Enquanto passava os dedos pelo rosto das pessoas que tanto amava, uma palavra lhe veio à mente, saindo das profundezas de seu vocabulário.

Setsunai, Echo pensou. *Japonês. Doce e amargo. Doloroso. Usado para descrever uma crueldade particular e intraduzível feita ao coração.*

Ela poderia nunca voltar a vê-los. A Ala poderia nunca acordar. Ivy poderia nunca ter a oportunidade de gritar com Echo por ter fugido sozinha. Rowan poderia nunca saber o quanto significava para ela. Uma lágrima caiu sobre o saco plástico e Echo a secou. Não havia tempo para isso. Não mesmo. Ela

colocou a fotografia no bolso da frente da mochila, mas, depois de um instante de hesitação, tirou e guardou no bolso interno da jaqueta de couro. Era melhor daquele jeito. Ela os manteria por perto. A mochila poderia se perder, mas ela só ficaria sem sua jaqueta de couro se morresse.

Echo respirou fundo para se estabilizar. Jogando a mochila no ombro, ela se despediu, não apenas do quarto escondido que havia sido seu lar por dez anos mas também da garota que vivera nele. Ela era outra pessoa agora e estaria ainda mais diferente se algum dia retornasse. Se não... Bem, era melhor nem pensar nisso.

Echo olhou o quarto pela última vez e disse para ninguém em específico:

— Adeus.

VINTE E QUATRO



OS DOIS GUARDAS COLOCARAM CAIUS EM SEU QUARTO e fecharam a porta ao sair. Ele tinha certeza de que eles estavam fazendo vigia do lado de fora, provavelmente um de cada lado, como bons sentinelas.

Caius observou o entorno e se lembrou de que não havia janelas, o que não o deixava surpreso. Os Avicen seriam ingênuos demais se permitissem que ele tivesse qualquer chance de fugir. Ele sabia onde os refugiados do Ninho estavam escondidos e, embora não soubesse o número exato, conseguia estimar com facilidade quantas pessoas cabiam no castelo.

As paredes estavam cobertas de tapeçarias antigas. Unicórnios brancos e encardidos cavalgavam, rodeados por crianças risonhas que seguravam fitas no alto. Uma camada fina de poeira impregnava os tecidos. Quando ele os tocou, seus dedos saíram acinzentados. Anos de abandono fizeram a sujeira se fundir aos fios. Ele duvidava que mesmo uma restauração muito cuidadosa fosse capaz de recuperar a beleza perdida das tapeçarias.

De ambos os lados da lareira fria do quarto havia dois círculos perfeitos de poeira no chão. Caius imaginou que dois vasos, removidos antes de sua chegada, ocupavam aqueles espaços. O círculo de metal na parede, ao lado da lareira, também estava vazio, os atizadores e pinças foram confiscados por seus anfitriões. Uma escrivaninha estava apertada em um canto, sem nada em cima. Além da porta, não havia escapatória daquele pequeno e opressivo quarto.

As palavras de Rowan ecoavam em sua mente como um mantra masoquista. *Se não se importar, gostaria de falar com a minha namorada a sós.*

“Namorada.”

Não era um termo que os Drakharin utilizavam, mas Caius sabia o que significava.

Com um suspiro, ele caiu na cama, abrindo os braços ao afundar no colchão. Ficou ali deitado, praguejando os deuses em silêncio. Amaldiçoou o deus do

amor por fazê-lo amar. Como a vida seria mais fácil se seu coração fosse de pedra, insensível à beleza, inteligência e coragem. Ele amaldiçoou o deus da tragédia, por fazer tantos infortúnios choverem sobre ele, que absorvia a desgraça como uma árvore sedenta. Se existisse um deus da ironia cruel, Caius o teria amaldiçoado também. Depois de um tempo, ele dormiu, atormentado por sonhos de deuses que riam e garotas espertas demais.

Sem o uso da luz natural, Caius não podia dizer que horas eram quando ouviu a fechadura ser destrancada. Ele nem se preocupou em levantar, deixando a dignidade de lado. Suas costas gritaram quando ele virou a cabeça para ver quem havia entrado, embora o ângulo deixasse o mundo de cabeça para baixo. Rowan estava parado diante dele, braços cruzados, analisando Caius com um olhar duro quando os guardas fecharam a porta.

— Está confortável? — perguntou Rowan, com a voz fervilhando com as brasas do ressentimento que ele com certeza passara a noite toda alimentando. Caius não podia culpá-lo.

— Mais ou menos. — Ele não fez nenhum movimento para se levantar. Era egoísta, ele reconhecia, mas queria ver quanto tempo Rowan toleraria antes de deixar de lado a ilusão de hospitalidade.

Pelo visto, não muito.

— Levante. Estamos saindo.

Eles foram pelas escadas de serviço para não serem vistos. A maioria dos Avicen acreditava que os Drakharin estavam por trás do ataque à Grand Central, e Altair não parecia muito interessado em fazê-los pensar o contrário. Por enquanto, Caius tinha que continuar escondido, fora do alcance da visão de todos. Os corredores de serviço eram escuros, o ar era úmido e frio. O caminho era iluminado por uma lamparina a gás antiga que Rowan segurava no alto. Havia castiçais nas paredes, Caius notou, mas sem as velas. Altair devia estar economizando os suprimentos. Não havia sentido em gastar velas novas em um caminho percorrido apenas por um Drakharin, seu guia, e um ou outro rato. Avalon não era ocupado havia décadas, e aquela passagem estava caindo aos pedaços. Em algum lugar por ali, havia goteiras. O mofo havia tomado conta das paredes, e as botas de Caius pisavam em poças rasas no chão.

Rowan permaneceu calado enquanto caminhavam. A tensão que descia por suas costas era firme como a corda de um arco. Seria prudente, Caius pensou, deixar Rowan destilar o próprio ódio. Contudo, nos últimos tempos, a

prudência era algo que vinha lhe faltando.

— Ela lutou bem — disse Caius. Ele não especificou de quem estavam falando. Não havia necessidade. Ambos sabiam.

Arcos só podiam manter a tensão até a flecha ser disparada. Rowan parou de repente, e a lamparina balançou em sua mão ao se virar.

— Não comece.

— Estou tentando ser legal — Caius retrucou, ignorando a voz em seu interior que gritava para ele se calar.

Os olhos do Avicen se estreitaram, olhos quase negros à luz fraca da lamparina, e, por um instante, Caius viu uma fagulha do guerreiro que Rowan poderia vir a ser.

— Eu não quero que você seja legal comigo — Rowan disse por entre os dentes. — Eu não quero ouvir a sua voz. Não quero nem que você olhe para mim. Meu comandante me deu ordens para buscar você e Echo, e é isso que estou fazendo, mas nós não somos amigos. Nunca seremos. — Rowan deu um passo à frente, quase tocando as botas de Caius. O Avicen era alguns centímetros mais baixo, mas não havia nada de pequeno nele naquele momento. Caius o encarou. O garoto daria um bom adversário para aqueles que o enfrentassem. Caius esperava que ele fosse tão bom como aliado. Mas rios não podiam ser cruzados sem que uma ponte fosse construída antes.

— Não é sua amizade que eu quero — Caius disse. — Ou o seu respeito. Mas eu quero que saiba que você tem o meu. Você e sua parceira lutaram bem na noite em que nos conhecemos. Ela morreu com honra.

O silêncio caiu sobre eles. Até o gotejamento da água parou, como se também sentisse que aquele momento era um barril de pólvora prestes a explodir. Uma ruga se formou na testa do Avicen quando uma emoção inexplicável passou por seu rosto. Ele deu as costas para Caius, mas não continuou a andar. Eles ficaram parados, em um silêncio tenso, até que Rowan disse, enfim:

— Faltavam três semanas para Ruby fazer dezoito anos. Echo tem sangue nas mãos porque estava tentando proteger *você*. — A última palavra foi como um soco no estômago. Rowan virou metade do corpo para Caius e perguntou: — Me diz, que honra existe em crianças matando crianças?

Rowan não esperou pela resposta. Mesmo se tivesse esperado, Caius não saberia o que dizer. Ele tinha sido criado para a guerra, alimentando-se de histórias sobre coragem e heroísmo desde que era um bebezinho. Seu destino,

como haviam lhe garantido, era encontrar a glória no campo de batalha, batizar sua lâmina com sangue Avicen. E assim tinha sido com seu pai antes dele, e com o pai de seu pai. Mas esses jovens Avicen eram diferentes. Eles viviam em um mundo muito menos isolado do que o de Caius. Eles viam a vida repleta de opções além de um fim brutal em uma guerra eterna. A injustiça, aos olhos deles, era terem herdado um conflito que tinha pouco significado. Morrer nas mãos de seus inimigos, Caius compreendeu, era morrer por nada. Eles brigavam por territórios que nunca lhes pertenceram e jamais o seriam enquanto tivessem que construir bloqueios mágicos para sobreviver e se esconder como ratos em um porão.

Caius não disse mais nada quando saíram da escuridão da escadaria de serviço, passando por uma porta disfarçada em um painel liso de madeira do corredor. Rowan apagou a lamparina e a pendurou em um gancho dentro da entrada, para a próxima pessoa que tivesse a sorte de passar um tempo com o mofo, as poças e os ratos. O corredor estava vazio, exceto por uma Falcão de Guerra encostada na parede, perto da última porta. Ela estava de braços cruzados e a cabeça pendia no ritmo inconsistente de uma pessoa lutando para não dormir.

— Fern — Rowan a chamou. A Falcão de Guerra ficou atenta, levando a mão à espada depressa ao ver Caius se aproximando. O movimento de puro instinto. Ela se conteve antes de puxar a lâmina, mas seus olhos continuaram desconfiados e atentos, com o olhar de falcão focado nas escamas do rosto de Caius. Ele não se deu ao trabalho de cumprimentá-la. Suas boas intenções já haviam irritado muitos Avicen em um só dia.

— Echo te deu trabalho? — Rowan perguntou.

Fern negou, sem deixar de encarar Caius. Devia ser muito estranho para eles terem um Drakharin em seu porto seguro.

— Ela ficou quieta como um ratinho.

Aquela não parecia a Echo que Caius conhecia. Rowan franziu a testa como se pensasse a mesma coisa e passou por Fern para abrir a porta. Caius o seguiu até o quarto, com Fern logo atrás, fazendo várias perguntas às quais nenhum dos dois deu atenção.

A janela estava aberta. Cortinas esvoaçantes agitavam-se com a brisa da manhã.

O quarto estava vazio.

Echo tinha ido embora.

- Merda — disse Rowan.
- Merda — concordou Caius.

VINTE E CINCO



O CAFÉ DA MANHÃ, DORIAN PENSOU, sentindo o aroma forte de seu café — preto, sem açúcar —, de fato era o momento mais mágico do dia. Ou melhor, seria se uma nuvem negra, na forma de um feiticeiro que insistia em mexer na comida do prato de todos, não pairasse sobre os alimentos que os Avicen haviam preparado com tanta generosidade. Do prato de todos, menos do de Dorian. O senso de sobrevivência de Quinn era forte demais para correr esse risco.

Ivy mordiscava um pedaço de bacon. Sua torrada já tinha esfriado, e Dorian percebeu que ela não pretendia comer aquilo, só precisava de algo para ocupar as mãos. Ela estava nervosa. Era corajosa, mas estava nervosa.

— *Kummerspeck* — ela disse do nada.

— Quê? — Dorian perguntou.

— É uma palavra que a Echo me ensinou. É alemão, acho. Significa bacon da tristeza. — Ivy olhou para o bacon em suas mãos e o colocou de volta no prato. — Tem algo a ver com comer quando se está estressado ou triste.

Jasper passou uma quantidade generosa de geleia de laranja em uma torrada, cortando o silêncio do começo da manhã com o barulho da faca. Ele estava sentado do lado oposto a Quinn na mesa, que tinha passado de uma cadeira para a outra na tentativa de sentar ao lado de Jasper, até desistir antes que a manobra ficasse ridícula demais até mesmo para ele.

— Deixando de lado as lições de vocabulário, existe algum motivo para eu ter sido tirado da cama em uma hora tão obscena? — Quinn esticou os braços sobre a cabeça, arqueando as costas com um bocejo.

Jasper engoliu a torrada.

— Tudo em você é obsceno.

— Sem paquerar na mesa do café da manhã — Quinn disse dando uma piscadinha e um olhar malicioso. — É inconveniente.

Um calor subiu pela nuca de Dorian aos poucos. Ele puxou o colarinho. Era

o café. Todo aquele calor. Nada a ver com a incontestável raiva que fervilhava sempre que Quinn estava por perto. Nada a ver mesmo. Ele se afastou da janela e colocou a caneca na beirada da mesa. Ivy entrelaçou os dedos sobre o colo. Ele botou a mão no ombro dela para encorajá-la. Não era do seu feitio dar conforto físico, mas Ivy tinha parado de se contorcer com a proximidade dele meses atrás e, depois de observá-la de perto — deuses, tudo naquele depósito era de perto —, ele havia entendido que pequenos atos de afeição física vindo dos amigos faziam bem a ela. Algumas pessoas gostavam de abraços. Dorian não era uma dessas pessoas, mas daria apoio da forma que pudesse. O guarda Avicen que estava no canto apertou os olhos, como se Dorian estivesse cometendo um ato perverso ao pôr suas mãos nojentas em uma Avicen saudável. Há três meros meses, Dorian teria concordado. Crescimento pessoal, era como Caius chamava.

— Instruções da missão — Dorian disse. — Assim que os outros se juntarem a nós, vamos revisar todos os detalhes juntos, mas, por enquanto, quero falar do básico. Quinn entregará Ivy na Fortaleza do Dragão, depois vai se encontrar comigo e com Jasper no bosque. — Ele acenou com a cabeça para Ivy. — Assim que você fizer contato com um dos homens leais a Caius na fortaleza e obtiver as informações que, oremos para todos os deuses, poderão nos ajudar a combater o kuçedra, nós vamos ajudá-la a escapar.

Dorian tirou do bolso o item que passou boa parte da noite preparando. Era um pedaço de um espelho que ele havia quebrado e polido até que se tornasse um círculo perfeito. Ele tinha descascado a película colorida de um antigo porta-joias encontrado nos armazéns do castelo e colado as peças do lado opaco do espelho. Visto de frente, parecia um simples pingente. A parte espelhada, no entanto, era muito mais do que uma bijuteria comum. Ele o segurou pela corrente, balançando-o na frente de Ivy.

— É isto que você vai usar para se comunicar comigo quando estiver dentro da fortaleza.

Ivy pegou o pingente com cuidado.

— E como, exatamente, um colar vai servir para isso?

Quinn balançou os dedos.

— Magia.

Dorian contou até dez e conteve uma resposta grosseira. O feiticeiro não estava errado, Dorian só queria que ele calasse a boca. De preferência para sempre.

— Abra o fecho — Dorian orientou Ivy. — Mas tome cuidado.

Havia uma pequena agulha, grande o bastante para furar a pele, escondida dentro do fecho. Dorian pegou sua espada e a segurou contra a luz. Ivy o observou com curiosidade.

— Fure seu dedo — ele pediu. — E pressione o sangue no espelho.

Ela fez uma cara feia, mas obedeceu. Uma gota do sangue boiou na superfície brilhante do espelho por um ou dois segundos até que o espelho a absorveu. O pingente estava limpo, como se nunca tivesse sido tocado. Uma gota de sangue apareceu na espada de Dorian.

Ivy ficou paralisada, segurando o polegar com a outra mão.

— Uau.

— O espelho é pequeno — Dorian disse enquanto limpava sua lâmina. — Então teremos que usar meios de contato um tanto limitados. Uma gota para abortar a missão, duas para seguir conforme o planejado. Esse vai ser o meu sinal para te esperar no nosso ponto de encontro para fugirmos.

Ivy engoliu em seco.

— O que vai acontecer se eu abortar a missão? Vou ficar presa lá?

Dorian embainhou a espada. Ele gostava daquele peso em sua cintura. Era reconfortante, como o cobertor de uma criança.

— Se eu receber o seu sinal para abortar missão, vou invadir a fortaleza e matar todos os Dragões de Fogo que aparecerem na minha frente.

Jasper murmurou algo ininteligível e começou a se abanar com um prato de papel.

Ivy arregalou os olhos.

— Isso é loucura, Dorian.

Ele deu de ombros, como se embarcar em uma missão suicida não fosse nada fora do comum, até mesmo para ele.

— Ninguém vai ser abandonado. Eu estou no comando desta missão, e você é responsável *minha*.

Revirando os olhos, Ivy disse:

— Obrigada, papai.

Dorian franziu a testa.

— Sou jovem demais para ser seu pai.

— Aham, só que não.

Quinn pigarreou e, movimentando-se em volta da mesa para perturbar, serviu-se de café e roubou mais bacon do que devia.

— Que ideia linda — ele disse —, mas eu estou fora desse heroísmo inconsequente. — Ele deu um sorriso falso para Ivy. — Sem ofensas, meu bem. Só não sou muito fã de resgates.

Dorian inspirou fundo. Soltou o ar. E respirou de novo.

— Se não tem mais nada a dizer, Quinn, posso pedir que você pegue seu prato lotado de bacon e saia daqui?

Quinn colocou uma fatia de bacon na boca e começou a mastigar de forma contemplativa.

— Só por curiosidade, já que eu só ajudei desde o momento em que me juntei a este bando de esfarrapados... o que exatamente eu fiz para te ofender?

Dorian esperou Ivy colocar de lado as penas que tinha no lugar dos cabelos para poder fechar a corrente em seu pescoço.

— Sua existência me ofende.

Quinn fez um beicinho com a boca.

— Isso é um tanto grosseiro. — Ele esticou o braço para passar o dedo nas penas de Ivy. Ela fugiu do toque.

— Eu não gosto de você — Dorian explicou. — Eu gosto dela. — Os olhos estrelados de Quinn piscaram de alegria. Ele não estaria tão alegre se a espada de Dorian estivesse enfiada em sua barriga. Considerando a imundície que devia escorrer de todos os poros do feiticeiro, Dorian achava que não estava além de toda possibilidade que essa fantasia pudesse se concretizar. — Se você fizer alguma coisa, qualquer coisa, que coloque a vida dela em um perigo ainda maior do que já vai estar, eu te mato.

Quinn deu um sorriso amarelo.

— Você pode tentar.

Jasper endureceu os olhos dourados, alternando-os entre os dois como um espectador de uma partida de tênis. As palavras fizeram Dorian sorrir. Eram um eco da provocação que ele havia usado com Jasper na noite em que se conheceram, quando ele estava meio louco devido à perda de sangue. Agora ele tinha mudado, podia admitir, mas não se tornara menos mortífero. Ele se aproximou do feiticeiro, ficando perto o suficiente para beijá-lo.

— Ah, eu não vou apenas tentar. Eu vou te perseguir. Você pode correr muito rápido, ou para muito longe, mas eu vou te encontrar. E vou fazer você lamentar o dia que saiu de dentro da sua pobre mãe.

Jasper deu um assobio baixinho, impressionado.

— Meu Deus.

De repente, a porta se abriu, batendo com a maçaneta na parede de pedra. Rowan dobrou o corpo para a frente, respirando com dificuldade, como se estivesse correndo. Meio segundo depois, Caius apareceu na porta ao lado dele, sem um fio de cabelo fora do lugar. Rowan respirou fundo, com a testa molhada de suor.

— É a Echo — ele anunciou com a voz rouca. — Ela foi embora.

— Ai, cacete — Ivy disse.

— Cuidado com a língua! — Quinn avisou, verificando suas unhas devagar.

Pelo menos três pessoas responderam:

— Cala a boca, Quinn.

— Alguém tem que ir atrás dela — Ivy disse. — O que vamos fazer?

— Foi isso que pensamos — Caius disse. — Vocês quatro já têm sua missão. — Ele olhou para Rowan, que também olhou direto para ele. — E agora nós temos a nossa. Como você disse, alguém tem que ir atrás dela, e eu acho que sei onde podemos encontrá-la.

VINTE E SEIS



A NEBLINA DO INÍCIO DA MANHÃ envolvia as ruas de Edimburgo. O castelo elevava-se em sua colina, com a parte de cima das muralhas fora do alcance da visão. Echo apertou seu copo quente de café com leite, mais por conforto do que para se aquecer. Comparado ao calor úmido e quente de Nova York em julho, a manhã escocesa era um alívio bem-vindo. Ainda estava um pouco quente demais para a jaqueta de couro que ela vestia, mas um soldado nunca ia para a guerra sem armadura. Ela se encostou na parede de pedras de um dos edifícios altos e finos que ocupavam o terreno de uma avenida como se fosse o afluente de um grande rio: era onde podia ser encontrado o gabinete do professor Aloysius Stirling. Sua paciência já estava ficando menor que a fraca luz que tentava passar pelas nuvens, mas ela esperou. Imóvel e em silêncio.

Echo olhou no relógio. Passava um pouco das sete da manhã, horário em que, segundo Caius, o professor chegava ao gabinete todos os dias sem falta. Ela tinha feito questão de chegar cedo o suficiente para sondar a rua e tomar algum café. Em Nova York, seriam duas da manhã, quando todos os bons Avicen — e uma dupla de Drakharin, mais um feiticeiro — estariam dormindo. Ela tinha algumas horas antes que alguém notasse sua falta. Em tese.

— Vai logo — ela sussurrou, desejando que sua magia de alcance limitado tivesse o poder de fazer o professor surgir na densa neblina. — Vai, vai, vai. — Seu relógio, uma relíquia delicada que ficou nos fundos da mochila por meses, marcava os segundos. Cada um deles em que o professor não aparecia descendo a rua estreita era um mais próximo da descoberta de sua ausência. O tempo não era um recurso que ela podia se dar ao luxo de desperdiçar.

Quando suas esperanças começaram a acabar — talvez o professor estivesse doente, talvez tivesse sido atropelado por um carro ou atingido por um raio, ou tivesse decidido mudar sua rotina pela primeira vez em muitos anos —, ela enxergou uma figura apontando do outro lado do terreno, com uma boina na cabeça abaixada devido à neblina que começava a se transformar em

chuvisco e braços protegendo uma pilha de livros. Ele era um homem pequeno, bastante velho, com cabelos brancos escapando da boina. Tudo nele tinha um ar professoral, dos óculos que empurrava sobre o nariz às emendas desgastadas nos cotovelos do paletó. Só podia ser o tal do Aloysius Stirling. Só um Aloysius poderia usar emendas nos cotovelos sem o menor traço de ironia.

Echo se afastou da parede, jogou o copo de café com leite pela metade em uma lixeira e começou a descer a rua. O professor — ou a pessoa que ela esperava muito, muito, muito que fosse ele — girou a maçaneta e entrou no prédio. Echo acelerou o passo, dando uma corridinha para não deixar a porta fechar. Conseguiu por pouco, colocando a ponta da bota na passagem. O homem deu um salto, surpreso pela aparição repentina, quase derrubando a pilha de livros. Ele deu um pigarro, tentando se recompor. Sua papada estava rosada, não ficava claro se de aborrecimento ou de raiva.

— Com licença, mocinha — ele disse com sotaque escocês. — A senhorita está perdida?

Aborrecimento, sem dúvida. Ele olhava para Echo como alguém olha para cocô de cachorro nos sapatos. Ela tentou não se irritar com aquilo. Podia ter se esquecido de vestir uma camisa limpa e desamassada antes de sair de Avalon, mas, no fim das contas, tinha coisas mais importantes para pensar. Provavelmente parecia uma mendiga. Uma mendiga que estava sem dormir.

— O senhor é Aloysius Stirling? — Echo perguntou.

O homem apertou os olhos, cheio de desconfiança.

— Tudo depende de quem quer saber — ele respondeu.

— Meu nome é Rose. — Echo tinha decidido que usar um nome falso era a opção mais segura. Havia uma agitação no fundo de sua mente que parecia uma espécie de gargalhada fantasmagórica. Ou podia ser sua imaginação. Era cada vez mais difícil de diferenciar. O homem, que ela tinha quase certeza que era o dr. Aloysius Stirling, professor de mitologia e folclore, passou a pilha de livros de um braço para o outro. Ele tentou fechar a porta na cara de Echo, mas ela não permitiu.

Caius havia avisado que o professor era notoriamente cauteloso com sua pesquisa. O Drakharin tinha levado meses para conquistar a confiança de Stirling, mas Echo não possuía esse tempo. Na verdade, ela mal tinha algumas horas. Precisava conquistar a confiança dele mais rápido.

— Sou amiga do Caius — falou, tirando o colar de dentro da camisa para

mostrar a insígnia do dragão. O professor arregalou os olhos ao ver aquilo. Sua jogada havia funcionado. — E preciso de sua ajuda.

O gabinete do professor parecia habitado por um homem que usava paletó de tweed combinando com a boina. Também lembrava Echo de seu lar, fazendo seu peito bater mais forte. Havia pilhas de livros equilibrados por toda sala, mas, olhando por cima, ela podia afirmar que havia algum tipo de organização naquele caos erudito. A mesa do professor tinha montanhas de papel que cobriam sua superfície. Os tomos pareciam organizados por tema, mas não pelos gêneros que se encontraria em uma biblioteca tradicional. A prateleira da parede oposta à entrada estava cheia de volumes que cobriam todos os acontecimentos imagináveis da mitologia relacionada a pássaros. Separada daquela prateleira por uma janela que dava para um terreno estreito, havia outra estante cheia de textos de folclore sobre dragões encontrado no mundo todo.

O comportamento de Stirling havia mudado no instante em que reconheceu a insígnia de Caius. Ele conduziu Echo por uma escadaria claustrofóbica, desculpando-se o tempo todo por tudo, desde o modo com que os degraus de madeira rangiam até a ausência de uma lâmpada que funcionasse no corredor que levava a seu gabinete e o fato de a chaleira não aquecer a água rápido o suficiente. Ela havia recusado o chá oferecido pelo professor, mas ele não lhe deu ouvidos. Ela tomaria seu chá e desfrutaria de sua hospitalidade, querendo ou não. Afinal, uma amiga do Príncipe Dragão era sua amiga também.

— Ainda não consigo acreditar que você sabe sobre Caius — Echo disse ao pegar a caneca lascada cheia de chá preto fumegante que o professor lhe entregou. Com a mão livre, ela apontou para a estante. — Sobre eles.

Stirling deu uma risadinha, um som tão terno e redondo quanto ele.

— Ah, minha cara, você de fato achou que era a única humana que sabia da existência deles?

— É, meio que sim. — Echo se movimentava com desconforto. Estava quente demais para a jaqueta de couro. — Caius parece achar que o senhor é capaz de nos ajudar a resolver nosso problema com o kuçedra.

O olhar de Stirling passou do contentamento à avaliação. Ele fez um sinal para ela se sentar à frente da mesa dele. A cadeira era antiga e sua almofada escondia um profundo buraco no meio, no qual ela afundou. Stirling retorcia os dedos sobre a barriga.

— Você vai me desculpar, minha cara, mas vai ser preciso mais do que um medalhão com a insígnia do príncipe para me fazer divulgar informações tão confidenciais quanto essa.

Então era assim que ele queria jogar. Echo não ficou surpresa. As coisas funcionam na base do troco. A menos, é claro, que você a roube, mas essa não era uma situação em que pequenos furtos resolveriam a questão.

— E se eu disser que o senhor estava certo? O pássaro de fogo é real. Caius o encontrou.

Um brilho que Echo conhecia bem surgiu nos olhos do professor. Ela mesma já havia sentido aquilo. Quando encontrou a adaga, o medalhão e a chave. Era uma sensação de uma verdade começando a fazer sentido, a satisfação de ver uma crença se transformar em fato. Mas a empolgação de Stirling durou pouco. Aquela expressão se tornou uma curiosidade serena, ainda permeada por desconfiança.

— Eu adoraria acreditar nisso, mas, mais uma vez, tenho apenas a sua palavra para comprovar.

O sorriso de Echo foi espontâneo. Ela não deveria fazer aquilo. *Realmente* não deveria. Fazer aquilo seria uma péssima ideia. Aquele homem era um estranho, e a única evidência de que era confiável era o fato de que Caius acreditava nele, mas a fera alada que se encolhia dentro dela desejava se libertar. Quem era ela para impedir?

— Tenho provas.

Stirling bufou.

— Ah, isso eu quero ver.

— Por que temeis, homem de pouca fé — disse Echo. Se ao menos ela estivesse tão confiante quanto parecia. Ela projetou todo o desespero que sentia em suas mãos, como se aquilo fosse uma substância tangível que ela pudesse manipular como quisesse. *Por favor, funcione. Por favor, funcione.*

Ela colocou a caneca sobre a mesa do professor, acrescentando uma nova marca às inúmeras manchas aneladas sobre a antiga superfície de madeira. Stirling, pelo jeito, não era o tipo de homem que se importava com portacopos. Echo juntou as mãos em concha e se concentrou. Uma dor na base de seu crânio surgiu. Era mínima, a princípio, como um broto fechado esticando-se na direção do sol no início de seu nascimento, mas, quanto mais perto o poder chegava da superfície, maior ela ficava, como aquela exata flor abrindo suas pétalas.

O fogo brotou na palma de suas mãos. Stirling deu um salto, batendo os joelhos com força na lateral da mesa. Labaredas, negras como a noite, claras como o dia, lambiam a pele de Echo. O fogo esquentou suas mãos, mas elas não queimaram da forma que havia acontecido na Floresta Negra. Antes disso, ela só conseguira usar seu poder diante de emoções extremamente fortes. Esse nível de controle era novo. A dor em seu crânio se espalhou, latejando atrás dos olhos como uma enxaqueca. Ela a ignorou, concentrando-se na magia que ardia em suas mãos.

— Santa mãe de Deus — sussurrou Stirling. Uma mão estava agarrada ao colete, sobre o coração, enquanto a outra procurava por um par de óculos no bolso da camisa. Foram necessárias duas tentativas para ele conseguir colocar os óculos no rosto. — É real. — Seus olhos alternavam com relutância entre as chamas brancas e pretas nas mãos de Echo e seu rosto. Ele ficou olhando fixo, ansioso. — Você é real.

Echo suspirou, deixando a magia escapar de suas mãos. O fogo se apagou e sua dor de cabeça diminuiu. Ela esfregou a nuca, que continuava latejando.

— Mais real impossível. — Ela pegou a caneca e tomou um bom gole de chá. — Acho que nem preciso dizer que se o senhor falar sobre isso com alguém, com qualquer pessoa, eu vou queimar tudo o que você ama. *Capisce?*

Stirling ainda estava olhando para as mãos dela, como se ele pudesse conjurar mais chamas com o poder do pensamento.

— Sim, sim — ele disse. — Claro.

— Agora — retomou Echo, colocando os pés sobre a mesa de Stirling. — Acredito que o senhor tenha informações confidenciais para compartilhar.

— Incrível — o professor murmurou. Ele tirou os óculos e começou a limpá-los com um lenço bordado que já tinha vivido dias melhores. — Apenas a física disso...

Echo passou a mão na frente do rosto dele, que levantou a cabeça, assustado.

— Professor?

Ele se recompôs, como se estivesse saindo de um sonho muito vívido.

— O.k., certo. As, bem, informações confidenciais. — Ele deu um pigarro e ajeitou o colete. — Bem, receio que seja uma longa história e que ela não me coloque na melhor das posições. — Ele abriu um sorrisinho constrangido. — Sabe, eu sou um pouco incompreendido.

Echo sorriu em resposta. Caius estava certo sobre ele, ela pensou. Ele era

uma boa pessoa.

— Então hoje é o seu dia de sorte. Os incompreendidos são o meu tipo favorito de pessoa.

VINTE E SETE



VINTE ANOS ANTES, quando os pais de Echo sequer sonhavam com ela, o dr. Aloysius Stirling era um dos professores mais respeitados do departamento de arqueologia e antropologia da Universidade de Cambridge. Havia uma enorme procura para participar de suas aulas, e os colegas dele só diziam coisas boas a respeito do homem que sabia qual era o chá favorito de cada um deles e era capaz de discutir as histórias fantásticas dos *Contos de Perrault* com o mesmo entusiasmo que tinha ao dar aulas sobre o conceito de antropologia antes dos estudos de Lévi-Strauss.

Todos os colegas, com a exceção de um.

Todo herói precisava de um vilão, e, no caso de Stirling, o seu se chamava Walter Forsythe, professor titular do departamento e um cético declarado. Enquanto o restante dos acadêmicos parecia disposto a aceitar com serenidade as excentricidades de Stirling — uma coisa era discutir contos de fadas, outra bem diferente era acreditar que eram verdadeiros —, Forsythe não tinha paciência alguma. Também havia, Stirling admitia, a pequena questão do caso que ele tivera com a esposa de Forsythe, mas, como ele insistia com um aceno irreverente, aquilo não importava. A real divergência entre os dois homens era uma competição de outra natureza.

— Sabe... — prosseguiu Stirling, abaixando a voz e debruçando-se sobre a mesa, como se alguém pudesse ouvir a conversa. — Forsythe estava de olho na minha pesquisa. Nós dois nos especializamos no desenvolvimento cultural de sociedades ancestrais, mas eu sempre estive um passo à frente dele. — Outro pigarro. — Ele só se tornou titular do departamento porque desempenhava melhor seu papel social e sabia ser político.

Echo assentiu com ar de sabedoria, como se soubesse alguma coisa sobre fazer papel social ou político.

— Sério?

O professor se endireitou, como se sua coluna tivesse se ofendido em nome

dele.

— Ah, eu garanto, Walt quis me derrubar desde o primeiro dia.

— Ou talvez só estivesse puto porque o senhor pegou a mulher dele — resmungou Echo com a boca encostada na caneca. Stirling, perdido no ritmo constante de sua própria narrativa, não pareceu ouvi-la.

— Forsythe queria me tirar daqui, mas, graças à peculiar magia da estabilidade no emprego, ele não pôde simplesmente me demitir e encerrar esse assunto. Não, ele era uma fera traiçoeira. Usou sua influência, que não era pouca, para me fazer parecer um maluco. Aquele palhaço malandro inventou calúnias a meu respeito.

— Calúnias? — Echo disse, suspirando. — Não é possível.

— É, sim. Walt queria sujar minha imagem. Ele me difamou, manchou minha reputação sempre que teve chance, em todos os congressos, eventos, ou publicações que deram atenção às bobagens mentirosas dele. Ele fez com que ninguém mais quisesse me publicar. Suspendeu minhas aulas na universidade e me deixou de licença por tempo indefinido... Sem que eu concordasse em momento algum, devo acrescentar. Mas o pior de tudo é que aquele filho da puta desgraçado roubou minha pesquisa.

Stirling respirou um pouco, preparando-se para continuar o discurso. Retirou uma lata vermelha da gaveta de sua mesa, abriu a tampa e ofereceu a Echo:

— Biscoito?

Ela pegou um amanteigado da lata. Estava meio velho, mas ainda assim delicioso. Ela sabia que devia colocar algo no estômago cujo ingrediente principal não fosse cafeína ou açúcar, mas o biscoito amanteigado tinha a palavra “manteiga” no nome, o que o tornava quase um alimento. Stirling também pegou um e os dois ficaram em um silêncio amigável por um tempo até que o professor se lembrou da indignação que estava sentindo.

— O.k. — ele disse, limpando as migalhas do colete. — Onde eu parei?

— O filho da puta desgraçado roubou sua pesquisa — respondeu Echo.

As cinzas de velhas feridas reacenderam nos olhos de Stirling, atizadas por anos de ressentimento.

— O roubo de pesquisas é algo que acontece com mais frequência do que você poderia imaginar no brutal mundo das batalhas acadêmicas. Forsythe fez um ótimo trabalho me mantendo longe da pesquisa desde então. E eu sei disso por meio de fontes confiáveis.

Agora sim, de roubo Echo entendia.

— Por que o senhor não a roubou de volta?

Um olhar passou pelo rosto de Stirling, exprimindo ao mesmo tempo um ódio efervescente e um relutante respeito.

— Aquele homem barato, velhaco, escondeu os textos muito bem. Em um lugar que eu não teria como acessar. — O sotaque ficava mais forte enquanto ele soltava uma série de xingamentos próprios do seu dialeto de origem, e Echo tentava desesperadamente adicioná-los ao seu léxico de insultos.

— Que lugar é esse?

— No British Museum.

Ah. Haviam se passado meses desde a última vez em que Echo tinha invadido uma instituição daquele porte, mas ela tinha certeza de que voltaria à velha forma assim que tirasse o pó (metafórico) de suas habilidades e o pó (literal) de sua mochila. Era como andar de bicicleta, a gente nunca esquece.

— Forsythe — o professor continuou — recebeu uma oferta para o cargo de diretor pouco depois que caí em desgraça. Ele gosta de me atormentar. — Stirling tomou um gole de chá cheio de rancor. — Nossos caminhos se cruzaram meses atrás em um congresso em Glasgow, e ele fez um esforço homérico para garantir que eu soubesse o lugar exato onde ele tinha escondido meus papéis.

Echo curvou-se para a frente e esqueceu do chá. Era isso. O ponto de partida. Ela precisava de uma direção, um lugar para onde correr, e Stirling estava prestes a dá-la.

— Ele os colocou na seção sobre o Iluminismo. Dentro de um vidro. Cercado por alarmes e pelos olhos vigilantes dos guardas do museu. Mas eles estão lá.

— Você tem certeza de que Forsythe estava falando a verdade? — Echo perguntou. Ela precisava que Stirling tivesse certeza absoluta. Não havia espaço para erros. Não com Caius e Rowan e Altair em sua cola e um monstro feito de sombras à sua caça.

O professor fitou, desconsolado, sua xícara de chá. A pesquisa perdida tinha o mesmo peso de um amor que deu errado.

— Às vezes, a verdade é a melhor arma no arsenal de alguém — ele disse —, porque só a sinceridade brutal é capaz de produzir o mais profundo dos cortes.

Echo não sabia muito bem se ainda estavam falando sobre os livros

desaparecidos, mas uma pista era uma pista.

Stirling fungou com desdém e se serviu de outro biscoito.

— Forsythe sabia que a pior coisa que poderia fazer comigo seria esfregar a joia da minha coleção literária bem na minha cara. E, já que tinha feito um trabalho tão meticuloso para destruir minha reputação, ninguém daria ouvidos para uma acusação de conduta imprópria feita por um velho louco e excêntrico como este que vos fala.

— Qual *era* exatamente a joia da sua coleção?

— A única cópia restante da edição in-fólio de 1838 do *Compêndio de criaturas de contos de fada* de Phineas Ogilvy, completa, com todas as duzentas e trinta e cinco páginas de gravuras em água-forte e ilustrações em aquarela. — Uma alegria nostálgica tomou conta da expressão de Stirling. — Ah, eram as ilustrações mais lindas que já vi. Aquarelas delicadíssimas. As mais lindas que o próprio Audubon já fez.

Parecia o exato tipo de livro que Echo adoraria ter em seu quarto na biblioteca.

— Mas o que há de tão especial nesse livro? Alguma informação que possa me ajudar?

O sorriso de Stirling se encheu de malícia.

— Não, por mais bonitas que sejam as ilustrações, a maior parte é apenas produto da imaginação. Embora a página sobre o pássaro de fogo possa ser relevante para seus interesses — ele acrescentou, com uma piscadela. — O tesouro que busca não será encontrado nas páginas do livro, mas em sua lombada.

— Na lombada? — Echo perguntou. — O senhor escondeu alguma coisa dentro dele?

Stirling pôs a mão no coração.

— Você não tem ideia do quanto me doeu fazer isso, mas a natureza de minha pesquisa sobre as mitologias Avicen e Drakharin tinha um caráter tão secreto que precisei abusar da minha criatividade ao decidir os lugares onde a esconderia. Aquele vermezinho nojento do Forsythe tinha arrombado o cofre do meu escritório, mas eu sabia que ninguém suspeitaria que eu, o maior admirador do trabalho de Phineas Ogilvy, desfiguraria o texto mais valioso de sua impressionante obra desmontando e depois refazendo sua encadernação.

Esperto. Echo estava ficando mais animada bem rápido com o caráter peculiar da insanidade de Stirling.

— O que o senhor escondeu?

— Um mapa que nunca fui capaz de decodificar. Está escrito em uma língua tão antiga que não fui capaz de decifrar.

Um mapa. Echo não queria nunca mais ver outro daqueles na vida.

O professor começou uma busca minuciosa na bagunça da mesa, afastando pilhas de papéis rabiscados cheios de anotações ilegíveis, blocos tão gastos que era um milagre que suas folhas não estivessem caindo, e fotografias do que pareciam ser textos antigos, cheios de rabiscos que cutucavam a memória de Echo. Apesar de não ler avicet, muito menos formas antigas da língua, ela reconhecia as curvas e os traços. Um conhecimento adquirido ao longo dos anos que passou folheando os livros da Ala.

— Ah, aqui está — Stirling segurou uma fotografia de forma reverente, usando as duas mãos, como se fosse tão frágil quanto o papiro rasgado que retratava. — Isto — ele apontou para uma linha de texto perto da margem do papiro — é uma referência a um lugar sagrado tanto na mitologia Avicen quanto na Drakharin. Discuti minhas descobertas com o príncipe... um belo rapaz, devo dizer, e, até onde podemos conjecturar, com base nas pistas que encontrei nos escritos, é uma espécie de cemitério que data de uma época anterior ao cisma. O mapa na lombada deste livro mostra sua localização.

— O cisma?

— O cisma ou, como algumas traduções chamam, a separação. São ideias que a linguagem original engloba. Foi a divisão definitiva entre os Avicen e os Drakharin. O nascimento, alguns dizem, do pássaro de fogo e do kuçedra. O ponto zero da guerra.

— Mas me disseram que ninguém conseguia se lembrar do exato momento ou do motivo de a guerra ter começado.

— Ninguém que esteja vivo, talvez. — Stirling depositou a foto entre os dois com cuidado. Ele se levantou e espreguiçou, fazendo os botões do colete ficarem prestes a estourar. Depois de colocar a chaleira para ferver mais uma vez, começou a caminhar de um lado para o outro na sala, com as mãos nos bolsos. Echo estava prestes a gritar com ele, exigir que tomasse logo alguma atitude, quando o professor enfim disse: — Tudo com que me deparei durante a pesquisa indica haver algo significativo em relação àquele local misterioso. Está de alguma forma ligado aos eventos do cisma. Há pouquíssimos sítios arqueológicos que podem esclarecer a história dos Avicen e dos Drakharin. Ambos os povos são muito bons em deixar poucos rastros de sua presença.

— Fogo mágico — Echo sussurrou. Era como os Avicen e os Drakharin limpavam a bagunça. A Ala havia explicado isso quando Echo perguntou como as raças mágicas existiram por tanto tempo sem que fossem descobertas pela humanidade. As descrições precisas sobre como aquilo era usado atormentaram Echo por semanas.

— O que você disse?

Echo afastou a lembrança balançando a cabeça.

— Nada. — Ela se levantou e espanou as migalhas de biscoito da calça.

Sempre fazendo bagunça ao comer, disse uma voz no fundo de sua mente.

Cala a boca, Rose.

— Se não se importar com a pergunta — Stirling disse —, o que você pretende fazer com essa informação?

— Não é óbvio? — Echo falou, recolhendo seus pertences. O tempo que havia passado no gabinete do professor fora uma parada muito necessária, mas ela tinha trabalho a fazer. — Vou invadir o museu e roubar o livro. Ou, pelo menos, o que está escondido nele.

As mãos de Stirling ficaram trêmulas quando ele atravessou a sala para pegar um regador verde que estava no peitoril da janela. Echo teve a sensação de que ele precisava fazer alguma coisa com as mãos para acalmar os nervos. Devia ser um belo de um livro.

— Ah, seja cuidadosa com ele — Stirling disse.

— Serei — Echo disse. — Palavra de honra. — Ela pendurou a mochila nos ombros. — Posso pedir mais uma coisa?

O professor levantou a cabeça enquanto regava uma samambaia semimorta.

— Qualquer coisa para uma amiga de Caius.

— Não diga a ele que estive aqui.

Stirling ficou paralisado, a água transbordando pelas laterais do vaso.

— Bem, mas ele é um querido amigo meu...

— É para a segurança dele — Echo emendou, apressada. — Posso estar me metendo em algumas situações perigosas e não quero que ele me siga.

Apertando o regador contra o peito, Stirling hesitou.

— Ah, eu não sei...

Ele estava quase concordando. Ela podia sentir.

— Por favor — ela disse. — Não quero que ele se machuque.

Às vezes, a verdade é a melhor arma no arsenal de alguém.

— Ah, tudo bem, então. — Ele fez um gesto como se fechasse a boca com

um zíper. — Bico fechado.

Echo sorriu e ficou surpresa com a sinceridade dele.

— Obrigada.

— E, só para registrar — Stirling acrescentou, voltando às plantas —, a esposa de Walt nunca gostou dele mesmo.

VINTE E OITO



IVY SÓ HAVIA IDO À ESCÓCIA na condição de prisioneira. Nunca tinha sentido vontade de visitar o país, não apenas pela reputação de ser um lugar frio e úmido mas também porque todos os Avicen sabiam que era uma zona proibida. Algumas partes das ilhas Britânicas eram consideradas seguras. Londres era uma cidade muito grande para os Drakharin fiscalizarem — eles eram um povo muito mais isolado do que os Avicen e, para eles, quanto menos contato tivessem com humanos, melhor. Mas a Escócia era domínio deles havia centenas de anos. Poucos Avicen colocavam os pés em solo escocês e viviam para contar a história. Ivy havia desafiado as estatísticas uma vez e, no fim, tudo correria bem. Ela não tinha tanta certeza de que teria a mesma sorte agora. Estava tremendo, embora o sol da nublada tarde escocesa estivesse mais quente do que ela havia imaginado.

A mão de Quinn no braço de Ivy era firme, mas de algum modo gentil. Talvez, ela pensou, ele tivesse levado o alerta de Dorian ao pé da letra, mas, quando sentiu as penas que ela tinha no lugar dos cabelos balançarem pelo hálito morno quando ele se aproximou para sussurrar em seu ouvido, Ivy soube que ameaças não amedrontavam o coração morto e frio do feiticeiro.

— Está com medo? — ele perguntou, com um sorriso que ela não conseguia ver, mas que estava presente no tom de voz. A pergunta era retórica. Ela estava tremendo, e não tinha nada a ver com o clima. Era um tremor de corpo inteiro, dos pés aos ombros, onde ela sabia que aquele cretino podia sentir.

— Deste lugar? — questionou ela, apontando com a cabeça para o rastrilho que se encontrava diante deles. Havia dois dragões de pedra com a boca aberta, lembrando gárgulas, ao lado do portão. Suas presas eram afiadas e os olhos pareciam acompanhá-la quando atravessava a ponte levadiça de madeira que já estava abaixada. As pessoas da Fortaleza do Dragão já deviam saber havia algum tempo da chegada dela e de Quinn. O plano era, afinal, simplesmente chegar à porta da frente, sem sutileza alguma. Ela se esforçou

para conter o tremor. — Que nada. Já estive aqui, sei como é, até comprei uma camiseta de lembrança.

As palavras eram da boca para fora, uma página tirada do livro de Echo. Como era possível não sentir medo? Por si mesma. Por Echo, seja lá onde ela estivesse. Por seus irmãos e irmãs Avicen, mortos, moribundos, banidos de seu lar. No espaço de poucos meses, o mundo havia se transformado em um lugar muito assustador.

Quinn bufou, bagunçando mais uma vez as penas de Ivy. Ela afastou a cabeça e ele riu, apertando o braço dela ainda mais forte.

— Agora já chega — ele disse. — Você é, por suposto, minha prisioneira, tá lembrada? — Ele afundou os dedos no músculo dela, causando dor, e ela se retraiu. — Haja de acordo. — Ele diminuiu a pressão, mas o aviso foi claro. Não era apenas a vida dela que estava em jogo. Se os Drakharin soubessem que estavam sendo enganados, a cabeça de Quinn rolaria, e sem dúvida o mesmo aconteceria com a dela.

Eles chegaram ao portão. A ponte podia estar abaixada, mas o portão estava fechado, com as pontas da grade quase arranhando a passagem arqueada. O pátio do outro lado estava vazio, mas Ivy percebeu alguns movimentos nas sombras. Eles não estavam sozinhos. E estavam sendo observados. A luz de uma das janelas sobre o portão apagou. Era um retângulo cortado em pedra, largo o bastante para um arqueiro atirar uma flecha por ele. Os arqueiros Drakharin eram lendários. As histórias contadas às crianças Avicen antes de dormir, com o objetivo de assustá-las, eram repletas deles. Dizia-se que eles nunca erravam. Ivy esperava não ter a oportunidade de descobrir se a realidade correspondia ao mito.

As muralhas da fortaleza elevavam-se à altura do céu nublado, eram absurdamente altas do ponto de vista de Ivy. Ela engoliu em seco, sentindo o conteúdo do estômago revirar conforme sua ansiedade aumentava.

— E então? — ela perguntou. — Será que precisamos tocar a campainha?

Não havia campainha alguma, mas se Ivy havia aprendido alguma coisa com os dez anos ao lado de Echo era que, às vezes, a melhor maneira de lidar com uma crise era usar a ironia.

Assim que ela terminou a frase, o portão começou a se abrir, mais silencioso do que ela esperava. Atrás dela, Ivy pôde sentir Quinn ficando tenso. Era hora do show, e Quinn, ela havia deduzido no pouco tempo que passaram juntos, não era nada além de um artista experiente.

— Acho que não vai ser necessário — ele afirmou. — Nossa cerimônia de boas-vindas acabou de começar.

No pátio, figuras surgiram das sombras. Elas vestiam simples túnicas de couro com a insígnia do Príncipe Dragão no peito. Foram necessários dois para abrir as gigantescas portas de madeira do outro lado do pátio. O sangue de Ivy gelou quando ela avistou uma forma familiar, contornada pela luz do fogo no interior. Tanith passou pelas portas vestindo seu manto escarlate sobre um vestido de seda dourada, ladeada por meia dúzia de Dragões de Fogo equipados com armadura completa. Ela parou e esperou no meio do pátio, com os cabelos longos esvoaçando de leve com a brisa. Seu silêncio era aterrorizante.

Quinn empurrou Ivy para a frente, ela cambaleou, seus pés teimosos se recusavam a obedecer. O feiticeiro não demonstrou piedade ao puxá-la, apertando seu braço com a força de um torniquete.

— Trouxe um presente — ele gritou, e sua voz ecoou pelo pátio.

Quando se aproximaram mais de Tanith e dos guardas, o coração de Ivy foi parar na garganta. Ela estava com medo de vomitar. E não seria uma pena vomitar no lindo vestido dourado de Tanith? O pensamento fez Ivy rir, e até ela mesma notou que a risada era acompanhada por histeria. Tanith arqueou uma elegante sobrancelha, seu olhar carmim era inescrutável, e a risada morreu na garganta de Ivy como uma fogueira apagada com água.

— Acredito que havia uma promessa de uma recompensa — Quinn disse quando eles pararam a pouco menos de dois metros de Tanith. Ele estava desempenhando bem seu papel. Até demais, Ivy pensou. Não pela primeira vez, ela parou para pensar no absurdo da situação. Ela estava confiando sua vida a alguém que, sem dúvidas, não era digno de nenhuma confiança. Ele continuou: — Uma cúmplice do pássaro de fogo em troca de riquezas grandes o suficiente para fazer o papa corar.

Quinn soltou o braço de Ivy e a empurrou na direção de Tanith. Ela não tinha se dado conta até aquele momento o quanto o toque do feiticeiro, por mais abominável que fosse, havia lhe servido de suporte. Agora, apresentada diante da pessoa mais apavorante que teve o azar de encontrar, ela se sentia sozinha, pequena, fraca. Como um animal acuado. Se ela tivesse rabo, ele estaria enfiado entre suas pernas. O fato de continuar de pé era um pequeno milagre. Seu corpo tremia tanto que ela sentia que seu esqueleto estava prestes a se estilhaçar. Um dos Dragões de Fogo no fundo do grupo a encarou. Pode ter

sido sua mente aterrorizada pregando peças, mas Ivy podia jurar que ele acenou com a cabeça para ela de maneira quase imperceptível, como se a encorajasse a permanecer firme.

— E quem é você? — perguntou Tanith, alternando o olhar entre Ivy e Quinn. Se fosse qualquer outra pessoa, seria um gesto comum, mas seu olhar era penetrante. Ela estava calma, mas nada lhe passava despercebido.

Quinn deu um passo à frente, ficando ao lado de Ivy. Ele fez uma reverência, abaixando bastante a cabeça.

— Meu nome é Quinn, vossa excelência.

Tanith riu.

— Guarde sua reverência para outra pessoa. — Ela se aproximou deles, e Ivy mordeu a língua. Era melhor se concentrar na dor do que no medo. Ela precisava fazer alguma coisa para evitar um ataque de pânico. Quinn endireitou as costas. Tanith estendeu o braço, pegou no queixo dele e virou a cabeça de um lado para o outro, analisando seus traços. Quinn permitiu com um silêncio que não lhe era característico. — Você é um feiticeiro.

Quinn deu uma piscadinha. Para Tanith, entre todas as pessoas do mundo. Ivy ficou imaginando se ele tinha um último pedido antes de morrer.

— Os olhos não foram feitos para enganar, minha senhora. O efeito é apenas para realçá-los. Não tenho vergonha nenhuma do que sou, então não vejo necessidade em esconder.

— Óbvio que não. Imagino que a vergonha tenha sido a primeira das muitas características sacrificadas em sua busca por poder. — Tanith deu um passo para trás e apontou com a cabeça na direção de Ivy. Dois Dragões de Fogo pegaram os braços da Avicen, deixando-a entre o considerável volume de seus corpos.

— Para o calabouço? — perguntou um deles. Ivy ficou surpresa com a juventude naquela voz. Era aquele que tinha acenado para ela. Mas talvez não tivesse. Era bem possível que o medo estivesse lhe causando alucinações. A menção ao calabouço, onde ela havia passado vários dias solitários e enlouquecedores antes de ser resgatada por Caius e Echo, fez com que ficasse meio zozza.

Tanith olhou fixo nos olhos de Ivy por um breve e silencioso instante. Depois, seus lábios esboçaram um sorriso.

— Não — disse Tanith. — Preparem o quarto mais alto da torre. — Ela se aproximou, encostando o manto na ponta dos sapatos de Ivy. Tanith olhou bem

para ela (era mais alta do que Ivy se lembrava) e continuou: — Levem o feiticeiro para o grande salão. Vamos discutir os termos de sua recompensa lá. Depois eu vou subir à torre para fazer companhia à nossa hóspede. Talvez a passarinha abra o bico se estiver mais confortável. Meus métodos prediletos, infelizmente, se mostraram infrutíferos da última vez.

Ivy supôs que aquele era um jeito mais educado de dizer que a tortura não funcionou tão bem. Uma onda de orgulho tomou conta dela, mas foi sufocada quando Tanith estendeu o braço e tocou em seu rosto.

As palavras seguintes perfuraram Ivy como cacos de gelo. Com outro sorriso cruel, Tanith acrescentou:

— Bem-vinda de volta, pombinha.

VINTE E NOVE



PARA SUA SURPRESA, Echo estava começando a se sentir em casa em Londres. Ela tinha ido direto da estação de Waverley, em Edimburgo, para a King's Cross, surgindo da escuridão do entremeio por um armário de serviço esquecido. A prudência mandava que ela se transportasse de uma estação para a outra, a fim de espalhar seu caminho pelo planeta, tornando a vida de qualquer pessoa que passasse pelo entremeio mais difícil. Porém, pó de sombra não era um recurso infinito e era de suma importância economizar o máximo possível. Uma rara onda de gratidão tomou conta dela, por todos os dias em que aprendera a viver com pouco antes da Ala...

Não.

Ela não podia se permitir pensar na Ala, não podia deixar sua mente voar para lugares onde só havia dor. Ela precisava se concentrar na tarefa que tinha à frente: atravessar a multidão de uma das estações de trem mais cheias do mundo. Com sorte, estaria tão lotada que seria quase impossível encontrá-la. Uma agulha num palheiro, como dizem.

Com as mãos enfiadas nos bolsos, Echo passou por mulheres e homens de terno que corriam para pegar o trem, grupos de turistas que tiravam fotos da estação e funcionários do metrô irritados gritando nos walkie-talkies que seguravam com uma mão enquanto apontavam instruções para os perdidos com a outra. Na plataforma principal, uma pequena fila se formava, onde crianças e adultos paravam para tirar fotos fingindo empurrar um carrinho de bagagens parede adentro. O aroma de pastéis emanava de uma lojinha, lembrando Echo de seu estômago vazio e de sua carteira mais vazia ainda.

Assim que saiu da estação, o cheiro familiar de Londres a invadiu. Toda cidade tinha seu cheiro característico, alguns piores que outros. Nova York no verão era só suor e asfalto, com um sopro de lixo ocasional. A atmosfera londrina quase sempre carregava a promessa de chuva, mesmo nos dias mais claros. A cidade não era úmida como Nova York, mas poucos lugares tinham

essa característica. Era mais como se o calor do verão sempre viesse acompanhado por uma certa amenidade.

O caminho de Echo era direto pela via Tottenham Court, virando à esquerda na rua Great Russell, até chegar ao British Museum.

Parada na calçada, de frente para a fachada em estilo neoclássico com suas gigantescas colunas jônicas emoldurando as portas principais e o frontão representando o progresso da civilização humana, Echo se deu conta de que invadir essa tão louvável instituição seria muito mais complicado do que entrar no Metropolitan com Caius a seu lado.

Faltava uma hora para a abertura, e os portões escuros e imponentes — com pontas de lança no alto para impedir que heróis audaciosos e jovens curiosos os escalassem — ainda estavam fechados. Echo considerou suas opções com cautela. Ela poderia tentar encontrar uma entrada que lhe permitisse acessar o entremeio, mas seu conhecimento sobre a disposição espacial do museu era, para dizer o mínimo, limitada. Em sua última visita, dois anos atrás, ela estava com Rowan e o museu mostrava uma exposição sobre o grotesco. Rowan ficou consternado ao descobrir que as obras tinham um viés mais erudito do que ele desejava. Estavam bem mais na linha de *A Tentação de Santo Antônio* e bem menos na de vísceras explícitas, como ele esperava. A única coisa que o atraiu foi a “sereia” na seção sobre o Iluminismo, que na verdade era apenas a metade superior de um macaco costurada na inferior de um peixe. Em geral, Rowan não era alguém tão difícil de agradar.

Com o suprimento de pó de sombra quase no fim, Echo teria que ser engenhosa para entrar no museu após o horário de funcionamento. A sua vantagem por ter saído de Avalon na calada da noite estava se esgotando. Ela enfiou as mãos no bolso e suspirou. Esperar era a morte para ela. Como se já não tivesse morrido uma vez.

Depois que o sol se pôs, a rua Great Russell ficou relativamente calma. Alguns vagabundos perambulavam a caminho da muito mais movimentada via Tottenham Court. Logo a rua estava vazia, e Echo estava sozinha ali. Agora só precisaria pular o portão — o que seria mais difícil do que parecia —, encontrar um jeito de entrar que não envolvesse pó de sombra, neutralizar os guardas e localizar o livro que Stirling tinha certeza de que Forsythe havia escondido à vista de todos.

Echo pegou as luvas com revestimento de borracha na mochila e as vestiu,

esperando que aquilo facilitasse a subida no portão. Ela amarrou a jaqueta de couro na cintura, já que precisaria dela logo mais.

Não foi a mais graciosa das subidas. Não havia onde apoiar os pés da metade para cima, o que fez com que ela escorregasse pelas grades de ferro mais de uma vez, até ela descobrir como içar seu peso. Echo se balançou até chegar ao alto, ficando entre as pontas de lança douradas. Com uma das mãos e ambas as pernas agarradas com força na grade, ela tirou a jaqueta da cintura, fez uma breve oração para qualquer divindade que se preocupasse com peças de vestuário, e a botou no alto do portão. Seria doloroso rasgar sua jaqueta, mas seria ainda mais doloroso *se* rasgar. Com um forte impulso, ela passou uma perna sobre o portão. Descer, ela pensou, seria um milhão de vezes mais fácil.

Fácil, se não fosse pelo que ela viu dobrando a esquina. Duas pessoas — homens, a julgar pela altura e tamanho do corpo — estavam se aproximando, com as silhuetas marcadas pelo poste de luz. Na cabeça, os chapéus inconfundíveis dos policiais de Londres.

A perna de Echo escorregou, fazendo a garota se lançar sobre o portão, agarrando a jaqueta ao cair, e aterrissar do lado de dentro do museu, com os ossos doloridos com a força da queda.

Tudo doía. Echo se forçou a correr para os arbustos, esperando que, junto à relativa escuridão da noite, ela passasse despercebida. Seu corpo ficaria todo roxo em algumas horas, mas havia conseguido transpor o portão, mesmo que não da forma como havia planejado. O som dos passos dos policiais se aproximava. Ela prendeu a respiração. A bolsinha de pó de sombra estava em seu bolso. Se eles a vissem, ela teria que correr até a entrada e torcer para haver magia o suficiente para permitir sua passagem para o entremeio.

O ruído da conversa dos policiais ficou mais alto.

— ... então ela disse que eu não reconheceria um amor verdadeiro nem se estivesse embaixo do meu nariz!

Risadas masculinas, e depois:

— Você acha que ela vai querer voltar com você?

Mais risadas.

— Ela sempre quer.

Eles passaram por Echo sem sequer diminuir o passo. Ela soltou um suspiro trêmulo, a caixa torácica doendo por conta do movimento. Ela espiou, a cabeça para fora dos arbustos. A barra estava limpa. Com uma última olhada

para a entrada no museu e para a rua em frente ao portão, ela passou pelo acesso lateral. Havia visto funcionários usando-a durante o dia, principalmente o pessoal da manutenção. Se fosse para entrar despercebida, aquela era a melhor opção.

Uma sirene soou quando um caminhão de bombeiros passou perto dali. Echo ficou olhando para a porta trancada. Se fosse uma fechadura simples, ou mesmo um trinco, entrar seria brincadeira de criança. Ela nunca havia encontrado uma fechadura que não conseguisse arrombar. Mas o leitor de cartão ao lado da porta era um novo desafio, e seu ponto vermelho iluminado zombava dela. O autor do livro de feitiços que ela costumava consultar naquele tipo de emergência não havia julgado necessário incluir um capítulo sobre a desativação de leitores de cartão. Uma vez lá dentro, ela saberia como desativar as câmeras de segurança e induzir sono temporário nos guardas, mas ela não sabia dizer se o mesmo encanto funcionaria na porta. Ela bateu com os dedos no plástico, mordendo o lábio inferior. Se conseguisse cortar a energia que fazia o dispositivo funcionar...

Faíscas saíram da ponta dos dedos de Echo. Ela puxou a mão por puro instinto, mas não estava queimada. Um sorriso se formou em seus lábios enquanto ela esfregava os dedos. O pequeno ponto vermelho se apagou quando espirais de fumaça começaram a subir do leitor de cartão. Apertando mais a mochila nos ombros, ela abriu a porta, agora destrancada, e entrou. Fechou logo depois, penetrando a escuridão, e adentrou o museu.

TRINTA



IVY ACHAVA QUE SERIA DEIXADA NO CALABOUÇO. Agora, ao ver seus aposentos, ficou feliz por terem escolhido uma jaula luxuosa para ela. Decorada com sedas finas e tapetes macios, a única indicação de que o quarto era uma prisão eram as grades na janela, e até elas podiam ser escondidas por uma pesada cortina de veludo. A janela estava aberta, e o cheiro salgado do mar chegava até lá, aromatizando o ar.

— Espero que o quarto esteja do seu gosto — disse Tanith, sua voz ainda carregava o ritmo do sotaque da língua drakhar, embora falasse em inglês para Ivy entender. — Quero que esta visita seja muito mais agradável do que a última.

Visita. Como se da última vez Ivy não tivesse sido sequestrada e transportada ainda meio inconsciente, como um saco de batatas, por feiticeiros enviados para roubar a loja do Perrin na Ágora. Como se ela não tivesse sido obrigada a ouvir os últimos suspiros trêmulos de Perrin enquanto o torturavam. Como se Tanith não tivesse extraído informações de Ivy na base da dor.

Ivy não teve qualquer reação à presença de Tanith nem se virou para olhá-la. Ela não conseguia encarar aqueles olhos vermelhos como sangue, nem o sorriso presunçoso em seu rosto, ou o brilho ardente da armadura dourada. Ainda não. Em vez disso, ela continuou a catalogar o ambiente. O cômodo estava decorado com a elegância neutra de um quarto de hóspedes. A cama espaçosa era cercada por um dossel verde pesado o suficiente para bloquear as luzes mais claras da manhã. Diante da lareira de pedra, havia uma pequena área de estar, com um divã roxo-escuro e duas poltronas de encosto alto e braços encurvados, com apoios para os pés no mesmo estilo. Uma mesa de mogno ficava no meio e, sobre ela, havia um conjunto de chá de prata.

Era o quarto mais alto da maior torre da fortaleza. Ivy se sentia como uma princesa de conto de fadas, numa daquelas histórias obscuras e perturbadas. O

quarto podia estar equipado para o conforto, mas não podia deixar mais claro que ela era uma prisioneira, e não uma hóspede.

Ela se virou para encarar Tanith, que inclinou a cabeça, deixando os cabelos loiros caírem sobre dragonas blindadas. Ivy abriu a boca. E logo voltou a fechá-la. Estava assustada demais para falar. Tanith era uma figura aterrorizante, e sabia muito bem disso.

— Receio que tenhamos começado com o pé esquerdo — disse Tanith. Ela colocou as mãos atrás das costas, em uma tentativa de parecer inofensiva. Não deu muito certo.

A futilidade do comentário era insuportável. Ivy enfim encontrou sua voz.

— Você me torturou. — As palavras saíram mais fortes do que seu estado de espírito. Ela segurou a raiva com firmeza. Era melhor do que ficar com medo. — “Com o pé esquerdo” não chega nem perto de definir.

Tanith ficou calada por um momento, com os olhos semicerrados, como se avaliasse a reação de Ivy, que se esforçava para não se desmanchar diante daquele olhar.

— Eu poderia pedir desculpas por aquilo, mas ambas saberíamos que seria mentira — disse Tanith. — Eu fiz o que acreditava que tinha que fazer. Não vou pedir nem esperar seu perdão. Só quero que nós duas possamos entrar em um acordo.

— E que tipo de acordo seria esse?

Tanith caminhou pelo quarto, parando em frente à lareira. Ela passou o dedo sobre a prateleira, depois o inspecionou como se procurasse poeira. Caius era maníaco por limpeza; talvez fosse algo genético.

— Ao contrário do que acredita — falou Tanith —, não quero lhe causar dor. Mas se a dor for o meio mais eficiente de chegarmos a um resultado desejado, farei o que for preciso.

— Você não precisa me ameaçar — Ivy disse. — Sei do que é capaz. — Por um instante, ela quase pôde sentir a queimadura do fogo de Tanith outra vez, tão perto de suas penas que as pontas ficaram queimadas. Aquele cheiro ficou na lembrança de Ivy por semanas. — Eu me lembro.

Tanith voltou seu olhar para Ivy.

— Você não tem a menor ideia do que sou capaz. O que fiz com você não foi nada. — O esforço que Tanith estava fazendo para sua voz parecer suave era óbvio. — Mas nossas situações mudaram. Não me traria vantagem nenhuma te machucar. Ou te matar.

— Não pensei que minha vida tivesse algum valor para você — retrucou Ivy.

— Em um plano geral, não tem. Já assassinei centenas da sua raça. Sua morte seria apenas mais uma gota no oceano. Mas existe alguém que se importa com a sua vida: o pássaro de fogo. Sua morte seria terrível para os seus amigos.

— Se você quer qualquer tipo de informação, pode esquecer, não vou dar nenhuma. Eu não traio as pessoas que amo. Ao contrário de você.

Tanith sorriu com os lábios apertados. Ivy esperava que suas palavras a tivessem atingido. Ela não podia ferir Tanith com armas, punhos ou espadas, mas palavras... palavras estavam à sua disposição.

— Sabe — Tanith continuou como se Ivy não tivesse falado nada —, matar o pássaro de fogo não seria conquista nenhuma além de remover uma peça do tabuleiro de xadrez. Mas eu não quero essa peça removida, eu a quero em jogo. E a quero sob meu comando. Não posso forçar Echo a me ajudar através de ameaças, mas posso usar *você* para persuadi-la. Ela é uma garota corajosa, sou obrigada a admitir. Ela me enfrentou na Floresta Negra com a coragem de um guerreiro experiente.

Tanith se virou para a porta, arrastando o manto atrás de si.

— Mas o amor nos torna vulneráveis de uma forma única. — Alguma coisa passou pelo rosto da Príncipe Dragão, mas rápido demais para Ivy compreender. — Espero que o amor do pássaro de fogo por você seja maior que a determinação de aço que ela tem. — A porta se abriu como se o guarda do lado de fora tivesse algum tipo de sexto sentido. Tanith olhou para Ivy mais uma vez. — Daqui três dias, você será levada de volta ao pátio pelo qual entrou na fortaleza, depois te prenderemos a uma estaca com correntes grossas como o seu pulso que será incendiada por meu próprio fogo.

O estômago de Ivy embrulhou, como se estivesse no convés de um navio prestes a afundar. Uma execução. Tanith estava planejando sua execução. Ivy sabia que estava entrando no ninho da serpente, mas não esperava que o bote fatal viesse tão depressa. Ela sentiu a grossura de sua língua, que de repente havia ficado seca, antes de falar:

— Por que três dias? — ela perguntou. — Se você vai me matar, por que não faz isso agora?

Tanith deu um sorriso lento e satisfeito, como se o medo de Ivy fosse o petisco suculento que ela mais desejava.

— Não é bem que eu *queira* matar você, pombinha. Mas quero que a Echo acredite nisso. E preciso dar um tempo para a notícia chegar até ela, para que venha correndo a seu resgate. Ela tem medo da morte. A dela própria não... Mas a sua? Ah, isso ela teme. — Tanith então saiu, batucando na maçaneta com um ritmo alegre. — Vou mandar trazerem comida aqui para cima. Você teve um dia longo. Deve estar faminta.

Tanith já tinha ido embora antes que Ivy pudesse responder. Quando a porta se fechou, trancada com um clique categórico, Ivy conseguiu ver que havia um único guarda. Ela não devia ser considerada uma ameaça suficiente para merecer mais de um. E por que a Príncipe Dragão a *veria* como algo além de meios para chegar a um fim? Uma minhoca se contorcendo em um anzol feito para atrair uma presa maior. Para Tanith, Ivy não passava de um peão nesse jogo, uma peça secundária que poderia ser sacrificada com poucas consequências. Para Tanith, Ivy não era nada.

Ela levantou a mão trêmula e agarrou o pingente em seu colar. As bordas finas afundaram na carne de seus dedos. Em três dias, Ivy estaria morta. Três dias.

Respirando com dificuldade, ela soltou o pingente. Seus dedos doíam, mas não tremiam mais.

Três dias.

Três malditos dias.

Não era muito, mas teria que ser o suficiente.

TRINTA E UM



A ENTRADA DE SERVIÇO DO BRITISH MUSEUM levou Echo a um corredor totalmente escuro, onde ela logo derrubou não apenas uma vassoura mas um pequeno monte delas. Ela tateou como doida, esperando pegar pelo menos uma ou duas antes que caíssem, mas os cabos escaparam e se estatelaram no chão. O som da madeira chocando-se contra o mármore ecoou pelo corredor. Ela se contorceu.

Bem, aquilo com certeza havia anunciado sua presença.

Shlemiel, ela pensou. *Iídiche. Alguém sempre derrama uma tigela de sopa quente durante o jantar.*

A luz de uma lanterna cortou a escuridão. Echo se escondeu atrás de várias caixas de material de limpeza, e o cheiro de desinfetante irritou seu nariz.

O segurança que segurava a lanterna gritou.

— Quem está aí?

Xingando em silêncio, Echo iniciou um encanto que já havia usado centenas de vezes. Ela traçou um caractere em avicet no chão, recriando as linhas e curvas usando a memória.

— Pelo escuro e pelo iluminado — ela sussurrou depressa — passo sem ser notada. Para qualquer lugar, rápida como o ar. É o que quero, e como deve ser.

Echo sentia o poder do encanto crescendo dentro dela à medida que pronunciava cada palavra. Ela se concentrou nas palavras, na sensação que provocavam em sua boca, nos sons que partiam o silêncio sinistro de seu esconderijo. O símbolo que ela havia desenhado com o dedo apareceu no piso de mármore, brilhando com uma luz branca fraca.

Hum.

Aquilo nunca tinha acontecido antes.

O símbolo desapareceu tão rápido quanto surgiu. Partículas de luz dançaram no ar diante dela e se dispersaram, como as sementes delicadas de um dente-de-leão ao vento. A lanterna se apagou e, um segundo depois, Echo ouviu a

batida do corpo do guarda ao desmoronar no chão, desmaiado. A luz verde da câmera de segurança perto do teto ficou preta.

A cabeça de Echo começou a doer devido à magia do encanto. Era um pequeno preço a pagar, e, se aquela fosse a pior coisa com que teria que lidar no museu, consideraria uma benção. Talvez as coisas fossem mais fáceis a partir daquele ponto. Quem sabe ela encontrasse o que precisava e descobrisse uma maneira boa, sem derramamento de sangue, de deter o kuçedra, de curar a Ala e os outros infectados por seu veneno negro, e chegar em casa na hora do jantar.

Mas talvez o seu próximo desafio estivesse apenas aguardando para dar as caras quando ela menos esperasse. Porque era assim que costumava ser na sua vida.

Echo se levantou, limpou a poeira do corpo e seguiu para o corredor até o centro do museu.

Schlemazel, ela pensou. *Também iídiche. Alguém azarado que costuma ter uma tigela de sopa quente derramada sobre a própria cabeça.*

O dr. Walter Forsythe, segundo o professor Stirling, mantinha registros meticulosos de todos os livros sob sua guarda e cuidava da coleção de textos na galeria do Iluminismo, antes chamada Biblioteca do Rei, com a ferocidade de um dragão protegendo um tesouro.

Infelizmente para o dr. Forsythe, a segurança da atual Biblioteca do Rei não era resistente à magia, que Echo podia e pretendia usar. Ninguém estava preparado para ela. Parecia uma espécie de superpoder.

A saída do corredor de serviço dava para a área central do museu, a Great Court. Echo passou sobre o guarda, tomando cuidado com a lanterna que havia escapado da mão dele ao cair em seu sono repentino.

Mesmo à noite, a Great Court era resplandecente. O telhado de vidro deixava entrar luz suficiente para iluminar os painéis triangulares, criando um efeito abobadado, como o de um domo. Echo caminhava em silêncio, embora as chances de ser descoberta fossem mínimas. Todos os guardas e câmeras de segurança estavam desativados.

Ela atravessou a Great Court e entrou no saguão próximo à entrada principal. A galeria do Iluminismo ficava à sua esquerda, e, se a lembrança da primeira vez em que esteve no British Museum depois do horário de funcionamento estava certa, a porta estaria trancada. Desta vez, porém, ela

estava parcialmente entreaberta. Vozes sussurradas saíam da sala, tão baixas que Echo não conseguia entender as palavras. Ela se aproximou na ponta dos pés, encostada na parede para que não fosse vista pelas pessoas que conversavam. Todos, supostamente, deviam ter caído no sono a esta altura. Era como o encanto funcionava, e ele nunca tinha falhado antes.

Eram no mínimo duas pessoas, talvez mais. Ela agachou para pegar a adaga na bota e se aproximou mais um pouco, tentando ouvir a conversa. As vozes morreram.

Ela poderia esperar, mas o encanto que havia lançado não era eterno. E ela já tinha ido longe demais para voltar. Quem quer que estivesse lá dentro devia saber que ela estava chegando; ela só esperava que não soubessem por que estava lá. De qualquer modo, ela teria que brigar por isso. Echo se preparou e botou a mão com cuidado na maçaneta.

É agora ou nunca.

Ela invadiu a sala, empurrando a porta e ficando de joelhos. As pessoas tinham a tendência de mirar na altura do peito quando eram pegas desprevenidas, e ela não tinha ideia do tipo de arma que seus adversários tinham. Com sorte, se puxassem um gatilho — real ou não —, quaisquer tiros passariam sobre sua cabeça.

A porta bateu na parede. Nenhum tiro foi dado. Nenhuma flecha foi disparada. O interior da galeria estava escuro, a não ser pela luz dos holofotes azulados que iluminavam a fachada do prédio. Estátuas de mármore tão brancas que pareciam brilhar jogavam sombras assustadoras sobre as estantes das paredes. Perto da frente da sala havia uma lareira, cheia de lenha muito bem organizada, apenas para exibição.

E encostados em cada um dos lados dela, não parecendo nem um pouco surpresos ao verem Echo ali, estavam Caius e Rowan.

Caius inclinou a cabeça, com um sorriso quase apagado naquela escuridão.

— Precisamos parar com encontros desse tipo.

Com um gemido, Echo se levantou.

— É sério? Você teve tantas horas para pensar em uma frase sagaz e foi só nisso que conseguiu pensar?

Rowan revirou os olhos.

— Parem, vocês dois. — Ele olhou para a adaga na mão de Echo e franziu a testa. Ficou tentando lembrar se a reconhecia de algum lugar. Da última vez em que a vira, ela estava enfiada entre as escápulas de sua parceira Falcão de

Guerra. Mas, se ele a reconheceu, não disse nada além de: — Acho que isso aí não vai ser necessário.

Echo diminuiu a força com que segurava no cabo da arma.

— Acho que não. — Ela se abaixou para guardá-la de volta, puxando a perna da calça. — Como o encanto não afetou vocês? — ela perguntou. — Vocês deviam estar derrubados!

Ambos tiraram do bolso saquinhos idênticos com um caractere avicet gravado no couro. Rowan virou o conteúdo de seu saquinho sobre a mão, revelando um pedaço de âmbar, algumas sementes e uma colher sem cabo.

— Amuletos de proteção — ele explicou. — Lembra quando você me trouxe aqui e me mostrou como fazer o encanto? — Echo confirmou que sim. Rowan guardou o conteúdo de volta no saquinho e disse: — Bem, eu fiquei curioso e fui procurar um meio de bloqueá-lo. E descobri que, para repelir esse tipo de ataque, basta um pouco de âmbar, algumas sementes de marmelo e, por algum motivo, uma colher. Tem algo a ver com desviar o feitiço. Fizemos esses saquinhos às pressas, mas eles funcionaram.

Ver Caius e Rowan juntos fez a cabeça de Echo doer quase tanto quanto realizar o encanto. Estava errado. Eles pertenciam a dois mundos diferentes: Rowan ocupava uma bolha no cenário dos *comparsas* de Echo, e Caius, outra. Quando havia várias outras pessoas entre eles, como em Avalon, não era tão ruim. Mas agora eram só os três. Echo seria capaz de vender um rim para ter outra pessoa — de preferência Ivy, com sua presença sempre calmante — que tornasse a situação menos constrangedora. Ninguém precisa mesmo de dois rins. O som de alguém pigarreando atravessou a escuridão.

— Então — Rowan perguntou —, o que, exatamente, você está procurando? O professor não quis, ou não pôde, dar essa parte da informação. Ele só nos disse onde poderíamos te encontrar e nos fez prometer que não te machucariamos ou roubaríamos qualquer outra coisa do museu. — Com uma imitação bem tosca de um sotaque escocês, ele acrescentou: — O conhecimento é feito para ser compartilhado.

Echo suspirou. Não haveria como escapar deles. Eram teimosos demais para isso. Havia muito trabalho a fazer e pouco tempo.

— Eu estou procurando... — Quando Caius levantou a sobrancelha, ela corrigiu: — *Nós* estamos procurando um livro.

Rowan lançou um olhar cético para as estantes que ocupavam todo o considerável espaço da sala.

— Uau, isso nos ajuda muito. Quase não tem livro aqui.

Havia milhares de livros, todos protegidos por um vidro.

— É uma edição in-fólio — explicou Echo. — *Compêndio de criaturas de contos de fada*, escrito e ilustrado por Phineas Ogilvy. — Ela juntou as mãos. — É melhor arregaçar as mangas. — *E separar vocês dois*. De certo modo, ela estava surpresa por eles terem passado todo esse tempo sem matar um ao outro.

Os três procuraram nas estantes, observando pelo vidro os títulos difíceis de ler. Echo estava começando a perder as esperanças de encontrar o livro quando um grito triunfante veio da parte da sala onde estava Caius.

— ACHEI! — ele disse, apontando para uma edição in-fólio com encadernação em couro.

Echo abriu a fechadura da estante num piscar de olhos. Pegou o volume, cortou a costura com a adaga e soltou a lombada. Um pedaço de papel, dobrado muitas vezes para caber lá dentro, caiu no chão. Caius o pegou e desdobrou com cuidado.

— O que diz aí? — Echo perguntou, espiando sobre o ombro dele. O mapa não se parecia com nada que ela já tivesse visto. Não parecia haver nenhum continente ou passagem marcados no pergaminho. Ao invés disso, ela viu uma mistura de símbolos pictográficos organizados em círculos iguais. — O que essas coisas significam?

— Não tenho muita certeza... — Caius levantou o papel para aproveitar o feixe de luar que entrava pelas janelas. Assim que a luz atingiu o papel, a forma de um continente apareceu. Echo perdeu o fôlego. Uma costa oriental arredondada e uma série de ilhas familiares: a Ásia. No canto superior direito, uma ponte de pedra suspensa entre o pico de duas montanhas se revelou.

— Incrível — Caius comentou em voz baixa. — É uma tinta que só aparece à luz da lua. É um belo tipo de magia.

Linhas fracas brilhavam na página, conectando segmentos dos símbolos pictográficos.

— É chinês — afirmou Caius.

— Você sabe ler chinês? — Rowan perguntou.

— Sei.

— Óbvio que sabe — resmungou Rowan. Echo deu um cutucão em suas costelas com o cotovelo.

Caius ignorou os dois. Uma linha se formou entre suas sobrancelhas quando

ele se concentrou, falando palavras em voz baixa. Por fim, disse:

— É uma referência à cordilheira de Tian Shan, no noroeste da China. — Ele passou o dedo sobre uma linha e leu em voz alta: — “Onde todas as coisas se iniciam, todas as coisas devem terminar. O berço da vida é uma pira funerária.”

— Credo — comentou Echo. — Qual é o significado disso?

— As montanhas que os humanos chamam de cordilheira de Tian Shan são chamadas, em drakhar, de *Amrydalik ker Darask*. Significa “Fim do início”. É um lugar sagrado tanto na mitologia Drakharin quanto na Avicen. Já ouvi falar dele, mas, em todo o tempo que passei caçando o pássaro de fogo, nunca encontrei nada que o tornasse relevante. — Caius apontou para o desenho da ponte. — E é assim que vamos chegar lá.

Echo deu um tapinha com mais força do que pretendia nas costas dele, fazendo com que ele quase derrubasse o mapa.

— Bom trabalho. — Os olhos dela recaíram sobre o in-fólio sobre a mesa. O espaço em sua mochila era escasso, mas o livro não parecia tão pesado. E uma boa ação merecia outra.

— O que você está fazendo? — Rowan perguntou quando Echo colocou o volume na mochila. — Você não disse que tinha uma regra sobre não roubar livros?

— Não é bem um roubo se vamos devolver algo para seu verdadeiro dono — Echo explicou. Ela fechou a mochila e a colocou nos ombros. Mal se notava o peso extra. Ela saiu da galeria, Rowan e Caius a seguiram pelo corredor. Milhares de pessoas passavam por ali todos os dias. O véu do entremeio deveria ser fraco. — Se sobrevivermos para voltar à Escócia, vou devolver isto para Stirling. — Ela pegou a mão dos dois. Caius viu o pedido nos olhos dela e assentiu. — Preparem-se, meninos. Nós vamos para a China.

TRINTA E DOIS



ELES SAÍRAM DO ENTREMEIO SOBRE UMA PONTE DE PEDRA curta e estreita, suspensa a centenas, talvez milhares, de metros do chão entre o pico de duas montanhas. Echo mal teve tempo de sentir algo sólido sobre o corpo antes que o vento tirasse um de seus pés da ponte. Ela lutou para se equilibrar, agitando os braços. Uma mão apareceu — que ela não sabia de quem era por conta dos cabelos que o vento jogava em seu rosto —, agarrou o braço dela e a puxou de volta para a ponte. Ela colidiu com um peito largo e forte.

— Quase te perdi — a voz de Caius retumbou no ouvido dela. O tom era leve e apenas o movimento rápido da respiração em seu peito denunciava sua afobação.

Ela olhou para trás e se arrependeu no mesmo instante. Não era possível nem ver o chão. Echo só conseguia vislumbrar as densas faixas de neblina que o vento, gritando entre as montanhas como um deus vingativo, levava. Havia uma entrada arqueada aberta na lateral das montanhas dos dois lados da ponte. Caracteres chineses estavam gravados sobre os dois arcos. Uma das entradas estava barrada por rochas pesadas. A outra se abria para a escuridão do interior da montanha. Era como se alguém tivesse bloqueado a ponte para garantir que só houvesse uma direção a seguir.

— Você consegue ler? — perguntou Echo, indicando as inscrições.

Caius apontou com a cabeça para a passagem mais ao leste.

— Aqueles são os caracteres para “morte” e “renascimento”. — Virando-se para a porta do outro lado da ponte, ele acrescentou. — E aquelas são as palavras para “luz” e “trevas”. Acho que estamos no lugar certo.

Atrás de Echo, alguém pigarreou. Ela se virou e encontrou Rowan ali parado, com os lábios franzidos e um ar de reprovação no rosto.

— Se vocês dois já acabaram de trocar carícias, acho que temos um templo ancestral para encontrar.

— Eu não troco carícia nenhuma — rebateu Caius.

Echo se afastou, cuidando para manter os dois pés sobre a ponte. Ela tinha cerca de um metro de largura e uns quinze de comprimento. Cordas velhas balançavam de ambos os lados, mas a segurança que forneciam era frágil, na melhor das hipóteses, e falsa, na pior. Elas teriam arreventado se ela tivesse caído em cima delas. Elas ririam de Echo quando ela tombasse num mergulho para a morte. O vento continuava batendo nela, um lembrete insistente de que a possibilidade de uma morte horrível sendo achatada no solo de uma parte esquecida da China ainda era bem possível.

— Que ótimo local de aterrissagem você escolheu, Caius — ironizou Echo.
— Me lembre de nunca mais confiar nada a você.

Caius deu de ombros.

— Estamos em uma montanha. Nossas opções eram limitadas. — Ele acenou com a cabeça para Rowan. — Mas você está certo. Não tempos tempo a perder. — Olhando na direção da porta a oeste, ele acrescentou: — Por aqui. — Caius deu meia-volta, seguindo na direção da caverna com a entrada livre. Ela o observou, não querendo encarar o olhar crítico de Rowan — de algum modo, ela ainda sentia a irritação queimando em suas costas, mesmo sem poder ver a cara dele.

— Ele simplesmente presume que as pessoas vão atrás dele, não é?

Echo se virou. Rowan, cujas penas balançavam ao vento, lançava um olhar furioso que a garota se deu conta de que era um pouco voltado para ela também. A raiva dele, ao que parecia, estava distribuída em mesma quantidade entre ela e Caius. Uma boa notícia, talvez, embora bem limitada. Pelo menos ela não teria que carregar o fardo do mau humor dele sozinha.

— Ele foi príncipe por cem anos, Rowan. Acho que está acostumado com isso. — Ela seguiu pela ponte, na direção da passagem em forma de arco pela qual Caius havia desaparecido. Uma rajada forte de vento bateu nela, ávida para levá-la à morte. *Hoje não, Mãe Natureza.*

Ela atravessou o arco. Seus ouvidos rugiram com o silêncio repentino, como se sentissem falta do uivo selvagem do vento. Ela olhou para trás, Rowan ainda estava parado na ponte, mas não olhava para ela. Ele encarava alguma coisa bem distante, ou talvez o nada. Ele franziu bem a testa. Era a cara que fazia quando estava pensando. Aquele lugar potencial para a morte em forma de ponte não era o mais indicado para contemplação.

— Você vem? — perguntou Echo.

Rowan se assustou, perdido em seu próprio mundo.

— Sim — ele disse, apressando-se. Echo não conseguia deixar de pensar que ele tinha muito mais facilidade em manter o equilíbrio do que ela. Tronco avantajado. Única explicação possível. Ele olhou nos olhos dela e deu um sorriso. Por um momento, parecia que estavam de volta aos velhos tempos, mesmo que ela pudesse enxergar sinais claros do quanto o sorriso dele era forçado: o queixo tenso, o fato de o sorriso não se refletir nos olhos. Mas ele estava tentando, a seu próprio modo. Rowan fez um sinal para Echo descer os degraus primeiro, na direção em que Caius tinha seguido, montanha adentro. — Me mostre o caminho, pássaro de fogo.

*

Uma escadaria sinuosa levava para o interior da montanha em um quase completo breu. Echo acendeu a lanterna quando o último fio de luz ambiente desapareceu. O feixe de luz piscou e se apagou. Caius praguejou quando o mesmo aconteceu com a lanterna dele. Eles ainda estavam perto do topo da escadaria, e a escuridão da montanha só não era total porque havia um pouco de luz que entrava pela entrada da ponte. Um desconforto surgiu nas entranhas de Echo. Ela nunca havia sentido medo do escuro antes, nem quando era criança. Mas também nunca havia tido motivo para temer as sombras — até descobrir o tipo de monstro que suas profundezas poderiam guardar.

Echo bateu na lanterna com a palma da mão. As pilhas emitiram um último e fraco feixe de luz antes de morrer. De vez. Seus pés estavam colados ao primeiro degrau, Caius estava alguns metros abaixo, Rowan estava atrás.

— Por que a lanterna não funciona? — A voz dela ecoou no espaço cavernoso, refletindo nas paredes e nas escadas. — As pilhas eram novas.

— É a magia — explicou Caius quase sussurrando, com reverência, como se estivesse pisando em solo sagrado. — Ela é mais forte aqui. Não conseguem sentir?

— Pra ser bem sincero, não sei se quero sentir — murmurou Rowan.

Caius pediu para ele ficar quieto.

— Fechem os olhos. Ouçam.

O medo permeava Echo. Um medo irracional, primitivo. O tipo que seus ancestrais neolíticos deviam sentir na calada da noite quando ouviam predadores à espreita. A escuridão era tanta que ela não achava que fechar os olhos faria muita diferença, mas havia uma pequena chance de Caius saber sobre o que estava falando. Ele era mais velho, afinal, embora Echo não

estivesse convencida de que isso o tornava mais sábio. Mas ela obedeceu, fechando bem os olhos.

— Escutem — Caius sussurrou.

Echo parou para escutar. A princípio, não ouviu nada além do som de sua própria respiração, o leve atrito dos jeans de Rowan, que se mexia atrás dela, e os batimentos do seu coração.

Então, ela ouviu aquilo.

Não. Não *aquilo*.

Eles.

Seria fácil confundir o som com o vento passando pela abertura no alto das escadas, mas havia um quê de alguma outra coisa, algo vivo entrelaçado nele. Era como o som de mil vozes sussurrando em salas distantes, em línguas antigas demais para serem compreendidas. Echo reconhecia fonemas aleatórios aqui e ali. Havia o rumor gutural das consoantes do drakhar, as melodias rítmicas do avicet, faladas com rapidez e cheias de vogais longas. Mas era como tentar entender inglês antigo. As palavras eram familiares, mas ainda assim estrangeiras. Ela se esforçou para escutar, para capturar o maior número possível de sussurros, mas a sobreposição de todos criava um único zumbido, como o vento se esgueirando por entre as árvores.

— O que é isso? — perguntou Rowan. Sua voz interrompeu os sons como uma pedra arremessada na água parada.

— Os mortos — respondeu Caius.

— Tipo... fantasmas? — A voz de Rowan falhou ao dizer a segunda palavra. Echo sentiu o mesmo. Ela já tinha que lidar com bastante gente morta dentro de sua cabeça. Não estava a fim de aumentar seu total de vozes indesejadas.

— Sim — Caius respondeu. — Tipo fantasmas.

— Que merda. — Deu para ouvir as botas de Rowan arranhando os seixos soltos quando ele deu alguns passos na direção da entrada. Estaria indo embora? Ele não podia ir embora. Não agora. Não por causa de alguns fantasmas.

Echo se virou para pegá-lo e arrastá-lo de volta, mas acabou indo de encontro ao dedo que Rowan havia esticado para cutucar suas costas. Ele acertou bem na parte mais sensível das costelas. Ela deu um pulo e quase perdeu o equilíbrio.

— Para que foi isso? — ela perguntou.

— Duas coisas — Rowan disse. — Primeiro, você é o pássaro de fogo. — Ele balançou algo na cara dela que à pouca luz parecia um taco. — Faça algum fogo. — Quando Echo não o fez de imediato, ele suspirou. — É uma tocha, sua besta. Tinha uma de cada lado da entrada.

Ah.

— Eu não sou besta — Echo resmungou. — Besta é você.

Caius suspirou, bem alto e de maneira bem enfática.

Echo não reconheceu seu óbvio desdém, mas fez o que Rowan pediu. Ela conjurou fogo. Passou os dedos pela extensão da tocha enquanto se concentrava, imaginando qual seria o resultado. Um nódulo de dor entorpecente se formou na base de seu crânio, mas ela ignorou. Era mais fraco que a dor que havia sentido no British Museum. Esse era um ato de magia muito menor, mas Echo preferia pensar que estava ficando mais forte. Que estava no comando do poder, e não o contrário. Uma labareda irrompeu de suas mãos, saltando para o alto da tocha com faíscas brancas e pretas. Ao entrarem em contato com o tecido velho e esfapado ao redor da tocha, elas ficaram da cor âmbar brilhante de um fogo normal. A claridade foi tão repentina que os olhos de Echo lacrimejaram.

— Pronto — Rowan disse. — Bem melhor assim. Eu sabia que valeria a pena te manter por perto. — Seu sorriso era tenso, mas ele estava tentando agir como se nada tivesse mudado. Como se eles fossem as mesmas pessoas de meses atrás. Não eram, mas a fantasia dele não incomodava Echo.

Ela fez o mesmo com a segunda tocha e a passou para Caius.

— Você disse duas coisas. Qual era a segunda?

Rowan engoliu em seco, como se não tivesse certeza se dar voz aos seus pensamentos.

— Os fantasmas — ele começou a dizer. — As vozes. Elas parecem com as suas vozes? Sabe, aquelas na sua cabeça.

Echo nunca tinha contado a ele sobre as vozes. A Ala deve ter compartilhado aquela informação. Quando a Ala acordasse, elas teriam uma conversinha.

— Quando você fala assim, só me faz parecer uma louca — reclamou Echo. — Mas não. Não exatamente. Essas vozes são como ouvir um disco antigo. É um pouco confuso, distante. Quase como o chiado entre as estações de rádio. Existem palavras escondidas no som, mas não consigo distingui-las. — Ela apontou para a lateral da cabeça. — Estas vozes são bem claras quando

querem.

— Como Rose? — Caius perguntou. Seu tom de voz era livre de inflexão, a expressão de seu rosto cuidadosamente neutra. Ele seria um ótimo jogador de pôquer se quisesse. Porém Echo não se deixou enganar.

— Sim — ela respondeu sem maldade. — Como Rose.

Ele deu um aceno brusco com a cabeça e se virou. Echo suspeitou que Caius não quisesse que ela visse a cara dele. Ela deixou que ele tivesse seu momento de privacidade. A luz da tocha só alcançava alguns metros abaixo deles, como se aquilo que os esperava no final a estivesse engolindo.

— Para cima e avante — Echo citou, quase que para si mesma. — Para Nárnia! Para o norte!

— Estamos descendo uma escadaria — Rowan disse enquanto seguiam Caius pelos degraus em espiral. — No mínimo, seria para o sul.

Echo sorriu, feliz de verdade por tê-lo por perto, mesmo que as feridas entre eles ainda tivessem que cicatrizar.

— Cala a boca, Rowan.

TRINTA E TRÊS



IVY PASSAVA O TEMPO RECITANDO o nome das ervas e sua utilidade. Artemísia triturada era boa para queimaduras e pequenas irritações na pele. Misturada com um pouco de mel, é capaz de fazer hematomas desaparecerem. Raiz de bardana para ajudar a tratar toxinas no sangue. Extrato de caruru-de-cacho para aliviar inflamação das articulações. Ela analisava seu conhecimento como se estivesse folheando um catálogo, observando o sol se pôr com sua luz difusa pela neblina.

Fiel a sua palavra, Tanith enviou comida. O mesmo Dragão de Fogo que havia acenado com a cabeça para Ivy no pátio entregou a refeição noturna. Retorcendo a barra do suéter a ponto de ficar com os ossos da mão esbranquiçados, ela o viu entrar carregando uma bandeja com pratos cobertos com tampas de prata. Ele colocou a bandeja sobre a mesa baixa diante da lareira e olhou para Ivy, que estava encolhida no banco ao lado da janela. Cabelos pretos caíam sobre a testa dele, encostando nas sobrancelhas. Os olhos eram quase da mesma cor da armadura, amarelo-claro nas bordas e um dourado mais escuro perto da pupila. Ele sorriu para ela.

— Você precisa comer alguma coisa — ele disse em um avicet hesitante.

Aquilo a pegou de surpresa. Ela não esperava que um simples soldado soubesse o idioma avicet. Caius sabia, mas ele era nerd. Ivy abraçou as canelas, olhando para ele sobre os joelhos.

— A comida não está... — Ele hesitou, tropeçando nas palavras. — Não tem... — Ele ficou apontando para a bandeja, resmungando algo em Drakhar.

— Veneno — Ivy completou em avicet. Era sua primeira língua, mas os Avicen haviam começado a criar seus jovens bilíngues no Ninho. Era difícil viver em Nova York, ainda que no subterrâneo, e não falar inglês. Mesmo agora, a palavra parecia estranha em sua boca. Fazia muito tempo que ela não falava em avicet com alguém. A Ala havia tentado obrigá-la a fazer aulas, mas, conforme Ivy foi crescendo, ela descobriu uma lista cada vez maior de

motivos para fazer corpo mole.

O Dragão de Fogo sorriu para ela, um pouco tímido. Como Caius, ele tinha escamas nas maçãs do rosto, subindo na direção das têmporas. Não eram tão visíveis à pouca luz da manhã, mas o fogo da lareira captava sua leve iridescência. O rosto dele não tinha os ângulos aristocráticos de Caius, era mais suave. Mais gentil.

— Veneno — ele repetiu. Seu sotaque era terrível.

— Entendi — Ivy disse em inglês. Será que ele era seu contato? A frase que Dorian havia lhe ensinado estava na ponta da língua, mas ela não conseguia tomar a iniciativa de dizê-la em voz alta. E se estivesse errada? A ideia era que a frase fosse inofensiva, que passasse despercebida se necessário, mas, se levantasse a menor suspeita, ia ficar mais íntima de uma estaca em chamas antes do que gostaria.

— Você fala inglês? — O Dragão de Fogo ficou aliviado. Ele esfregou a nuca. — Eu estava preocupado. Meu vocabulário em avicet é deprimente, para ser sincero.

Ivy não achou sua deficiência linguística nem um pouco surpreendente, mas não disse nada. Do lado de fora, a neblina recaía sobre a água, como uma cortina descendo após um espetáculo. As inóspitas grades pretas na janela atrapalhavam a visão de Ivy. Ela mordeu o lábio inferior e fez uma oração silenciosa para o deus Avicen da boa sorte.

— Você pode confiar em mim — o Dragão de Fogo disse em voz baixa. Ele olhou nos olhos dela por um minuto, como se tentasse comunicar algo sem palavras. Ele colocou a mão dentro do manto vermelho e tirou um guardanapo branco enrolado.

— Ouvi dizer que os Avicen gostam de doces — completou, colocando a trouxinha no canto da bandeja.

Ivy olhou mais uma vez fundo nos olhos dele, analisando as profundezas da cor dos raios de sol em busca de algum indício de má intenção ou falsidade. Não encontrou nada. A sinceridade parecia escorrer de seus poros. Ivy levantou do assento junto à janela e seus joelhos estalaram por ficarem na mesma posição por tanto tempo. Pernas trêmulas a carregaram pelo quarto. Ela se ajoelhou ao lado da mesa, caindo no chão com um ruído abafado, e desembrulhou o guardanapo. No meio do linho branco havia um bolinho em forma de flor, coberto de mel e lâminas de amêndoa. Ela colocou o bolo na boca para ganhar tempo. O nervosismo dava nós em seu estômago, ameaçando

rejeitar o doce. Ela podia fazer isso. Era isso ou a estaca.

O Dragão de Fogo aguardou. Ivy limpou as migalhas da boca, de repente envergonhada.

— Obrigada — ela agradeceu.

— Tanith saiu. Pelo menos por algumas horas. — Passando a mão nos cabelos escuros, ele observou o quarto. Parecia um pouco constrangido. Tímido, até. — Eu disse para o guarda que estava na porta que assumiria seu turno. — O sorriso dele era um pouco torto. — Ele tem uma garota que trabalha na cozinha e que nunca consegue ver. E acho que, talvez, nós dois tenhamos algo a discutir.

Ivy ficou olhando para ele e entrelaçou os dedos. Era isso. Ou o Dragão de Fogo era o modo sagaz de Tanith descobrir se Ivy tinha motivações veladas ou ele era o homem que ela procurava. Só havia um jeito de descobrir.

Ele sorriu de novo, como se a encorajasse, e ela odiou o fato de ter notado que ele tinha covinha na bochecha esquerda, mas não na direita. Ao falar, ele manteve a voz baixa, mesmo que, em teoria, não houvesse ninguém escutando do lado de fora da porta.

— Meu nome é Helios.

Helios. Como o deus grego, Hélios. Combinava com ele. Seus cabelos eram pretos como o céu da meia-noite, mas os olhos eram amarelos, como o giz de cera que uma criança usaria para colorir o sol. Ele estava vestido com o que Ivy agora reconhecia como uma versão menos formal da armadura dos Dragões de Fogo. Não havia o metal dourado nem as sofisticadas dragonas trançadas. Em vez disso, ele usava uma armadura de couro marrom escuro: parecia grossa o suficiente para protegê-lo de golpes indiretos ao mesmo tempo que permitia mais movimentos do que a armadura completa. Um manto vermelho ficava preso na altura do pescoço com um broche dourado no formato de um dragão enrolado sobre si mesmo para formar um círculo, com as asas retraídas junto ao corpo.

Ivy fechou a mão em volta do pingente e pediu por uma certeza que sabia que nunca sentiria. Ela se acomodou no pequeno sofá, e Helios a acompanhou. Ele ficou em silêncio, esperando. Ela pensou na frase que Dorian havia lhe dito para falar quando estivesse certa de que havia encontrado alguém confiável.

Apesar de o céu estar tão agradável quanto um pedaço de granito, Ivy encarou Helios e disse:

— Que clima adorável está fazendo.

Ela aguardou, esperança e ansiedade queimando no estômago. Seus nervos estavam tão esgotados e o batimento cardíaco tão alto que ela quase não ouviu a resposta dele.

— Tenho certeza de que os jardineiros vão gostar — disse Helios.

Era isso. A resposta que, segundo Dorian, Ivy deveria esperar. Código de chamado e resposta padrão, ele havia dito. Ela ficou aliviada, tanto que achou que estava se afogando.

— Temos que agir rápido. Caius... — Ivy fez uma pausa, notando que Helios havia franzido a testa, confuso. Ela corrigiu: — O ex-Príncipe Dragão não abandonou vocês. Ele quer que seu povo saiba que seu príncipe continua com vocês e que o pássaro de fogo está ao seu lado.

Suas palavras eram vagas de propósito. Dizer que o pássaro de fogo estava ao seu lado não era o mesmo que dizer que o pássaro de fogo apoiava os Drakharin na guerra, mas Caius havia enfatizado a necessidade de uma “verdade flexível”, em suas próprias palavras. Não era falso por completo, mas parecia mentira; entretanto, mesmo Ivy tinha que admitir que convencer Drakharin suficientes para formar uma aliança com Echo e com os Avicen para derrotar Tanith seria mais fácil se eles ouvissem a história toda vinda de Caius, em vez de uma prisioneira Avicen.

Helios assentiu.

— Eu posso fazer isso.

— E temos que dar um jeito de me tirar daqui antes que Tanith me queime até a morte.

— Sim, vamos evitar isso.

— Dorian está por perto e ele virá para me ajudar a sair, mas temos que ser rápidos. — Ivy lembrou-se do mapa que Dorian tinha desenhado para ela e para o qual ela ficou olhando durante horas enquanto os outros dormiam. Apenas com a luz de uma vela pequena, ela decorou todos os contornos e curvas nos túneis labirínticos sob a Fortaleza do Dragão. Havia a possibilidade de que Helios conhecesse o caminho para a entrada do túnel nos fundos da fortaleza, mas ela não queria divulgar aquele detalhe ainda. Ele podia ser um agente triplo, até onde ela sabia, fingindo trabalhar para os dois lados. Se ela divulgasse sua rota de fuga e estivesse enganada sobre ele... Então haveria pouca chance de que ela sobrevivesse para ver o sol nascer.

Ivy colocou a mão atrás do pescoço para abrir a corrente em que estava o

pingente. Do lado espelhado ela encontrou dois pontos vermelhos: a mensagem de Dorian, escrita com seu sangue, perguntando se ela estava bem. Ela passou o polegar sobre eles e eles desapareceram, abrindo espaço para a resposta. Ela furou o dedo com a pequena agulha escondida no fecho e pingou duas gotas de sangue sobre o espelhinho. Elas foram absorvidas pelo vidro e desapareceram. Dorian receberia a mensagem, ela havia feito contato. Agora só precisava arriscar a vida para encontrar informações sobre os planos de Tanith e fugir da fortaleza com elas. Nada de mais.

— Aqui está — ela disse, entregando o pingente a Helios. — Dorian me disse para passar isso adiante depois de usá-lo para entrar em contato com ele, de modo que possamos mandar mensagens para a fortaleza sem que ninguém precise ser sequestrado.

— Farei com que chegue às mãos da pessoa certa — Helios disse ao aceitar o pingente. Ele desapareceu nas dobras de seu manto. Parte de Ivy queria pegá-lo de volta: sem aquilo, ela não tinha como entrar em contato com Dorian. Sua ausência a deixava ainda mais vulnerável do que antes, mas eles tinham um plano, e ela havia jurado que não se desviaria dele.

Helios pareceu notar a ansiedade de Ivy. Ele pegou na mão dela e a apertou de leve. Seu coração estava na garganta.

— Vai ficar tudo bem — ele disse. — Você vai sair daqui. Eu vou voltar para te buscar. Juro.

Ele se levantou e foi para a porta.

Mas Ivy precisava saber uma coisa antes de deixá-lo ir.

— Por que você está fazendo isso?

Helios se virou para ela. Ficou em silêncio por alguns instantes e disse:

— Eu estava lá. Quando Tanith convocou a votação.

Caius não tinha contado muita coisa sobre aquela noite, e Ivy sempre ficou imaginando como teria sido a reviravolta que havia terminado com ele fugindo e Tanith no trono.

— A maior parte dos nobres votou nela — Helios continuou. — Acho que ficaram com medo. Alguns se abstiveram e poucas almas corajosas votaram contra.

— O que Tanith fez com eles? — Ivy perguntou. Quase preferia não saber.

— Ela os colocou em fila na sala do trono e perguntou, um a um, se eles estavam interessados em mudar o voto.

— E eles mudaram?

— Alguns sim. Outros não. Quando ela chegou ao fim da fila, ateou fogo neles com um estalar de dedos. Em cada um deles. — Helios engoliu em seco antes de prosseguir: — Eu nunca vou esquecer daquele cheiro.

— Mas, se eles mudaram o voto, por que ela fez isso?

— Ela disse que não havia lugar em sua corte para aqueles cuja lealdade era questionável. — Helios retorceu um pedaço do manto nas mãos. — Eu os vi queimar. E não fiz nada.

Ivy abraçou os joelhos, perdendo o apetite. Não conseguia sequer imaginar como devia ter sido horrível ver seus conhecidos queimando vivos por ousarem defender aquilo em que acreditavam. O mundo era cheio de crueldades, pequenas e grandes, mas a história de Helios era de um tipo especial de terror.

— Não havia nada que você pudesse fazer — ela disse.

— É estranho como isso não faz a culpa desaparecer. — Helios a encarou com os olhos brilhando como raios de sol líquidos. — É por esse motivo que estou fazendo isto. Porque não fiz nada antes, e agora posso fazer.

Assim, ele saiu. E à Ivy só restava esperar.

TRINTA E QUATRO



DORIAN RESPIROU FUNDO, saboreando o ar fresco da noite. O bosque próximo à Fortaleza do Dragão tinha o cheiro de casa. Depois de passar meses confinado em um depósito em Londres, o aroma da floresta era um alívio. Ele passou os dedos em uma árvore, seguindo o curso da madeira do tronco. Ele e Caius tinham atravessado aquele bosque muitas e muitas vezes. Saíam escondidos da fortaleza, sem a comitiva de guardas que costumava acompanhar o príncipe. Dorian se opôs da primeira vez que Caius sugeriu que saíssem em segredo sem os guardas, mas o príncipe era persuasivo. Não foi preciso muito para convencer Dorian. Um olhar suplicante, um beicinho que Caius nunca admitiria ter feito, a promessa de que ficariam apenas uma hora fora, e Dorian era massinha de modelar nas mãos do príncipe, como sempre fora, desde o instante em que se conheceram.

Ele olhou para trás, para o Avicen e o feiticeiro que o seguiam pelo matagal à margem do lago. Quinn tinha se reunido a Dorian e Jasper depois de deixar Ivy na fortaleza, o que demorou mais do que Dorian esperava. Quinn alegou que Tanith tinha enrolado bastante para negociar os termos da recompensa, e Dorian, de má vontade, admitiu que era bem o tipo de mesquinhez que esperaria de Tanith. Jasper não estava feliz com a perspectiva de passar a noite no bosque, mas eles meio que não tinham escolha a não ser caminhar até a fortaleza. Se tentassem chegar lá pelo entremeio, os alarmes sintonizados com os bloqueios ao redor das muralhas acusariam sua presença e um batalhão de Dragões de Fogo estaria em cima deles em minutos. O próprio Dorian tinha supervisionado a instalação dos bloqueios. Conhecia seus pontos fortes. Eram fortes, mas não imbatíveis. Até mesmo a Fortaleza do Dragão, um imponente edifício de pedra que permaneceu séculos sem ser invadido, só era impenetrável para quem não soubesse para onde olhar.

— Dorian — Jasper se deixou desabar contra uma árvore —, falta muito?

Quinn se aproximou de Jasper sem fazer barulho, exalando irritação a cada

movimento cansado. O feiticeiro não havia derramado uma gota sequer de suor apesar da jornada pelo bosque ter durado o dia inteiro, mas sua paciência parecia estar perto do fim.

— Jasper, juro por cada deus de cada panteão que, se você perguntar isso mais uma vez, vou te amaldiçoar.

O Avicen mostrou a língua. Quinn respondeu com uma piscadela lasciva.

— Mantenha a varinha dentro das calças, feiticeiro — disse Dorian. — Acamparemos aqui esta noite e seguiremos pela manhã. As patrulhas não passam por esta parte da floresta. — Ou pelo menos não passavam até onde ele sabia. Essa informação era de fato obsoleta. Ele esperava ainda estar certo. — Devemos estar a salvo, contanto que fiquemos entre as árvores.

Montar acampamento era uma tarefa simples. Já que a fumaça de uma fogueira de verdade denunciaria a localização deles, Quinn montou uma com madeira seca e magia, que não emitia nada além de um brilho frio e sem cheiro, como cinzas de carvão. Dorian podia não confiar nele, mas o feiticeiro tinha lá sua utilidade. Jasper se ocupou em tirar carrapichos de suas penas enquanto resmungava baixinho sobre a infâmia da natureza. Quinn ofereceu ajuda, mas Jasper o afastou. Dorian fingiu que ver Quinn ser mais uma vez rejeitado não lhe dava um nível de alegria inapropriado.

Depois de proteger a terra ao redor do acampamento com um encanto, Dorian empurrou um tronco para o fogo e se sentou, desatando a espada que levava nas costas e colocando-a contra a árvore ao seu lado.

— Essa espada é gigantesca — disse Quinn enquanto abanava a mão sobre a fogueira. O calor começou a emanar dela. — Alguém poderia achar que você está tentando compensar alguma coisa.

— Aposto que você sabe tudo sobre compensar — retrucou Dorian.

— Ahh, toma! — Jasper disse com uma leve gargalhada. Ele trocou olhares com Dorian e seu sorriso ficou um pouco menos tenso.

Dorian, mesmo querendo, não retribuiu o sorriso. Em vez disso, arregaçou as mangas e desembainhou a faca que levava no cinto. Ele pressionou a lâmina contra seu antebraço, contendo um tremor quando ela penetrou na pele. Ele colocou a lâmina em um ângulo que permitia que o metal retivesse o sangue que escorria do ferimento. Não era um corte profundo. A mensagem que planejava enviar não era longa. Ele desenhcou dois pontos na lâmina com seu próprio sangue, então a limpou e esperou por uma resposta. Dois pontos para ele significavam “Tudo bem?”. Dois pontos de Ivy significariam “Tudo, sigam

em frente”. Ele rezou para ver dois pontos logo.

Quinn torceu os lábios desgostoso.

— Que primitivo.

Dorian o ignorou. Assim que a missão fosse concluída e Ivy recuperada, sã e salva, ele ficaria feliz em nunca mais ter que olhar a cara de Quinn.

— Sabe — Jasper disse —, desde que te conheci, Dorian, já acampeei mais na floresta do que em todos os meus dezenove anos de existência.

— Devo pedir desculpas por isso? — perguntou o Drakharin.

Jasper sorriu.

— Talvez, mas como você é uma graça, vou deixar passar.

Quinn engasgou.

— Fiquei com ânsia de vômito. — Ele se levantou, limpando as mãos nas calças. — Vou tentar encontrar alguma coisa pra gente comer. Tentem não fazer nada estúpido enquanto eu estiver fora. — Ele saiu andando. O fogo crepitava com alegria, mas, como Quinn havia prometido, nenhuma nuvenzinha de fumaça saía dele.

Jasper se acomodou no tronco ao lado de Dorian. Cruzou os braços e se encolheu, como se fizesse frio. Embora as noites de julho na Escócia quase nunca se aproximassem de algo que pudesse ser chamado de quente, nem chegava perto de estar frio o bastante para justificar o ato de Jasper.

— O que houve? — perguntou Dorian. Ele não conseguia desviar o olhar da lâmina, não por um longo período de tempo, mas o olhar dele pulou para Jasper apenas por um segundo.

Jasper deu de ombros e manteve os olhos fixo no fogo. A luz fazia com que brilhassem como topázio.

— Nada.

Dorian levantou a sobrancelha. Jasper o ignorou, mas a fonte de seu incômodo era clara, e tinha sido assim desde a chegada de Quinn, trazendo com ele um passado permeado por mágoa e arrependimento.

— Você o deixa exercer muito poder sobre você — Dorian comentou, voltando a atenção para a adaga.

— Eu sei — Jasper disse baixinho.

Um ponto apareceu no metal ensanguentado da lâmina. Dorian esperou, com o coração na garganta. Se aquela garota tinha sido mandada para a toca do Dragão apenas para que o plano desse errado, o peso ficaria na consciência dele. Mas então um segundo ponto, mais fraco, materializou-se perto do

primeiro. A missão estava de pé. Dorian ficou mais aliviado do que era capaz de dizer, já que seu plano dependia de um bom tanto de sorte. Um plano de contingência estava em vigor desde o primeiro dia do reinado de Caius; Tanith não era a primeira Drakharin a tentar tomar o poder, apenas a primeira a ter sucesso. A rede de Drakharin leais a Caius, construída ao longo de décadas, operava no anonimato. Nem mesmo Dorian sabia quem Ivy encontraria dentro da fortaleza. Em intervalos aleatórios durante a caminhada em direção à fortaleza, Dorian havia deixado grupos de três pedras formando pequenas pirâmides aos pés de árvores que sabia fazerem parte da rota padrão da patrulha. Elas não significariam nada para alguém que não soubesse para o que estava olhando, mas, para aqueles da rede de Caius, as pedras eram um sinal. Procurem por mim, elas diziam. Qualquer atividade anormal na fortaleza seria notada. Qualquer um que chegasse seria interrogado — em segredo, é claro — para determinar se traziam mensagens do príncipe caído. A chegada de Ivy — ou sua captura, melhor dizendo — era o sinal óbvio de que Caius tentava entrar em contato com seus apoiadores. Um deles faria contato com Ivy e, a julgar pela mensagem dela, tinha dado certo. Dorian esperava apenas que o tal súdito leal que fora ao auxílio dela ajudasse a Avicen a passar para a próxima — e mais perigosa — fase da missão.

Até então, o plano tinha seguido sem obstáculos. Dorian esperava, com um desespero que nunca verbalizaria, que o restante dele prosseguisse da mesma forma. Se Quinn fizesse a parte dele e Ivy tivesse sucesso, estariam livres e em casa em questão de dias, embora cada vez que Dorian via a forma como Jasper reagia à presença de Quinn, seu receio aumentasse. O feiticeiro não era confiável e, ainda assim, lá estavam, confiando nele.

— Por que Quinn? — Dorian perguntou, incapaz de continuar mantendo apenas para si a questão que o aborrecia havia dias. — Eu não entendo. Ele não é bem o tipo de pessoa que transborda qualidades.

Jasper deu de ombros.

— Acho que é só porque, às vezes, é bom se sentir desejado.

Que absurdo. Pessoas como Jasper sempre eram desejadas. Eram bonitas e charmosas e irresistíveis. Eram chamadas para as quais os meros mortais eram atraídos como se fossem moscas. Pela primeira vez, Dorian ponderou que talvez a autoconfiança de Jasper não passasse de uma ilusão, uma máscara. Ele esfregou o tapa-olho. Sabia uma coisa ou outra sobre máscaras, já que havia se escondido atrás de uma pelos últimos cem anos.

Jasper pegou um graveto e atçou o fogo, mesmo que sua natureza mágica tornasse aquele gesto desnecessário.

— Eu só não entendo por que você dá bola pra ele, para início de conversa — disse Dorian. — Você poderia ter qualquer um que quisesse.

Jasper lançou para Dorian um olhar difícil de decifrar. Não queria ter dito aquela última parte em voz alta, mas, agora que as palavras tinham sido postas para fora e pairavam no ar como beija-flores pequenos e traiçoeiros, não havia como voltar atrás.

Depois de um instante, Jasper voltou a olhar para o fogo.

— Pelo visto, não *qualquer um*.

Dorian não tinha nenhum comentário inteligente para dizer sobre aquilo. Jasper fora paciente com ele, mas um século de fúria, ódio e amor não correspondido não eram algo que poderia ser deixado para trás em poucos meses. Nos últimos tempos, entretanto, ele se pegava querendo deixar tudo aquilo de lado. Não tinha entendido, a princípio, por que Caius passou a gravitar tão rápido ao redor de Echo, mas começava a dar valor ao desejo de aproveitar uma oportunidade de ser feliz. Como seria bom esquecer de tudo que o tornava mal-humorado, introvertido e desagradável. Mas ele não podia ser o que Jasper queria ou precisava ou merecia. Não tinha como.

Deu para escutar o suspiro de Jasper no silêncio da noite.

— Havia algo em Quinn que me fazia sentir seguro.

Seguro?, pensou Dorian.

— Estamos falando do mesmo Quinn? — ele quis saber.

— Sei que parece ridículo, mas é verdade. Eu tinha dezesseis anos quando o conheci. Dá para imaginar? — Jasper olhou para Dorian, e sua expressão era uma versão pálida de seu sorriso sempre malicioso. — E Quinn era... Bem, ele era Quinn. Ele me manteve muito próximo nos primeiros meses. Era como se não existisse nada além de nós dois. Ele se tornou meu mundo inteiro. Era o sol, a lua e as estrelas, e, quando eu estava em sua órbita, nada mais importava. Ele gostava que fosse desse jeito, e por um tempo achei que gostasse também.

— Jasper, isso não é saudável.

— É, sei disso *agora*. No fim das contas, fui embora, mas ainda me lembro de como era quando tê-lo era a única coisa que importava.

Dorian balançou a cabeça.

— A obsessão é um substituto bem fajuto para o amor.

Jasper deu de ombros.

— Mas alguma coisa é melhor do que nada. Ou, pelo menos, é como me sentia na época. Ainda mais quando o que importava mesmo parecia tão fora do meu alcance.

Mais uma vez, Dorian ficou sem ter o que dizer. Odiava pensar em Jasper se sentindo desesperado por afeto ou por um lugar onde se sentir seguro, mas não tinha como dar isso a ele. Não agora. Talvez nunca.

O som de ramos se partindo sinalizou o retorno de Quinn. Dorian não estava exatamente feliz em vê-lo, mas de alguma forma se sentiu aliviado por não ter que continuar aquela conversa. Ele tinha começado, mas não conseguiu terminá-la. Não da forma adequada.

Em uma das mãos, Quinn segurava um coelho gordo pelas pernas traseiras. A pele dele estava imaculada. Foi morto sem nenhum ferimento visível. Magia, Dorian presumiu.

— Jasper, querido — Quinn disse, balançando o coelho. — Venha me ajudar com o jantar.

— Continuo não sendo seu querido — Jasper resmungou, mas foi até Quinn.

Dorian observou enquanto Quinn apertava os ombros de Jasper com alegria, aproximando-se para sussurrar algo no ouvido dele que trouxe à tona uma relutante gargalhada. Quando Quinn sorria, um sorriso grande e brilhante, Dorian quase podia enxergar seus atrativos. O sorriso parecia ser verdadeiro; fazia covinhas perfeitas se formarem nas bochechas e as estrelas em seus olhos brilhavam ainda mais forte. Havia certo magnetismo em Quinn, mas não era assim com os melhores predadores? Eles atraíam a pessoa, que nem percebia ter caído direto na armadilha até que fosse tarde demais.

TRINTA E CINCO



O TEMPO FICOU FLEXÍVEL QUANDO ECHO, Caius e Rowan desceram a escadaria em espiral, adentrando cada vez mais a montanha. Abaixo, havia escuridão e mais escuridão. As tochas criavam uma ilha de luz em meio a um mar de trevas. Echo tentava contar os degraus, mas os sussurros abafados dos mortos a distraíam. Ela preferiu torcer para que chegassem logo ao fim. Seus joelhos estavam começando a doer.

Eles não falaram sequer uma palavra ao longo da descida. Era como se a estranha santidade da montanha absorvesse a disposição deles para fazer barulho, para interromper as vozes daqueles que viveram e morreram entre as pedras. Os degraus haviam sido polidos pelo tempo e tinham uma leve curva de desgaste. As pessoas passavam por essa montanha havia séculos. Talvez milênios. Echo se perguntou quantos teriam sobrevivido à experiência. O pensamento de que sua voz poderia integrar o coro fantasmagórico lhe veio à mente — não pela primeira vez desde que haviam iniciado a descida —, mas ela tentou parar de pensar naquilo. Só esperava que não houvesse um buraco cheio de esqueletos os esperando no fim. Ela não estava nem um pouquinho a fim de encontrar cadáveres. Em especial por estar com o estômago vazio.

Quase na mesma hora, seu estômago soltou um ronco constrangedor. Atrás dela, Rowan engolia um chocolate. Echo virou para ele com um olhar corrosivo e seu rosto ficou vermelho.

— Que foi? — ela rebateu. — Eu não almocei.

Rowan deu um sorriso de lado e disse:

— O maior sacrifício que já te vi fazer.

Echo o ignorou e continuou descendo as escadas, de cabeça erguida, olhos nos degraus, iluminados pela luz quente e amarelada da tocha.

— Deixa eu te dizer uma coisinha sobre sacrifício...

Caius levantou a mão, parando alguns degraus mais abaixo.

— Calados, vocês dois.

Bem baixinho, Rowan murmurou:

— Grosso.

Com a mão livre, Caius fez sinal para Echo se aproximar.

— Veja isto. — Ele levantou a tocha e a luz rastejou pela parede como se disputasse o território com as sombras. Havia pinturas na parede, desenhos primitivos que remetiam Echo às cavernas de Lascaux, um lugar que ela ainda não tinha visitado. Outro item para acrescentar à lista de coisas para fazer se ela vivesse o bastante. As figuras estavam traçadas com tinta marrom-avermelhada, ainda vívidas, apesar da antiguidade. Elas tinham desbotado só um pouco com o tempo. A luz do sol nunca penetrava esse lugar, de modo que a escuridão as havia preservado.

— O que é isso? — Rowan perguntou, chegando perto de Echo nos degraus.

— Um pássaro — respondeu Echo. — E um dragão.

Ela esticou o braço e delineou a linha descendente das asas. As garras do pássaro estavam travadas em combate com as patas de um enorme dragão. Espirais de fumaça e labaredas saíam da boca e das narinas do dragão. O bico do pássaro estava aberto em um grito silencioso, paralisado. As criaturas formavam um círculo frouxo, com as asas se tocando sob os pés e no topo da cabeça. Os dedos de Echo pairavam perto da parede. Os sussurros fantasmagóricos já tinham virado um ruído branco durante a longa descida, mas aumentavam à medida que sua mão se aproximava da pintura. As vozes ficavam mais altas, tornando-se um rugido em seus ouvidos. No instante em que seus dedos tocaram na tinta vermelha, o rugido se transformou em um grito, ecoando pela montanha com a força de mil clamores. Seus joelhos falharam. Se não fosse pelos rápidos reflexos e pela mão firme de Caius, ela teria caído escada abaixo, rumo ao colapso. O desenho queimou sob seu toque e o vermelho começou a brilhar. As vozes uniram-se em um único grito, uma frase que atravessou a mente de Echo como uma faca quente sobre manteiga.

Ela puxou a mão, esperando encontrar bolhas na ponta dos dedos, mas a pele estava ílesa.

— Echo? — Rowan se ajoelhou ao lado dela. Preocupação e pânico refletidos em seus olhos castanhos. — O que foi? O que acabou de acontecer?

Echo conseguiu falar, com a voz fraca e esganiçada.

— Não é tinta. — Ela ficou boquiaberta. — É sangue.

Nem Rowan, nem Caius pareciam tão perturbados quanto ela.

— Vocês não ouviram? — ela perguntou. — O grito?

Rowan negou.

— Não. — Seus olhos estavam um pouco arregalados demais quando ele e Caius a ajudaram a se levantar.

Bem-vindos à minha vida, Echo pensou. *É muito esquisita*.

— Por sinal, os sussurros pararam — comentou Caius, virando-se para analisar a imagem na parede. Ele inclinou a cabeça, entortando um pouco os olhos. — Eles voltaram agora, mas, quando você tocou a parede, foi como se o ar tivesse sido sugado.

Rowan assentiu.

— Como um vácuo.

Caius estendeu uma mão vacilante na direção da pintura. Depois de hesitar por um instante, encostou um único dedo no sangue ressecado. Eles aguardaram, prendendo a respiração. Nada aconteceu.

— Parece que a magia nestas paredes reagiu apenas a você. — Caius esfregou o dedo na calça para limpar o resíduo vermelho. — Com o que o grito se parecia?

Echo fechou os olhos. O sussurro abafado tomou conta dela. Sua cadência tinha mudado. Agora ele estava repleto de urgência, como se as vozes estivessem empolgadas com alguma coisa. O som a acariciava como se ressonasse pela montanha, causando arrepios e formigamento em sua pele. Ela não conseguia se livrar da sensação de estar sendo observada por mil olhos ávidos. Uma frase se sobressaía entre as múltiplas vozes, repetida em intervalos aleatórios como um mantra inconsistente.

— *Enu busana*. — Echo abriu os olhos. Rowan estava franzindo a testa, confuso, mas Caius estava repetindo as palavras baixinho. — Isso tem algum significado para você?

Caius a fitou e depois voltou a olhar para a pintura.

— É de uma língua morta há muitos anos, bem antes do desenvolvimento do drakhar e do avicet modernos. Um de meus antigos tutores a conhecia bem e me ensinou quando eu estava pesquisando a origem do pássaro de fogo. Se não me falha a memória, embora eu deva admitir que meu entendimento dos detalhes da complexidade da língua esteja um tanto quanto enferrujado, acho que sei o que significa.

— E? — Echo perguntou. — Desembucha de uma vez. O suspense está me matando.

— Está *nos* matando — acrescentou Rowan, com a animosidade enterrada

sob a curiosidade. — O suspense está *nos* matando.

Caius passou a mão pelos cabelos, despenteando-os de um lado.

— Eu gostaria de consultar um estudioso mais versado do que eu nas nuances da linguística desta língua...

— Olhe em volta. — Echo apontou para o espaço escuro acima e abaixo da posição em que eles estavam nas escadas. — A menos que você tenha um estudioso mais versado escondido no bolso, só somos nós aqui. O que significa *enu busana*?

— “Ele voltou” — disse Caius. — Ou “ela voltou”. Estou um pouco enferrujado nos pronomes em drakhar-avicet primitivo.

— Ele voltou — Rowan repetiu em voz baixa. Ele olhou nos olhos de Caius e, ao mesmo tempo, ambos olharam para Echo. Rowan deu voz ao pensamento que ela não queria proferir. — Talvez “ela” e “ele” sejam a mesma coisa.

— É o pássaro de fogo — disse Echo. Ela segurou a cabeça, colocando as mãos sobre os ouvidos. Não ajudou a silenciar o sussurro espectral que preenchia a montanha com um furor de concordância. — Sou eu. Eles... Isso... Seja lá o que esteja nesta montanha me reconhece. Ou seja lá o que esteja dentro de mim.

Sua boca ficou seca. *Ele voltou. Ela voltou.* Era demais para suportar. Tudo aquilo era demais. Ela conseguia ignorar a enormidade de sua situação atual quando tinha algo para fazer, algum lugar para ir, uma tarefa para ocupar a mente, um furto para ocupar as mãos. Mas aquilo caiu em seus ombros naquele momento, como uma onda quebrando na praia. Ela tirou a tocha da mão de Caius, que não fez nada para impedi-la. Talvez tenha sentido nela a necessidade de fazer algo, qualquer coisa, além de considerar as consequências do que tudo aquilo significava. A luz tremeluzente da tocha transbordou iluminando escada abaixo. Mais gravuras rupestres ocupavam as paredes, todas desenhadas com a mesma tinta marrom-avermelhada. Sangue, Echo se lembrou. Ela ficou imaginando a quem pertencia. Quem havia talhado esses degraus, quem havia aberto uma veia para que, séculos depois, ela encontrasse uma montanha repleta de pinturas retratando uma história tão antiga que nenhum ser vivo poderia recontá-la. À luz instável da tocha, as pinturas pareciam se mover. Echo ficou parada, combatendo o tremor nas mãos. As figuras desenhadas com sangue não se mexiam. Tinha sido uma ilusão de ótica. Aquela era a explicação mais confortável, então ela decidiu acreditar.

Echo deu um passo à frente. Depois mais um. E outro. Caius e Rowan a seguiram.

— Você está bem? — Caius perguntou próximo a ela.

O hálito dele era quente junto ao pescoço de Echo. Aquilo também era reconfortante.

— Para falar a verdade, não. — Era bom admitir. Ela não precisava fingir ali. Os fantasmas da montanha a conheciam, assim como os dois homens que a seguiam. Cada um à sua maneira, de ângulos diferentes, mas eles a conheciam. Ela não tinha mais nada a esconder. — Mas isso não importa. — Seus pés teimosos não queriam continuar descendo os degraus, mas ela os forçou, um após o outro. — Tem alguma coisa lá embaixo — ela disse. — E está esperando por mim há muito tempo.

TRINTA E SEIS



— SE EU TIVER QUE DESCER MAIS ESCADAS — Echo resmungou —, vou desistir. Vou morar nestas escadas. Vou envelhecer nestas escadas. Vou morrer nestas escadas.

Caius olhou para trás com um sorriso amarelo. Ele havia tirado a tocha dela e tomado a dianteira. Se houvesse algo no fundo, ele havia dito, queria ser o primeiro a encontrar.

— Isso é um tanto melodramático — ele disse, tateando as paredes de leve enquanto o pé alcançava o próximo degrau. — Ânimo. Chegamos ao fundo.

O patamar era um espaço pequeno e com o formato de um cone, cujo teto serpeava ao alto com a escadaria, o chão sujo repleto de pedras soltas com uma ou outra raiz brotando. Eles encontraram uma passagem estreita e arqueada bem em frente às escadas. Era difícil saber aonde levava. A luz das tochas não parecia querer penetrar a escuridão para além do arco. Atrás de Caius, Echo ficou na ponta dos pés. O queixo dela mal conseguia alcançar o ombro dele. Ele saiu da frente para que ela pudesse ver.

— Aaah, uma porta — disse Echo. — Para onde será que ela dá?

A promessa de um mistério novo e empolgante havia renovado seus ânimos. Uma pessoa lúcida ficaria assustada com as possibilidades do que poderia encontrar, mas não ela. Sua curiosidade era mais forte do que qualquer emoção lúcida. A curiosidade de Caius parecia equilibrada com a necessidade de manter Echo em segurança. O mesmo se dava com Rowan, ela supunha. Embora estivesse claro que as cicatrizes daquele primeiro encontro no Metropolitan Museum de Nova York não estavam fechadas o suficiente para Rowan apreciar a presença de Caius.

— Eu prefiro não entrar sem um plano — Caius disse. — Se pudéssemos somente...

Echo tomou a tocha da mão de Caius com uma velocidade surpreendente. Ele tentou segurá-la, mas ela já tinha saído de seu alcance. Echo era

escorregadia. Como uma cobra.

— Para a sorte de vocês, entrar sem um plano é minha especialidade. — Ela abaixou a aba de um chapéu imaginário na direção deles. — Cavalheiros.

Uma série de problemas surgiu no instante em que Echo atravessou a passagem e saiu do outro lado.

O primeiro problema: ela não estava mais em uma caverna escura. A sala em que Echo se encontrava não era propriamente incomum. Havia um sofá de couro, com a almofada do lado direito, mais próxima à mesa lateral, afundada no meio pelo uso. Na parede oposta, uma televisão com estática na tela, como se alguém tivesse desconectado o fio da antena e esquecido de desligar o aparelho. Uma mesa de centro de madeira velha ocupava o espaço entre os dois, com a superfície coberta de edições amassadas das revistas *Cosmopolitan* e *National Geographic*, copos vazios com marcas de batom, uma pilha organizada de livros de referência, e um cinzeiro prestes a transbordar. O tapete era de um verde que um dia deve ter sido vibrante, mas agora estava da cor de espinafre mastigado. Um cheiro impregnava o ar, parecia uma fumaça fedorenta e cerveja rançosa.

A sala em si não apresentava nada de incomum, exceto sua localização, que Echo sabia, sem sombra de dúvida, que ficava do outro lado do mundo, em algum hemisfério completamente diferente daquele em que estava a menos de dois minutos atrás. E também pelo fato de que aquele era um lugar onde ela havia jurado que nunca mais voltaria. Ela conhecia aquela sala. Apesar de ter desejado se esquecer dela e da casa à qual pertencia e das pessoas que viviam sob aquele teto.

Echo estava na sala da casa em que tinha crescido, antes de fugir, antes de conhecer a Ala, antes de embarcar em sua nova vida. E, de algum modo, havia chegado ali por meio de uma caverna escondida em uma montanha na China.

O segundo problema era que, quando voltou a olhar para a porta que havia atrás dela, a porta pela qual tinha entrado, ela havia desaparecido. No lugar, só enxergou papel de parede gasto e um quadro que retratava uma tigela de pêssegos.

Ela queria gritar para ver se Caius ou Rowan ainda podiam ouvi-la do outro lado da parede, mas sua voz havia lhe escapado para sempre. A familiaridade da sala era extrema. Ela havia indo embora. Tinha jurado nunca mais voltar. Nunca mais. Quis mover os pés, mas eles estavam colados ao chão. Ela era capaz de lidar com muitas coisas — monstros de sombra assassinos, monarcas

homicidas, ataques terroristas à Grand Central —, mas não com isso. Todo mundo tinha seu limite. Este era o dela.

— Está procurando por isto? — A pergunta veio de trás dela, dita com voz rouca de fumante e um tanto arrastada devido ao álcool, acompanhada pelo rangido das portas vaivém que levavam à cozinha. Aquela voz. O sangue de Echo congelou nas veias e sua visão ficou embaçada como se ela fosse desmaiar. Era uma voz que não ouvia havia dez anos, uma voz que desejara nunca mais ouvir enquanto vivesse. Era a voz de sua mãe.

Echo se virou aos poucos, como as pessoas faziam nos filmes de terror. Sua mãe estava do outro lado da sala, com os cabelos ressecados, tingidos de loiro, enrolados em um coque malfeito no alto da cabeça, olhos injetados como se tivesse passado a noite bebendo. Era uma visão que Echo conhecia bem. Havia uma pequena mancha na manga do moletom rosa que ela vestia. Era vermelha. Não como sangue. Vinho. Um caderno brochura preto e branco pendia das mãos com unhas pintadas de sua mãe; na outra, ela segurava uma taça de vinho quase vazia.

Isto não é real, Echo disse a si mesma. *Nada disto é real*. Aquilo era impossível. Ela estava na China, a milhares e milhares de quilômetros da casa que tinha abandonado. E não havia atravessado o entremeio. Ela teria sentido a costureira queda se tivesse entrado no vazio. Não, aquilo tinha que ser algum tipo de teste. Outro elemento para ela se provar digna do que quer que houvesse do outro lado de... do que quer que isso fosse.

Mas, por todos os deuses, parecia tão real. Sua mãe deu mais um passo à frente, balançando o vinho na taça, e Echo se retraiu por instinto. Ela deu meio passo para trás e bateu com as costas na parede. Não havia para onde ir. Sua mãe estava no centro da sala. A passagem arqueada de pedra tinha desaparecido e a única saída era por ela. Querendo ou não, Echo teria que sobreviver ao pesadelo que a montanha lhe havia apresentado, independente de qual fosse ele. E ela não queria, não mesmo, ter que fazer isso.

— Encontrei seu diário. — As palavras de sua mãe tropeçavam umas nas outras, como bêbados cambaleando para fora de um bar na hora de fechar. — É com essa bosta que você perde seu tempo enquanto estou trabalhando?

Ainda havia algo errado, Echo podia sentir. Tudo estava do jeito de que ela se lembrava, como se a montanha tivesse explorado suas lembranças para reconstruir sua antiga casa da forma mais fiel possível. Cada mínimo detalhe havia sido dolorosamente reproduzido, das queimaduras de cigarro no tapete

perto da ponta do sofá em que sua mãe sempre sentava até o cheiro de destilado no hálito dela, capaz de ser sentido do outro lado da sala. Mas algo estava estranho. Alguma coisa não estava certa. Os olhos de Echo percorreram a sala, sem nunca perder a mãe de vista, um antigo hábito, como subir em uma bicicleta depois de anos sem pedalar. Bêbados violentos eram imprevisíveis. Era preciso estar sempre de olho neles.

— Eu estou falando com você, garota — disse a mãe dela, levantando a voz com raiva. Todas as fibras de Echo gritavam para que ela se escondesse, corresse, para evitar a surra que viria, mas seus pés estavam plantados com tanta firmeza que era capaz de criar raízes, como uma árvore. — Olhe para mim quando estou falando com você.

Sua mãe cambaleou na direção de Echo, batendo o joelho na mesa de centro. A pilha de livros tombou e um deles caiu no chão. *Introdução ao cálculo*. Cálculo? Mas Echo tinha saído de casa aos sete anos. Ela não estudava cálculo com essa idade. Era inteligente, mas não tanto assim. Aquela era uma matéria do ensino médio, e Echo nunca cursou o ensino médio. Talvez, em um universo alternativo no qual nunca havia fugido de casa, ela tivesse feito.

Sua mãe se abaixou de um jeito estranho, como se as articulações não estivessem lubrificadas, e pôs a taça de vinho sobre a mesa.

— Você sempre teve uma imaginação fértil — ela disse com a voz arrastada, abrindo o caderno. Apenas alguns metros a separavam de Echo, que conseguiu ver o nome escrito na capa do caderno. Era um nome do qual ela tinha se afastado havia uma década, um nome do qual havia se livrado como se fosse pele morta quando a Ala lhe disse que ela poderia escolher como queria se chamar. E estava escrito, de maneira inequívoca, com a letra de Echo. Mas não podia ser dela. Ela não poderia ter escrito aquilo. Aquela vida não pertencia a ela. Aquilo não era real. Ela tinha saído de casa. Tinha fugido. Nada daquilo era real.

Sua mãe passou os olhos pelas páginas, arrastando a unha vermelha pelas linhas como se pudesse tirar sangue do papel.

— E tem uns desenhinhos também.

Ela balançou o caderno de modo que Echo pudesse ver. A página estava cheia de coisas escritas com a letra pequena, organizada e apertada de Echo. Nas margens, ilustrações. Uma menina com penas longas e cheias no lugar dos cabelos e olhos pretos e selvagens como os de uma pomba. Um garoto com penas lustrosas como as de um falcão, e outro com escamas adornando as

maças do rosto angulosas. Na página seguinte, duas figuras estavam de mãos dadas, uma usando um tapa-olho preenchido com a tinta azul de uma caneta esferográfica, a outra com uma profusão de penas sobre a cabeça nas cores vivas de um pavão. Uma mulher com a pele tão preta que parecia feita da própria noite ocupava quase uma página inteira. Linhas brancas haviam sido deixadas vazias para representar penas.

— Que familiazinha bonitinha você criou — sua mãe disse, virando o caderno de cabeça para baixo. Echo quase esticou o braço para arrancá-lo dela, mas suas mãos tinham ficado frias e úmidas, e os dedos se recusavam a obedecer aos comandos que a mente mandava. — É um belo jeito de passar o tempo enquanto eu estou na rua me matando para botar comida na mesa. — Papéis soltos caíram de dentro do caderno, como se estivessem escondidos. Echo se ajoelhou e os recolheu antes que sua mãe os pegasse.

Eram formulários de inscrição para faculdades, só parcialmente preenchidos. Havia até o rascunho de uma redação escrito à mão. A primeira linha dizia: “Crescer com uma alcoólatra violenta é uma experiência formadora de caráter, para dizer o mínimo”. Antes que Echo pudesse ler o resto, sua mãe arrancou os papéis de sua mão, deixando apenas um canto rasgado da redação. A mulher leu o primeiro parágrafo em silêncio, ficando vermelha aos poucos.

Echo continuou ajoelhada onde estava, como um animal assustado diante de um predador. Se ela não se mexesse, talvez o monstro não a visse. Mas o monstro sempre a via, sempre a encontrava, não importava o que fizesse.

A voz da mãe assumiu um tom grave e ameaçador.

— É desse jeito que você me vê? — Ela jogou o papel no chão. Em uma espécie de câmera lenta cômica, ele desceu flutuando, flutuando.

Tênis surrados se aproximaram.

— Você acha que é melhor do que eu? — O pé de sua mãe tomou impulso e acertou Echo bem no estômago. Seus pulmões ficaram sem ar e ela protegeu as entranhas com o braço. Fazia anos que alguém não a chutava daquele jeito, mas seu corpo se lembrava da dor e da humilhação profunda. Passos se retiraram para a cozinha. Garrafas foram exploradas na geladeira. Uma delas foi aberta. — Eu li seu diário — a mulher afirmou. — Você acha que seu príncipe vem te salvar? Seus amigos imaginários com penas na cabeça? — A voz dela já estava ficando mais grave, mais perto. Echo se encolheu como sempre fazia. — Você não é nada. Tá me ouvindo? Nada. E nunca vai ser nada

além de...

Echo ouviu a primeira sílaba de um nome na boca de sua mãe. O nome antigo. Aquele que ela tinha abandonado.

Eu não sou aquela menina.

Outra voz, a mesma que havia assombrado seus sonhos, perguntou: *Então quem é você?*

Ela não olhou nos olhos da mãe ao se levantar. Não reagiu ao nome que não chamava mais de seu. Essa vida de medo, mágoa e isolamento não era dela. Essa casa não era dela. Esse monstro já havia sido derrotado, não por um cavaleiro empunhando uma arma como em suas histórias, mas pela decisão de fugir. E Echo tinha ido embora. Nada disso era real; era uma ilusão criada pela magia a partir de material bruto que a montanha havia encontrado entre suas lembranças. Mas de uma coisa ela tinha certeza.

Eu sou uma espada.

Ela se levantou e a vida que não lhe pertencia se desintegrou como papel queimado.

TRINTA E SETE



A MÃE DELA TINHA SUMIDO. Assim como a mesa de centro, o papel de parede descascado, a pilha de formulários de inscrição para faculdades e toda a sala.

Devagar, Echo se ajoelhou, exausta. Livrar-se das amarras das alucinações tinha sido mais difícil do que ela imaginava. Ela estava de joelhos no meio da Quinta Avenida, entre as ruas 42 e 41, bem em frente à biblioteca. Seus instintos gritavam para que corresse, saísse do caminho antes que um taxista impulsivo passasse por cima dela. Mas não havia nenhum carro em movimento. Poças de um líquido preto e brilhoso se acumulavam sob as carcaças de veículos enferrujados que abarrotavam a rua. Fumaça com cheiro de petróleo pesava no ar. As janelas dos prédios dos dois lados estavam escuras, com todas as luzes apagadas apesar de estar anoitecendo. As nuvens eram cinza, mas não o cinza que anuncia a chegada de chuva; era como se alguém tivesse chamuscado o céu. Os leões de pedra branca ao lado da escadaria que levava à entrada da biblioteca estavam prateados por causa da sujeira. Um deles não tinha mais a cabeça. Fazia um silêncio mortal. Nenhuma alma à vista. Quando Echo se levantou, seu pé esquerdo ficou preso em alguma coisa. Ela olhou para baixo. Era a placa de um carro, mas não uma nova. Esta era velha e um dia já tinha sido branca, embora a camada de fuligem que a cobria dificultasse a identificação dos números. No meio da sujeira, uma silhueta vermelha da Estátua da Liberdade a encarava, com a tocha para o alto, e letras maiúsculas em azul exibiam orgulhosas as palavras NOVA YORK.

Os arredores eram tão reais quanto a casa onde estivera, e tão falsos quanto. Os pequenos detalhes entregavam. A placa de carro incorreta. As faixas com quadriculado preto e branco nos táxis amarelos que tinham sido abandonados em ângulos aleatórios por toda a avenida, como se os motoristas e passageiros tivessem fugido a pé apressados, para longe do que quer que tenha causado tanta destruição na cidade. Os táxis de Nova York não exibiam faixas

quadriculadas havia tempos. Echo nem lembrava desde quando.

Nada daquilo era real. Mas o cheiro... Meu Deus, aquele cheiro era bastante real. Echo cobriu o nariz com a mão, mas aquilo só ficou pior. Alguma coisa lisa e grudenta passou da mão dela para o rosto. Ela olhou para baixo e sentiu subir pela garganta uma bile pungente e ácida. Sangue cobria suas mãos. Um tanto dele já era velho e estava ressecado, escurecendo ao oxidar com o ar rançoso, mas o resto era fresco e em cor viva. Ela cambaleou para trás, com as mãos levantadas à frente como se pertencessem a um estranho, mas ela não podia fugir de si mesma.

— É muita ousadia sua voltar aqui.

Echo girou, olhando para a esquerda e para a direita em busca de seu interlocutor. Detrás de um enorme ônibus virado de cabeça para baixo surgiu uma figura com um fuzil pendurado no pescoço. Um capuz escondia seu rosto, mas a voz — feminina — parecia familiar. Familiar, mas um pouco estranha, da mesma forma que o resto da alucinação. Era do jeito que tinha que ser. Era a montanha, pregando mais peças.

A interlocutora se aproximou com cuidado, como se esperasse um ataque de Echo a qualquer momento. Echo levantou as mãos ensanguentadas, com as palmas estendidas para mostrar que não pretendia lhe fazer mal.

— Quem é você? — perguntou Echo. — O que aconteceu aqui?

A interlocutora parou. A cabeça encapuzada se inclinou para o lado. Uma mão enluvada pegou o fuzil para ficar de prontidão, mas não apontou para Echo. Ainda não, pelo menos.

— Por favor — disse Echo. Ela abaixou as mãos devagar. Pensando bem, mostrá-las ensopadas de sangue talvez não tivesse sido uma ideia tão boa assim. Ela não sabia de quem era o sangue ou como tinha ido parar em suas mãos, mas, se viesse de algum amigo dessa pessoa, talvez fosse melhor não o mostrar de forma tão clara. Mais uma vez, ela perguntou: — O que aconteceu aqui?

Um espiral de fumaça surgiu de um emaranhado de metal ao lado do ônibus. Talvez fosse uma moto, mas estava tão destruída que era difícil dizer. A interlocutora deixou o silêncio pairar sobre elas por alguns tensos minutos e depois se moveu. Ela levantou a mão até o capuz e descobriu a cabeça. As penas brancas estavam manchadas de suor e poeira, mas ainda brilhavam muito em meio às ruínas do centro, apanhando a débil luz ao redor delas como se fossem flores desesperadas pelo sol. Ivy encarou Echo com um olho preto.

O outro não estava mais lá, substituído por uma massa de tecido cicatrizado. Marcas de queimadura dominavam o lado direito do rosto dela, e as penas perto das têmporas estavam escurecidas pela fuligem.

— *Você* foi o que aconteceu aqui.

— Ivy? — Antes que Echo pudesse dar um passo à frente, o fuzil já estava apontado direto para seu peito. Ela ficou paralisada. — Seu olho... Eu não entendo.

Os lábios de Ivy formaram uma careta.

— Isso é algum tipo de piada pra você? — Ela apoiou o cabo do fuzil no ombro. — Já não nos fez mal o suficiente?

— Eu não... — Echo balançou a cabeça. Tinha que sair daquele lugar, mas não conseguia avistar nada nas proximidades que parecesse ser uma saída viável daquele sonho ou alucinação ou visão ou o que quer que fosse aquilo. A montanha estava tentando lhe ensinar algo. Aquela loucura tinha um método, mas Echo não pretendia desvendá-lo. Tudo o que queria era uma forma de deixar aquele show de horrores para trás. Aquela não era sua Ivy. Ivy carregava ervas e emplastros, não armas de alta potência. Ivy era uma curandeira. Não... o que quer que essa Ivy tivesse se tornado. — Onde está todo mundo? Onde está Rowan?

— Você o matou. — O cano do fuzil baixou alguns centímetros, como se tivesse ficado pesado demais para a Avicen segurar. — E Caius. E Jasper. E Dorian. Você destruiu cada pessoa que tentou te impedir. Eu era a última pessoa que ainda acreditava que você poderia ser salva. — Ela levantou a arma, com o vigor renovado. — Não vou cometer esse erro outra vez.

Antes que Echo pudesse implorar, argumentar ou tentar explicar, Ivy apertou o gatilho. A bala rasgou a carne e os músculos do abdômen de Echo, e o impacto a derrubou. Ela pressionou a barriga. Seu próprio sangue se misturou ao que estava em suas mãos, mas o que jorrava de seu corpo não era vermelho. Era preto. Como petróleo. As botas pisavam no cascalho e em pedaços soltos de metal. Echo se esforçava para manter os olhos abertos. Ivy entrou em seu campo de visão e agigantou-se sobre ela, com o cano do fuzil apontado para o rosto dela. Echo abriu a boca, mas suas palavras foram afogadas por um punhado de sangue. Ela sentiu seu poder pulsando em unísono junto do se coração: ela poderia conjurá-lo. Estava ali, fervendo sob sua carne. Mas ela não machucaria Ivy. Ela *nunca* machucaria Ivy, não importava o que essa versão de pesadelo de sua melhor amiga lhe mostrasse.

Echo não era um monstro capaz de machucar as pessoas que amava.

Ela não era.

Ela não era.

Era?

— E disseram que era impossível te matar. — O tom de Ivy não trazia nenhuma emoção, seu olho bom estava tão morto quanto sua voz. — Vamos ver se isso resolve.

Mais uma vez, Ivy apertou o gatilho. Uma eternidade foi comprimida no espaço de um único segundo. A explosão do tiro. O cheiro da pólvora queimando. Desta vez, Echo não sentiu dor quando a escuridão a engoliu.

TRINTA E OITO



A LUZ, FORTE E VINGATIVA, queimava os olhos de Echo quando ela saiu do vazio, caindo de joelhos sobre a terra batida e a grama seca com um doloroso estrondo. Os dedos dela afundaram na terra, agarrando grama e folhas mortas, enquanto ela ofegava, uma respiração profunda e trêmula. O mundo girava e os olhos dela ardiam.

Ela sentiu o poder crescer dentro do próprio corpo, estimulado pela ansiedade. Ela não conseguia contê-lo. Era como tentar fechar as comportas depois que uma onda já havia passado por elas. Fogo fluía de suas mãos, chamuscando a terra e correndo em volta dela, formando um círculo. Os olhos dela lacrimejavam e se esforçavam para focar enquanto ela olhava ao redor. Ela estava em uma sala que parecia uma caverna, com duas passagens arqueadas. A de trás devia ser por onde passou depois de sair do pesadelo. O vasto espaço resplandecia com o fogo de Echo. Veios de minério de prata ondulavam pelas paredes de pedra bruta como se fossem um enorme sistema circulatório. Um brilho débil emanava da prata, como se tivesse sido aceso por alguma magia estranha. O som da respiração dela reverberava pelo espaço, somando-se ao zumbido baixinho de sussurros que Echo não tinha parado de ouvir desde as primeiras horas de descida.

No centro da sala, havia uma fonte gigantesca, com a base cheia de uma terra escura e viva, e ervas daninhas avermelhadas que cresciam a despeito da falta de luz solar. Pequenas gotas d'água pingavam dos olhos de uma fera de pedra empoleirada na base, com as pernas abertas sobre ela e a cabeça inclinada para baixo, como se estivesse se lamentando. Não era nem pássaro, nem dragão; tinha as características das duas criaturas. As asas abertas eram cobertas por penas entalhadas com tanta perícia que pareciam flutuar ao vento. Grandes garras afiadas seguravam-se na base. Escamas cobriam as pernas e o torso da criatura, misturando-se com perfeição ao colar de penas no peito. Apesar dos caninos serem tão longos e mortais quanto os de um tigre-dentes-

de-sabre, havia uma melancolia insuportável em seu semblante.

Quem é você?

O sussurro vinha de todos os lados ao redor dela, dito não por uma, mas por centenas, milhares de vozes.

— Eu não sei — Echo respondeu, com voz suave e rouca.

O que é você?

— Eu não sei — ela repetiu.

Mas ela sabia. Ela não era uma garota. Não aquela que tinha morado naquela casa horrorosa, nem a que havia se estabelecido na biblioteca, nem a que tinha conhecido por acaso uma raça de seres mágicos debaixo das ruas de Nova York. Ela era mais do que aquilo, e menos. Ela era o pássaro de fogo. Ela era uma criatura. Ela era um monstro. Não importava se tinha fugido de sua infância. Ela havia deixado um lar feito para transformá-la em algo sombrio, e as sombras não aceitariam ser negadas. O passado tinha preparado Echo para a corrupção, e a força cósmica que corria em suas veias achou uma semente que podia ser regada. O pássaro de fogo não era bom nem mau, a Ala havia dito isso muitos meses antes quando Echo descobriu a existência dele, antes que sua jornada a trouxesse até ali. A natureza dele era ambígua, determinada pela natureza de seu veículo. E Echo agora sabia a verdade. Mesmo se vencesse uma batalha contra seus demônios, ela ainda estaria perdendo a guerra.

O fogo continuou a queimar ao redor, e ela não tinha como impedi-lo.

TRINTA E NOVE



QUANDO CAIUS EMERGIU DA ESCURIDÃO, a visão que surgiu fez seu coração doer ainda mais do que já doía. O resíduo do que tinha testemunhado — do que a montanha tinha lhe mostrado — grudou nele como o fedor da fumaça depois de um incêndio. Ele espantava as memórias enquanto se concentrava na garota à sua frente.

Chamas de luz e sombras dançavam ao redor da forma encolhida de Echo. O rosto dela estava enterrado entre os joelhos, e, mesmo com o crepitar do fogo, ele ouviu a respiração trêmula, entremeada por um eventual soluço. O fogo ondulava no ritmo da respiração irregular dela.

— Echo? — ele chamou baixinho.

Ela nem olhou para ele ao dizer:

— Me deixe em paz.

Ele parou, lembrando-se dos horrores pelos quais havia acabado de passar.

— O que você viu?

Echo fungou e balançou a cabeça.

— Não quero falar sobre isso. — O fogo continuava a arder. — Não consigo controlar. — Ela abraçou os joelhos com mais força. — Não consigo fazer com que vá embora, não importa o quanto me esforce.

Ela fechou os olhos bem apertados para se concentrar. O fogo ao redor dela começou a enfraquecer, mas pequenas chamas continuavam a queimar, deixando o chão com manchas no formato de um círculo.

Caius tentou dar um passo à frente; Echo não se queixou, então ele foi até o limite das chamas. Ele não conseguiria avançar mais a não ser que ela permitisse. Se é que ela *conseguia* permitir.

— Você é mais forte do que isso — ele disse. — É você quem controla seu poder. Ele não te controla.

Ela balançou a cabeça mais uma vez e um som áspero despontou de seu peito. Caius demorou um pouco para reconhecer aquilo como uma gargalhada,

embora fosse amargurada e vazia.

— Eu não sou forte — ela disse. — Sou uma covarde. Tudo o que faço é fugir. — Ela olhou para as próprias mãos. — E agora sou um monstro. Não consigo fugir disso, não importa o quanto me esforce. — Enquanto ela falava, o volume de sua voz aumentava, junto com o fogo.

Caius foi forçado a recuar ou se queimaria.

— Não — ele disse. — Não é. Eu não sei o que viu, mas você não é monstro nenhum.

Ela olhou de relance para o fogo em volta. As lágrimas em suas bochechas cintilavam com o brilho das labaredas.

— Eu sou — ela disse. — Serei. Eu vi.

Deuses, o que Caius não daria para cruzar a barreira de chamas e abraçá-la. Ela forçava a voz, como se estivesse se enrolando sobre si, tentando forçar as partes selvagens de seu próprio ser a entrar em uma jaula pequena demais para contê-las.

— Você não é — ele disse. — Você é tão boa, Echo. Melhor do que qualquer um que já conheci.

Ele olhou fixo para os olhos dela, e por um mísero segundo, foi como se Rose olhasse para ele através dos olhos castanhos de Echo. Foda-se o fogo. Ele se aproximou do círculo, e Echo tentou avisar para que ficasse longe, a voz áspera pelo desespero.

— Por favor, Caius. Não consigo parar. Não quero te machucar.

— E não vai. — Ele deu um passo à frente, livre de dúvidas. No instante em que seu pé cruzou a barreira que os separava, as chamas morreram. Ele não se queimou. — Viu? Você não é um monstro. Você se importa com as pessoas. Profundamente. Isso significa que faria tudo que pudesse para manter as pessoas com quem se importa a salvo.

Ele se sentou perto dela, tanto que os joelhos dos dois quase se tocaram, e estendeu o braço. Depois de hesitar por um instante, ela se arrastou para perto, recostando-se nele e aconchegando a cabeça debaixo do queixo do Drakharin. Sem lágrimas, sem soluços torturantes. Só um pequeno aperto na respiração e os ombros tensos indicavam que ela estava apreensiva.

— Sinto muito — ele disse, encostado no cabelo dela. — Você não deveria ter que carregar esse peso sozinha. Não posso carregá-lo para você, mas posso carregá-lo com você. — Echo tremeu nos braços dele, com mais um soluço reprimido. — Estou aqui — ele sussurrou, torcendo para que sua voz

pudesse tirá-la daquele tormento. — Eu estou aqui.

Cem anos perdidos se escondiam em seus lábios, mas ele deixou que ficassem ali, não ditos. Um século atrás, ele havia falhado com Rose. Não faria a mesma coisa com Echo.

Com um solavanco repentino, o corpo de Echo endureceu entre os braços dele. Ela levantou a cabeça, quase batendo no queixo dele.

— Rowan — ela disse. — Onde está Rowan?

Caius colocou uma mão na nuca dela como se tentasse acalmar um cavalo assustado.

— Ele teve que combater os demônios dele, da mesma forma que nós. — O semblante de Echo ficou melancólico ao se lembrar do que quer que tinha visto. Com uma confiança que não sabia ao certo se era verdadeira, Caius acrescentou: — Ele vai superar. Não o conheço tão bem, mas sei que aquele garoto é teimoso feito um boi.

Echo suspirou, estremecendo o corpo todo.

— Espero que ele esteja bem. Ele não devia ter vindo. É perigoso demais. — Ela esfregou o nariz na manga da camisa. — Como posso ser o que todos querem... não, o que todos *precisam* que eu seja, se não consigo proteger nem mesmo as pessoas que mais amo?

Caius a abraçou mais apertado.

— Você pode e será. — Ele apontou para o anel de fuligem, onde o fogo estava antes. — Você acabou de me proteger.

Echo se ajeitou e se virou para encará-lo, com a cabeça pendendo para o lado, como se o avaliasse. Ele percebeu, então, o que tinha acabado de dizer. Ela havia se referido às pessoas que amava, e ele se colocou entre elas. Ele podia ter tentado disfarçar as palavras que escolheu sem cuidado, mas não o fez. Uma parte dele — uma parte grande, era inegável — queria que elas fossem realidade.

Em silêncio, Echo estendeu a mão e passou pelo rosto dele. Os dedos dela desaceleraram ao acariciarem a pequena quantidade de escamas em suas bochechas. Passou a mão nas sobrancelhas, nas bochechas, pela linha da mandíbula. Era um toque sereno, tão leve quanto uma pena. Ela o tocava como se ele fosse algo precioso, como se fosse feito de todas as estrelas que ela nunca tinha conseguido ver em meio à poluição do céu urbano. Caius fechou os olhos e encostou na mão dela. Foi delicado, mas havia uma força ali. Ela era pequena, mas tão dura quanto aço.

— Caius? — A voz dela era tão suave quanto suas carícias.

Ele respondeu com um “hum”. Como ela não continuou, ele abriu os olhos. Ela o examinava, com uma expressão cautelosa.

— Você me ama?

Ele piscou. Desde o instante em que a conheceu, suas emoções tinham se tornado uma bagunça caótica, misturadas dentro dele como brinquedos de criança, mas ele não podia negar o que levava em seu coração. Não podia negar como seu pulso acelerava ao sentir o toque dela, ou como ficava com um nó na garganta quando ela dizia seu nome, ainda mais quando era de uma forma tão gentil e doce. A perda de Rose havia sido dura, e ele se resignara a uma vida vazia como consequência, mas Echo tinha se encaixado no buraco oco de seu peito e se aninhado ali, enchendo Caius de esperança por um futuro que era bem menos desanimador do que havia imaginado.

A resposta dele foi simples e sincera:

— Sim.

Echo respirou fundo e prendeu a respiração, e chamas brancas e pretas se materializaram no ar, em conjunção ao que ela estava sentindo.

— Eu não amei muitas pessoas na minha vida — ela disse. Ainda tinha o semblante fechado, hesitante, mas os olhos estavam puros e abertos.

— Nem eu.

— Para mim não é uma coisa fácil de dizer.

Caius estendeu a mão e tocou o rosto dela da forma que ela havia tocado o seu.

— Não precisa dizer nada.

Echo concordou, e ele acolheu o rosto dela na mão e envolveu sua cintura com o outro braço. Ele queria absorvê-la, beijá-la tão forte que a faria esquecer o próprio nome, mas não o fez. Esperou que ela tomasse a iniciativa. Echo se inclinou e esfregou o nariz no dele. Mesmo assim, ele não encurtou a distância entre suas bocas. Eles compartilharam o ar por vários agonizantes segundos, e a proximidade dela aumentava o calor que ele sentia na lombar. A súplica pairou sobre seus lábios até que ele não pôde mais suportar.

— Por favor — ele sussurrou.

O beijo foi doce como mel. Os lábios dela estavam rachados, mas ainda assim eram macios, e moveram-se contra os dele com uma lentidão torturante. Os olhos de Caius estavam fechados, e ele podia sentir o fogo ao redor deles crescendo enquanto o calor se espalhava.

Ele havia dito aquilo com sinceridade. Echo não precisava lhe dizer nada.
Ele já sabia.

QUARENTA



LOGO EM SEGUIDA, uma figura caiu pela abertura da qual Echo tinha emergido, caindo no chão tossindo e ofegante, de uma forma que ela conhecia mais do que gostaria. A pouca luz cintilava sobre as penas da cabeça de Rowan, dando-lhes um brilho forte como o do ouro. Ele estava com a mão na barriga e a outra segurando a cabeça, como se seu crânio fosse se romper. Murmurava algo bem baixinho, repetindo como um mantra.

Echo afastou as mãos de Caius e se levantou. O frio da caverna se embrenhou em sua pele. Ela não tinha notado como ele estava quente. Ela tremeu um pouco e se obrigou a ir na direção de Rowan. Quando chegou ao Avicen, caiu de joelhos ao lado dele, colocando a mão sobre seus braços. Ele se balançava para a frente e para trás, suas calças estavam manchadas de terra e ele soltava gemidos quase febris. Caius havia ajudado Echo a se recompor, e ela faria o mesmo por Rowan. Ela não se deu o direito de pensar no que Caius havia acabado de confessar. Já sabia, bem lá no fundo, o que ele sentia por ela. Mas aquele não era o momento para refletir sobre esse tipo de coisa. Pelo menos era nisso que ela preferia acreditar. Era um pensamento mais reconfortante do que admitir para si mesma que a intensidade do sentimento de Caius a assustava, não importava quanto. Ela era muito covarde para confrontar aquilo. Além disso, agora Rowan precisava dela. — Não é real — Rowan sussurrava rouco. — Não é real. Não é real. Não é real.

Echo pegou nas mãos dele e as puxou, pois ele estava começando a se arranhar. Ela as segurou com força e encostou a testa na dele.

— Isso mesmo — ela disse, balançando junto com ele. — Não é real. Isto aqui é real. Eu sou real.

Rowan se contorceu, depois se afastou com os olhos arregalados de medo.

— Echo? — ele perguntou. Parecia tão jovem, tão assustado.

Ela segurou as mãos dele, não permitindo que ele se afastasse por completo.

— Sim — ela respondeu. — Sou eu. — Ela colocou uma das mãos dele

sobre seu rosto. — A Echo de sempre.

Ele segurou o rosto dela como se fosse feito de vidro, passando os dedos pela face com reverência.

— Você está viva. — Parecia mais um questionamento do que uma declaração.

Ah. Ah. Aquele tinha sido seu pesadelo. A morte dela. Ela sabia como a magia da montanha podia ser criativa com as visões que invocava. Deve ter sido terrível. Só pode ter sido, para deixá-lo daquele jeito.

— Eu estou viva — ela afirmou. Galhos racharam e pedras se espalharam quando Caius se afastou um pouco de onde estavam Echo e Rowan. Talvez ele estivesse dando um momento de privacidade para os dois. Talvez só não conseguisse vê-los daquele jeito, envolvidos como se o restante do mundo não importasse. Como se *ele* não importasse. Ainda mais levando em consideração o que tinha acabado de acontecer entre ele e Echo.

Com muita relutância, Echo soltou Rowan. Ele a largou com uma resistência mínima. Ela se levantou, limpando terra dos joelhos. Rowan se recompôs e a seguiu. Seus olhares se encontraram, depois se desviaram depressa. Ela pensou no beijo que eles haviam trocado em Avalon, na sensação do abraço dele, da cócega que as penas dele faziam em seu rosto. Pela cor que surgia no rosto dele, Rowan estava pensando na mesma coisa. Ela se virou e foi na direção de Caius, que olhava para a estátua, rígido e imóvel como pedra. Quis se desculpar por tê-lo deixado de lado por Rowan, mas tinha a sensação de que aquilo só deixaria tudo pior.

Ela ficou olhando para a estátua para não precisar encará-lo ao perguntar:

— O que você viu?

Ele ficou em silêncio por um instante, até que disse:

— Não quero falar sobre isso.

Ele se afastou, contornando a estátua como se não suportasse ficar perto dela. Echo não deixou de notar que ele também não tinha conseguido encará-la.

QUARENTA E UM



CAIUS SENTIU O OLHAR DE ECHO SOBRE ELE ao dar a volta na fonte, mas ela não tentou persuadi-lo a falar. Ela o deixou ir e guardou para si quaisquer objeções que tivesse. Ele havia dito que a amava. Aquilo parecia mais impossível do que a existência de uma caverna mágica do medo escondida dentro de uma montanha esquecida havia muito tempo. Ele foi burro. Mais do que burro. Foi um momento de fraqueza, ele disse para si, motivado pelo que tinha acabado de testemunhar. Mas nem ele era capaz de acreditar naquilo.

O que ele havia visto naquela caverna... Um mar de chamas tão infinito quanto o próprio universo, queimando cada centímetro de sua pele, o som dos gritos de Rose perfurando seus ouvidos. Era um pesadelo que ele conhecia bem, e essa tinha sido sua única salvação. Ele já havia se livrado daquela agonia específica antes, em seus sonhos. Mas ele tinha se salvado de reviver a perda de um amor somente para sofrer com a antecipação da perda de outra pessoa que havia ocupado um lugar para si em seu coração — que não estava tão morto quanto ele acreditava.

Nos meses que sucederam os acontecimentos da Floresta Negra, confinado em um espaço pequeno com Echo, Caius havia se permitido acreditar em algo que ele pensava ter abandonado: otimismo. A respeito de si mesmo. A respeito de Echo. A respeito do futuro dos dois. Não necessariamente compartilhado, mas o de seus respectivos povos. E talvez, se ele se permitisse um momento de sinceridade brutal, ele queria acreditar em um futuro para si que a envolvesse também. Mas eles estavam em uma bolha voluntária, condenada a explodir em algum momento.

Agora Echo tinha Rowan. Rowan era uma boa alma, disso Caius sabia, por mais que lhe doesse admitir. E o rapaz não carregava o peso de um século de coração partido. Carregar aquele fardo havia deixado Caius frágil, como se seu coração tivesse morto dentro do peito depois de anos de maus-tratos e esquecimento. Echo merecia algo melhor. Os deuses sabiam que ela já tinha

fantasmas o suficiente sem contar Caius.

Ele precisava se concentrar na tarefa em mãos. Questões do coração podiam esperar. Ele se aproximou mais da estátua, observando com atenção a cabeça abaixada da fera. Perfurados no canto de seus olhos havia dois pequenos buracos por onde a água fluía, umedecendo a terra na base da fonte com as lágrimas da criatura. Até mesmo o sussurro dos fantasmas da montanha tinha um tom mais pesaroso na presença da estátua, como se eles também tivessem sofrido uma grande perda. Havia certa santidade naquele espaço, como se eles estivessem nas ruínas de um templo.

— Caius, olhe. — Echo apontou na direção da borda da piscina. Ela tinha superado o momento que haviam compartilhado antes de Rowan aparecer com tanta facilidade que o deixava sem jeito. Porém, não falou nada, e olhou para onde ela apontava. Curvados em volta da circunferência da fonte estavam símbolos rúnicos na mesma linguagem ancestral que o livro na galeria do Iluminismo do British Museum. Era a forma escrita da língua em que os fantasmas gritaram quando Echo tocou a pintura feita de sangue. Ela se ajoelhou, segurando a tocha no alto. — O que isso significa?

Caius se juntou a ela, apoiando os joelhos na base da fonte. Retirou as delicadas folhas vermelhas caídas sobre a lateral. Com respeito, passou os dedos sobre as linhas da primeira frase.

— *Enu sutagan* — ele leu. — “Ele destrói.” — Ele passou para a frase seguinte. — *Enu kamalan*. “Ele salva” ou “ele protege”. Como eu disse, minha fluência nessa língua está um pouco enferrujada. A conjugação verbal se parece com a do drakhar, mas o vocabulário é completamente diferente. Mais antigo que avicet. Um parente distante, eu diria.

— O que é esse “ele”? — Echo perguntou. Ela levantou o olhar até a fera de pedra, esculpida havia incontáveis séculos e deixada ali, chorando em sua piscina de terra. — É outra referência ao pássaro de fogo ou...?

Caius só conhecia um ser que possuía tanto penas quanto escamas, que não era somente Avicen nem Drakharin, mas ambos: a Oráculo, uma Profeta ancestral que havia sobrevivido a guerras e desastres e à passagem do tempo, até ser morta pelo fogo de Tanith. Sua vontade era de pegar sua irmã pelos ombros e lhe dar uma bela sacudida. A Oráculo era a única fonte de informação sobre um passado tão longínquo que a maioria de seus documentos escritos havia se perdido, e Tanith havia acabado com sua longa vida em um acesso de raiva.

— Não sei — Caius respondeu. Que odiosas eram aquelas duas palavras.
— Poderia ser uma referência à profecia, mas é um tanto quanto vago.

Echo suspirou.

— Estou de saco cheio dessas profecias.

Caius concordava plenamente.

— O que são essas coisas? — Rowan arrancou uma folha das ervas vermelhas que cresciam na fonte. Ele esfregou a fina folha entre os dedos, até formar uma pasta vermelho-cereja que manchou sua pele. Depois de alguns segundos, ele largou o que havia sobrado da folha como se estivesse pegando fogo e começou a limpar a mão na calça na mesma hora. — Que droga, isso queima. Ai. Bosta. Ai. — Ele cheirou a pasta vermelha que permanecia em sua pele. — E fede como a privada de Satanás.

Caius chegou mais perto das ervas daninhas, cuidando para não as tocar. Inteiras, não tinham cheiro de nada. O delicado caule se movimentou com o sopro de sua respiração.

— Como elas crescem aqui se não tem sol? — Echo se perguntou em voz alta. — Como qualquer coisa pode crescer em meio a essa escuridão?

— Eu já vi isso antes — Caius disse. — Chama-se erva-sanguínea. — Do bolso de trás, ele tirou um lenço subtraído dos pertences de Jasper no depósito. Uma voz na cabeça dele, bastante parecida com a de Echo, lembrou que “subtração” não passava de uma palavra sofisticada para roubo. Com o tecido protegendo a pele, ele puxou uma das plantas pela raiz, e dobrou o lenço sobre ela. — Mas nunca vi espécimes vivos, só ilustrações em textos antigos que encontrei durante minhas pesquisas. — Ele alternou o olhar entre a erva e Echo. As bochechas dela coraram, e o peito dele ficou apertado. Ela ficava vermelha com facilidade, assim como Rose. Echo inclinou a cabeça, sem dúvida se perguntando por que ele estava olhando tão fixo para ela. Ele pigarreou. *Foco, seu bobo apaixonado.* — Presumi que estivessem extintas, já que nunca encontrei nenhuma na natureza, pelo menos em nenhum lugar com luz. Mas talvez elas precisem da escuridão para crescer.

— Eu não sabia que botânica era uma de suas especialidades — comentou Echo, passando o dedo na borda do reservatório. Ela deu a volta na fonte, ficando mais perto de Caius a cada passo. Havia algo de sedutor na aparência dela à pouca luz. Os cabelos, que sempre foram de um castanho genérico, brilhavam com sombras cor de chocolate e reflexos caramelo. A pele, pálida por ter ficado confinada no depósito, estava radiante iluminada pela tocha. A

proximidade era quase sufocante. Associada ao peso da montanha que se impunha sobre eles, fez com que Caius sentisse uma claustrofobia súbita.

Ele deu de ombros. *Foco*.

— Não é. Mas, em um dos meus livros antigos, havia um desenho muito parecido com estas plantas. Eu os considerei insignificantes na época. Aqueles livros eram cheios de remédios à base de ervas para doenças comuns, a maioria deles derivados de crendices populares. Bebês com cólica, articulações reumáticas, intestinos irritáveis.

Echo franziu o nariz.

— Que nojo.

— Demais.

Ela ficou ao lado dele e examinou a erva que estava no lenço. A presença de Echo movimentou a lateral do braço de Caius, como se o calor do corpo dela fosse uma força palpável.

— Vamos pegar um pouco — Echo disse. Ela tirou as luvas do fundo da mochila. Caius segurou o lenço enquanto ela arrancou mais plantas e as colocou na palma da mão dele. Quando encheram o lenço, ela arrancou folhas de papel de um caderno e embrulhou ainda mais ervas em envelopes improvisados.

Rowan ficou observando, confuso.

— O que vocês estão fazendo?

— É uma planta misteriosa que nasce nas trevas. — Echo guardou o produto de sua pilhagem na mochila. — Talvez possa ajudar a combater as trevas também.

Caius queria ter a mesma fé que Echo. Talvez, ele pensou, aquele fosse o diferencial dela. Se ela fazia parte de uma profecia maior, destinada a colocar um fim em tudo aquilo que os afligia, então sua fé e a capacidade de acreditar em uma solução mesmo nas horas mais difíceis eram o que a tornavam um veículo digno de uma força como o pássaro de fogo. A estátua se agigantava sobre eles, observando os três com seus olhos chorosos.

— Por que isto foi deixado aqui? — Caius perguntou.

Echo parou o que estava fazendo.

— Para lembrar?

As palavras dela o remeteram a uma conversa que eles haviam tido havia uma vida, à sombra de uma escultura sem cabeça, antes das mãos de Echo ficarem manchadas de sangue. Foi a primeira vez que ele se permitiu notá-la:

sua força, sua beleza. Ele sacudiu a cabeça, tanto para apagar a lembrança quanto para discordar.

— Acho que não. Por que alguém construiria um memorial aqui? Nas profundezas de uma montanha, onde ninguém poderia vê-lo?

— Esperança — sugeriu Rowan em voz baixa. O brilho alaranjado da tocha aquecia suas penas fulvas, atribuindo-lhe uma auréola sobrenatural. — *Enubusana*. Ele voltou. Alguém deixou isto aqui para você.

— Mas por quê? — perguntou Echo. Ninguém tinha a resposta, nem mesmo os fantasmas que continuavam com seu coro infernal, cujas vozes espetavam a pele da nuca de Caius como um vento frio. — E por que nos fazer atravessar essa caverna apavorante para chegar até aqui?

— Nós tivemos que fazer por merecer — Caius disse. Ele ficou andando pela circunferência da gruta, procurando uma saída, enquanto Rowan e Echo enchiam a mochila dela com mais erva-sanguínea. A caverna parecia ser um percurso unidirecional. Caius passou a mão sobre o minério prateado que se entremeava à parede, tirando a rede de vinhas secas, quando, de repente, sua mão escorregou por uma abertura, escondida entre aquelas mesmas vinhas. Era um buraco na pedra cheio de escuridão. O vão parecia ter um tipo de força gravitacional própria, que atraía algo no fundo das entranhas de Caius. Era um magnetismo que o chamava, o intimava a se entregar a suas profundezas sombrias.

— Echo — ele chamou, resistindo à atração e se afastando. — Encontrei uma coisa.

Rowan segurava as tochas no alto enquanto Caius e Echo afastaram as vinhas que cobriam o buraco. Era estreito, mais ou menos a metade do tamanho de uma porta normal, e baixo, da altura dos ombros de Caius.

— Vai ser apertado — Rowan comentou.

Echo já estava tirando a mochila e a jaqueta.

— Não — Caius disse.

— Sim — Echo respondeu.

— Não — ele repetiu com mais firmeza, como se fizesse alguma diferença. A obstinação de Echo era tanto sua maior qualidade quanto sua perdição. Será que uma tática diferente funcionaria? Ele então disse com calma: — Por favor.

Ela parou, ainda com uma manga da jaqueta no braço, a outra arrastando no chão de terra.

— Eu vou primeiro — propôs Caius. — E você e Rowan vão em seguida.

Se houver alguma coisa lá dentro, quero ser o primeiro a encontrar.

— Ele está certo — Rowan disse. — Se houver um monstro lá dentro, quem vai ser comido primeiro é ele.

Não era bem a solidariedade que Caius gostaria, mas servia ao propósito. Echo não protestou mais. Ela devia ter testemunhado algo realmente terrível durante o teste para ceder tão fácil assim. Ao lado dela, Rowan via Caius se espremer pela abertura estreita de forma desinteressada. Se um monstro de fato esperasse do outro lado, Caius conhecia pelo menos uma pessoa que não lamentaria sua morte. Ele levou aquele pensamento alegre escuridão adentro, e, logo em seguida, desapareceu.

QUARENTA E DOIS



Eu volto para te buscar, Helios havia prometido. Sua voz carregada de uma esperança que só os jovens têm. Ivy já tinha ouvido aquele tom vindo de Rowan sempre que ele fazia alguma bobagem, o que era frequente. Ele havia usado aquele tom quando jurou que eles não se perderiam nos túneis abandonados sob a estação Grand Central da primeira vez que fugiram do Ninho para visitar Echo na biblioteca. Eles se perderam. Ele o havia usado quando jurou que iniciar um relacionamento com Echo — que Ivy descobriu quando os pegou se beijando no meio da rua como dois selvagens — não prejudicaria a amizade deles. Prejudicou. E agora ali estava Helios, outro garoto de aspecto jovem, fazendo promessas que Ivy não estava convencida de que ele poderia cumprir.

Promessas eram coisas muito delicadas, era fácil quebrá-las, mas às vezes uma promessa frágil era melhor que nada.

Dormir era uma ilusão. Sempre que Ivy fechava os olhos, via todas as formas com que o plano deles poderia dar errado. Os dois seriam presos, com certeza, e não em um quarto de hóspedes luxuoso com cama grande e macia. Ela ficou imaginando se Tanith a obrigaria a assistir ao interrogatório de Helios — sua tortura — do mesmo modo que a obrigou a testemunhar o sofrimento de Perrin. Se Tanith estivesse falando a verdade, Ivy tinha algum valor estratégico para os Drakharin, mas ela não poderia afirmar que era suficiente para neutralizar sua inevitável raiva.

Horas se passaram e o dia amanheceu, banhando o quarto com luz amarela. Ivy botou um cobertor nos ombros e observou os raios de sol se movimentando e reluzindo pela superfície do mar. Era uma bela vista, porém frágil. Ivy se enrolou mais ainda no cobertor e esperou.

E esperou.

E esperou.

Ela tentou se ocupar, mas havia poucas opções disponíveis em sua cela

luxuosa. Ela sentou e, quando se cansou de ficar sentada, começou a andar de um lado para o outro. Quando se cansou daquilo, sentou de novo e observou a noite cair lentamente.

— Pronta para correr?

Ao ouvir a voz sussurrada de Helios, Ivy se virou. Ele estava na porta, com uma mão na maçaneta e um manto azul-escuro na outra.

Ele havia cumprido sua promessa. Havia voltado para buscá-la. Sua fuga estava próxima.

— Tome — ele disse, oferecendo-lhe o manto. — Está frio lá fora.

Ivy vestiu o manto. Era macio, feito de lã, e tinha um leve cheiro de fumaça de madeira. Ela ficou imaginando se pertencia a ele.

— É seguro? — ela perguntou, como se não fosse ridículo fazer aquele questionamento. Com certeza não era seguro, mas a parte primitiva de seu cérebro, que temia violência e agressão física, precisava de algum tipo de garantia.

— Na medida do possível, sim — respondeu Helios. — Tanith saiu com um pequeno batalhão de Dragões de Fogo há mais ou menos uma hora. Não sei quanto tempo ela vai ficar fora, mas a maior parte dos guardas está jantando no refeitório. É hora da troca de turno, então nosso espaço de tempo é curto, mas temos um. — Ele tirou uma garrafinha do bolso de trás e tomou um gole generoso. Limpou a boca na manga e ofereceu a garrafinha a ela.

Ivy recusou com educação, mas ele levantou a sobrancelha como se perguntasse de novo, e ela cedeu. Não sabia o que havia no recipiente, mas desceu queimando, abrasando seu esôfago com sua potência. Era forte. Helios parecia um pouquinho orgulhoso. Ivy devolveu a garrafa e se preparou para o que viria.

— Vamos nessa — ela disse.

A fortaleza era uma prova do fascínio dos Drakharin pelo mito da criação. Um corredor tinha um mural de uns quinze metros de comprimento e mostrava a evolução da raça, dos dragões primitivos que cuspiam fogo até figuras altas e elegantes, cuja única conexão com o passado eram escamas superficiais.

— Espere! — Ivy segurou a mão de Helios, puxando-o para um quatinho habitado por uma grande estátua de um dragão alado.

Ela não se lembrava de qual dos dois havia estendido o braço primeiro, mas sentiu a mão quente dele conduzindo-a pelos corredores vazios da fortaleza.

Ela suspeitava de que ele precisava daquele conforto tanto quanto ela. Até então, não tinham encontrado ninguém — ela enfim havia lhe contado sobre o túnel — e, ainda que ela quisesse que continuasse assim, sabia que havia mais trabalho a ser feito antes que ela pudesse fugir.

Ele ficou surpreso, como se ela tivesse perdido a cabeça. Talvez tivesse. Eles estavam em um corredor acarpetado com veludo grosso cobrindo as paredes de pedra fria, que parecia absorver o sussurro de Ivy. Outro pequeno conforto no ninho de víboras de onde eles logo escapariam. Se tudo desse certo.

— Você está louca? — Helios perguntou. — Ou só é suicida? Porque eu não pretendo morrer hoje, e você está complicando esse plano. Tanith pode voltar a qualquer momento, e eu vou te tirar daqui, você querendo ou não.

— Não — Ivy sussurrou. — Eu vim aqui com uma missão, e vou cumpri-la, *você querendo ou não*. — Ela endireitou as costas e tentou passar a imagem mais imponente possível.

— Não estou gostando disso — argumentou Helios. Ele espiou do lado de fora do quartinho como se tivesse escutado alguma coisa, mas, depois de alguns segundos de silêncio, voltou a atenção para Ivy. — Não estou gostando nem um pouco disso. — Os cantos de sua boca se elevaram. — Mas não importa. Qual é o plano?

— Preciso encontrar um livro. Um livro de Caius. — Ao ver a expressão confusa de Helios, Ivy acrescentou: — Um livro muito importante que pode conter informações que nos ajudariam a combater o monstro gigantesco e assustador que destruiu o Ninho.

Helios acenou devagar com a cabeça, como se estivesse lidando com uma lunática.

— Tanith está usando o gabinete do Príncipe Dragão. — Após um segundo, ele esclareceu: — Do antigo Príncipe Dragão. Todos os livros dele estão lá.

— Me leve a esse gabinete. — Ivy injetou cada grama de confiança que conseguiu reunir em sua voz, mas não conseguia deixar de pensar nas consequências do fracasso. Na melhor das hipóteses, ela encontraria informações que se provariam úteis, algo que pudesse levar para Avalon e ajudar os feridos. Na pior, ela e Helios seriam capturados e mortos. Era uma escolha perigosa, essa de ficar quando deveria ir, mas algumas escolhas não eram escolhas de fato. Ela já tinha feito a dela antes mesmo de embarcar nesta aventura. O ponto sem volta ficara para trás havia muito.

Uma série de emoções passou pelo rosto de Helios: profunda incredulidade; resistência obstinada; depois, por último, um relutante respeito.

— Tudo bem — ele disse, pegando a mão dela. O contato deu um pouco mais coragem a Ivy. — Mas, se a gente morrer, meu fantasma vai atazanar a vida do seu fantasma no além.

Ivy caminhou com cuidado em meio a montanhas de livros. Alguns estavam empilhados em torres tortas no chão, outros estavam espalhados por cadeiras de couro e mesinhas de mogno, com as lombadas abertas onde páginas haviam sido arrancadas. A enorme mesa no centro da sala estava lotada de papéis, tanto desbotados pelo tempo quanto marcados com tinta fresca. Ivy vasculhou a bagunça, caçando livros que contassem um plano perfeito, infalível, para derrotar um monstro composto por sombras e sofrimento. Mas ela não tinha a mínima ideia de como seria tal volume.

— Não temos muito tempo — Helios sussurrou. Ele estava com um pé no gabinete e outro no corredor, mantendo vigília. — Você precisa se apressar.

— Eu sei, eu sei — disse Ivy, remexendo a bagunça em busca de alguma coisa, qualquer coisa, que justificasse sua ida à fortaleza. O arrependimento tomou conta dela. Aquela tinha sido uma péssima ideia. A pessoa que havia pensado nela merecia ser castigada.

Quase no mesmo instante em que ela começou a perder as esperanças, encontrou: um livro sobre o pássaro de fogo. Sua capa vermelha de couro desgastado tinha um pássaro gravado em dourado, com as asas abertas para mostrar as penas se transformando em fogo. O livro foi deixado aberto em uma página toda marcada com tinta vermelho-sangue. A ilustração da página, no entanto, não era de um pássaro de fogo. Nem de um pássaro qualquer. A figura parecia um dragão feito de fumaça e sombra. Bem como Echo havia descrito o kuçedra. Ivy folheou o livro. Havia ilustrações menores e mais rudimentares do que pareciam batalhas e pilhas de cadáveres, todos com a fera sobrevoando tal qual um deus maligno. Ela virou uma página e perdeu o ar quando sua mente compreendeu os desenhos grosseiros. Viu figuras deitadas, como se estivessem mortas, com os membros marcados com veias enegrecidas. Como a Ala. Como todos os outros feridos pelo kuçedra. Na página seguinte, outra figura rudimentar debruçava-se sobre uma das formas deitadas com um punhado de ervas vermelhas na mão. Depois, as figuras antes moribundas levantavam do leito de morte, os corpos livres das veias pretas.

Ivy passou os olhos sobre a página, com esperança fervilhando até a superfície. Havia uma cura. Eles podiam ainda não saber como combater o kuçedra, mas a doença que ele causava podia ser curada. Só um pequeno problema: o texto inteiro estava escrito em drakhar.

— Helios, vem cá — ela chamou com um sussurro. Ele foi. Ivy pegou o livro, apontando para a passagem sob a ilustração com as plantas vermelhas. Eles não podiam demorar, mas a curiosidade era mais forte que ela. — O que está escrito aqui?

Helios sacudiu a cabeça, apertando os olhos para ler a página, como se tentasse invocar seus segredos.

— Não faço ideia. Esse tipo de escrita do drakhar é antigo. Muito mais velho que eu. Os Drakharin não usam esse alfabeto há séculos.

Uma terceira voz os interrompeu.

— O que, em nome dos deuses, está acontecendo aqui?

Ivy fechou o livro e se virou. Dois Dragões de Fogo tinham entrado no gabinete, silenciosos como gatos, mesmo de armadura. Olhares desconfiados se alternaram entre ela e Helios. Aquilo não era nada bom. Nada, nada bom.

— Relaxem — Helios disse ao se aproximar deles devagar, com as mãos levantadas para mostrar que estava desarmado. Ivy não sabia ao certo se estar desarmado era a melhor coisa que poderia acontecer a eles naquele momento. Ela agarrou o livro com força, não deixaria que eles o tomassem a menos que ela morresse antes. Mas, como de costume, ela já tinha sido excluída como ameaça, e nenhum dos Dragões de Fogo parecia interessado em um livro roubado.

Um dos Dragões de Fogo apontou com a cabeça na direção dela.

— O que a passarinha está fazendo fora da gaiola? — ele perguntou em inglês, não em drakhar. De certo só para provocá-la.

Helios diminui a distância entre ele e os Dragões de Fogo, caminhando lentamente na direção deles, como se não estivesse preocupado com nada.

— Bem, sabem, o negócio é o seguinte... — Ele deu um soco no queixo de um dos Dragões de Fogo e ouviu-se o terrível som de ossos quebrando. O outro reagiu, mas era lento demais. Helios tirou a espada da mão dele, mas o Dragão de Fogo logo se recuperou e deu uma gravata em Helios. Os dedos de Helios arranhavam o braço em seu pescoço e seu rosto estava ficando de um tom alarmante de vermelho.

Havia uma pequena escultura em forma de dragão segurando alguns papéis

sobre a mesa. Parecia pesada o bastante para causar sérios danos se utilizada do jeito certo. Ivy segurou o livro com uma mão e agarrou a estátua com a outra. Ela concentrou toda a força que tinha e bateu no capacete dourado do Dragão de Fogo com a estátua. Ele gemeu e afrouxou o golpe, permitindo que Helios escapasse. O Dragão de Fogo desmoronou no chão ao lado de seu também inconsciente parceiro.

— Minha nossa! — Ivy exclamou, colocando a estátua de volta na mesa. O capacete do Dragão de Fogo ficou amassado onde ela o acertou.

Helios passou as mãos na garganta e deu um sorrisinho para ela.

— Não sabia que você tinha essa força toda.

Ivy olhou para as mãos, chocada. Parecia que elas pertenciam a um estranho.

— Nem eu.

Helios pegou uma faca pequena do cinto de um dos Dragões de Fogo caídos. Pela primeira vez, Ivy notou quantas lâminas ficavam ocultas naquelas armaduras. Ela imaginou que o elemento surpresa, não importa o que fosse, deixava até as armas mais afiadas inúteis. Helios entregou-lhe a faca.

— Para o caso de você precisar — ele disse.

Ivy aceitou a lâmina, mas seus dedos tremiam. Ela era uma curandeira, e não uma guerreira. Acertar alguém na cabeça era uma coisa... Mas esfaquear uma pessoa? Sentir o aço cortar a carne de alguém enquanto o sangue se esvai? Era algo completamente diferente. Ela não queria ser o tipo de pessoa capaz disso, porém, enquanto Helios a conduzia pela fortaleza, ela começou a pensar que ouvir sua consciência era um luxo ao qual ela não podia mais se dar.

QUARENTA E TRÊS



O TERRENO LAMACENTO DA FLORESTA dava lugar a pedras e areia à medida que se aproximava da costa. A fachada imponente da Fortaleza do Dragão já era visível, avultando-se ao longe como um ponto mais escuro em contraste com o céu noturno, com algumas janelas iluminadas pela luz de lareiras e velas. Havia um afloramento rochoso que os esconderia quando chegassem à abertura do túnel que Dorian havia instruído Ivy a procurar, mas, antes, precisavam chegar até lá.

Dorian agradeceu aos deuses pela onda de boa sorte quando chegaram a um pequeno riacho que marcava o ponto a partir do qual estariam dentro da área de alcance dos arqueiros que faziam guarda nas muralhas da fortaleza. Quinn e Jasper pararam ao lado dele.

— Daqui em diante, eles podem atirar em nós — Dorian disse.

— Então esta é a zona de perigo? — perguntou Jasper, olhando para o riacho. Ele disse aquilo como se estivesse citando alguma coisa, mas Dorian não entendeu a referência. Jasper estava estranhamente silencioso desde que haviam levantado acampamento naquela manhã. Eles viajaram o dia inteiro, o que Dorian não achou ruim, já que a cobertura da escuridão era uma parte indispensável do plano para entrar e sair com o mínimo estardalhaço e derramamento de sangue. Não tão bom era o fato de Jasper se fechar na presença de Quinn. Quanto mais ficava por perto do feiticeiro, menos parecia ele mesmo.

Quinn lançou um olhar íntimo demais para Jasper.

— Por mais que adore sua plumagem brilhante, Bicudo, agora é hora de se camuflar. Suas penas refletem a luz da lua como se estivessem desesperadas por atenção. — Com um aceno desdenhoso na direção dos cabelos prateados de Dorian, Quinn acrescentou: — E você pode querer fazer alguma coisa em relação a isso aí.

As penas de Jasper se eriçaram. Ele não retrucou o golpe sutil de Quinn,

mas se concentrou em espalhar lama em suas penas, enquanto Dorian fazia o mesmo com os cabelos. Ele nunca ousaria dizer em voz alta, mas não gostou de ver as penas de Jasper cobertas. Quinn estava certo sobre uma coisa: elas absorviam luz de uma forma surreal. Os dourados, índigos e fúcias de algum modo ficavam mais vivos à noite do que durante o dia.

— Você esqueceu um pedaço — Quinn notou. Ele passou os dedos em uma parte limpa, e Jasper se encolheu ao sentir o toque. Em seu rosto havia uma máscara cuidadosa que não revelava seus verdadeiros sentimentos, embora fosse possível distinguir algo muito parecido com pânico em seus olhos.

— Eu resolvo isso — Dorian disse. Ele empurrou Quinn com o cotovelo, fazendo questão de ignorar o olhar estrelado do feiticeiro. Jasper pareceu relaxar com o toque de Dorian. Era o momento ideal para um comentário perspicaz que o fizesse corar; no entanto, Dorian ficou preocupado quando Jasper não fez nenhuma tentativa de flertar.

— Você está bem? — Dorian perguntou baixinho. Ele não dava a mínima caso Quinn ouvisse, mas tinha a sensação de que Jasper se importaria.

Jasper lhe ofereceu o esboço de um sorriso.

— Não muito — ele sussurrou em resposta —, mas vou ficar. — Ele olhou para onde Quinn estava, observando a fortaleza ao longe. — Em breve.

“Em breve” queria dizer “quando eles não precisassem mais de Quinn”. Estavam a minutos da fortaleza. Os assuntos que existiam entre eles de fato seriam concluídos em breve. Então voltariam para Nova York, acompanhados de Ivy, e os serviços de Quinn não seriam mais necessários.

A lama estava fria e seca. Fazia barulho entre os dedos de Dorian conforme ele os passava nas penas de Jasper. Um suspiro satisfeito escapou dos lábios do Avicen, e Dorian de repente se deu conta da intimidade do momento. Parecia certo tocar Jasper daquela forma. Ele seria capaz de fazer aquilo o dia inteiro.

Assim que o pensamento lhe ocorreu, ele abaixou as mãos. Já havia lama o suficiente para esconder as penas de Jasper. Dorian pigarreou e se afastou, decidido a não interpretar a sobrancelha arqueada do Avicen nem sua expressão de percepção extrema.

— Como estou? — Jasper perguntou.

— Enlameado. — A voz de Dorian estava uma oitava mais grave que o normal. Por Jasper e Quinn serem Jasper e Quinn, ambos olharam para ele com malícia.

Não é justo, Dorian pensou conforme seu rosto ficava vermelho. Os lábios de Jasper se curvaram para cima apenas de um lado. *Nem um pouco*.

— Argh. — Quinn saiu andando na direção da fortaleza, irradiando uma repulsa.

— Imagino que isso signifique que é seguro atravessar os bloqueios — observou Jasper.

— É o que parece. — Dorian olhou para o perfil de Jasper. Mesmo no escuro, era aquilino e magnífico. — Você sabe que não precisa ir, né? Pode ficar aqui.

O olhar indignado de Jasper respondeu por ele.

— Certo — Dorian afirmou. — Em frente.

O plano era não desativar os bloqueios. Não por completo. Dorian sabia que desligá-los desencadearia resultados alarmantes de todo tipo, sendo que não havia tempo ou energia para lidar com nenhum. O plano, da forma como havia sido concebido, consistia em deixar uma seção dos bloqueios inerte — pequena o bastante para não chamar a atenção, mas grande o bastante para uma pessoa do tamanho de Ivy passar. O bloqueio continuaria intacto, mas uma parte dele deixaria de executar sua função. Eles tinham apenas alguns minutos antes que até mesmo aquela quantidade de interferência disparasse os alarmes, mas Dorian esperava que fosse o bastante. Se tudo corresse conforme o planejado — o que era mais raro do que ele gostaria —, eles estariam em casa quando o sol nascesse.

E todo o esforço estava nas mãos nojentas de feiticeiro de Quinn.

O trio subiu em um penhasco estreito e rochoso na frente da abertura de um túnel de drenagem, fora do campo de visão da torre da fortaleza. O cheiro não era dos melhores, mas não tão pungente quanto Dorian temera que uma saída de esgoto seria. Se o acompanhante de Ivy tivesse feito seu trabalho, ela logo emergiria das profundezas daquele túnel, com um cheiro horrível, mas idealmente intacta. Alguns metros a mais de cada lado e eles poderiam ser vistos. Jasper ficou mais perto de Dorian do que o necessário, mas ele não se importou. O ombro de Quinn encostava em Dorian a cada mínimo movimento, *aí* ele se importava.

— Me dê sua mão — Quinn disse, olhando para Dorian com expectativa, segurando uma espada em uma mão enquanto estendia a outra. — Só preciso de uma gota de seu sangue.

Essa era a parte do feitiço que Dorian mais temia. Seu sangue era necessário para o feitiço, pois ele que havia lacrado os bloqueios quando foram estabelecidos, mas a ideia de permitir que Quinn chegasse perto dele com um objeto afiado era bastante perturbadora. A cicatriz no lugar do olho coçava. Mas ele era um guerreiro experiente da guarda do príncipe e não permitiria que um feiticeiro o deixasse assustado como uma criança.

Ele estendeu a mão e mordeu a parte interna da bochecha, torcendo para que não recuasse quando Quinn cortou sua palma com uma ferocidade exultante. O sangue escorreu do corte em jorros generosos.

— Só uma gota? — Dorian perguntou. Ele queria pressionar o ferimento com algo para diminuir o sangramento, mas dar a Quinn a satisfação de saber o quanto estava doendo não era opção.

Quinn deu de ombros e se ajoelhou para afundar a lâmina na terra.

— Minha mão escorregou.

Dorian sentiu o sutil zumbido da magia no ar. Ao lado dele, Jasper estremeceu, como se estivesse com frio. Mas o ar noturno estava mais quente do que costumava ser na Escócia, mesmo no ápice do verão, e Dorian soube que Jasper havia sentido o zumbido elétrico da magia também.

Quinn se levantou e ergueu a mão. Murmurou palavras em uma língua que Dorian não reconhecia. Uma área de quase dois metros de altura tremulou do mesmo modo que o ar se agitava no calor.

— Agora só nos resta esperar.

— Ótimo — Jasper disse, enfiando as mãos debaixo das axilas. As penas de seus braços ainda estavam eriçadas, espetadas sob a lama seca. — É o meu jeito favorito de passar minhas noites de sexta-feira.

— Jasper — Dorian disse. — Hoje é terça.

— O argumento é válido mesmo assim.

O ímpeto de contar os segundos era forte. A cada instante que passava, a situação deles ficava mais precária. O túnel estava um completo breu e Dorian quase não conseguia conter o desejo de invadir a fortaleza. Ele queria entrar lá, pendurar Ivy no ombro e sair, mas isso seria bastante imprudente, uma vez que resultaria na morte de, bem, todo mundo.

Baixinho, Jasper sussurrou:

— Vamos, Ivy. Vamos, vamos, vamos.

Dorian compartilhava do mesmo sentimento. Ele sabia que levaria algum tempo até que Ivy considerasse chamá-lo de amigo, mas ela era uma daquelas

peessoas tão boas e verdadeiras de quem era difícil não gostar. Jasper, ao que parecia, estava igualmente encantado por ela. Dorian esticou o braço e apertou o ombro de Jasper. Por solidariedade, é claro. Nada mais.

— Ali — Quinn sussurrou.

Dorian apertou os olhos. Era possível ver uma mancha branca se aproximando pelo túnel. Quanto mais perto ficava, mais parecia que Ivy estava brilhando no escuro. Suas penas eram mais brancas do que a neve. Eram do branco das estrelas. Seria necessária uma quantidade imensa de lama para camuflá-la. Outra pessoa caminhava ao lado dela, mas, além de distinguir uma cabeleira preta e um manto vermelho-escuro, estava longe demais para Dorian ver quem era.

Eles estavam quase a salvo. Quase em casa.

Porém, como as coisas quase nunca saíam de acordo com o planejado, aquele foi o instante exato em que eles foram atacados por cima.

Uma flecha aterrissou na terra aos pés de Dorian, e ele não pensou duas vezes antes de empurrar Jasper de lado. Metal dourado brilhava na visão periférica de Dorian. Pelo menos o atacaram do lado que enxergava. Ele se virou bem a tempo de ver dois soldados de armadura reluzente saltando pelas rochas do outro lado do penhasco.

Dragões de Fogo.

Dorian se agachou e tirou a adaga da bota. Uma espada seria inútil, era mais provável que ele estivesse prestes a entrar em um combate corpo a corpo com mais de um Dragão de Fogo. E havia arqueiros atirando neles, mas, a julgar pelo significativo espaço de tempo entre as salvas de flechas, deviam ser poucos. Dois arqueiros, ele estimou. Três, no máximo. Ivy e quem quer que a estivesse acompanhando preferiram ficar no túnel. Ele torceu para que não saíssem até o combate terminar.

Quinn, ardiloso como era, havia sumido de vista. Mas sua voz persistia no ar parado da noite:

— Nada pessoal, Dorian, mas prefiro ficar do lado vencedor desta loucura. Vocês são bonitinhos e nobres, mas não possuem metade dos recursos de Tanith. E não há nada de errado quando o lado vencedor te oferece uma recompensa para cooperação.

Recompensa? Dorian olhou para o local onde Jasper deveria estar. Ele também havia sumido. *É claro.*

Ele quase desejou que a traição de Quinn fosse uma surpresa, mas havia

previsto aquilo desde o primeiro dia. Dorian podia ter sido o homem mais jovem a ser indicado capitão da guarda, mas não era burro. Quando a situação não saía conforme o planejado, a melhor coisa era ter um plano B.

Quinn saiu do meio da escuridão, com o braço em volta do pescoço de Jasper de uma forma que era, ao mesmo tempo, carinhosa e ameaçadora, enquanto Jasper agarrava a mochila com as mãos trêmulas. Dorian olhou nos olhos cor de âmbar de Jasper e ficou com o coração apertado. Para Jasper, aquele contato devia ser como veneno entrando na pele. Dorian saiu de seu esconderijo com a adaga na mão. Prendeu a respiração e esperou as flechas caírem do céu. Quando elas não vieram, ele respirou aliviado.

Um Dragão de Fogo saiu detrás de uma rocha como um brinquedo que pula de uma caixinha de surpresa, mas, antes que Dorian fosse para cima dele, uma figura apareceu atrás do Dragão de Fogo e cortou sua garganta sem um ruído sequer. O corpo do Dragão de Fogo sucumbiu, e o guarda real que o havia atacado acenou com a cabeça para Dorian sobre um ombro inanimado. Os guardas reais podiam dever obediência à Príncipe Dragão, mas Dorian conhecia seus próprios homens. Eles estavam do lado de Caius, com ou sem o título.

Às vezes, Dorian amava o fato de fazer o seu trabalho tão bem.

Os sons do combate foram abafados quando os guardas reais surgiram das sombras, dando cabo de meia dúzia de Dragões de Fogo que tinham ido para cima de Dorian. Enquanto estavam no bosque, Quinn deve ter entrado em contato com alguém da fortaleza para fazer algum tipo de acordo. Se Tanith estivesse lá, Dorian duvidava que eles fossem recebidos por tão poucos homens, mas ele estava feliz que seu palpite sobre manter o cronograma que havia estabelecido para visitar a fronteira sul da fortaleza tivesse dado certo. Um único Dragão de Fogo havia se voltado contra seus irmãos, lutando ao lado dos guardas reais. *Helios*, Dorian pensou. Ele que havia contatado Ivy dentro da fortaleza. *Ótimo*. Era um excelente soldado e um homem ainda melhor.

Quinn parecia menos confiante ao ver um corpo de armadura dourada sucumbir atrás do outro. Mas ele ainda segurava Jasper pelo pescoço, e aquilo estava no topo da lista de Dorian de coisas inaceitáveis.

— Solte ele — ele exigiu.

As estrelas desapareceram dos olhos de Quinn, substituídas pela brancura repugnante de sua forma verdadeira. A lâmina que ele havia usado para cortar

a mão do Drakharin agora estava na garganta de Jasper.

— Não. — Era impressionante quanta petulância Quinn conseguia transmitir em uma única palavra. — A menos que você queira que eu corte o pescocinho lindo dele, vai me deixar ir embora, ileso. Jasper é a minha recompensa.

Recompensa. Como se Quinn já não tivesse perdido.

Dorian girava a adaga na mão, com cuidado para não cortar os dedos. Ele já tinha derramado muito de seu próprio sangue.

— Sabe qual é o seu problema?

— Não. Você sabe? — Quinn disse.

Dorian esperava estar sorrindo com tanta violência quanto desejava.

— Você sempre o subestima.

Jasper torceu os braços do feiticeiro, sem se importar com a lâmina encostada em sua garganta, e uma gargantilha de ferro foi fixada em volta do pescoço de Quinn antes que ele tivesse chance de reagir. Ferro forjado em bigorna: um dos poucos materiais no mundo capaz de impedir que um feiticeiro faça uso de sua magia, contanto que o ferro estivesse encostado em sua pele. Jasper estava carregando a gargantilha na mochila havia dias, e Dorian tinha esperanças de que ele não precisasse usá-la. Não por ter qualquer simpatia pelo feiticeiro, mas porque ele só precisaria dela se as coisas dessem errado. Pelo menos essa confusão havia terminado de maneira satisfatória. Quinn levou a mão ao pescoço, agarrando a gargantilha como se estivesse queimando. Dorian torcia para que estivesse mesmo. O sorriso triunfante de Jasper fez o peito de Dorian apertar outra vez.

Dorian subiu nas pedras para alcançar o Avicen, agradecendo aos guardas por quem passava com um aceno.

Os olhos de Quinn estavam totalmente brancos agora. Não havia mais a magia para disfarçar sua feiura. Ele cuspiu nos pés de Dorian e olhou para Jasper, com uma expressão deformada e cruel.

— Não posso dizer que não esperava por isso. Parece que o nosso cachorrinho morde, no fim das contas.

O sorriso de Jasper esmoreceu.

— Sabe de uma coisa, Quinn? Vai se fo...

O insulto que Jasper estava prestes a dizer ao feiticeiro sibilou em sua garganta quando Dorian deu um soco em Quinn com toda sua força. Seus horríveis olhos brancos reviraram e ele caiu no chão de terra, desmaiado, para alegria geral. Pessoas inconscientes eram silenciosas, e o silêncio, Dorian

pensou, era uma virtude subestimada.

Jasper olhou para Dorian com uma mistura de surpresa e adoração.

— Aquilo era mesmo necessário? — ele perguntou, com alegria genuína em um sorriso renovado.

— Sim — Dorian respondeu. — Nós lhe dissemos várias vezes para calar a boca. — Ele fez um sinal para Ivy, para indicar que era seguro sair. — Ele deveria ter escutado.

Eles chegariam em casa ao amanhecer, como era esperado. Seu punho doía, e ele tinha quase certeza de que havia cortado a pele da mão no queixo de Quinn, mas pouco importava. Algumas pequenas dores valiam a pena.

QUARENTA E QUATRO



SAIR DO TEMPLO FOI MUITO MAIS FÁCIL QUE ENTRAR.

A sensação familiar do entremeio saudou Caius assim que ele passou pela entrada. Às vezes, ao usar o entremeio para viajar, era necessário visualizar uma imagem do lugar de destino e se prender a ela. A intenção era sempre uma parte importante da magia, porém era mais crítica quando se tratava do entremeio. Uma mente errante seria capaz de deixar uma pessoa perdida naquele espaço estranho e escuro por toda a eternidade.

Mas, quando Caius passou pela entrada, foi levado antes de ter tempo para compreender o que estava acontecendo. O portal devia ter sido encantado para levar qualquer um que o utilizasse a um local específico, porque ele não teve que imaginar nada para sair da escuridão. Em segundos, a escuridão total e absoluta do entremeio desapareceu e ele se viu parado em um espaço com grama seca e amarelada. A montanha agigantava-se atrás dele. Ele estava em um grande vale situado entre os picos da cordilheira. O solo estava seco, mas ele podia sentir cheiro de água e folhas úmidas perto dali. Caius aproveitou para examinar o local. O portal o deixara em um bosque pequeno e circular. A menos de cem metros a oeste, havia um pequeno lago. Galhos secos flutuavam na água, parecendo uma floresta afundada. A leste, havia uma clareira modesta, cercada de árvores altas o bastante para servir como proteção de mudanças climáticas.

Alguns minutos se passaram até que Echo e Rowan aparecessem ao lado dele, um depois do outro. Caius não deixou de notar que a mão de Echo havia encontrado a de Rowan quase que por instinto, ao que parecia, quando as espirais negras do entremeio desapareceram. Ela ficou olhando para o bosque até se dar conta de que não corriam perigo. Solto a mão de Rowan assim que fitou Caius. Ela tentou lhe dizer algo com o olhar, mas Caius desviou o rosto. Ela o deixava confuso. Ainda mais que Rose. O caso dos dois havia sido repleto de dificuldades, mas, no fundo, eram apenas duas pessoas atraídas

primeiro pela curiosidade, depois pela atração e, com o tempo, pelo amor. Essa... coisa com Echo era tudo, menos simples. Caius sabia que estava projetando nela seus sentimentos por Rose. Tinha que estar. Mas havia algo mais à espreita em seu coração. Algo relacionado apenas a Echo. Mas ele... *eles* não tinham tempo para entender tudo aquilo. Para o bem de Echo — e não o dele — era preciso se afastar.

— Tem uma clareira naquela direção — disse Caius, apontando para uma direção. Sua voz soava fria até mesmo a seus próprios ouvidos. No rosto, uma máscara de serenidade. — Podemos acampar lá. Tem um lago a oeste.

Echo assentiu com expressão questionadora. Caius retribuiu os olhares dela com olhos vazios. Ele ficou grato por não ser questionado sobre aquele comportamento.

— Vou mandar um recado para Altair — disse Caius. — Não tenho dúvida de que ele está ansioso para saber o que fizemos desde a nossa... partida.

Com isso, ele saiu. Podia sentir o olhar de Echo em suas costas ao caminhar na direção do lago. Uma pequena parte dele lhe dizia para voltar, tentar explicar por que agiu com ternura em um momento e com frieza no outro. Mas, quando pensou em como ela e Rowan pareciam gravitar em torno um do outro, sua vontade morreu. Ela tinha uma história com o Avicen que não tinha com Caius. A história dele era com Rose. Era uma sombra do passado, uma lembrança de uma vida que jamais existiria. Cada passo o levava para mais longe de Echo, em mais de um sentido. Ele confessou que a amava com uma certeza que não sentia havia anos, mas o silêncio dela falou mais alto do que qualquer coisa. Ela estava com o coração dividido, na melhor das hipóteses. Na pior, pertencia a outro.

O anoitecer refletido no lago era algo maravilhoso. Galhos desfolhados pela água e pelo vento emergiam da superfície como dedos tentando alcançar o céu. A pouca luz do sol dançava sobre a água turquesa, interrompida pela cobertura de folhas ao redor da água. Caius ficou pisando na lama no declive da margem. Fechou os olhos e respirou fundo, saboreando o ar fresco. Era tão diferente da neblina que sufocava Londres e do odor de poluição que pairava sobre Nova York. Caules de junco se movimentavam ao vento. Ao longe, pássaros cantavam. Aquilo ainda era uma novidade para Caius, acostumado ao silêncio do bosque que cercava a Fortaleza do Dragão. Os pássaros havia muito tempo aprenderam a não se empoleirar por lá por medo de serem mortos

durante as caçadas Drakharin. Ele havia passado muitos verões cavalcando por aquela floresta, primeiro com Tanith ao seu lado, depois, quando seguiram caminhos distintos, com Dorian. Certa vez, encontraram um pavão albino solitário ciscando pelo prado, arrastando as penas brancas na grama. Era uma criatura magnífica, mas havia escolhido o lugar errado para descansar. Caius derrubou a ave com uma flecha e ela foi servida no jantar aquela noite, amarrada para exibir melhor sua plumagem. Os tempos tinham mudado muito — Caius tinha mudado muito.

Ele não havia se afastado demais do acampamento. Não era mentira que precisava informar Altair que eles haviam localizado Echo e estavam no processo de investigar as origens do kuçedra. Mas ele podia ter feito tudo isso do acampamento, usando o encanto de comunicação que havia ensinado a Altair e seus Falcões de Guerra e o conveniente canivete que tinha achado em Avalon antes de ir em busca de Echo na Escócia. Ele precisava de um momento a sós, longe da imagem de Rowan e Echo. Juntos. Próximos de uma forma que fazia o estômago de Caius doer.

Ele pegou o canivete no cinto. Primeiro, entraria em contato com Dorian. Queria se certificar de que o plano tinha dado certo. Mandar Ivy sozinha para a Fortaleza havia sido uma manobra desesperada — mas manobras desesperadas eram tudo o que lhes havia restado. Ele arregaçou a manga. Seria mais seguro cortar a pele do braço. Ferir as mãos apenas comprometeria sua habilidade de lutar, caso fosse preciso. Ele não pretendia relaxar com a falsa sensação de segurança promovida pela floresta, ainda mais levando em conta os acontecimentos dos últimos meses. Era preciso estar sempre pronto para a batalha. Era uma das coisas mais importantes que tinha aprendido como soldado. Foi uma pena ter se permitido esquecer disso durante seu reinado. Se tivesse sido vigilante, teria visto Tanith se voltando contra ele, com uma mão na espada e a outra prestes a roubar sua coroa.

Sua pele se arrepiou com a brisa. Ele se cortou, rabiscou uma mensagem na forma abreviada de drakhar que ele e Dorian haviam desenvolvido tempos antes e transmitiu seu recado: *Encontramos E. Todos em segurança*. A lâmina absorveu o sangue e uma nova mensagem apareceu em sua superfície: duas linhas paralelas cortadas por uma na diagonal. O símbolo para “missão cumprida”.

Agora, ele tinha que contatar Altair. Caius tocou a parte afiada da lâmina na pele e se preparou para cortar quando um calor queimou seu braço. A faca

caiu de sua mão. Sangue começou a surgir em sua pele, parte dele escorrendo pelo pulso e se acumulando nos dedos. Símbolos apareceram no sangue, com palavras em drakhar escritas por uma mão trêmula, as mesmas palavras que ele tinha usado para se conectar com a irmã dias antes. A dor fez com que caísse de joelhos na lama. Nem todo o sangue era seu.

Caius.

A voz em sua cabeça era inconfundível, apesar da agonia que a permeava.

— Tanith? — ele conseguiu dizer para o vazio. Sabia que ela o escutava.

Socorro.

Sua irmã nunca implorava. Não o fez quando tomou uma flechada no peito durante a primeira incursão que liderou, em um assentamento Avicen no continente, nem quando quebrou a perna caindo de um cavalo e teve que se arrastar para um lugar seguro para não ser pisoteada durante a última batalha em que ela e Caius combateram juntos. Ele nunca tinha visto alguém ranger os dentes e suportar a dor sem uma única reclamação da forma como Tanith fazia.

Mas, independente de onde estivesse agora, estava ferida. Grave o suficiente para pedir socorro ao seu irmão, mesmo com todas as desavenças entre eles, desafiando com um grito os quilômetros que os separavam. Sua voz não carregava mentiras. Apenas dor e medo.

Por favor.

Caius tateou a lama em busca da espada, embainhando-a com mãos trêmulas, sem se preocupar em limpar a lama do aço. Era o tipo de negligência que lhe valeria um puxão de orelha de seu antigo mestre de armas, mas nada disso importava no momento. Nada importava além da sensação da dor de Tanith através da conexão que compartilhavam.

Caius, por favor. O que foi que eu fiz? Ah, deuses, o que foi que eu fiz?

O que ela tinha feito? Ele não conseguia compreender o que havia deixado sua irmã naquele estado. Tinha algo a ver com o kuçedra, ele sabia. Pensar naquilo atacando Tanith, depois do que havia visto ele fazer aos Avicen e à Grand Central, era demais para suportar. Ele tinha que contar a Echo e Rowan. Eles encontrariam Tanith. Onde quer que ela estivesse, o kuçedra deveria estar.

Me ajude. Me ajude me ajude me ajude.

Seu clamor se transformou em uma transmissão agonizante sem palavras, quase suficiente para derrubar Caius de joelhos de novo, mas ele se segurou.

— Aguento firme, Tanith — gritou. Podia sentir o gosto de sangue, mas não

era o dele. Juncos emaranhados e troncos caídos tentavam derrubá-lo enquanto ele abria caminho pela vegetação. — Estou indo.

QUARENTA E CINCO



DORIAN FRANZIU O NARIZ PARA O CHEIRO DE MOFO da adega do Castelo de Avalon. A luz fraca das velas lutava para preencher o espaço, embora não adiantasse de nada. O teto de pedra abobadado estava envolvido pela escuridão, e sombras espreitavam em todos os cantos. A poeira cobria as fileiras de garrafas de vidro verdes e se acumulava nas fendas dos barris de vinho.

Ele tinha descido para a adega depois de receber a mensagem de Caius, após o retorno do grupo para Avalon. Estava contente por terem encontrado Echo, e mais ainda por Caius estar com ela. Por mais impetuosa que fosse, a garota fazia bem a ele. Dorian ficou surpreso por não sentir ciúmes algum. Caius estava feliz, e aquilo bastava. Seu príncipe fingia ter um coração de pedra havia muito tempo, mas Dorian sabia que não passava de uma fachada. Caius sofria, e agora tinha encontrado uma forma de lidar com a bagunça que era seu coração. Dorian não se dera conta do quanto sua própria felicidade estava ligada à de Caius até sentir aquele fardo ficar mais leve.

Uma frase lhe veio à mente, um pequeno fragmento solto de um dos livros que ele havia encontrado no gabinete de Caius, escrito por um humano chamado Mikhail Bulgákov.

Mas aquele que ama tem que dividir o sofrimento com o amado.

Dorian compartilhou por muito tempo da dor de seu príncipe, mas agora, como Caius, tinha a chance de aliviar a sua própria dor, livre das correntes do passado, se tivesse a coragem necessária.

Ele virou no corredor e seguiu na direção da sala que ficava no outro extremo e que servia como prisão de Avalon. A gargantilha de ferro havia neutralizado o poder de Quinn, e as algemas de ferro que Altair mandara colocar nele quando chegaram o deixavam ainda mais inofensivo. Sem magia, o feiticeiro era tão perigoso quanto um coelho. Havia uma figura solitária no fim do corredor, a pouca luz gerava uma sombra longa no chão a seu lado.

Dorian fez uma pausa, observando Jasper parado diante da porta que o separava de um Quinn silencioso. Ou o feiticeiro ainda estava desmaiado, ou estava amordaçado. Ambas as situações tinham suas vantagens, na visão de Dorian. Jasper levantou a mão e tocou de leve o cadeado de ferro que fechava a porta. Ele havia sido acrescentado a uma série de outras trancas que brilhavam mesmo com a pouca luz. Deviam ser novas. Dorian aguardou, quieto, refletindo.

— Sei que está aí. — A voz de Jasper ecoou no espaço cavernoso, reverberando nas paredes de modo claro, mesmo que ditas com suavidade. — Dá para ouvir sua respiração.

— Imaginei que poderia te encontrar aqui — disse Dorian. Com passos calculados, ele diminuiu a distância entre eles, parando a poucos centímetros de Jasper. — Sentimos sua falta.

— Me deixe adivinhar: Echo e a turma do Scooby-Doo estão planejando mais travessuras.

Dorian não sabia quem era esse tal de Scooby-Doo, mas ele parecia estar certo.

— Você costumava ser do tipo que gosta de travessuras.

Jasper riu.

— Não estou muito a fim. — Ele deixou a mão cair ao lado do corpo e se virou. — Eu só queria ter certeza... — Ele voltou a olhar para o cadeado, depois para o chão.

— Ele não vai a lugar nenhum — Dorian lhe garantiu. — E, mesmo que conseguisse fugir, eu não o deixaria chegar perto de você.

Jasper levantou os olhos, penetrantes, mas de certo modo ainda vulneráveis. Dorian não pretendia ter dito aquilo de forma tão direta, mas não se arrependia nem um pouco das palavras ou da promessa que continham. Estava frio e úmido, mas havia um calor em seu peito que crescia com a doçura do rosto de Jasper.

— Obrigado — Jasper agradeceu em voz baixa, no escuro. — Não estou acostumado a ser assim. Não sou do tipo que precisa ser salvo.

— Todos precisamos ser salvos às vezes. — Aquela devia ser a coisa mais verdadeira que Dorian já havia dito. Caius o salvara uma vez, e Dorian o amou por um século. — Não há vergonha nenhuma nisso.

O indício de suavidade que surgiu na expressão de Jasper pareceu um segredo que só os dois sabiam. A luz de velas destacava os tons dourados em

suas penas, e Dorian ficou imaginando qual seria a sensação delas escorregando entre seus dedos sem a lama para atrapalhar.

— Você é mais forte do que imagina — ele disse a Jasper.

— Você também.

Com uma risada irônica, Dorian disse:

— Não acho que isso seja verdade.

— Está aqui, não está? Num castelo lotado de Avicen. Não deve ser fácil para você. — Um sorrisinho convencido apareceu nos lábios de Jasper. — Sei que sou uma exceção especial.

Ele era. Deuses, ele era. Mas Dorian não era tão corajoso quanto Jasper o considerava. Admitir para si mesmo seus desejos era uma coisa. Fazer alguma coisa a respeito deles era completamente diferente. Na dúvida, ele pensou, mude de assunto.

— Você deveria descansar um pouco. Se vamos combater o kuçedra de frente, devemos estar atentos e descansados para encontrar nosso inimigo.

Jasper desanimou, o suficiente para fazer algo apertar bem no fundo do peito de Dorian.

— É. Descansar. Muito importante.

— Você passou por muita coisa — acrescentou Dorian. — Merece uma boa noite de sono.

Jasper concordou, olhando de relance para os barris de carvalho empilhados em forma de pirâmide.

— Talvez eu faça isso. — Ele nem sequer se virou para a saída.

— Certo — Dorian disse — Eu só vou... — Ele se balançou sem sair do lugar, com uma insegurança que não sentia havia anos. Sentia-se como um adolescente desajeitado. Era constrangedor. — É melhor eu ir — falou, mas não fez nenhuma menção de sair dali.

Jasper umedeceu os lábios. Não foi mais do que uma rápida passada de língua, mas o movimento atraiu a atenção de Dorian.

— Você pode ir — Jasper disse. — Ou...

A conversa estava saindo depressa do controle, e Dorian não sabia se seria capaz de interrompê-la. Não tinha nem certeza se era o que queria.

Jasper pegou a mão dele, acariciando seu dedo. O toque era leve como uma pena, mas também elétrico. Era como se a pele de seu dedo estivesse conectada a todas as terminações nervosas de seu corpo. Seu coração batia tão rápido que ele tinha certeza de que Quinn era capaz de ouvir atrás da porta de

madeira maciça.

— Ou pode ficar comigo — Jasper finalizou. — Não sou o único que merece uma boa noite de sono.

Dorian engoliu em seco. Não conseguia responder. Eles já haviam compartilhado um espaço antes, dormido a metros de distância um do outro. Primeiro no depósito em Londres, depois no bosque perto da Fortaleza do Dragão. Mas era diferente. Nas palavras de Jasper, havia uma promessa de algo com que Dorian não sabia se conseguiria lidar. O silêncio preencheu o local, interrompido apenas pela aspereza de sua própria respiração.

Aos poucos, e com muito cuidado, Jasper entrelaçou os dedos nos de Dorian.

— Veja só... — Jasper começou. — Não estou muito acostumado a ir devagar, da forma como está rolando por aqui. Costumo mergulhar nas coisas com as pessoas com a mesma violência com que caio fora delas. — Ele apontou com a cabeça para a porta trancada. — A prova está ali. Mas por você... eu poderia ir devagar. Na velocidade que você quiser. Tudo o que quiser. E nada do que não quiser.

Quando Dorian não respondeu, Jasper se aproximou, de modo que os peitos se encostavam a cada respiração. Dorian via cada faixa de cor das sobancelhas de Jasper, um microcosmos de penas índigo e fúcsia.

Jasper passou as mãos nos braços de Dorian, subindo até parar nos ombros. Eles tinham menos de um centímetro de diferença de altura, mas Jasper precisou ficar na ponta dos pés para dar o mais cuidadoso dos beijos sobre o tapa-olho de Dorian. Seus lábios se demoraram ali por um instante antes que ele voltasse a apoiar os pés no chão. Ele beijou a cicatriz no rosto de Dorian, depois o espaço logo abaixo da orelha, o que interrompeu as sinapses no cérebro do Drakharin. A respiração de Jasper fez cócegas na lateral de seu pescoço.

— Está vendo só? — Jasper sussurrou junto ao pescoço de Dorian. — Eu sei ir devagar. Só me diga o que você quer.

Então Dorian disse. Do único jeito que sabia.

Ele colocou uma mão sob o queixo de Jasper enquanto a outra pressionava a lombar do Avicen, puxando-o para o mais perto possível. Ele depositou tudo naquele beijo, cada grama de frustração, medo e esperança que havia sentido desde o dia em que entrou na vida de Jasper, meio morto e coberto de sangue. Jasper mordeu o lábio inferior, e Dorian mal se deu conta do murmúrio que

começou a se formar em seu peito. As mãos de Jasper agarraram seus braços, afundando os dedos no músculo. Dorian levantou a mão para passar os dedos nas penas de Jasper, que eram tão macias quanto ele havia imaginado. E, nossa, como ele havia imaginado, tarde da noite, deitado no chão rochoso da floresta, tendo as estrelas como únicas testemunhas de seu desejo silencioso. Jasper correspondeu à ferocidade de Dorian, mas, depois de alguns instantes assumiu o controle do beijo, transformando-o em algo lento e doce.

Quando eles se afastaram, Jasper deu um sorriso radiante e verdadeiro.

— Já não era sem tempo.

Falar qualquer coisa ainda era exigir demais do cérebro derretido de Dorian, então ele respondeu com um beijo inocente no canto dos lábios de Jasper, onde outro pequeno sorriso se formava. Jasper suspirou junto à boca dele.

— É melhor irmos — disse Jasper. Ele deu um passo para trás e Dorian o acompanhou. Seu corpo tinha vontade própria, como se fosse uma abelha atraída por uma flor. — Acho que vai ser bem melhor quando meu ex-namorado maligno não estiver do outro lado da porta.

Pigarreando, Dorian concordou.

— É. Vamos. — As palavras saíram baixas e esganiçadas, desprovidas de oxigênio.

Ele se afastou de Jasper, e o ar frio da adega foi uma tortura do pior tipo sobre sua pele fervente.

Jasper tirou uma garrafa de vinho de uma prateleira. Examinou o rótulo, mas o texto estava apagado pelo tempo. Ele olhou nos olhos de Dorian, com uma faísca sacana dançando em seu olhar. — Tenho certeza de que é de uma ótima safra.

— Eu não preciso desse estímulo — Dorian afirmou. E não precisava mesmo. Não agora.

O sorriso torto de Jasper ficou ainda maior.

— É o que veremos — ele disse com uma piscadinha.

E, naquele momento, Dorian achou difícil se preocupar com o demônio ancestral que se aproximava no horizonte, ou com os corredores cheios de Avicen, ou com seu príncipe e o pássaro de fogo, que provavelmente estavam causando todo tipo de confusão. Tudo o que importava era aquele pequeno momento e o calor da mão de Jasper na sua enquanto subiam as escadas, deixando os fantasmas do passado para trás.

QUARENTA E SEIS



MONTARAM ACAMPAMENTO NA PEQUENA CLAREIRA que Caius havia indicado, embora ele tivesse desaparecido. Echo observava Rowan fazendo uma fogueira; ficaria frio assim que anoitecesse e eles precisariam do calor. Ela mordiscava a ponta de uma barra de cereais desenterrada do fundo da mochila. Tinha gosto de cinzas. Uma pequena fumaça subia dos gravetos que Rowan havia coletado. Logo uma chama surgiu quando os galhos secos e as folhas pegaram fogo. Satisfeito com seu trabalho manual, Rowan se levantou e limpou a terra dos joelhos. Olhou na direção em que Caius havia ido. Quando ficou claro que ele não voltaria logo, Rowan foi até onde Echo estava sentada.

— O que você viu? — ele perguntou. O Avicen se sentou sobre um tronco ao lado dela. — Só conte se quiser. Sem pressão.

Echo ficou mexendo na casca do tronco. Para alguém que nunca tinha acampado na vida — e que não tinha vontade nenhuma — ela já havia passado mais tempo no mato nos últimos três meses do que gostaria. As coisas que vira ainda estavam em sua cabeça, como um filme. Ela soltou um suspiro profundo. O ar estava agradável se comparado à umidade abafada do verão novaiorquino. Lá, tudo era de vidro, concreto e metal, fervendo sob os raios de sol. Nesta terra intocada pela civilização — humana ou não —, o ar era limpo e fresco e carregava o aroma da madeira molhada e das folhas encharcadas da floresta do lago.

Seria fácil, Echo pensou, fingir que as últimas horas não tinham acontecido, empurrá-las tão fundo na memória que nunca mais seria capaz de recuperá-las. Elas apodreceriam lá embaixo, perdidas como os fragmentos de sua vida antiga, dolorosas demais para reaver. Mas o esquecimento era um luxo ao qual ela não podia se dar. A montanha e seus fantasmas tinham garantido isso. Seus tormentos foram selecionados com cuidado por uma razão: havia uma lição a ser extraída dali, e Echo não precisou cavar muito para desenterrá-la.

— Eu vi as coisas que mais temo — ela disse. Ao seu lado, Rowan ficou

quieto, sem saber o que dizer ou lhe dando espaço para falar o tanto que quisesse. Saber ouvir sempre foi uma das qualidades dele. Ele nunca pressionava ou persuadia. Nunca forçava ninguém a dizer uma verdade que não estivesse pronto para entregar. Ele apenas esperava, paciente. Gentil. Ela não o merecia. Ninguém merecia. Ele era puro de um modo que Echo nunca havia sido. A montanha havia achado por bem fazer com que ela se lembrasse disso também.

— Eu vi minha mãe — ela prosseguiu em voz baixa.

Rowan arrancou um dente-de-leão da terra seca. Uma brisa carregou suas sementes para longe. Ele e Echo observaram em silêncio a penugem branca dançar ao vento. Depois que se dispersaram no ar, partindo para polinizar outro pedaço de terra, Rowan disse:

— Você nunca fala sobre ela.

Echo deu de ombros, com as costas e os músculos do pescoço tensos.

— Não há muito o que dizer, eu acho. Fugi daquela parte da minha vida. Literalmente. Nunca senti necessidade de olhar para trás. É passado. E acabou.

Echo podia sentir os olhos de Rowan sobre ela, analisando seu perfil. Os dela se mantinham fixos no horizonte, vendo o sol afundar entre as formas de dois picos distantes, um triângulo dourado sobre um pano de fundo rosa e roxo.

— Não acho que seja verdade — replicou Rowan. — Os fantasmas, ou a magia, ou seja lá o que for que vive naquela montanha, te mostrou aquilo por algum motivo. Nada acaba de verdade. Talvez a gente pare de lidar com as coisas, mas elas ainda continuam lá. Você não teria visto sua mãezinha se seu passado ainda não te afetasse. O que aconteceu, de fato, em sua visão? Ou pesadelo, ou o nome que vamos dar, porque não tenho ideia de que merda aconteceu com a gente.

— Não a chame desse jeito.

— Que jeito?

Echo nem falou a palavra. Ela não queria que passasse por sua boca, cancerígena. Um veneno.

— Mãezinha? — Rowan perguntou.

Echo respondeu com um aceno curto de cabeça.

— É muito... familiar — explicou. — Preciso de distância.

— O.k. — Rowan disse. — Mas não pense que não percebi que fugiu da

pergunta.

Uma pequena parte de Echo o odiava naquele momento. Ela o olhou de relance.

— Você é ainda mais irritante quando é observador.

Ele deu um meio sorriso preguiçoso e jogou um pedaço de casca de árvore nela.

— Desculpe, mas não me arrependo. — Ele a empurrou com o ombro. Um gesto cordial. Amigável. Platônico. Um breve tremor percorreu o corpo de Echo com o contato. Eles haviam tomado tanto cuidado para não se tocarem desde o retorno dela para Nova York que quase tinha esquecido como era. Rowan retomou: — Você sabe que pode me contar qualquer coisa que quiser. Qualquer coisa mesmo. — Ele apontou para a lateral da cabeça. — Minha boca é um túmulo. Todos os seus segredos estão seguros comigo.

Echo deixou escapar uma risada.

— Só se for um túmulo aberto. — Talvez Rowan estivesse certo. Ela havia carregado seus segredos por tanto tempo que já havia se acostumado com o peso, como um caracol levando sua concha. Mas, e apenas algumas horas antes esse cenário pareceria tão impossível que jamais seria levado em consideração, talvez ela não tivesse mais que carregá-los sozinha. Talvez fosse melhor abrir a caixa de Pandora.

— Quando estávamos no templo — disse Echo —, eu a vi. Seu rosto, seus cabelos. Todos os detalhes eram totalmente precisos. Fiz um ótimo trabalho em não imaginar o rosto dela ao longo de todos esses anos. Chegou um ponto em que me convenci de que, se me esquecesse de sua cara, esqueceria dela. De que tudo seria menos real se eu só fingisse que não era nada além de um pesadelo.

— O que ela fez? — Rowan perguntou. — Quando você era pequena.

— Ela me machucou.

Ele não perguntou como. E ambos sabiam que não adiantava perguntar por quê. Não havia lógica envolvida quando pais machucavam os filhos. Era contrário aos laços biológicos, violava as leis da natureza. Os detalhes, Echo pensou, eram menos importantes do que o dano causado. Os acontecimentos de sua infância a haviam formado, tanto para o bem quanto para o mal. Eles haviam fornecido as lentes através das quais ela via o mundo. Havia se tornado o material com que ela construiu as paredes de pedra em volta de seu coração. Poucos haviam aberto uma brecha naquelas paredes, e era um

pequeno milagre cada vez que isso acontecia.

— Eu era apenas uma criança — Echo afirmou. A injustiça contida naquilo era algo que ela nunca superaria.

— Você ainda é — Rowan disse.

Echo negou.

— Em idade, talvez, mas ninguém permanece criança por muito tempo quando lhe mostram como as pessoas podem ser terríveis e cruéis. — Ela ficou olhando para as unhas. Poeira amarronzada se acumulava em suas cutículas. Precisava urgentemente lavar as mãos. — Quando penso na minha infância, não me lembro de escola, festas de aniversários ou desenhos animados. Sabe do que eu me lembro? A única coisa que me vem à mente?

— O quê?

— Medo. Só medo. É como se um abismo em minha memória tivesse engolido tudo que não é medo. É como um buraco negro. Eu me lembro de como era ter medo de sair do quarto de manhã. Esperar por uma surra se derrubasse um prato ou não guardasse a louça direito. Eu me lembro do medo, da dor, da humilhação e da sensação de traição que só vem junto da percepção de que a única pessoa no mundo que deveria automaticamente te amar, não ama. Não existe nada parecido com isso.

O sol continuava a se pôr no horizonte. Logo, sombras se embrenhariam entre as árvores, cobrindo o vale com o manto da noite. Havia uma dor em seu peito que parecia um nó. Falar com Rowan foi como puxar aquele nó com mãos desajeitadas em uma inútil tentativa de desatá-lo. Expressar seu fardo não havia feito Echo se sentir mais leve, mas, agora que as palavras estavam saindo, ela não sentia que tinha como evitar que escapassem.

— Às vezes, eu me pergunto o que passou pela cabeça dela na primeira vez que me bateu. Não lembro se ela estava bêbada ou sóbria. Mas não importa, ela era terrível de qualquer maneira. Mas sempre tive curiosidade. Eu era filha dela. Ela me deu a vida, e era como se não se importasse. — E agora a terrível verdade, a preocupação secreta que ela mantinha escondida, mesmo de si mesma. — Às vezes, fico pensando se não é genético. Não sei se ela sempre foi podre ou se sua alma foi estragando aos poucos, como leite azedo. Mas, se ela pôde se tornar má, talvez eu também possa. — Echo mordeu o lábio inferior. A pele parecia empolada e seca, mas o desconforto, embora pequeno, servia como distração. — Tem uma coisa que ainda me deixa confusa. Eu tive a visão com minha mãe e você teve um pesadelo com a minha

morte, certo? Nós dois tivemos que superar esses sonhos, alucinações, ou seja o que for para escapar e entrar no templo, mas...

A voz dela falhou. A imagem de sua cidade em ruínas era tão vívida como havia sido antes. Todos os detalhes se destacavam com uma precisão torturante: a fumaça em espiral no céu cinzento. A dor de uma bala perfurando sua pele. O ódio nos olhos de Ivy.

— Eu não tive só uma visão — disse Echo. — Tive duas.

Rowan franziu a testa.

— Duas? Por que a montanha te faria passar por isso duas vezes?

Echo sacudiu a cabeça, também perplexa.

— Não sei. Só sei que me vi no meio da Quinta Avenida, cercada por caos e destruição, e era tudo minha culpa. Não foi como a primeira visão. Eu não tive que superar nada para sair. — Ela se lembrou do dedo de Ivy no gatilho, como a mão de sua amiga não havia tremido nem um pouco antes de apertá-lo. — Eu morri, acho. Depois acordei no templo.

Rowan parou para pensar.

— Talvez não tenha sido um teste.

— Como assim?

— Bem, todos tivemos que enfrentar um medo para chegar ao templo. Tivemos que encarar a coisa que mais temíamos e superá-la para, sei lá, provar que éramos dignos de alguma coisa. E fizemos isso. Mas talvez sua segunda visão não tenha sido um teste.

— Então o que seria? — Echo perguntou.

A expressão de Rowan ficou séria. Ele parecia mais velho do que antes de entrarem na montanha.

— Acho que foi um aviso, direcionado apenas a você.

— Porque sou o pássaro de fogo — Echo afirmou. — E a profecia nunca assegurou que eu seria boa ou má, luz ou trevas. Poderia ir para qualquer lado.

— Um pensamento lhe ocorreu, repentino e terrível. — Talvez seja por isso que eu atraio o kuçedra. Ele consegue sentir a minha escuridão.

Rowan pegou a mão dela e a segurou com leveza.

— Pode haver escuridão em você, mas há luz também. Sempre houve. E é muito mais forte do que você imagina. Não estou falando da Echo pássaro de fogo. Estou falando da Echo pessoa. Eu te *conheço*. Conheço desde que era uma pirralha melequenta, que roubava qualquer coisa brilhante ou comestível em que botasse as mãos encardidas. Sua genética não determina o tipo de

pessoa que você é. Nem sua criação. Ser bom é uma escolha, e eu te vi fazê-la todos os dias nos últimos dez anos, na forma com que cuida da Ala, dos pequenos Avicen, de Ivy e de mim. Você é gentil, é generosa, e se importa com as pessoas. Se importa mesmo, de verdade, de forma altruísta. Percebe como isso é raro? Se gentileza e coragem fossem coisas fáceis, o mundo seria um lugar muito melhor. E, se ainda não consegue acreditar em si mesma, saiba que eu acredito em você. Acredito na sua bondade, na sua luz, ainda mais quando você não é capaz de enxergá-las. — Ele deu de ombros, pontuando o movimento com um suspiro cansado. — Talvez a montanha tenha utilizado uma abordagem mais dura para passar a mensagem de que são suas escolhas que te definem, e não o destino.

Echo queria acreditar nele. Queria mais do que qualquer coisa.

— Mas... Ruby. — O nome era um peso entre eles, como uma rocha afundando no oceano. A lembrança daquela noite veio à tona. Um jorro de sangue sobre o piso de mármore, quente, viscoso e brilhante como uma pedra preciosa. O atrito do aço junto ao osso. O som esmagador que a adaga fez quando ela a puxou. O modo com que a sola de suas botas escorregava na poça cada vez maior do sangue de Ruby. — É o tipo de mancha que não desaparece.

Rowan ficou com os ombros tensos, os lábios apertados. Ele afrouxou a mão dela, mas não a soltou.

— Refleti muito sobre aquele dia. Por um tempo, não conseguia pensar em outra coisa. Ficava imaginando o que poderia ter feito diferente. Se poderia ter salvado Ruby. Se poderia ter te impedido de fazer o que fez. — Ele continuou segurando a mão dela com uma mão e passou a outra em suas penas da cabeça, alisando as mechas rebeldes. Elas brilhavam em dourado e bronze à pouca luz. Quando ele a encarou, Echo sentiu como se olhasse nos olhos de um estranho. Ele mudara tanto. A leveza jovial tinha endurecido na transição de garoto para homem. Havia experiência naqueles olhos castanhos. Sabedoria. Compaixão. E determinação. — Pensei em todas as possibilidades, em todos os cenários possíveis. E sabe a que conclusão cheguei?

Echo arqueou uma sobrancelha em vez de perguntar. Ele prosseguiu:

— Eu percebi... Altair me ajudou a perceber que eu tinha que me perdoar. Eu não poderia seguir em frente, não poderia aprender com tudo aquilo se deixasse minha culpa me consumir. E, ao perdoar a mim mesmo, descobri que era capaz de perdoar você.

— Até parece que Altair disse essa última parte.

Um sorriso triste surgiu nos cantos da boca de Rowan.

— Não, não com essas palavras. — Ele riu um pouco, e o som de sua risada era um pouco trágico. — Acontece que perdoar você é muito mais fácil do que me perdoar. Mas tenho que tentar. — Ele apertou a mão dela de leve. — Acho que é o melhor que podemos fazer. Nós nunca, jamais, nos permitimos esquecer as coisas que aconteceram, boas ou ruins, mas isso não significa que somos prisioneiros delas. Elas nos formam. Não nos definem.

Echo se apoiou na lateral do corpo dele. Quando ele não protestou, ela encostou a cabeça em seu ombro.

— Você ficou muito mais inteligente enquanto estive fora.

— É, bem, alguém tinha que preencher a vaga enquanto você não estava. — Ele levantou o ombro, dando um empurrão em Echo de brincadeira. — Mas eu acho que meu estoque de autoconhecimento se esgotou. Que tal se nós...

As palavras dele foram interrompidas pelo som de alguém correndo pelos arbustos, pisando em gravetos. Echo e Rowan se levantaram. Caius apareceu com os olhos arregalados e uma das mangas da camisa ensopadas de sangue.

— É a Tanith — disse ele, ofegante. Sua testa estava coberta de suor. — Temos que encontrá-la. Agora.

QUARENTA E SETE



ELES ESTAVAM EM UMA PENÍNSULA ESQUECIDA a quilômetros de distância da civilização, e o aroma fresco e salino do mar do Norte enchia os pulmões de Echo de forma nostálgica. Lembrava a sensação de saudade de casa, mesmo que aquela casa nunca tenha lhe pertencido.

Hiraeth, pensou Echo. *Galês. Sentir saudade de casa com traços de tristeza*. Era a única palavra que conseguia lembrar capaz de descrever o que sentia... o que Rose sentia.

Sua pele parecia esticada, como se não houvesse espaço suficiente em seu corpo para conter a emoção. Quando as espirais escuras do entremeio desapareceram, Rose tomou a dianteira, convocada pela identificação com o lugar. A ilha não havia mudado muito desde a morte dela. As colinas um pouco inclinadas ainda eram cobertas por uma grama alta, amarelo-esverdeada, que balançava preguiçosa com a brisa. A praia ainda era composta de pedrinhas que davam lugar à areia molhada. O céu era cheio de faixas de nuvens de um branco sujo que cortavam um campo cinzento, como se escondesse suas próprias cores em luto.

A diferença mais clara era a cabana. O que um dia havia sido uma modesta habitação de um só quarto, com uma chaminé que bafejava fumaça e uma moita de flores teimosas que cresciam no jardim também modesto, agora não passava de ruínas que mal eram distinguíveis. Ervas daninhas despontavam no meio dos restos apodrecidos do jardim, e musgo revestia as tábuas que sobreviveram às chamas. Os tijolos da lareira desmoronaram, formando uma pilha desordenada.

Caius estava parado no local onde um dia foi o centro da cabana, com braços largados ao lado do corpo e uma expressão incompreensível. Nem uma única lágrima caiu de seus olhos. Ele sequer franziu a testa. Apenas manteve o olhar fixo, cheio de pesar, mirando o chão.

— O que ele está fazendo? — A voz de Rowan era um sussurro bem baixo,

como se ele também sentisse o manto fúnebre da ilha, mesmo que não entendesse por que a tristeza se agarrava a este lugar como um perfume forte demais.

— Sofrendo — disse Echo.

Rowan assentiu, em silêncio. Caius não era nem nunca seria sua pessoa favorita, mas testemunhar uma alma cheia de tristeza tinha o poder de suavizar até mesmo a rivalidade de Rowan.

Echo sabia, sem que ninguém lhe tivesse dito, que era a primeira vez que Caius voltava à ilha, à cabana, àquele deplorável monumento, a um amor que viveu em segredo e foi destruído pelo fogo. Ele nunca tinha visitado o lugar onde as cinzas de Rose foram deixadas, absorvidas pela terra ou sopradas pelo vento, sem nunca ter tido um funeral apropriado. Echo sentiu Rose recuar, como se ela também tivesse sido engolida pelas lembranças da felicidade perdida e de um futuro roubado.

Quando Caius falou, sua voz estava rouca, esculpida pela tristeza.

— Temos que ir. Precisamos encontrar Tanith. — Os olhos dele traziam o tom mais escuro de verde que Echo já vira. — O campo de batalha não é muito longe daqui.

Enquanto desviavam com cuidado das rochas e da estranha placa de madeira que sinalizava a localização da vila e que havia sido derrubada durante a luta, Echo pegou a mão de Caius com carinho. Os dedos dele apertaram os dela em um gesto silencioso de gratidão. Se Rowan sentiu ao menos um ínfimo sentimento de reprovação naquele gesto, guardou para si. Aquilo não tinha nada a ver com ele. Nem mesmo a Echo. Dizia respeito a Caius e sua dor e a fazer o mínimo que ela pudesse para aliviá-la, para lembrar a ele que não estava sozinho.

Chegaram a um prado com grama na altura dos joelhos, salpicada de pequenas aglomerações de flores brancas e amarelas.

No centro dessa área, viram uma figura solitária ajoelhada, quase escondida pelo mato alto. Cabelos louros esvoaçantes e as pontas de um manto escarlate flutuavam ao vento.

Caius soltou a mão de Echo.

— Fique aqui — ele disse, baixinho.

Echo deu um passo à frente, pronta para discutir, mas a mão de Rowan em seu braço a impediu.

— Echo. Por favor. — O tom melancólico do pedido de Rowan surtiu mais

resultado que o fato de ele ter segurado seu braço. Ela ficaria ali. Pelo menos por enquanto.

Ela analisou o que via à frente, e algum tipo de alarme primitivo começou a soar no fundo de sua cabeça. Havia algo na cabeça abaixada e nos ombros caídos de Tanith que fez com que o protesto de Echo se silenciasse. Tanith não parecia perigosa; parecia triste. Echo se aproximou aos poucos. Rowan nem mesmo tentou evitar. A curiosidade dele, ao que parecia, era tão grande quanto a dela.

Caius se aproximou da irmã quase sem fazer barulho.

— Tanith?

Ela levantou a cabeça, com um semblante cansado e hesitante.

— Caius? — A voz dela era baixa e assustada, como se não tivesse certeza se o irmão era real ou imaginário. Suas maçãs do rosto magras estavam tingidas de rosa, sujas por uma combinação de lágrimas e sangue ressecado, e os olhos estavam inchados e vermelhos. Seu vestido dourado se manchava, e nos braços nus havia muitos cortes. Aquela não era a terrível guerreira que tinha incendiado a Floresta Negra. Echo se sentiu mexida por algo que nunca pensou que sentiria pela pessoa que havia extinguido vidas com a mesma facilidade com que apagaria uma vela: piedade.

Mas aquela piedade se dissolvia cada vez que Echo se aproximava mais do lugar onde Tanith estava ajoelhada. Ela não estava sozinha. O vento soprou a grama, revelando sinais de tecido vermelho e armaduras douradas organizadas em um círculo ao redor da Drakharin: Dragões de Fogo, quase ocultos pela grama alta, com os corpos assustadoramente imóveis. Estavam todos mortos.

Tanith voltou a baixar a cabeça enquanto Caius e Echo se aproximavam, com os olhos vermelhos paralisados pela visão do sangue em suas mãos.

— Eu precisava de um sacrifício — ela disse em voz baixa, como se falasse consigo mesma. — Ele não viria sem um sacrifício.

Um sacrifício, Echo pensou. Como aquele que ela mesma tinha feito para libertar o pássaro de fogo. Mas aquele foi um ato altruísta, alimentado pelo desejo de salvar não a si, mas a seus amigos. Já isto... Isto era um ato inconsequente de violência, com a intenção de cortejar um poder mais sombrio. Uma ligação exigia uma morte. Echo ofereceu ao pássaro de fogo sua própria morte. Tanith deu ao kuçedra a vida daqueles que a seguiram e obedeceram.

— Eu tinha que vir para cá — Tanith prosseguiu. — O ritual dizia... — Sua

voz falhava e as palavras eram dispersas.

— O quê? — inquiriu Caius. — O que o ritual dizia?

A voz de Tanith saiu baixa e fraca ao responder:

— Que eu tinha que encontrar o lugar onde meu coração se sentia mais triste. — Ela encarou o irmão. — Foi aqui onde mais te machuquei. Você amou aquela garota, e eu a tirei de você. — Uma mão com as veias pretas pairou próxima ao peito de Caius, sobre seu coração. Ela sussurrou: — Sinto muito.

Echo chegou ainda mais perto. Os cortes nos braços de Tanith não eram aleatórios. Mesmo com o sangue escorrido formando crostas na pele, Echo notou que as marcas desenhavam caracteres. As veias nos antebraços dela mostravam um tom enegrecido de azul através da pele pálida.

Eles haviam chegado tarde demais, Echo concluiu. O kuçedra já havia se ligado a Tanith. A Príncipe Dragão tinha realizado o ritual, e a escuridão encontrou sua âncora, seu veículo. Ele vivia em Tanith agora, da mesma forma que o pássaro de fogo vivia dentro de Echo. Não era mais uma força selvagem traçando um caminho de destruição indiscriminada pelo mundo; agora tinha alguém para guiá-lo.

Caius se ajoelhou ao lado de Tanith e a puxou para seus braços. Ela descansou a cabeça no ombro dele e seu corpo estremeceu com um choro forte de ritmo quebrado.

— O que foi que eu fiz? Oh, deuses, o que foi que eu fiz? — Caius tirou os cabelos do rosto da irmã enquanto ela balbuciava essa frase várias vezes, implorando por um perdão que nunca viria, não agora que tinha convocado tal força e se vinculado a ela. O kuçedra não era mais uma entidade livre, vagueando pela terra como uma criança perdida e monstruosa. Ele pertencia a Tanith, de corpo e alma, da mesma forma que o pássaro de fogo pertencia a Echo.

— Eu sinto muito — Tanith balbuciou. — Sinto muito mesmo.

Caius acolheu o rosto da irmã entre as mãos, com uma gentileza que Echo nunca havia visto. — Vai ficar tudo bem — ele prometeu. — Podemos lutar contra isso, Tanith. Juntos.

— Caius, não temos como ajudá-la — Echo disse. Enquanto observava, algo preto e viscoso começou a se espalhar pelas veias no braço de Tanith, viajando por sua corrente sanguínea. Apêndices pretos se enrolaram no pescoço dela chegando até a mandíbula, as bochechas — cada vez mais perto das mãos de Caius.

— Ela tem razão — concordou Tanith, com a voz distante e triste. Ela levantou a mão, buscando o rosto de Caius. — Sinto muito, meu irmão.

Um medo fervoroso fluiu pelo corpo de Echo. De alguma forma, ela sabia que, se Tanith tocasse Caius, algo terrível aconteceria. As veias nas mãos dela ficaram mais escuras ainda, como se sombras circulassem por elas ao invés de sangue.

Ela estava contaminada. E, se colocasse qualquer parte sua infectada em contato com Caius, a doença se infiltraria nele. O kuçedra tinha se apropriado de Tanith e agora, como um parasita, queria ser espalhado.

Echo gritou um alerta e levantou a mão, agindo sem pensar. Chamas saíram de sua palma e cortaram o ar para acertar a lateral do corpo de Tanith. Sombras giravam ao redor da Drakharin como um escudo, mas a força do golpe foi o bastante para jogá-la para longe de Caius. Ela ficou de joelhos, olhando, pasma, para seus braços com veias negras. Caius foi na direção dela, para ajudá-la a se levantar. Echo o puxou para trás.

— Não — ela disse, com firmeza. — Não há nada que você possa fazer por ela.

O rosto dele mostrava pânico. Ele parecia desamparado.

— Mas preciso ajudá-la.

Echo balançou a cabeça, e a tristeza aumentava com aquela urgência.

— Já não podemos mais ajudar. — Ela mordeu a parte interna da bochecha com força o bastante para cortá-la. — Caius. Por favor.

Tanith se esforçou para levantar, com o vestido rasgado à altura dos joelhos, os olhos assombrados. Ela retorceu os lábios em um rosnado, e Echo percebeu que a Drakharin não tinha mais salvação. Um fogo laranja crepitava em volta dos punhos dela, e Tanith levantou as mãos, mirando seu alvo.

Echo puxou com tudo o braço de Caius. O fogo, selvagem e incontrolável, queimou um círculo na grama ao redor de Tanith. Eles só tinham duas opções: fugir ou morrer.

Com mais um rosnado, Tanith lançou-se à frente, agarrando o braço do irmão e o puxando para perto de si.

Echo atacou antes de ter tempo para ponderar se aquilo não seria uma péssima ideia. Rowan tentou alcançá-la, mas ela foi mais rápida e escapou dele partindo para o ataque. Ela colidiu com Tanith e Caius com força suficiente para derrubá-los no chão. Ela não podia permitir que Tanith infectasse Caius com a magia negra que circulava em suas veias. A mão de

Echo avançou para dar um soco em Tanith. No momento em que suas peles se encostaram, o mundo ao redor de Echo desabou. Não havia mais o sal da maresia, a grama alta e amarelada ou a terra ensopada de sangue. Era quase como viajar pelo entremeio: ela sentia a mesma leveza, a mesma sensação de estar em todo lugar e em lugar nenhum enquanto suas moléculas flutuavam pelos espaços despercebidos do mundo. Quando, porém, abriu os olhos, não foi a escuridão aveludada do entremeio que a recebeu. Ela estava de pé em um espaço silencioso, banhado pelo brilho morno da luz do fogo.

Era uma biblioteca. Modesta, bem menor que o gabinete de Caius na Fortaleza do Dragão, apesar da similaridade dos detalhes arquitetônicos. Acima do lintel, uma cabeça de dragão lançava um olhar fixo na direção dela, com chifres retorcidos saindo do topo. Uma lareira no canto ardia, a lenha crepitava ao passo que a madeira descascava, se transformando em cinzas. As paredes eram preenchidas do piso ao teto por prateleiras, cada uma com duas fileiras de livros. As prateleiras de madeira envergavam sob o peso. De frente para uma fileira de janelas, havia uma mesa cuja superfície estava enterrada sob fardos de pergaminhos e rolos de papel mantidos esticados por potes de nanquim e pedras redondas. O gelo se acumulava nos vidros das janelas. Echo deu um passo na direção da mesa e sentiu a barra de uma saia raspando nas pernas. Saia? A última vez que usara saia havia sido na Páscoa, antes de fugir de casa, quando sua mãe a obrigou a usar uma aberração de veludo rosa e a arrastou para a igreja. Echo baixou a cabeça e viu que usava um vestido de lã vermelha grossa o bastante para espantar o frio do inverno. Um manto de seda dourada estava amarrado ao redor de seus ombros e repousava sobre o vestido.

Ela levantou a mão até o rosto, com medo do que iria encontrar. Os dedos tatearam feições que não lhe pertenciam. Os ossos do rosto eram mais altos, a linha da mandíbula, mais bem definida. Os cabelos estavam arranjados sobre a cabeça formando tranças bem mais intrincadas do que qualquer penteado que Echo já havia usado. E, ela percebeu ao puxar alguns fios soltos, eram loiros.

QUARENTA E OITO



ECHO ESTAVA NA MEMÓRIA DE TANITH. Echo *era* Tanith nessa lembrança. Suas pernas eram longas, os braços bem definidos, os músculos moldados por décadas de treinamento. Seu corpo se movimentava por vontade própria, como se Echo fosse apenas uma telespectadora. A porta da biblioteca se abriu e um homem entrou, fechando a porta apenas depois de passar os olhos pelo corredor do lado de fora, como se quisesse se certificar de que ninguém o havia seguido. Seus cabelos dourados estavam penteados para trás e a pele clara brilhava como porcelana. Escamas coloridas salpicavam suas têmporas, e os olhos eram do cinza das nuvens de tempestade. Eles se suavizaram ao encontrar os olhos de Echo — de Tanith. Em dois passos, ele encerrou a distância entre eles e a pegou nos braços. O beijo era quente e intenso, enquanto as mãos agarravam partes do manto dela.

Ela se afastou e soltou um suspiro profundo.

— Está resolvido? — ela perguntou. As palavras pareciam estranhas em sua boca, e Echo demorou um instante para se dar conta de que estava falando drakhar. Era uma lembrança. Igual a que ela havia vivenciado como Samira durante o transe induzido pela hipnose da Ala.

O homem confirmou, olhando fixo para os lábios dela.

— Sim, meu amor.

Ela se virou, arrastando o manto sobre as botas de couro do homem.

— Não fale de amor comigo, Oeric. É algo a que não posso me permitir. Não agora quando a coroa está quase ao meu alcance.

O homem, Oeric, ficou tenso com a resposta.

— Os votos são seus — ele disse. — E quanto aos que não puderam ser comprados... Bem, tenho certeza de que você vai conseguir pensar em um modo de conquistar a aquiescência deles.

Ela assentiu, voltando-se para um grande volume deixado aberto sobre a mesa. Era uma lista de nomes, escritos ao lado de insígnias que pareciam

brasões. Os dedos de Tanith, calejados pelos anos de batalha, passavam sobre os nomes, riscando linhas invisíveis sobre alguns, apontando para outros.

— Todos têm um ponto fraco — ela disse, colocando o dedo sobre o primeiro nome da lista. *Caius, Príncipe dos Dragões*. — Poder é um jogo. Para ganhar, é preciso encontrar as fraquezas e explorá-las. É uma mera questão de exercer a quantidade certa de pressão no momento necessário.

— E seu irmão? — perguntou Oeric. — Quanta pressão vai exercer sobre ele?

A mão de Tanith continuou sobre o nome de Caius. Ela arrastou os dedos sobre as letras, cortando uma linha invisível sobre elas.

— Ele não deve ser ferido — ela disse. — Detido, talvez, após a votação. Mas não ferido.

— Meu amor, você com certeza enxerga a tolice em permitir que ele...

Ela girou, dando o bote com a rapidez de uma cobra. Sua mão envolveu a garganta de Oeric, com o polegar pressionando a traqueia.

— Eu disse — a voz dela era baixa e fatal, permeada pela promessa de dor — que meu irmão não deve ser ferido. — Ela apertou. Oeric levou os dedos desesperados até a mão dela, mas era como tentar afrouxar faixas de ferro maciço. — Você entende agora o que eu quis dizer com exercer pressão? — Ela apertou mais a garganta, e os olhos de Oeric começaram a lacrimejar. — Basta exercer somente a quantidade certa para se conseguir o que quer.

Ela o soltou. Ele se inclinou para a frente, mãos sobre os joelhos, e respirou fundo várias vezes, trêmulo. Com cuidado, ela tocou no ombro dele e ele olhou para ela, preocupado, como se esperasse ser machucado. Ela o ajudou a se levantar e acariciou os hematomas que já começavam a se formar em seu pescoço.

— Não pretendo machucar as pessoas com que me importo, a menos que seja absolutamente necessário, Oeric. Não estou fazendo isso para punir Caius. Tem a ver com fazer o que é certo. E você quer fazer o que é certo, não quer, Oeric?

Ele confirmou com a cabeça, tremendo ao toque dela.

— É claro que sim.

Faíscas apareceram nos cantos da visão de Echo. O mundo se deslocou e se reconstruiu em volta dela. O quarto na Fortaleza do Dragão mudou: o tapete se transformou em grama amarelada na altura do joelho; o piso de pedra virou terra marrom. O teto se abriu para o céu nublado, a luz da fogueira queimando

na lareira brilhava. A lembrança foi sendo puxada de Echo aos poucos, arrancada em camadas até que ela se viu ajoelhada na terra, com as mãos a centímetros do braço de Tanith. Echo olhou dentro de olhos vermelhos, enegrecidos em volta da íris. Viu sua própria expressão assustada refletida no rosto de Tanith, mas a Drakharin se recuperou muito mais rápido que Echo. Mãos sujas de sangue se apoiaram no chão quando Tanith se levantou com movimentos rápidos e truncados, como se não tivesse comando total de seu corpo. Talvez fosse o kuçedra, puxando as cordinhas de Tanith como uma marionete, forçando-a a tentar encostar em Caius de novo, prendendo-o com os braços. Fogo brotou da terra, criando uma barreira em volta de Tanith e Caius.

Echo não conseguiu se levantar antes de ser tomada por uma onda de vertigem. A ilha parecia estar girando e Echo enterrou as mãos na grama alta para se equilibrar. Magia eletrizava o ar. Era demais para ela. Sendo o pássaro de fogo ou não, seu corpo ainda era humano e ela só conseguia lidar com quantidade limitada de magia. Rowan a chamou, mas sua voz foi abafada pelas chamas crepitantes. O laranja do fogo de Tanith foi consumido por espirais pretas de fumaça. O cérebro de Echo demorou alguns instantes para entender o que estava vendo. O fogo estava dando lugar ao entremeio. De alguma forma, Tanith havia invocado uma abertura. No meio do campo, longe de qualquer passagem natural. Tal feito deveria ser impossível. Criar uma porta para o entremeio sem uma passagem apropriada não era um dos fortes de Tanith. Era de Caius. Mas não parecia ser obra dele.

Echo encarou Caius por meio segundo e encontrou medo genuíno em seus olhos, antes de os dois Drakharin serem engolidos por uma nuvem de fumaça preta. O fogo de Tanith se fundiu com a escuridão do entremeio e subiu por vários segundos aterrorizantes. Então, o círculo de fogo preto desapareceu, incapaz de se sustentar sem sua mestra.

A fumaça se dissipou. Tanith e Caius tinham desaparecido.

— Caius? — A parte mais distante e racional de Echo sabia que não adiantaria chamá-lo, mas ela não conseguiu se conter. Ela se virou para trás, tateando o ar em busca de Rowan. A mão dele, forte, quente e calejada pelos treinos com espada, encontrou a dela, e o Avicen a puxou para perto. Eram apenas eles e os corpos dos Dragões de Fogo. Um abutre sobrevoava em círculos, esperando eles saírem para avançar sobre sua refeição.

— Caius se foi — Rowan disse. Ele começou a puxar Echo para a praia,

onde poderiam acessar o entremeio e fugir. — Echo, vamos. Temos que ir.

Ela fincou os calcanhares, recusando-se a acompanhá-lo. Não conseguia tirar os olhos do lugar em que Caius estava. Ele tinha desaparecido. De uma hora para a outra. Desaparecido, desaparecido.

— Não.

— ECHO! — Aquela palavra continha todo o desespero e medo que Rowan estava sentindo. Ele ficou bem na frente dela e pegou suas mãos, implorando com os olhos castanhos. — Nós não podemos ficar aqui. Temos que voltar. Temos que contar para Altair. Ele precisa saber o que aconteceu aqui.

Echo tirou os olhos da área de grama vazia que ainda conseguia ver atrás do ombro de Rowan.

— Temos que salvá-lo. — Mesmo depois de dizer, ela sabia que estava pedindo pelo impossível.

Porque Rowan era Rowan, ele não lhe disse isso. Ele não deixou a lógica de lado. Apenas acenou com a cabeça e falou:

— Nós vamos salvá-lo. Mas primeiro temos que voltar para Avalon. Não entendo o que acabou de acontecer aqui, mas sei que não foi nada bom. Os outros precisam saber. Nós temos que nos preparar para... — Ele olhou para trás, observando os cadáveres frios, a grama queimada e o sangue derramado no chão. — Para o que quer que esteja vindo em nossa direção.

Echo não conseguiu responder. Só se deixou ser levada, sabendo que tinha perdido.

QUARENTA E NOVE



A RELATIVA TRANQUILIDADE DE AVALON fazia Echo querer gritar, arrancar os cabelos, ter um ataque de proporções inimagináveis. Mas tudo que podia fazer era olhar nos olhos furiosos de Altair do outro lado de uma mesa de mogno no salão de jantar e repetir, pelo que parecia a milionésima vez:

— Já disse: eu saí. Segui a pista de Caius até Edimburgo. Consegui informações que me levaram até Londres. Encontrei o mapa. Encontrei eles. — Ela apontou a cabeça para Rowan, que balançava a perna enquanto se agitava sobre a cadeira, já que o outro integrante do pequeno grupo estava visivelmente ausente. — Depois nós três fomos para a cordilheira de Tian Shan, onde encontramos o templo com aquelas ervas vermelhas. A erva-sanguínea.

As tais ervas haviam sido confiscadas assim que Rowan e Echo retornaram a Avalon. Enquanto eram levados para o salão de jantar sob ordens furiosas de Altair, Echo ouviu um grupo de curandeiros comentando sobre o retorno de Ivy. Saber que Ivy havia voltado em segurança, junto com Dorian e Jasper rebocando um Quinn inconsciente, iluminou o peito de Echo, que sentiu um alívio radiante como o sol.

Haviam inspecionado a mochila dela e as ervas foram entregues aos curandeiros responsáveis pela enfermaria, onde os sobreviventes estavam cada vez mais próximos da morte. Uma dúzia havia morrido durante a noite, incluindo o único membro do conselho além de Altair e da Ala. Se as notícias de rádio fossem confiáveis, no entanto, os Avicen estavam aguentando bem melhor do que os habitantes de Manhattan. Todas as vítimas humanas que haviam sido infectadas no ataque à estação Grand Central tinham sucumbido ao veneno do kuçedra e morrido. Os Centros para Controle e Prevenção de Doenças não encontravam explicações. O tempo havia se esgotado para eles. Para os Avicen que ainda estavam vivos. Para a Ala. Tempo era um luxo que ninguém mais tinha. Cada batida do coração de Echo parecia uma bomba-

relógio. Avalon não estava em segurança enquanto ela permanecesse ali. Sua presença marcava um alvo sobre a ilha. Ela partiria de novo, e em breve. Ela havia conseguido a erva-sanguínea. Agora que os Avicen estavam com ela, poderiam descobrir o que fazer. Mas, antes que ela fugisse, havia algumas questões a serem resolvidas. Em outras palavras, a insatisfação de Altair.

O general juntou os dedos, fechando os olhos cor de laranja. Echo suspeitava que ele estivesse contando até dez na cabeça para controlar a raiva, mas ela não podia mudar a verdade. Ela havia fugido, contra as ordens dele e quebrando a promessa que tinha feito. O general era um homem de palavra, portanto não lidava bem com promessas quebradas.

— E depois, segundo vocês dois... — O olhar penetrante de Altair fez Rowan parar de se mexer e congelar de repente, como um coelho que avista uma raposa prestes a atacá-lo. — Vocês armaram acampamento, e então o Drakharin...

— Caius — Echo interrompeu.

O olhar de Altair recaiu sobre ela, que não recuou. Foi necessária mais força de vontade do que ela gostaria de admitir. Mulheres mais fortes que ela tremeram sob aqueles olhos.

— E depois Caius — ele retomou — sentiu um chamado de sua irmã, a atual Príncipe Dragão.

Echo confirmou.

— Isso. A história não mudou nada desde as últimas oito vezes que contei.

O salto de uma bota pisou com força sobre os dedos dela. Em vez de se encolher, ela afundou os dentes no lábio inferior, olhando na hora para Rowan, que encarava algum ponto a frente, um pouco à esquerda da cabeça de Altair, como se não estivesse ocupado rangendo os dentes até virarem pó. *Mensagem recebida*, Echo pensou. *Não é para responder para o general*. Era o mesmo que pedir para a água não ser molhada.

Altair batia a caneta sobre a mesa, olhando para as anotações que fizera durante o interrogatório. Ele franziu a testa e, pela primeira vez, Echo notou algumas linhas perto dos cantos de sua boca. Pareciam linhas de expressão, apesar de Altair ser, assim como a Ala, praticamente imortal. A palavra-chave era “praticamente”: ele podia, como outros Avicen poderosos, viver uma vida longa e ininterrupta no decorrer de séculos, a menos que tivesse uma morte violenta. Echo não achava que sua pele poderia enrugar, mas, também, ela supôs, a guerra dava um jeito de afetar a todos, até mesmo os soldados mais

calejados como Altair.

— E depois disso o Drakharin... *Caius* transportou vocês para uma ilha no mar do Norte, onde encontraram a Príncipe Dragão.

— Sim — Echo respondeu. — A ilha em que Rose viveu há cem anos. — *Antes de você enviá-la em uma missão suicida. Antes de Tanith queimá-la viva dentro de sua própria casa.* — Você se lembra de Rose, né? A garota que enviou para morrer porque queria encontrar o pássaro de fogo antes de todos?

Rowan bateu com a bota na canela de Echo desta vez, mas ela não tirou os olhos de Altair, com a postura ereta.

— Rowan? — disse Altair, sem deixar de olhar para Echo. Ele colocou a caneta sobre o bloco de notas bem devagar, e apoiou a palma das mãos sobre a mesa de maneira muito deliberada.

— Pois não, senhor?

— Pode nos dar licença? Eu gostaria de dar uma palavrinha a sós com Echo.

Rowan hesitou, dividido entre a lealdade a seu comandante e... aquilo que tinha com Echo. Ela ainda não sabia ao certo o que eles eram um para o outro, se é que eram alguma coisa. Mas uma ordem era uma ordem, e Rowan era muito mais adepto a segui-las do que Echo. Ele saiu, olhando para trás com seriedade, como se a alertasse para se comportar. Ela respondeu ao olhar com uma sobrelance erguida e nenhuma promessa.

— Venha comigo — Altair a chamou, levantando-se. — Quero te mostrar uma coisa.

Eles saíram do salão por portas duplas do lado oposto ao que Rowan tinha usado. Altair ficou em silêncio enquanto caminhavam pelos corredores do castelo e subiam um lance interminável de escadas. Finalmente, saíram na plataforma que dava para a parte do castelo que havia sido transformada no alojamento dos Falcões de Guerra. Havia pouco vento para interferir com os sons que se elevavam do pátio onde os soldados treinavam. O tilintar do aço era pontuado por um ou outro grito de comando ou o resmungo de alguém se contorcendo de dor depois de não conseguir bloquear um golpe. Uma cerca de ferro dividia o pátio em dois e, do outro lado, um círculo de pequenos Avicen assistia ao treino dos Falcões de Guerra. Havia menos crianças do que Echo se lembrava. E menos Falcões de Guerra também. Dois pequenos Avicen se destacavam: uma menina cujas penas da cabeça eram da cor azul do céu de verão e um menino com a coloração vermelha como um cardeal. Daisy e Flint.

Entediada com a apresentação, Daisy jogou a cabeça para trás. Ela deve ter visto Echo na plataforma, porque cutucou Flint com o cotovelo e ambos acenaram para ela. Echo acenou de volta.

— Eu nunca te odiei. — O estrondo da voz de Altair fez Echo dar um pulo.

Ela não estava esperando aquele tipo de declaração. Era quase... agradável.

— Era o que você representava — ele completou.

Agora estava mais parecido com ele.

— Ah, que bom — disse Echo —, eu já estava preocupada, achando que você iria começar a ser legal e carinhoso comigo. Não daria para encarar.

Altair se virou para ela com um olhar tão afiado que quase a perfurou.

— Você precisa ser sempre tão... — Ele fez uma pausa, procurando pela palavra certa. — Indiferente?

Echo deu de ombros e enfiou as mãos no bolso.

— Indiferença é meu sobrenome. — Altair soltou um suspiro de frustração.

— Mas, por favor, continue.

Altair apontou com a cabeça para o pátio, onde Daisy perseguia Flint com uma lesma, e o garotinho de penas vermelhas corria como se não estivesse com uma tipoia no braço direito. Alguns outros pequenos Avicen estremeceram quando alguém iniciou uma guerra de lama. A lama, Echo sabia, era difícilima de tirar das penas. Ela havia tido que fazer isso para Rowan e Ivy inúmeras vezes quando eram crianças, por isso não invejou o responsável pelas crianças naquela tarde.

— Tudo o que eu faço é por eles — Altair disse.

— Isso é legal e carinhoso de uma maneira perturbadora, vindo de você.

— Você era uma criança quando a Ala te encontrou. Uma criança perdida. Ela nunca poderia deixá-la à própria sorte ou não seria a Ala. Uma criança sozinha não está segura no mundo dos humanos. As coisas que eles fazem com seus semelhantes... — A voz de Altair falhou, como se estivesse assombrado por memórias que Echo desconhecia.

— Acredite, você não precisa me falar sobre a crueldade humana — ela disse. — Conheço isso melhor do que gostaria.

Altair analisou Echo.

— É — ele disse. — Eu soube.

— A Ala contou sobre mim? — perguntou Echo, impressionada. Ela supunha que a Ala tivesse contado uma história convincente para manter uma criança humana entre os Avicen, mas nunca havia parado para considerar o

que ela tinha falado de fato. Uma história triste sempre convencia, e a dela, repleta de violência parental e com relatos de vários dias passados encolhida sob uma mesa da biblioteca, com o estômago doendo de fome, era uma história bem triste.

— É claro que contou — Altair disse. Algo ficava mais suave em sua voz quando ele falava da Ala. — Trazer uma humana para o nosso lar não era uma coisa insignificante. Demandava votação unânime dos membros do conselho e eu fui o último a ceder.

— Estou chocada — Echo murmurou com ironia.

— Eu não sou alguém sem compaixão, Echo. — Altair apoiou as mãos no parapeito. Seus ossos estavam cobertos de cicatrizes, as mãos cheias de calos adquiridos por inúmeras batalhas. — Mas eu estava com medo.

Echo ficou tão surpresa que, se um vento forte batesse nela naquele momento, ela cairia de cima de plataforma.

— Medo? — ela perguntou, sem acreditar. — Do quê?

— De você.

— Mas... eu era só uma criança.

Mais uma vez, Altair olhou para os pequenos Avicen, que agora faziam anjos de lama.

— Nosso mundo está morrendo. Nossa magia está diminuindo, nossos números estão encolhendo, e nossos territórios ficam menores a cada dia que passa. O domínio da humanidade continua a se expandir, e eu me pergunto se logo não vamos perder até mesmo o pequeno canto do mundo que nos restou. A todo instante eu me pergunto como vou protegê-los. Como posso manter cada indivíduo do meu povo em segurança.

— E eu ameacei essa segurança — Echo concluiu. *Assim como estou ameaçando agora.*

— Não foi sua culpa. — Uma brisa leve dançava pela plataforma e Altair levantou o rosto para senti-la. Suas penas marrons e brancas reluziam sob a luz do sol, com traços cor de bronze distintos e imóveis. Ele era a representação perfeita do nobre general, do líder corajoso. — Você não pode evitar ser humana, assim como não posso evitar ser Avicen. — Ele virou os olhos alaranjados para ela, que ardiam com a ferocidade de suas emoções. — Mas agora vejo que o mundo está mudando, independente da minha vontade. E, embora você não seja uma de nós, nossos destinos estão entrelaçados.

— Por que está me dizendo isso? — Echo perguntou. — Por que me trouxe

aqui em cima?

— Para lhe dar perspectiva — respondeu Altair. — Para que você veja o que eu vejo.

Echo olhou por sobre o parapeito, depois das gastas paredes de pedra do jardim malcuidado, depois das folhas avermelhadas e do tronco lustroso do bordo que se arqueava sobre o pátio. Lá embaixo, os Falcões de Guerra se preparavam para a guerra e os pequenos Avicen brincavam, mais barulhentos e com mais energia do que nunca, como se pudessem esquecer a catástrofe que os havia levado àquela ilha caso se movimentassem rápido o bastante.

— Trouxe você aqui para cima para que pudesse entender o peso do que vou te pedir — disse Altair. — Você tem sua própria magia agora, e um poder que nem mesmo eu tenho total compreensão. Use-o bem. Com sabedoria. — Ele abaixou a cabeça em uma espécie de reverência aos Avicen que estavam abaixo. — Use-o por eles. Proteja-os como eles a protegeram.

A frase que Echo havia carregado como um talismã quando enfrentou o espectro de seu passado no templo lhe veio à mente naquele momento, mais forte do que nunca.

Eu sou uma espada.

— Farei isso — Echo disse, o peso de uma promessa marcando suas palavras. — Até meu último suspiro. Mas você sabe que não posso ficar. O kuçedra foi até a estação Grand Central atrás de mim, e não quero atraí-lo para cá também. Já é ruim o suficiente eu ter estado aqui.

Altair concordou.

— Sim, o kuçedra está seguindo seu... cheiro... de certo modo. — Ele levantou os lábios, dando um sorriso triste que parecia divergir de seus traços severos. — Você tem tão pouca consideração por minhas habilidades de estrategista a ponto de achar que não me dei conta disso?

Echo mordeu a língua. Dizer que sim seria um insulto. Negar seria mentira.

Altair apontou para o perímetro da ilha.

— Os bloqueios que protegem a ilha são os mais poderosos que nossos magos puderam conceber. Os habitantes de Avalon são indetectáveis pela magia. Isso inclui o kuçedra, até onde compreendemos suas habilidades.

— Mas aí é que está — Echo disse. — Nós não compreendemos suas habilidades. Tudo o que sabemos foi tirado de mitos, lendas.

Não havia como manter a ilha em segurança, não com a presença dela ali. O poder do pássaro de fogo fluía por suas veias, fazendo-a brilhar como um

feixe de luz à noite. Seu sangue era potente.

Seu sangue. Seu maldito *sangue*. Echo sabia uma ou duas coisas sobre bloqueios feitos para impedir a entrada de inimigos. Se o pássaro de fogo era tão poderoso quanto dizia a profecia, quanto poder teria o seu sangue? *Por meu sangue*, Echo pensou, lembrando-se das palavras que havia dito tantas vezes para passar pelo escudo que protegia sua própria casa. Seu sangue havia aberto a porta para o pássaro de fogo entrar neste mundo; talvez ela pudesse usá-lo para manter o kuçedra fora do santuário dos Avicen se fosse incorporado à proteção existente.

Echo pegou no braço de Altair. Ele franziu a testa, surpreso com o toque.

— Tenho uma ideia — ela disse. — É maluca, mas pode funcionar.

CINQUENTA



DEPOIS QUE SUA MISSÃO ESTAVA COMPLETA, Ivy passou a se sentir inútil. Ela entregou aos curandeiros da enfermaria o texto que havia roubado do gabinete de Caius e passou o restante da tarde se escondendo dos olhares vigilantes dos outros Avicen. Ela era uma raridade: uma Avicen puro-sangue que tinha compartilhado refeições com o inimigo, ficado lado a lado com criaturas lendárias e sobrevivido para contar a história. Nas poucas vezes em que alguém conseguiu colocá-la contra a parede, Ivy foi bombardeada por perguntas que não tinha vontade alguma de responder. Até Altair quis interrogá-la e, não obstante, colocá-la para trabalhar treinando outros curandeiros e organizando os suprimentos. Naquele momento, Ivy queria ser egoísta com seu tempo. Só um pouco.

Ela entrou em um corredor no momento exato em que Dorian e Jasper entravam em um dos quartos da ala leste. Tinha ouvido coisas sobre a traição de Quinn e o passado que ele e Jasper compartilhavam. Ela supôs que aqueles últimos acontecimentos tivessem dado em Dorian o empurrão que ele precisava para achar seu caminho.

Já não era sem tempo, ela pensou.

Todos ainda viviam suas próprias aventuras. Ivy teve a sua, que a deixou se sentindo viva, como se seu sangue tivesse se transformado em adrenalina pura. A empolgação em ser útil de uma forma que estava totalmente sob seu controle era inebriante, mas passou logo que as pessoas se dispersaram, atraídas por suas próprias tarefas e preocupações, e saíram da órbita de Ivy. A utilidade dela tinha chegado ao fim.

E foi assim que ela acabou ali, com um doce amanhecido, parada em frente a uma porta fechada enquanto um dos antigos Falcões de Guerra de Sage a olhava de canto de olho com curiosidade, mas — felizmente — em silêncio.

Havia apenas uma pessoa que não olhava para Ivy como se precisasse dela para algo. A utilidade dele também tinha se esgotado, e ele foi levado ao

quarto, posto de lado como um soldado de brinquedo, para esperar até que fosse necessário de novo, quando então o tirariam de lá, limpariam seu pó e o preparariam para a nova briga.

Ivy bateu à porta. Depois de alguns segundos de resmungos e xingamentos abafados, a porta se abriu, revelando um desgrehado Helios, com a franja preta como nanquim caindo de forma desleixada sobre a testa, olhos cor de mel acesos e alertas. Quando olhou para ela, piscou várias vezes, surpreso.

Ele não disse nada a princípio, e Ivy queria sair de fininho para um canto escuro e morrer. A vergonha a sufocava. Ela poderia inventar uma desculpa. Poderia dizer que passou apenas para ver como ele estava e que tinha algo muito importante para fazer em algum lugar bem longe dali. Mas então ele sorriu, e aquilo iluminou todo seu rosto, como se a presença dela tivesse acendido uma luz dentro dele. Ele olhou para o doce nas mãos dela e gargalhou, um grave estrondo que fez o calor se espalhar pela barriga de Ivy.

— Retribuindo o favor? — ele perguntou, com o sorriso ainda radiante.

Ivy deu de ombros. Ela podia relaxar. Ficar tranquila. Totalmente calma.

— Achei que um docinho ajudaria.

Helios deu outra risada e escancarou a porta. Curvando-se com polidez, ele abriu passagem para que ela entrasse no quarto, e disse:

— Minha senhora.

O Avicen de ombros largos que guardava a porta pôs a mão no braço de Ivy para impedi-la.

— Não acho que seja uma boa ideia.

Ivy não conhecia o guarda. Não de verdade, pelo menos. Ela o tinha visto na praça do Ninho, quando os Falcões de Guerra treinavam, mas era um estranho. Mais do que Helios. Poucos meses antes, o fato de ele ser um Avicen e o fato de Helios não ser um teriam sido suficientes para que ela desse atenção àquele aviso, mas, se tinha aprendido algo desde a noite em que fizera curativos em um Dorian semimorto, foi que as antigas alianças não vinham de ordens divinas. Eram regras arbitrárias, com a intenção de dividir.

Quando Ivy tentou puxar o braço da mão do guarda, ele emendou:

— Não sabemos se podemos confiar nele.

O olhar dela pulou para Helios. O semblante dele carregava um início de decepção, e sua mão segurou a maçaneta com mais força. Ele esperava que ela concordasse com o guarda e lançasse uma dúvida sobre seu caráter.

Ivy soltou o braço com violência e fez cara feia.

— Você pode não confiar nele — ela disse —, mas eu confio.

Ela foi recompensada com outro sorriso solar de Helios.

Assim que entrou no quarto e a porta foi fechada, ela voltou a ficar nervosa. Sentiu-se tímida, como uma menina rejeitada que tinha seu primeiro encontro. O calor se difundiu por suas bochechas.

— Tudo bem se eu ficar?

Helios pegou o doce da mão dela e o colocou em uma mesinha ao lado da cama. Ele partiu o bolinho ao meio e deu a Ivy o pedaço maior. Contra todas as probabilidades, o sorriso dele abriu ainda mais.

— Seria uma honra para mim se ficasse.

CINQUENTA E UM



CAIUS NUNCA TINHA VISTO UMA ESCURIDÃO COMO AQUELA.

Em um instante, parecia que estava despencando. As trevas do espaço ao seu redor eram tão impenetráveis que ele quase teve medo de invadirem seus pulmões se abrisse a boca. No instante seguinte, parecia que estava suspenso em um mar de nada, sem peso ou forma, como se seu corpo e o breu fossem um só. Não dava para ver Tanith em lugar nenhum, embora a sensação das mãos dela segurando seus braços com força persistisse, uma dor fantasma que o ancorava naquele lugar indescritível.

No decorrer dos anos, Caius havia se acostumado com todas as formas de escuridão. Havia a escuridão do entremeio, algo que aprendeu a utilizar no início da adolescência; ele e sua irmã adquiriram suas habilidades singulares ao mesmo tempo. Ele se lembrava de Tanith correndo pelos corredores da Fortaleza do Dragão, os cachos louros esvoaçando enquanto sua risada infantil reverberava nas escuras paredes de pedra, e fogo ganhava vida nos candeeiros, antes apagados, em seu caminho. Durante aqueles precários primeiros meses, quando os poderes deles se manifestavam sozinhos, seus guardiões — um ajuntamento de tutores e conselheiros depois da morte de seus pais — haviam ordenado que todos os itens inflamáveis fossem retirados do quarto de Tanith. Ela tinha o hábito de incendiar o que a cercava enquanto dormia. Por meses, passou as noites em um chão frio de pedra, tendo apenas uma única concessão: um cobertor, porque, mesmo que ele pegasse fogo, as chamas nunca a machucariam.

As primeiras vezes em que Caius manipulou o entremeio também foram cheias de tensão. Quando criança, ele costumava ser sonâmbulo; depois que adquiriu seu poder, aquilo se tornou algo muito mais perigoso. Ele adormecia em sua própria cama e acordava em outro lugar da fortaleza sem ter ideia de como havia chegado lá. Ele tentou de tudo: prender-se à cama com correntes, beber poções feitas para inspirar um sono sem sonhos, usar talismãs com

infusão de ervas feitos pelos magos mais experientes da corte para inibir habilidades mágicas. Nada adiantava. A relação de Caius com o entremeio era forte demais, disseram. Ele, como Tanith, teria que aprender a controlar seu recém-descoberto poder por meio da sua força de vontade, apenas.

Séculos fazendo o que quisesse com o entremeio deixaram Caius confiante. Arrogante, até. Ele pensou que conhecia a escuridão, mas isto... estava além de seu controle. Ele era um prisioneiro dessa escuridão, preso àquelas trevas negríssimas.

Uma leve pressão, como a carícia de uma mão fantasmagórica, passou por sua testa, afastando os cabelos caídos.

Hora de acordar, Caius.

Uma voz o chamava. Era familiar e deveria ser reconfortante, mas havia uma tensão ali que estava errada, totalmente errada.

Irmão. Acorde.

Tanith. Era a voz de Tanith, mas não era. As palavras em si eram calmas, mas Caius não conseguia deixar de sentir que ela também estava aprisionada por algum poder selvagem fora de seu controle.

Foi aí que se lembrou.

A ilha.

Os corpos dos Dragões de Fogo de Tanith, assassinados por ela mesma.

O kuçedra e suas sombras fluindo pelas veias de sua irmã como se fossem sangue, enchendo a íris escarlate de Tanith.

O entremeio correndo até ele, conjurado por seu poder, mas não por Caius.

Os olhos dele se abriram, e, tão de repente quanto tinha caído na escuridão, libertou-se dela. Uma onda de familiaridade passou por ele. Estava em sua cama, onde não dormia havia meses, dentro do seu quarto na Fortaleza do Dragão. A luz queimou seus olhos e ele voltou a fechá-los.

— Sinto muito por aquilo, meu querido irmão — a voz de Tanith veio, turva e distante através da névoa de dor de cabeça que Caius sentia. — Você sabe que, às vezes, eu me descontrolo.

Mas Tanith nunca se descontrolava. Ela se orgulhava do perfeito controle que tinha de suas habilidades. Caius ficou se perguntando se ela tinha se agarrado à incerteza e ao medo daqueles meses iniciais, quando aprendia a manusear seu poder, se usava aquelas memórias como motivação para nunca mais deixar que escapasse de seu controle. Mais uma vez, ele notou algo oculto na voz dela: algo diferente, que não pertencia a Tanith.

O brilho avermelhado que ele conseguia ver mesmo através das pálpebras fechadas diminuiu. Com cuidado, ele abriu um olho, depois o outro. Tanith estava sentada em sua cama, com a armadura dourada imaculada, nenhum fio de cabelo loiro fora do lugar. O sangue das mãos tinha sido lavado. Mas os olhos dela...

Alguma emoção deve ter se refletido no rosto dele — espanto, traição, desgosto, pois ele sentia todos ferverem sob a superfície —, porque Tanith levou a mão ao olho direito, com um sorriso encabulado se formando nos lábios.

— Assustador, não é? — ela perguntou.

Caius não sabia se “assustador” era a melhor descrição. Os capilares dos olhos dela estavam pretos. A escuridão penetrava a íris vermelha, como se tentasse conquistá-la.

— O poder sempre tem um preço — Tanith prosseguiu. — Mas, se o preço que tenho que pagar é minha beleza, então acho que estou no lucro, não acha?

Caius tentou se sentar, mas a dor atravessou seu corpo e ele voltou a cair sobre os travesseiros. Havia mais deles na cama do que lembrava. Tanith estendeu a mão por trás dele para afogar um, e a manga de sua túnica desceu. Bile subiu pela garganta de Caius ao ver aquilo. As veias protuberantes no braço dela eram pretas feito carvão, num terrível contraste com a palidez de sua pele.

Ele estendeu a mão para tocá-la, mas, assim que seus dedos a roçaram, Tanith se encolheu como se estivesse queimando. Ela desceu a manga, demonstrando uma inibição que Caius não via havia décadas.

— Tanith? — A voz dele era um sussurro áspero, sua garganta estava seca e dolorida. Ele fechou os olhos de novo e só conseguiu ver a paisagem grotesca com que havia deparado na ilha: grama ensopada de sangue, os corpos sem vida dos Dragões de Fogo mortos por Tanith, a escuridão rastejando pela pele dela como se fosse uma doença. Ele encarou os olhos perturbadores de sua irmã. — O que foi que você fez?

— O que você me levou a fazer.

As palavras dela cortaram Caius como se fossem de metal.

— O que eu...? Tanith, eu não...

Ela levantou uma mão para que ele parasse de falar e, pela primeira vez, ele a atendeu. Em qualquer outro dia, Caius teria discutido com a irmã com vontade, mas agora não tinha certeza de que a pessoa sentada ao seu lado era

sua irmã. Não por completo.

— Nós podíamos ter trabalhado juntos — disse Tanith, prendendo uma mecha de cabelo atrás da orelha. As veias no dorso de sua mão esquerda começavam a escurecer. — Quando você encontrou o pássaro de fogo, podíamos ter consertado o que estava arruinado entre nós dois. Poderíamos tê-lo usado para um bem maior, mas você o tomou para si. — Ela balançou a cabeça em contrações curtas e bruscas. Era como se falasse consigo mesma. — Talvez fosse uma punição. Pela minha arrogância. Pela minha falta de fé em você. Pelos pecados que cometi contra meu próprio irmão. — A mão dela deu o bote para apertar a dele. Quando tentou se soltar, os dedos dela se afundaram nos ossos de seu pulso com uma força que ele sabia que Tanith não tinha antes. — Mas encontrei outra maneira, sabe, e isso graças a você. Sua pesquisa me trouxe até aqui. — Com a mão que estava livre ela apontou para os próprios olhos e para as veias enegrecidas que desciam por seus braços. — O pássaro de fogo não é a única força cósmica deste mundo passível de ser dominada.

Caius se levantou, ignorando a dor em seus membros, surdo aos gritos de seus músculos machucados. Pelos deuses, o que sua irmã havia feito com ele?

— Me escute, Tanith, você não entende com o que está lidando. O kuçedra não pode ser controlado. Nem por você, nem por ninguém.

A gargalhada de Tanith cortou o ar como estilhaços de vidro. Era diferente de qualquer coisa que Caius já tivesse ouvido. Se havia vestígios de sua irmã em algum lugar dentro daquela monstruosidade, ela estava perdendo a luta. Ele podia ouvir o kuçedra na rispidez da voz dela; vê-lo na escuridão que fluía por seu sangue, impulsionado por um poder forte demais para ser contido.

— E é nesse ponto em que você está errado, Caius. — Ela levantou a mão e soprou na palma em forma de concha. Era um gesto que ele havia visto Tanith fazer milhares de vezes antes, mas agora, em vez de chammas criarem vida no aconchego de sua mão, sombras espessas e viscosas tremiam ali como se tivessem vida própria. De início, ele pensou se tratar da mesma substância que dava forma ao kuçedra, mas então sentiu. Um puxão, bem nas profundezas de seu ser. A energia dele desabava, encolhia enquanto a massa de sombras na mão de Tanith crescia. Ela se alimentava do poder dele, de sua energia. As dores em seu corpo aumentaram com uma ferocidade tão atordoante que ele perdeu o fôlego.

— É isso que é o kuçedra. *Isso* é o que ele faz — Tanith disse, girando a

mão pelo ar. Sombras dançavam ao redor dela, perseguindo umas às outras como um cardume de peixes. Caius se sentia esvaziando enquanto ela continuava a drenar seu poder. — Ele toma, toma e toma.

Ela estalou os dedos e a nuvem de sombras desapareceu. Era um gasto imprudente de magia, mas Tanith não mostrava sinais de ter se esforçado. E por que deveria? Aquela magia não pertencia a ela. O ar voltou a preencher os pulmões de Caius, mas aquele doce alívio teve vida curta, pois a dor se instalou no fundo de seus ossos, infestando cada fibra de seus músculos, cada batimento do coração em uma nova onda. A magia sempre tinha um preço, e pelo visto ele é quem estava pagando no lugar de Tanith.

Falar era um exercício de agonia.

— Como?

Tanith inclinou-se sobre Caius e tirou os cabelos da testa dele. Ele teria se encolhido para escapar do toque dela se seus músculos do pescoço e dos ombros estivessem dispostos a cooperar.

— Você é meu sangue, Caius. Estamos conectados, você e eu. Sempre estivemos e sempre estaremos. O que é seu, é meu — ela disse, conjurando mais uma pequena nuvem de sombras em sua mão, drenando mais energia de Caius. — Agora tenho o poder para tomá-lo.

Ela se levantou e se virou com um espiral de vermelho. Seu manto se arrastava pelo chão de pedra enquanto ela seguia até a porta. A fechadura, Caius notou, havia sido alterada para que apenas pudesse ser aberta pelo lado de fora. Enquanto Tanith estava de costas para ele, Caius deu uma olhou para as janelas. Por uma brecha entre as pesadas cortinas verdes, ele viu que tinham sido revestidas por tijolos. Aquilo foi feito às pressas, e pontinhos de luz apareciam pelas frestas. Mesmo aquele trabalho malfeito seria difícil de vencer em seu atual estado. Difícil, ele sabia, mas não impossível.

Ele voltou os olhos para Tanith e a encontrou parada na porta aberta com um ar perspicaz. O olhar, pelo menos, era de Tanith de fato. Ele já tinha visto a irmã olhando para inimigos com aquele olhar sagaz antes, e uma pequena parte dele sentiu medo por ser o alvo do momento. Ele levantou uma sobrancelha com ares de interrogação, fingindo uma indiferença que não sentia.

— Eu não sou má, Caius. — Tanith desviou o olhar primeiro. Se já não a conhecesse, Caius juraria ter visto uma ponta de dúvida passar pelo semblante dela.

— Nunca achei que fosse — ele disse, na falta de outras palavras. Era

verdade, apesar de ele não ter certeza se a força que a possuía agora era má ou não. Sua irmã, a que ele conhecia, a que ele amava, mesmo depois de todas as perdas e derramamento de sangue entre os dois, não era má. Ele conhecia o coração dela tão bem quanto o próprio, ou pelo menos achou que, em algum momento do passado, conheceu.

— Aliás — ela continuou, endurecendo o tom enquanto falava —, sua amiga, a garotinha Avicen branca como neve, roubou um dos seus livros velhos e um dos meus Dragões de Fogo. — Seu olhar escarlate mirou Caius, e a escuridão parecia crescer a cada minuto. — Ela não é mais tão indefesa quanto costumava ser, não é?

Ela cerrou os punhos. A energia negra crepitava ao seu redor como eletricidade. Caius caiu na cama quando uma onda de dor o subjugou. Tanith soltou uma gargalhada e deixou as mãos caírem ao lado do corpo, libertando-o. Ele respirou fundo. Sua cabeça girava e sua visão periférica escureceu.

— Descanse agora, Caius — Tanith disse, com a mão na nova e aprimorada fechadura. — Você chegou a um final, mas temo que ele não seja feliz. — Ela limpou uma poeira imaginária de seu manto. — Ainda não, pelo menos. Pode não acreditar em mim agora, mas irá. Você vai ver. Com esse poder, devo introduzir uma nova era para nós, para nosso povo. Eles não vão mais viver com medo dos Avicen ou à sombra da humanidade. Eu nos trarei a vitória, e, por meio dela, haverá paz.

Paz. Um conceito que nunca despertara o interesse de Tanith. A forma como havia dito aquilo... Eles sempre haviam se mantido afastados da humanidade: tanto os Avicen quanto os Drakharin nunca tiveram nenhuma vontade de se intrometer no mundo dos humanos ou de trazê-los para o deles. Os humanos tinham uma civilização jovem, muito mais que a deles, e, como todos os jovens, quase nunca tinham cuidado com seus brinquedos. E era isso que Caius sabia que sua espécie se tornaria sob o olhar de grande parte dos humanos: um brinquedo, uma curiosidade, algo para cutucar e espetar e abrir só para ver como funciona.

— Tanith. — O nome parecia um veneno em sua língua, mas ele se forçou a continuar. — O que você vai fazer?

Ela respondeu com um sorriso feliz.

— O kuçedra e eu queremos a mesma coisa. Sangue. Dor. Morte. Vou quebrá-los — ela disse. — E *ela* vai ser a primeira.

CINQUENTA E DOIS



PELO RESTO DO DIA, Echo, Altair, e os magos sobreviventes entre os Falcões de Guerra — um grupo que incluía Violet, com suas penas roxas e rosa na cabeça — tentaram ter ideias para adaptar os bloqueios existentes em Avalon com um novo encanto. O sangue do pássaro de fogo poderia salvar a todos, mas elaborar encantos não estava entre as habilidades de Echo. Ela era capaz de seguir comandos, contudo, havia um vasto mundo de conhecimentos mágicos que desconhecia. Confeccionar um encanto não era como fazer uma fornada de biscoitos, ou foi o que Violet, chocada, disse a Echo depois de a garota perguntar por que não podiam apenas tirar um pouco de seu sangue e misturar com qualquer coisa. Criar um novo ritual era uma tarefa complexa, que não deveria ser apressada sem que todas as implicações metafísicas fossem ponderadas. Ou o que quer que fosse. As pálpebras de Echo começaram a pesar por volta das duas da manhã. Altair a mandou para a cama dizendo para descansar. Os magos tramariam, planejariam, argumentariam e debateriam enquanto ela dormia. Na hora em que acordasse, eles — com sorte — teriam um encanto que tornaria Avalon o lugar mais seguro da Terra. Echo adormeceu assim que encostou a cabeça no travesseiro. Que os magos planejassem a magia. Ela ficaria mais do que feliz por furar uma veia assim que eles encontrassem uma saída.

*

Gritos arrancaram Echo de seu sono. Os cobertores estavam no chão e suas pernas penduradas para fora da cama antes que tivesse tempo para pensar. O ar estava pesado, com o cheiro de algo queimando. Aquilo não era bom. Nada, nada bom. Porque onde há fumaça, há fogo. A presença de Rose se alvoroçou na mente de Echo. *E onde há fogo, há Tanith.*

Ela enfiou as botas e guardou a bainha de sua adaga dentro de uma delas. Estava no meio do caminho até a porta quando o castelo balançou, como se

alguém tentasse abrir caminho derrubando as grossas paredes de pedra com fogo pesado de canhão. Echo abriu a porta e se lançou pelo corredor, em direção aos gritos. Estavam cada vez mais altos e desesperados — alguns com tons bem agudos, como gritos de criança.

Os pequenos Avicen. Eles estavam abrigados perto do alojamento dos Falcões de Guerra, que deveria ser o lugar mais seguro do castelo. A adrenalina pulsou pelas veias de Echo, lançando-a pelos corredores tortuosos com a maior velocidade possível. O castelo balançou mais uma vez com a ferocidade de um terremoto, com força suficiente para quase derrubar Echo. Ela virou no corredor que deveria deixá-la perto da escadaria, mas deu de cara com uma parede e um pequeno armário de madeira, do tipo em que se guardavam lençóis ou coisas de casa. Ela soltou uma sequência de xingamentos que faria um marinheiro enrubescer. Não havia tido tempo para se familiarizar bem com a disposição do Castelo de Avalon. Ela ficou lá menos de dois dias inteiros antes de partir, e agora sua precipitação voltava para chutar sua bunda.

Ela recuou, tentando refazer seus passos em desespero. Altair os trouxe para o castelo usando uma rota tortuosa para evitar detecções — os Avicen não podiam saber que um de seus piores inimigos estava entre eles — e depois de várias entradas erradas, ela finalmente — finalmente — chegou à ala leste. Pedras caídas bloqueavam o restante do castelo. O quarto de Echo tinha sido separado dos demais: de Ivy, Jasper e Dorian. Ela torceu em silêncio para que estivessem a salvo, uma vez que estavam presos. Ela derrapou e parou, seus pés reagiram mais rápido à carnificina que seu cérebro. A forma imóvel de um Falcão de Guerra, cercado de pedaços de pedra e fragmentos de um banco de madeira quebrado, bloqueava o caminho. Uma tapeçaria jazia sobre suas pernas, como se ele tivesse tentado se segurar nela enquanto caía. A pele dele estava tão coberta por veias enegrecidas que era impossível dizer se ainda estava vivo. Echo se ajoelhou ao lado do corpo, tomando cuidado para não tocá-lo. Não podia arriscar ser tirada de campo antes mesmo que chegasse à fonte da dor daquele homem.

Devagar, com muita dor, o peito do Falcão de Guerra se levantou com uma fraca respiração. O som saiu parecido com um soluço, como se houvesse fluido em seus pulmões.

— Ajude — ele grasnou. Echo estendeu o braço, mas a mão dele caiu debilmente ao lado do corpo antes que ela conseguisse completar o

movimento. — Salve. — E, assim, a luz de seus olhos se apagou enquanto a vida deixava seu corpo. O olhar dele apontava de forma cega para o teto, e seus olhos mudavam de rosados para vermelhos, para um preto intenso, enquanto a doença continuava a se espalhar pelo corpo dele, mesmo depois de o coração ter parado de bater.

Eu vou, Echo queria dizer. *Prometo*. Mas o pavor fechou sua garganta, e ela só conseguiu se levantar e desviar do corpo sem vida do Falcão de Guerra. Queria fechar os olhos dele, dar-lhe aquele derradeiro ato de misericórdia, mas não ousou tocá-lo com as próprias mãos. Ela nem mesmo sabia o nome dele.

O corredor estava cheio de escombros. A parede do lado oposto tinha sido derrubada, criando uma abertura em forma de círculo quase perfeito. Pelo buraco, Echo via que uma parte da ala leste, onde os Falcões de Guerra tinham se estabelecido, havia implodido. Gritos abafados chegaram até ela, vindos debaixo das pedras caídas e das vigas de madeira que saíam do chão como estalagmites, com as pontas escurecidas por algo que Echo sabia não ser fumaça. Já tinha visto aquilo antes, em notícias sobre erupções vulcânicas, nas paredes do Ninho depois do ataque, no mostrador do relógio na cabine de informações da estação Grand Central.

Era outro ataque do kuçedra. Não, aquilo não estava certo. *Tanith* tinha vindo procurar Echo, e o corpo da Drakharin funcionava como uma jaula para o kuçedra.

Os bloqueios, Echo pensou. *Os bloqueios deveriam ter impedido isso*. Deveriam ter ocultado a presença dela, como Altair tinha dito. Mas o kuçedra não precisava senti-la para encontrá-la. Echo olhou dentro da alma de Tanith, e Tanith tinha olhado também. Ela sabia sobre Avalon. Havia visto nas memórias de Echo, claro como o dia. Não importava se os bloqueios protegiam Echo de uma detecção. Tanith tinha basicamente recebido um mapa em bandeja de prata. O santuário Avicen havia sido violado no instante que a mente de Echo tocou a de Tanith. E Echo estava cega demais em seu luto por Caius para pensar que uma coisa dessas aconteceria. *Idiota. Idiota, idiota, idiota*.

Tanith podia ter visto a paisagem que Echo viu quando o barco os levou para a ilha, as torres despontando através da densa neblina como se pertencessem a um conto de fadas. Podia ter ouvido Altair explicando a disposição do castelo, onde cada um dos diferentes grupos estava, a

localização do alojamento. A destruição dele não foi acidental. Foi estratégica. Tire os lutadores do jogo, então execute os mais fracos entre eles. Era como roubar doce de criança.

Uma frase de Nietzsche pairava no fundo da mente de Echo. *Se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você.*

Echo avançou por cima do entulho, atravessando a parte destruída do jardim, que separava o anexo dos Falcões de Guerra do castelo principal, circulando a massa de destroços da parede externa da edificação. Ela podia ouvir os gritos das pessoas presas sob os escombros. Os Falcões de Guerra que não estavam perto do anexo foram na direção de onde a situação estava pior, onde estavam seus camaradas mortos e moribundos, na direção do monstro que havia causado tudo aquilo.

Lá fora, o céu estava escuro, nuvens cinza como grafite bloqueavam a luz da lua e das estrelas. Mesmo contra o pano de fundo noturno, porém, a mancha do kuçedra ainda era visível, mais escura que a mais escura das noites, preta como um buraco no espaço, consumindo tudo em que tocava.

Primeiro o Ninho. Agora Avalon. Não havia mais nenhum lugar para onde os Avicen poderiam fugir. Se perdessem seu lar, seriam forçados a se espalhar aos quatro ventos, dispersos por esconderijos apertados por todo o país, divididos como um povo exilado.

Não, Echo pensou. A leve brisa de verão não refrescava sua pele da forma como deveria. Estava morna demais, pesada como fumaça, cheia de poeira e desespero. Ela não queria que os Avicen tivessem que fugir. Não queria que tivessem que se esconder. Eles lhe deram um lar quando ela não tinha nenhum. Echo protegeria o deles, mesmo que fosse a última coisa que fizesse. E, sendo muito sincera consigo mesma, provavelmente seria.

Uma voz retumbou por toda a pequena ilha, amplificada pela mesma magia que mantinha sua dona nas alturas, flutuando sobre a destruição que havia causado. O poder de Tanith brilhava ao seu redor, cortando o espiral de sombras que a cercavam como se fossem relâmpagos. Ela voava, o que deveria ser impossível. E ainda assim...

— Ah, o pássaro de fogo — Tanith disse. — É tão gentil de sua parte se juntar a nós. — Ela esticou os braços, e o manto manchado de sangue se abriu para revelar uma armadura dourada fosca. Seus cabelos loiros tinham mechas pretas tão escuras que pareciam absorver a luz ao seu redor. — Gostou do que fiz com esse lugar? — Ela desceu um pouco, e não chegou a tocar os pés na

única parede teimosa do anexo que ainda estava em pé. — Fiz tudo isso só para você.

Echo deu meio passo para a frente, com a intenção de arrancar aquele sorriso afetado da cara de Tanith da forma que pudesse, quando sua calça ficou presa em alguma coisa que saiu detrás de uma placa de pedra. Ela olhou para baixo, pronta para chutar o pedaço de entulho, quando viu um braço magro, coberto por uma penugem vermelha felpuda. Flint. Ela teria se ajoelhado para ver se ele estava bem, mas não queria que Tanith o notasse. De canto de olho, ela conseguiu perceber que ele não estava preso debaixo do peso da parede desmoronada: ele estava escondido.

— Vai — ela tentou não mexer os lábios ao falar. — Corre.

Uma voz baixíssima respondeu:

— Estou com medo. — Flint refugiou-se mais para o fundo de seu precário abrigo. Echo deu uma rápida espiada. Ele não estava sozinho. Pelo menos mais dois pequenos Avicen também se escondiam ali. *Ajude*, o Falcão de Guerra tinha dito. *Salve*.

Echo não sabia como, nem se conseguiria. Mas precisava tentar.

— Quando eu disser para correrem — ela sussurrou —, corram.

Ela se afastou do abrigo de pedra com passos largos e confiantes. Olhos vermelhos acompanhavam seu movimento. Echo estava feliz por Tanith ter vindo sozinha. A maioria dos Falcões de Guerra estava no quartel, e aqueles que correram para o local já tinham se ferido no tempo que Echo levou para chegar. Ela avistou as penas alaranjadas da cabeça de uma Falcão de Guerra que reconheceu: era Sage, uma das tenentes de Altair. O lado direito do corpo dela estava cheio de ferimentos, alguns antigos e cicatrizados, outros recentes e com um sangue tão fresco escorrendo que era quase preto no escuro. Ela estava ao lado do corpo de uma Falcão de Guerra cujo cabelo com cor de chiclete — um alegre tom rosado — contrastava demais com o sangue que cobria quase todo seu rosto. Violet, Echo se lembrou. Sage segurava a espada de forma frouxa com a mão esquerda.

Sage acompanhou o olhar de Tanith até Echo. Os olhos delas se encontraram ao longe. A Avicen acenou com a cabeça uma vez, quase sem se movimentar. Talvez fosse por reconhecer que Echo se juntava à batalha. Ou por compaixão. Um gesto do tipo “Já que vamos morrer aqui nesta noite, sejamos educadas”. Echo apontou com a cabeça para o esconderijo dos pequenos Avicen. *Ajude*, Echo pensou. Sage estreitou os olhos e meneou a cabeça uma vez para

confirmar ter entendido. Ótimo. Echo se concentrou em Tanith, que sobrevoava a área destruída do castelo.

Lembre-se do que Caius disse, a voz de Rose sussurrou na mente de Echo.

O quê?, pensou Echo. *Ele me disse um monte de coisas*.

Mas Rose ficou em silêncio, por não querer ou não poder compartilhar o que sabia.

— Inútil — Echo cuspiu.

Então algo veio à mente dela. No primeiro dia que havia passado sozinha com Caius, quando invadiram o Metropolitan para encontrar a chave que abria a porta da câmara da Oráculo, ele tinha segurado a mão dela debaixo de uma ponte em Estrasburgo e conjurado uma entrada para o entremeio. Quando perguntou a ele por que tinha usado uma fenda tão óbvia entre o mundo deles e o entremeio, Caius disse que, só porque tinha poder, não significava que tinha que usá-lo. Era uma lição que ele queria que seu povo levasse a sério. Mas, naquele momento, Echo não sabia da verdade. Que a nova e terrível Príncipe Dragão era a irmã dele. Que era dela, exibindo os músculos e a magia, que ele tanto discordava. E agora ela estava desperdiçando energia para se manter voando. Deixe que a Príncipe Dragão aja como se fosse boa demais para ficar parada.

O poder, Echo sabia agora, não era um recurso infinito. Toda magia tinha um custo, até mesmo para o kuçedra. Ela não teria sido capaz de persegui-lo na Grand Central se a magia dele fosse ilimitada. Ela precisava que Tanith desperdiçasse seu poder. Mas a única maneira de isso acontecer era fazer com que ela o usasse. E não tinha como fazer isso sem causar mais destruição, mais mortes.

— Onde ele está? — Chamas crepitaram ao redor do pulso de Echo, dançando braços acima. Os cabelos dela se agitavam com o fluxo de seu próprio poder. — O que você fez com ele?

— Meu irmão já não existe para você, pássaro de fogo — Tanith gritou. — Ele nunca foi seu — e nunca será.

Um ódio fervilhou dentro de Echo. Se Caius estivesse ferido, se estivesse morto, ela tingiria as ruínas de Avalon com o sangue de Tanith, mesmo que fosse a última coisa que fizesse na vida. Ela escalou uma pilha de escombros. Tanith a observou, êxtase dançando nos estranhos olhos vermelhos. Veias negras, idênticas às que serpentearam pelos seus braços quando a encontraram no campo, emolduravam o rosto de Tanith, deixando o centro intocado, o que

era estranho. Parecia até que o veneno do kuçedra queria poupar pelo menos um pouco da dourada beleza dela.

— Você me quer? — Echo gritou. — Vem me pegar!

O kuçedra examinou Echo pelos olhos vermelhos de Tanith, através do preto que vazava para sua íris. Echo viu o real desejo do kuçedra naqueles olhos. Ele queria subjugar-la, engolir a luz do pássaro de fogo até que ela se extinguísse, deixando apenas a escuridão de seu desespero.

Ele queria quebrá-la.

Enu sutagan. Ele destrói.

Tente. Echo desejou que o kuçedra lesse o pensamento. Tanith inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse ouvindo um grito distante. *Tente me destruir.*

CINQUENTA E TRÊS



TANITH LANÇOU UMA SÉRIE DE ATAQUES na direção de Echo. Sua mira era errática, sequer existia. Pedras explodiam de ambos os lados de Echo, gerando estilhaços que cortavam sua pele. Echo havia construído uma imagem de Tanith como uma estrategista acostumada com batalhas, baseada em tudo o que Caius tinha lhe dito. Não havia nada de estratégico naqueles golpes. Eles acertaram as paredes remanescentes do alojamento com a precisão de uma granada atirada às cegas. Era medíocre. Echo podia lidar com mediocridade.

Ela se afastou do esconderijo dos pequenos Avicen atrás da pedra.

— Corram! — gritou, sem se virar para ver se haviam obedecido. Atrair o fogo de Tanith era a prioridade de Echo, e só restava a ela torcer para que Sage levasse as crianças para um lugar seguro. Uma chuva de terra caiu quando Tanith atacou o pátio com um novo bombardeio de chamas. Echo se abaixou atrás de um monte de pedras e aço. Armas, deformadas pelo calor abrasador do ataque de Tanith, haviam se retorcido e quebrado ao serem soterradas pelas paredes. Os escombros estavam quentes como carvão.

O fogo lambia as pedras, tentando alcançar Echo. Ela respondia com seu próprio fogo, uma chama branca e preta que também a protegia como um escudo. O poder de Tanith derrubou Echo, fazendo-a cair de joelhos. Toda a sua força se concentrou na barreira de chamas. Ela absorveu as sombras crepitantes como uma esponja.

— Já cansei desse jogo, pássaro de fogo. — A voz de Tanith soou mais próxima, e não havia nem um pinga de sanidade nela. Seu fogo se apagou tão rápido quanto havia surgido. — Vem brincar.

Echo afundou as mãos na terra e cerrou os punhos. Seu próprio poder também se aquietou. O solo estava seco, tanto pelo calor do verão quanto pelo causado pela fúria de Tanith. Estava tão quente que o ar queimava a pele de Echo e, cada vez que ela respirava, o ar abrasava seus pulmões.

Eu não vou conseguir. Tanith estava mais forte do que tinha sido na Floresta

Negra, quando já era poderosa demais para a magia de Echo. Agora ela canalizava toda a força do kuçedra. Echo podia sentir a aproximação de Tanith do outro lado da montanha de destroços. Botas de armadura batiam sobre as armas dos Falcões de Guerra mortos, cada passo levando uma nova onda de desespero que ameaçava invadir a garganta de Echo e sufocá-la. Ela ouviu o som do metal esmagando o chão enquanto os últimos Falcões de Guerra sucumbiam ao ataque.

Aquela não era uma das habilidades de Tanith. Era o kuçedra. Ele queria sugar o espírito de combate do corpo de Echo esgotando sua mente. O medo tomou conta da garota, apertando-a até ela achar que poderia estourar. Onde Altair estava?

O plano de deixar Tanith exaurir suas forças de repente parecia uma fantasia infantil. Uma missão impossível que Echo havia assumido, desencaminhada por sua própria esperança desesperada.

A voz de Tanith perfurava a pele de Echo como uma chuva de agulhas.

— Você não está brincando direito. Está se escondendo como um rato.

Echo se escondeu ainda mais nos destroços. O desespero que o corpo de Tanith projetava — agora perto demais — e que o kuçedra alimentava quase a cegava com tamanha potência. O movimento chamou a atenção dela, um lampejo branco em contraste com a noite ao fundo. Branco, ela pensou, como o manto de um Falcão de Guerra. Ela não tirou os olhos daquilo, mantido no centro de seu campo de visão. A faixa branca se movimentava nas beiradas do pátio destruído com velocidade e precisão.

— Você não é nada para mim, Echo — disse Tanith. — Nada. Saia e encare o seu fim com alguma dignidade.

Nada.

Aquela palavra era de uma feiura dolorosa, e feria a parte mais fraca de Echo. A parte dela que ainda era uma garotinha, assombrada pelos demônios que se alimentavam de seu medo. Nada: era isso o que sua mãe lhe dizia.

Não. Eu não sou um nada.

Echo saiu de trás do entulho. Os nauseantes olhos vermelhos de Tanith se arregalaram de surpresa, como se ela não estivesse esperando que Echo de fato atendesse a seu pedido. Do outro lado do pátio, a forma branca se revelou no mesmo instante em que Echo apareceu. Altair estava sobre a plataforma caída, com o braço com que segurava a espada cortado, sangrando sem parar. A lâmina estava firme em sua mão, apesar da dor que Echo sabia que ele devia

estar sentindo. Os olhos deles se encontraram através das ruínas dos alojamentos. Uma determinação implacável queimava na expressão do rosto dele. Ela lhe havia prometido que usaria seu poder com sabedoria, e ele a ajudaria a ganhar tempo para fazer isso.

— Príncipe Dragão! — Altair gritou.

Tanith se virou, olhando de relance para a pedra que havia abaixo dela. Mechas de seus cabelos desafiavam a gravidade, flutuando ao redor de sua cabeça como as serpentes da Medusa. Fios dourados e pretos se entrelaçavam, numa combinação quase bela. Faíscas saíam dos punhos de Tanith, tornando as superfícies que tocava pretas como fuligem.

— General. — Tanith revirou a palavra na língua como se saboreasse sua doçura. — Que bom que se juntou a nós.

O longo passo de Altair o trouxe para mais perto, nunca vacilando, por mais que caminhasse por uma superfície instável. Tanith flutuava entre ele e Echo, parecendo dividida. Uma parte dela continuava inclinada na direção de Altair, mas a outra parecia atraída pela presença de Echo como por magnetismo.

— Se lembre do que eu disse — Altair falou. Seus olhos estavam fixos em Tanith, mas suas palavras eram para Echo.

Altair atacou, levantando a espada no ar. Tanith grunhiu, lançando seu poder na direção de Altair, longe de Echo. Devia ser assim que ele pretendia ganhar tempo para Echo. Com sua própria vida. Ele era apenas um homem. Forte e corajoso, mas apenas um homem. E um único homem não poderia enfrentar as trevas.

A explosão de poder de Tanith jogou Altair contra uma parede meio demolida sem nenhum controle. Ele se esforçou para levantar, e com um rugido que Echo ouviu do outro lado do pátio, investiu outra vez.

Tanith o observou enquanto se aproximava. Ela sorriu, seus cachos dourados caídos sobre o rosto em uma energia renovada.

— Ele arde com tanto fervor — Tanith disse devagar. — É uma pena ter que extinguir sua chama.

O fogo que Echo esperava não veio. Tanith voou na direção de Altair — desistindo de fingir que estava andando — e eles colidiram em uma mistura de membros e armaduras. Lutavam, com tanta rapidez que Echo não era capaz de acompanhar. Rochas e pedras levantavam do chão, levadas para o ar com a onda cada vez maior do poder de Tanith. Ela estava gastando sem sequer se dar conta. Era sugado de forma selvagem e descontrolada.

A energia de Tanith não era interminável. Gastar a energia do pássaro de fogo drenava a própria energia de Echo. Se o kuçedra era mesmo a contraparte do pássaro, sua física devia ser igual, Echo pensou. Tudo o que precisava fazer era deixar Tanith se cansar.

Echo estava paralisada pela visão de Altair e Tanith lutando, sendo que a Drakharin, por algum motivo, evitava disparar seu poder com força total. Talvez estivesse brincando com Altair. Ou ela quisesse ver até onde poderia pressioná-lo. Algo se projetou da bota de Echo e afundou em sua panturrilha com força o bastante para machucar.

A adaga de Rose.

Echo tateou até encontrar o cabo, sentindo a borda da bainha onde apertava no interior da bota. Ela liberou a arma, com o aço brilhando à luz de suas chamas.

Enu kamalan. Ele protege.

Echo cortou a palma da mão esquerda. Mal registrara a dor do corte e sangue já se acumulava no ferimento. Ele se espalhou sobre as gralhas do cabo da adaga quando ela a trocou de mão para cortar a palma direita. A adaga caiu de sua mão e a barriga branca das gralhas se manchou de escarlate.

Proteja-os. As palavras de Altair eram claras como água. *Como eles a protegeram.*

— Por meu sangue — Echo sussurrou, pressionando as mãos sobre a terra. Ela não sabia o que estava fazendo, não exatamente, mas o instinto e o imprevisto a levaram até ali. Talvez a levassem um pouco mais longe. Ela sentiu a terra pulsar sob seu corpo como se fosse um organismo vivo. E, de certo modo, era. Respirava através das folhas da grama e das árvores. Alimentava-se da luz do sol que banhava as pétalas de suas flores selvagens e bebia do rio que fluía à sua volta. Ela recebeu seu sangue como recebia a chuva. A natureza tinha seu próprio poder. Se Echo pudesse unir o poder da terra ao seu, seria invencível. Ela pensou nos bloqueios sobre os quais haviam discutido de madrugada, nas teorias que Violet havia mencionado e que Echo compreendera apenas em parte. Em sua cabeça, construiu uma cúpula em volta da ilha. Havia uma teoria da magia que ela conhecia bem, pois era a base de tudo: no cerne de todo encanto, existia uma intenção. Se a intenção fosse forte, o encanto também seria. Echo colocou toda sua intenção no solo e sentiu a ilha absorvê-la.

Sou uma espada, Echo pensou. *Sou um escudo. Agora fique bem longe do*

meu povo.

Ela sangrou na terra, concentrando-se naquele pensamento. Sempre havia escolha, Caius havia dito certa vez. Ela poderia escolher ser uma arma ou poderia escolher ser um abrigo. Echo fez sua escolha e se derramou sobre o solo, curvando-se para a ilha com sangue e magia.

Dois gritos hostis surgiram de onde Tanith e Altair lutavam. Echo levantou os olhos e viu Altair cair. Um buraco havia sido aberto em sua armadura e faixas vermelhas escorriam do seu peito. Ao lado dele, Tanith segurava algo na mão. Sangue viscoso escorria por seu pulso, manchando sua pele.

O coração de Altair. Arrancado do peito como se ele não estivesse usando armadura alguma.

O grito de Echo cortou a noite e a ilha a acompanhou. Raízes saíram da terra; o chão de pedra rachado do pátio se levantou; os troncos das árvores se entortaram e os galhos se agitaram feito chicotes. Tanith berrou quando a ilha a rejeitou, quando Echo desejou aquela rejeição. As sombras se esconderam nos cantos escuros das paredes destruídas do castelo e um grande peso se levantou. Echo pressionou com toda sua força, enterrando as mãos até os pulsos, sangrando no solo sedento. Tanith voou para trás, impulsionada não apenas por ter gastado todo o seu poder, mas por uma força que a arremessava, sem cuidado, deixando seus membros flácidos como os de uma boneca de pano. Ela atingiu a água com violência e submergiu. O rio a levou, e a ilha suspirou aliviada.

Tanith não estava morta, Echo sabia, mas tinha ido embora. E, por enquanto, aquilo teria que bastar.

CINQUENTA E QUATRO



A LUZ DO SOL BANHOU AS RUÍNAS do Castelo de Avalon com o amanhecer, dispersando sobre a superfície irregular da água. Saía fumaça das colunas. A manhã chegou e, com ela, o número de mortos, relatados pelos Falcões de Guerra que tomaram a frente para preencher o vazio deixado pela morte de Altair e transmitidos pelos Avicen através de sussurros tristes. Vinte e sete mortos, dentre os quais duas crianças. A maioria Falcões de Guerra adormecidos no alojamento quando a primeira parede ruiu, soterrados sob metros de pedras e madeira queimada. Os que tiveram a sorte de ficar presos na ala do castelo oposta ao local do ataque de Tanith haviam sido poupados. Levou horas para Echo e os Falcões de Guerra sobreviventes fazerem uma abertura para os outros saírem. Eles apareciam cambaleando para a luz fraca da manhã em níveis variados de choque. Ivy abriu caminho pela multidão para abraçar Echo. Rowan chegou logo atrás, com os olhos vermelhos pela falta de sono. Echo se soltou do abraço de Ivy e puxou Rowan para perto dela. A última briga que tiveram parecia tão pequena, tão insignificante. Ela o abraçou e ele afundou o rosto em seus cabelos, sentindo seu cheiro. Sobre o ombro dele, ela viu Dorian e Jasper escalando o labirinto de escombros, inteiros, exceto por alguns hematomas. Estranhamente, nenhum Avicen se horrorizou com a presença de Dorian, embora as escamas em seu rosto reluzissem ao sol.

— Ele nos ajudou — Rowan explicou ao se afastar dela. — Uma das vigas de sustentação começou a rachar e ele simplesmente pegou as pessoas e as levou para um lugar seguro antes que ela caísse. Salvou muitas vidas.

— Onde está Quinn? — Echo perguntou. Ela se surpreendeu ao notar que estava preocupada com o que havia acontecido com o feiticeiro. A vida dele havia sido desperdiçada na busca por magia e poder, mas ainda era uma vida. Era prisioneiro dos Avicen, que eram então responsáveis por ele. Ela não queria mais uma morte em sua consciência. O fardo já estava pesado demais.

— Tirando algumas garrafas quebradas, a adega não sofreu danos — disse

Ivy. — Ele está abalado, mas vai sobreviver. — A expressão dela obscureceu ao desejar que pudesse trocar a morte de um Avicen pela vida dele.

Vinte minutos depois, o cheiro de antisséptico fez as narinas de Echo arderem quando Ivy o espalhou nos arranhões de seu rosto. Eram ferimentos superficiais, não iriam deixar cicatrizes, mas Ivy fez questão de tratá-los. Depois de encontrar o único local relativamente silencioso de Avalon, Ivy havia colocado Echo em uma cadeira velha na parte do grande salão que estava sendo utilizada para cuidar dos ferimentos moderados, ignorando os protestos da amiga.

— Não, sério, eu estou bem. Por favor, vá ajudar alguém que precise.

Rowan ficou ao lado de Ivy, observando o procedimento sobre o ombro da Avicen. Ele era inútil como assistente de enfermagem, mas como guarda era divino. Mais de um Falcão de Guerra havia tentando chamar a atenção de Echo, mas ele botou todos para correr somente com o olhar. Depois do ataque de Tanith, o status de Echo como o pássaro de fogo — criatura lendária, salvadora dos Avicen — tornou a garota o assunto do momento. Echo supunha que uma coisa era os Avicen ouvirem histórias sobre suas proezas na Floresta Negra, e outra bem diferente era testemunhar com os próprios olhos. Agora, todos queriam sua atenção. E ela só queria tomar banho.

— Ivy, de verdade, estou bem — Echo disse, empurrando as mãos dela. Ivy franziu a testa, mas cedeu, interrompendo o cuidado e fazendo uma bola com a gaze.

— Você está dizendo isso — Ivy argumentou —, mas não parece nada bem.

Rowan quebrou o silêncio, enfim.

— Você está péssima.

— Muito obrigada, gente. — Echo mudou de posição na cadeira com desconforto, sentindo a vontade de fugir formigar sua pele. Cada batida de seu coração enviava um calor escaldante pelo corpo, como se ela tivesse engolido o sol. As vozes em sua cabeça, oprimidas em uma cacofonia que não parecia humana, imploravam por atenção. Ou Avicen. Ou Drakharin. Eram uma presença viva, mas não era uma pessoa. Se Echo se concentrasse, tinha a impressão de que poderia isolar as faces de som que ocupavam sua mente. Havia o sussurro das folhas de grama acariciando uma à outra na brisa. A batida leve da água contra a margem. O assobio do vento entre as flores. O suspiro do solo junto às fundações do castelo. A ilha falava a seu modo, e Echo podia escutá-la com a mesma clareza que ouvia os murmúrios dos

veículos já mortos do pássaro de fogo dentro de sua cabeça. Ela havia se unido às defesas da ilha, e esse era o resultado. Ela podia sentir o pulso da ilha com seus próprios batimentos cardíacos, uma força tão selvagem e inumana que parecia que sua pele explodiria por tentar conter tudo aquilo.

— Que merda aconteceu aqui? — Rowan perguntou.

Echo mordeu o interior da bochecha antes de responder. Como poderia resumir a sensação de se unir a um pedaço de terreno, enroscando suas partes com as dela em uma mistura de magia, humanidade e terra?

— Nem sei se eu mesma entendi — ela admitiu —, mas reforcei os bloqueios como queríamos, só que... de um jeito melhor. E mais rápido.

— E Tanith? — Ivy perguntou. Sua pele branca transparecia preocupação, confusão e medo. Primeiro os Avicen haviam perdido o Ninho. Agora a santidade de Avalon tinha sido violada. Era muita coisa em pouquíssimo tempo. — Ela vai voltar?

Echo sacudiu a cabeça. Não sabia como, exatamente, mas tinha certeza de uma coisa: Tanith nunca mais poria os pés em Avalon. Não enquanto houvesse ar nos pulmões de Echo. O desejo de Echo havia expulsado Tanith da ilha, e isso continuaria a rejeitar a presença da Príncipe Dragão. Era magia antiga, sobre a qual tinha lido nos livros da Ala. Magia alimentada de sangue e sacrifício e um desejo tão forte que nada poderia destruí-la. O sangue de Echo no solo — não, o sangue do *pássaro de fogo* no solo — havia garantido que a ilha fosse *dela*. Para defesa e proteção.

— Ela não vai voltar. Não pode. Eu garanti isso.

Os ombros de Ivy relaxaram de alívio.

— Eu não entendi — ela disse em voz baixa —, mas realmente precisava ouvir isso. — Ela começou a pegar mais gaze na pequena pilha de suprimentos que havia sobre uma mesa ao seu lado, agora com os movimentos mais aguçados e precisos. Menos abalados pela incerteza.

— Mas a Príncipe Dragão não está morta — Rowan disse. O alívio de Ivy não tinha sido contagiante o bastante para alcançá-lo. Não era uma pergunta, era a declaração de um fato.

— Não — Echo disse. — Ela não está. E vai tentar mais alguma coisa em algum momento, mas eu a machuquei. Muito. Deu para sentir, como se tivéssemos uma ligação. Ela não vai voltar tão cedo.

— Mas ainda vai voltar. Ela vai voltar mais forte. — Rowan sacudiu a cabeça, com o pescoço rígido. — Ela vai se reorganizar. Temos que fazer o

mesmo.

Pelos deuses, ele parecia um velho. Velho e cansado. Echo engoliu um nó na garganta. A lembrança da última vez em que eles três estiveram juntos golpeou seu coração. Tinha havido risada e bolo em uma pequena confeitaria em uma rua ensolarada de Londres. As pessoas que eram naquele momento não faziam ideia do que as aguardava. Ela desejou, com tanta ferocidade que achou que fosse sufocar, poder voltar no tempo. Para poder alertá-los. Para impedir a si mesma de caçar o pássaro de fogo. Para abraçá-los e mantê-los em segurança.

O arrependimento, ela pensou, era a mais abominável das emoções. Ele esmagava. Ele sufocava. Era profundamente inútil.

Ivy aproximou as mãos de Echo mais uma vez. Ela tentou tirar a jaqueta dos braços dela, mas Echo agarrou as mãos da amiga e as imobilizou.

— Ivy. Pare.

Ivy se recusou.

— Você lutou com o kuçedra, Echo. Está machucada. Você precisa da minha ajuda.

O calor no peito de Echo abrasou seus ossos ao pulsar com energia renovada. Ivy estava certa. Echo estava machucada. Havia algo muito errado com ela, mas não queria que seus amigos descobrissem. A paranoia começou a abrir caminho em sua mente. Ivy havia praticamente confessado que precisava que Echo fosse forte por ela. Todos eles, mesmo Rowan, que jamais admitiria. Os Avicen precisavam de um herói, e Echo seria isso para eles. Ela não podia deixar que a vissem sangrar. Não podia lhes demonstrar vulnerabilidade. Ela sairia dali e cuidaria sozinha de seus ferimentos. Deixaria que fantasiassem que ela era tão forte quanto eles precisavam que fosse.

— Pare — Echo disse mais uma vez. — Tem gente precisando mais de você. Eu vou ficar bem. — Ela abriu um pequeno sorriso com a esperança de convencê-la. — Te prometo.

Sobre o ombro de Ivy, Rowan olhou nos olhos de Echo. Ele sempre havia sido mais perceptivo do que as pessoas pensavam. Via as coisas com o olhar aguçado de um artista; detalhes que pareciam insignificantes para os outros quase nunca lhe escapavam. As palavras de Echo pareceram apaziguar Ivy, que começou a arrumar os suprimentos para ajudar os feridos, mas Rowan não era tão fácil de enganar. Ele inclinou a cabeça de lado em um questionamento silencioso. Echo manteve o mesmo pequeno sorriso grudado nos lábios. Parecia que ele ia pressioná-la sobre o assunto, mas uma salvadora em forma

de Falcão de Guerra apareceu. Sage.

Seus olhos cor de laranja alternavam-se entre os membros do trio, acesos com uma curiosidade aguda. Mas, se a Falcão de Guerra tinha perguntas, guardou para si.

— Rowan — ela chamou —, precisamos de você lá fora. Os Falcões de Guerra estão se dividindo nas tarefas de recuperação. — Ela acenou com a cabeça para Echo uma vez antes de dar meia-volta e sair sem olhar para trás, confiando que Rowan a seguiria. Ele quase não foi.

— Podem ir — Echo disse. — Você dois. Os Avicen precisam de sua ajuda. Eu vou ficar bem.

Eu vou ficar bem. Era seu novo mantra. Era também uma mentira gigantesca. Mas bastava para que eles a deixassem em paz. E Echo ficou agradecida por isso.

Sussurros acompanhavam Echo pelos corredores até ela chegar ao seu quarto. Ela trancou a porta, deixando-os do lado de fora, e se permitiu ser invadida pelo silêncio.

Avaliou seus ferimentos no espelho vertical no canto do quarto. Cicatrizes vermelhas marcavam sua pele com linhas finas. Diferente da última vez que enfrentou Tanith, ela não se curou de forma milagrosa, com os ferimentos fechados por uma força cósmica invisível. As palmas de suas mãos ainda ardiam. Violet, que tinha sido encontrada inconsciente, mas viva, havia enrolado as mãos de Echo com faixas arrancadas de seu próprio manto antes de Ivy encontrá-la. Agora o tempo era a única coisa capaz de curá-la. Os ferimentos ainda abertos eram um lembrete de que ela não era invencível. Mas Tanith também não era.

Echo fitou os próprios olhos no espelho. Os grandes olhos castanhos eram dela, porém, se inclinasse um pouco a cabeça, era possível ver sombras de outras mulheres, outros veículos. Os olhos de Rose eram mais escuros; os de Samira, mais claros. Até a textura de seus cabelos parecia mudar no reflexo. Costumava ser liso e fino, de um tom de chocolate tão comum que parecia simples demais quando comparado às penas vibrantes dos Avicen. Se ela fechasse os olhos, podia imaginar a bela cascata de penas descendo por suas costas, longa e destemida, como Rose. Ou vários cachos acobreados pertencentes a outro veículo que Echo não sabia sequer como se chamava. Era ela mesma e ao mesmo tempo não era. Echo era todos eles. Mas Rose havia se

afastado do pássaro de fogo. A chance de Samira abrigar o poder dele em seu interior lhe havia sido roubada por uma lâmina na garganta. Restara a Echo carregar seu insuportável peso. Ela, sozinha, havia sobrado para enfrentar a escuridão que ansiava por sua morte. Ela tinha sentido seu chamado com a mesma certeza que ele tinha sentido o dela. O pássaro de fogo e o kuçedra. Luz e trevas. Dois lados da mesma moeda. Ela havia bloqueado a ilha contra Tanith, mas sabia que as sombras venenosas do kuçedra estavam aguardando, esperando sua hora.

Aos poucos, ela se despiu, tirando cada peça de roupa. O espelho refletiu a horrível verdade que ela sentia pulsando sob a pele.

No tórax, um pouco à direita do coração, uma mancha redonda começava a aparecer, mais escura do que um hematoma. Veias escurecidas saíam dela, como se seus batimentos cardíacos empurrassem a maldade tóxica à base da força.

Ninguém podia tocar o poder do kuçedra e permanecer imaculado. Nem mesmo Echo. Nem mesmo o pássaro de fogo. Ele havia ido ao Ninho à procura dela. Havia cavalgado no corpo de Tanith até Avalon, ávido por fincar as garras na garota e infectá-la com sua escuridão. As sombras moravam dentro dela como um câncer, e a batalha da noite anterior continuaria a se travar sob sua pele. Ela pegou uma camiseta de manga longa, amassada por ter ficado embolada no fundo da mochila. Esconderia a marca pelo tempo que conseguisse, e, enquanto houvesse sangue em suas veias, ela lutaria.

CINQUENTA E CINCO



UMA GRANDE CAMA AGUARDAVA ECHO em seu quarto — não era de fato sua, nunca poderia ser —, mas ela passou a noite encolhida em uma poltrona macia no quarto da Ala, com os sons suaves do rio entrando pela janela aberta e com o *Compêndio de criaturas de contos de fada*, de Phineas Ogilvy, apoiado sobre os joelhos. Ela pretendia devolvê-lo ao professor Stirling, mas queria ler antes. Adormeceu antes de terminar o prefácio.

O som da voz de Ivy tirou Echo de seu sono.

— Encontramos uma cura — Ivy disse em voz baixa, olhando para a forma silenciosa da Ala sobre a cama. — Talvez. Nós achamos que sim. É a nossa esperança.

Eles haviam interpretado a página que ela tinha roubado da biblioteca de Caius. Era a fórmula de um elixir cujo ingrediente principal era a erva-sanguínea que Echo encontrara no coração da cordilheira de Tian Shan. Era a melhor chance que tinham de combater a infecção, Ivy explicou. Um tiro no escuro, e não havia outra coisa a fazer além de tentar. Mesmo a Ala, poderosa como era, estava enfraquecendo depressa. Seus batimentos cardíacos haviam diminuído, e a respiração ficara mais curta quando os pulmões sucumbiram ao veneno que corria por suas veias.

— Alguém deve estar chegando para medicar a Ala — contou Ivy, passando a mão pelas penas opacas. Ela parecia estar precisando de uma boa refeição, um banho e uma soneca que durasse quinhentas horas. — Preciso voltar ao trabalho, mas queria te contar pessoalmente.

A notícia foi suficiente para Echo quebrar a vigília. Ela saiu do quarto da Ala e foi atrás de Ivy com passos silenciosos como os de um gato. O silêncio havia recaído sobre Avalon depois do ataque, e os corredores estavam vazios o suficiente para Echo passar despercebida por eles. Quinze passos à frente dela, Ivy caminhava com os ombros abaixados e os braços cruzados. O coração de Echo ficou triste. Ivy não devia ter que carregar aquele peso.

Ninguém devia.

Ivy desapareceu por uma porta que saía do grande salão e levava a uma cozinha que não via culinária havia anos. Era possível ouvir o som de vozes abafadas e colheres batendo em panelas através da porta aberta. Echo seguiu em frente. Pouco antes da pesada porta de madeira se fechar, ela a segurou com a ponta do pé, impedindo que batesse. Entrou sem fazer barulho, curvada para não ser vista. Não queria que ninguém perguntasse por que ela estava ali ou do que precisava. Os Avicen precisavam de um herói. Echo precisava ser a heroína deles, não importava o custo. Ela deveria ser a salvadora deles, mas até o momento só havia trazido ruína a eles.

Havia pequenos frascos cheios de líquido vermelho sobre um balcão, com o conteúdo brilhando como rubis sob a luz. Com um rápido movimento, Echo pegou um deles. O vidro estava quente e parecia que o frasco fazia um buraco em seu bolso quando ela saiu da cozinha e voltou para o quarto da Ala, silenciosa como uma sombra. Ninguém a tinha visto. Ninguém precisava saber.

De volta ao quarto, Echo certificou-se de que a porta estava trancada antes de tirar o frasco do bolso. Passou de uma mão para a outra, aquecendo-as. Se aquilo funcionasse, ninguém teria que saber que Echo não tinha escapado ilesa do encontro com Tanith... com o kuçedra. A rolha saiu com facilidade e o cheiro pungente de erva-sanguínea atacou os sentidos de Echo. Ela bebeu metade do elixir antes que o odor a fizesse ter ânsia de vômito. No instante em que o líquido tocou sua língua, seu corpo se revoltou. Uma onda de náusea, a mais poderosa que já sentira, tomou conta de seu corpo com tanta rapidez que ela quase não conseguiu chegar ao banheiro antes de vomitar o líquido carmim.

A mancha negra de pele sobre seu coração latejava. Com a mão trêmula, ela puxou a gola da camiseta o suficiente para espiar, e a visão quase bastou para fazê-la vomitar outra vez. A mancha preta tinha aumentado. Seu coração batia na garganta. Ela podia sentir todos os capilares que se projetavam da área infectada ao passo que a toxina queimava por suas veias como ácido. Aquilo não estava certo, o elixir deveria ajudá-la. Mas não parecia estar fazendo diferença nenhuma.

Ela tentou engolir o restante do líquido, mas seu corpo o rejeitou mais uma vez. Cada gole deixava as suas veias ainda mais escuras, como se o veneno estivesse se espalhando por teimosia. Echo debruçou-se sobre o vaso sanitário, uma mão apoiada na porcelana fria e a outra apertando o frasco com

tanta força que podia sentir que ele começava a rachar. A verdade pesou em seu estômago vazio. O elixir não funcionaria nela. Talvez Echo fosse diferente demais. Ela era o pássaro de fogo. Algo não humano, não Avicen. Não exatamente mortal. As regras, ao que parecia, não se aplicavam a ela. Sua garganta queimou quando o restante do elixir foi expelido de seu corpo. Lágrimas ameaçaram cair, mas ela não permitiria. Com um grito abafado, arremessou o frasco na parede, observando os cacos de vidro choverem sobre o piso de pedra. Ela não encontraria salvação em uma poção mágica, estava sozinha. Como sempre. Seus membros pareciam pesados com o cansaço, que só ficou pior com o trauma de vomitar o elixir do corpo, mas ela limpou as evidências da cura fracassada da melhor forma possível. Ninguém precisava saber. Ela lavou a boca e jogou água fria no rosto. Se parecia acabada antes, nem podia imaginar como estaria parecendo agora.

Em silêncio, voltou para perto da cama da Ala. Não podia fazer nada além de esperar. Pegou o livro que havia deixado cair na pressa de seguir Ivy, mas seus olhos não distinguiam as palavras na página. Ela logo caiu no sono.

Ao amanhecer, uma mão cuidadosa cutucou seu ombro. Ela acordou assustada. Uma das curandeiras da enfermaria estava ao lado dela, com uma tigela de mingau de aveia em uma mão e na outra uma bandeja com uma agulha, uma garrafinha com um líquido marrom-avermelhado e um saco plástico vazio com o símbolo internacional de risco biológico.

— Achei que você pudesse estar com fome — disse a curandeira.

Echo aceitou a tigela e balbuciou um agradecimento. Seu estômago parecia oco, mas ela não ousou comer. Estava uma pilha de nervos e o cheiro de açúcar mascavo e aveia fez suas entranhas se revirarem. Sem dizer nada, ela observou a curandeira preparar a injeção da Ala e ouviu pela metade a explicação de que uma dosagem intravenosa estava sendo administrada àqueles que não estavam em condições de engolir. A visão da agulha entrando no braço da Ala parecia algo impossível de acontecer. Echo nunca tinha visto a Ala sangrar. Era impensável que algo tão mundano e frágil como o metal de uma agulha pudesse perfurar sua pele. Para Echo, ela era invencível, um titã entre os mortais. A curandeira retirou a agulha, colocou-a com cuidado no saco plástico e aplicou um curativo no braço da Ala. Era meio rosado, como os vendidos na seção de primeiros socorros das farmácias, e contrastava com a pele escura da Avicen como uma ferida aberta.

— Isso vai mesmo ajudá-la? — Echo perguntou.

— Esperamos que sim — respondeu ela. — Mas não sei quanto tempo vai levar para o elixir fazer efeito em um caso tão avançado quanto o dela. Se é que vai fazer algum.

— Eu vou esperar — disse Echo.

A curandeira hesitou, com compaixão gravada nas linhas do rosto. Ela cruzou as mãos, descruzou, e repetiu o gesto.

— Talvez ela não acorde.

— Eu vou esperar.

Com o saquinho na mão, a curandeira saiu, olhando para Echo com empatia ao fechar a porta.

Echo se encolheu na poltrona ao lado da cama da Ala e abraçou os joelhos. Abriu o *Compêndio de criaturas de contos de fada*. As ilustrações aquareladas eram vibrantes ao sol da manhã, em ótimas condições apesar da idade. Atenta à lombada frágil do livro, ela folheou as páginas com cuidado, admirando um desenho detalhado atrás do outro enquanto as horas passavam devagar. Eram feitas no mesmo estilo de *Pássaros da América*, de Audubon, mas estas criaturas eram fantásticas. Unicórnios bebendo em nascentes cristalinas, grifos tomando sol nas asas sobre rochas planas, dríades saindo de alcovas de carvalho. Uma fênix, com penas douradas e vermelhas, surgindo de uma montanha de cinzas. Sob cada ilustração havia uma breve explicação escrita à mão sobre as origens folclóricas da criatura.

A fênix, Ogilvy escreveu, é uma criatura presente nas mitologias do mundo inteiro. O conceito de morte e subsequente ressurreição é popular e, em civilizações antigas, é representado com frequência na forma de um pássaro. No antigo Egito, essa entidade era conhecida como Benu. Os persas a chamavam de Homa. A mitologia eslava apresenta uma criatura similar conhecida como pássaro de fogo. Muitas versões da história têm algo em comum: a aparição de uma criatura como a fênix costuma ser vista como uma bênção ou uma maldição. Em alguns casos, paradoxalmente, ambas as coisas.

— Uma maldição — Echo leu em voz alta. Era isso que ela era. Uma praga sobre a casa Avicen. — Parece bastante comigo.

— Sempre achei sua companhia um tanto quanto agradável — disse uma voz fraca vinda da cama.

O *Compêndio de criaturas de contos de fada*, de Phineas Ogilvy, escorregou do colo de Echo, esquecido, quando ela pulou da cadeira e caiu de

joelhos ao lado da cama da Ala, que esticou a mão trêmula na direção de Echo. O inchaço nas veias da Avicen havia diminuído, e sua pele estava lisa como azeviche polido.

— Ala? — A voz de Echo não passava de um sussurro, mas a Ala deu um pequeno sorriso ao ouvi-la.

— Estou aqui, pequena gralha. Ainda não estou cem por cento, mas estou livre daquele lugar terrível.

Echo precisou ter muita força de vontade para não se jogar sobre o peito da Ala e chorar. O sorriso da Avicen desapareceu, como o sol se recolhendo atrás de uma nuvem.

— Me ajude a levantar — disse a Ala. Echo fez o que ela pediu, empilhando travesseiros atrás das costas da Ala, afofando-os o máximo possível. Ela se acomodou na cama, com uma perna sobre o corpo, segurando na mão da Ala como uma corda de resgate.

— Lugar terrível? — Echo perguntou. — Como assim? Você não estava aqui?

O corpo da Ala estremeceu apesar do calor do verão e dos cobertores que a cobriam.

— Um lugar escuro — ela contou. — E frio. Um vazio onde nada bom, limpo ou claro é capaz de existir. Era possível senti-lo ali, o kuçedra, escondendo-se onde eu não podia vê-lo. — Os olhos dela estavam vidrados, sem foco, como se ela estivesse revivendo aquele vazio horrível. — Mas eu podia senti-lo. Um grande dreno, como se a vida estivesse sendo roubada de mim. Ele estava se alimentando de mim, ficando mais forte conforme eu enfraquecia. — Ela sacudiu o corpo, retomando a força aos poucos. Ela ficou encarando Echo, com um olhar que emanava calor como a chegada do amanhecer. — Foi você que me libertou?

— Não posso ficar com todo o crédito — Echo disse. Ela fungou escondida atrás da mão, embora soubesse que os olhos aguçados da Ala não deixavam passar nada. — Ivy fez a parte difícil.

A menção ao nome de Ivy fez a Ala se sentar mais ereta apesar da fraqueza que obviamente ainda a afligia.

— Ela está bem?

Echo confirmou.

— Ela está bem. Vai ficar feliz ao saber que você acordou.

A Ala inclinou a cabeça. *Olhos aguçados*, Echo pensou.

— E os outros?

— Rowan está bem. Ele está lá embaixo ajudado os outros Falcões de Guerra. Dorian e Jasper também.

A ausência de um nome não passou despercebida.

— E Caius?

Echo olhou para os cadarços da bota. Precisariam ser trocados logo. Do lado de fora, um pássaro entoava um canto solitário, carregado pelo vento.

— Ele se foi. Tanith o levou — disse Echo. — Eu o perdi.

Nós o perdemos. O luto de Rose era vigoroso e forte, misturando-se ao de Echo.

— Cabeça erguida, minha pequena gralha. — Com a mão livre, a Ala empurrou o queixo de Eco. — Nada está perdido para sempre. — Ela deu um tapinha no joelho de Echo. — Agora, conte o que aconteceu enquanto eu estava dormindo. Pude sentir o kuçedra se aproximando, mas de repente ele se retirou, como se algo o tivesse empurrado de volta.

— Acho que fui eu — Echo disse. — Tanith nos encontrou. — Echo não mencionou como. A vergonha de seu descuido queimava como uma marca feita a ferro e fogo. Ela havia entregado a localização do santuário Avicen assim que tocou em Tanith. O kuçedra havia olhado dentro de sua alma e visto todos os seus segredos. A carnificina que havia resultado disso ficaria para sempre na consciência de Echo. — Nós lutamos. Eu venci.

— Você fez alguma coisa — a Ala afirmou. — A ilha parece... diferente. Mudada.

— Lembra aquele encanto que usamos para criar bloqueios em volta de meu quarto na biblioteca? — Echo perguntou. — Bloqueios ligados a mim, que impediam a entrada de outros?

A Ala fez que sim.

— Encontrei outro uso para ele.

— Garota esperta — disse a Ala. Uma tosse fez seu peito tremer. Era úmida, como se ela tivesse se afogado e agora estivesse em terra firme. Bateu no peito até parar. — E nossas forças? Altair?

Echo fechou os olhos. A lembrança do coração de Altair nas garras de Tanith, pingando sangue sobre sua pele de porcelana, era tão clara como no dia anterior.

— Ele morreu.

A Ala ficou em silêncio por vários minutos. Quando Echo abriu os olhos,

era difícil ver o brilho sobre a pele escura da Ala, mas as lágrimas estavam lá, caindo devagar de seus olhos pretos. Ela não as secou, como Echo teria feito. Permitiu que caíssem livremente.

— Nós perdemos tanta coisa, eu e você. Não vamos perder mais nada.

— Mas como? Não posso mais lutar com Tanith daquele jeito! — exclamou Echo. A Ala era a única pessoa para quem não precisava ser forte. — Ela é poderosa demais. Ela tem um exército. Ela tem o kuçedra. — Um vislumbre de memória: armaduras destruídas como se fossem tecido fino, sangue encharcando o solo escuro, o som de um abutre aguardando sua carniça. — Ela está ligada a ele da mesma forma que o pássaro de fogo está ligado a mim. Ela é o veículo dele agora. Como posso combater isso?

— Um exército não faz um vencedor — a Ala disse. — E tal poder pode ser vencido. Caius foi roubado de você. Você sabe o que tem que fazer.

— O quê?

— Você é uma ladra, Echo. — A Ala, mesmo frágil, apertou a mão dela com força. — Roube-o de volta.

Agradecimentos



Uma escritora de primeira viagem costuma ouvir uma frase sábia muitas vezes: os segundos livros são difíceis. Mas ouvir e vivenciar a situação são duas coisas diferentes, e nada prepara alguém para a dificuldade real que é escrever o seu segundo livro. Ainda bem que eu — e *A ameaça sombria* — tivemos uma equipe de pessoas incríveis para me manter — mais ou menos — sã quando parecia que eu não sobreviveria para ver o fim deste livro.

Tenho muita sorte por ter uma editora como Krista Marino. Houve momentos durante a escrita em que me senti completamente à deriva, e ela sempre esteve lá para me puxar de volta quando precisei. Krista, muito obrigada por sua paciência, seus sábios conselhos e palavras gentis.

É necessário um pequeno exército para produzir um livro, e fico feliz pelo pessoal da Delacorte Press e da Random House Children's Books estarem ao meu lado. Aisha Cloud, você é uma ótima assessora de imprensa e uma pessoa fantástica. Adorei a capa de *A profecia do pássaro de fogo*, e não sabia como Alison Impey se superaria, mas foi o que aconteceu. O fato de ter as belíssimas ilustrações de Jen Wang nessas capas sempre me deixa pasma. Estou apaixonada pelo trabalho que todas vocês fizeram.

Um milhão de agradecimentos para a minha agente, Catherine Drayton, por me ajudar a manter a cabeça no lugar quando me senti mais sufocada. Entre os desafios esperados ao se escrever um livro e os desafios inesperados trazidos por doenças e ferimentos nos piores momentos possíveis, Catherine esteve lá para segurar minhas mãos, e por isso agradeço muito, mesmo.

Estou em dívida com os primeiros leitores de *A ameaça sombria*. À Midnight Society — Amanda, Idil e Laura: vocês são o meu norte. Quando parecia que eu não tinha direção, lembrei que escrevia este livro para vocês (ainda mais porque sei que me matariam caso não escrevesse). E a Virginia Boecker, que leu uma versão bem bagunçada deste livro e conseguiu achar algo bom onde eu não fui capaz: sobrevivemos aos nossos Segundos Livros.

E, aos leitores de *A profecia do pássaro de fogo*: obrigada. De verdade. Obrigada por passarem seu tempo com Echo, Ivy, Jasper, Dorian, Caius, Rowan e Rose. Obrigada pelos tuítes, pelas mensagens no Tumblr e pelos e-mails. Obrigada por se importarem com as pessoas que vivem nestas páginas. Obrigada.



DEXTER R. JONES

MELISSA GREY escreveu seu primeiro conto aos doze anos e desde então não parou mais. Formou-se em belas-artes na *Universidade de Yale* e trabalha como jornalista em *Nova York*. Tem o talento de se localizar em qualquer metrô do mundo e consegue atirar com arco e flecha enquanto cavalga.

Sumário

Prólogo

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Cartoze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete
Trinta e oito
Trinta e nove
Quarenta
Quarenta e um
Quarenta e dois
Quarenta e três
Quarenta e quatro
Quarenta e cinco
Quarenta e seis
Quarenta e sete
Quarenta e oito
Quarenta e nove
Cinquenta
Cinquenta e um
Cinquenta e dois
Cinquenta e três
Cinquenta e quatro
Cinquenta e cinco
Agradecimentos
Sobre a autora

Star Books Digital

